

TATIANA SCHWOCHOW PIMPÃO

USO VARIÁVEL DO PRESENTE NO MODO SUBJUNTIVO: uma
análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e
Lages nos séculos XIX e XX

Tese submetida ao Programa de Pós-
Graduação em Linguística da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Edair
Maria Görski

Florianópolis
2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pimpão, Tatiana Schwochow

Uso variável do presente do modo subjuntivo [tese] :
uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de
Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX / Tatiana
Schwochow Pimpão ; orientador, Edair Maria Görski -
Florianópolis, SC, 2012.

350 p. ; 21cm

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Variação linguística. 3. Presente do
subjuntivo. 4. Continuum de modalidade. 5. Submodos
deontico e epistêmico. I. Görski, Edair Maria . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Linguística. III. Título.

TATIANA SCHWOCHOW PIMPÃO
USO VARIÁVEL DO PRESENTE NO MODO SUBJUNTIVO: uma análise de amostras de fala
e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX

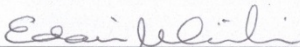
Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título de

Doutora em Linguística

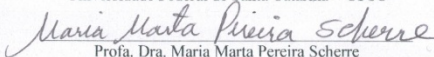
E aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística pela
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 12 de setembro de 2012.

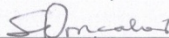
BANCA EXAMINADORA



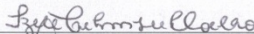
Prof.a. Dra. Edair Maria Görski (Orientadora)
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC



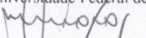
Prof.a. Dra. Maria Marta Pereira Scherre
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES



Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
Universidade Estadual Paulista – UNESP/S. J. do Rio Preto



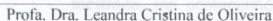
Prof.a. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC



Prof. Dr. Felício Wessling Margotti
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC



Prof. Dr. Tarcísio de Arantes Leite
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC



Prof.a. Dra. Leandra Cristina de Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (suplente interno)



Prof.a. Dra. Ângela Cristina Di Palma Back
Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC (suplente externo)



Coordenador: Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura

À Laura, que chegou à época do mestrado, me acompanhou em todos os momentos do doutorado e soube entender (quase sempre!) o meu silêncio e, por vezes, a minha ausência,

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Edair Görski, minha orientadora, pela presença constante, pelo exemplo de profissionalismo e competência, pelo equilíbrio entre a exigência e a compreensão. Agradeço, ainda, pela hospitalidade em me receber em sua casa, dia e noite, para discussões teóricas. E, claro, ao Elias, que, com seus dotes culinários, tornou o processo de análise dos dados muito mais prazeroso.

Aos meus pais, Ademir e Euza Pimpão, pelo companheirismo, confiança e incentivo principalmente quando a esperança parecia ter me abandonado.

A Áttila Louzada Júnior, meu primeiro professor de Linguística, pelo incentivo para fazer o mestrado e o doutorado e, principalmente, pela conversa sempre amiga.

À minha irmã Viviane Pimpão, que acreditou no meu trabalho.

Aos professores Izete Lehmkuhl Coelho e Sebastião Carlos Leite Gonçalves, pelas contribuições na qualificação do doutorado.

À banca de defesa do doutorado, pelas observações e contribuições.

A Laura Rocha e Caio Yan Pimpão, pela parceria nas viagens a Lages para pesquisar no Museu Thiago de Castro, pela colaboração na coleta das cartas e pelos momentos de descontração. E agradeço, também ao Caio, a colaboração durante a coleta das cartas na Biblioteca Pública de Santa Catarina.

Aos meus amigos, que torceram por mim e me incentivaram: Carlos, Cicero, Geraldo, Igor, Joyce, Milene, Pablo e Simone.

Ao Igor, pela disponibilidade em fazer e refazer os *continua* no momento em que o tempo era meu inimigo.

À família varsulina, pelos debates nas aulas, pelas sugestões nas apresentações do nosso Grupo de Estudo de Sociolinguística, pela conversa, pelos cafés no VARSUL, pela convivência amiga: Adriana, Bruno, Carla, Carlos, Cecília, Christiane, Fabrícia, Fernanda, Flávia, Guilherme, Isabel, Ivelã, Julie, Lourdes, Lucas, Silvana, Sueli e Wagner.

A Carla Souza e Helena Reis, do Museu Thiago de Castro, e a Alvaci de Liz, Edna Borges e Patrícia Berlanda, da Biblioteca Municipal de Lages, pelo atendimento e acolhida.

A Vanessa e a Lílian, por analisarem os dados duvidosos no PRAAT.

À Universidade Federal do Rio Grande, pela concessão do afastamento das minhas atividades docentes para a realização do curso.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para que esta tese fosse escrita.

Agradeço.

RESUMO

Nesta tese, investigamos o uso variável entre o presente do modo subjuntivo e o presente do modo indicativo em cinco contextos de análise – orações substantivas, adverbiais e adjetivas, orações com o item *talvez* e orações parentéticas – extraídos de três amostras, duas sincrônicas e uma diacrônica. A primeira amostra sincrônica reúne 24 entrevistas da cidade de Florianópolis/SC e 24 de Lages/SC (Banco de Dados do Projeto VARSUL), com informantes distribuídos igualmente pelas células sociais; e a segunda conta com as mesmas 24 entrevistas de Florianópolis, acrescidas de 12 entrevistas com informantes jovens e 8 com informantes universitários dessa mesma cidade, totalizando 44 entrevistas. A amostra diacrônica está constituída por 244 cartas ao redator, publicadas em jornais de ambas as cidades desde as duas últimas décadas do século XIX até o final do século XX (Projeto PHPB/SC). Conjugando pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança e do Funcionalismo Linguístico de vertente norte-americana, objetivamos defender a distribuição do uso variável do presente do subjuntivo em um *continuum* de modalidade. Como parte do procedimento metodológico, controlamos variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas) em comum aos cinco contextos de análise, bem como variáveis específicas a cada contexto de oração substantiva, adverbial e adjetiva. Em relação à primeira amostra sincrônica, um resultado muito importante foi a seleção do grupo de fatores ‘cidade’, indicando um uso superior de presente do subjuntivo em Lages. Dentre os demais resultados, tanto nas rodadas estatísticas reunindo os cinco contextos, quanto nas rodadas por contexto de análise, destacamos os grupos de fatores que foram mais selecionados: três de caráter semântico-pragmático associados à modalidade (submodo, valores do submodo e projeção temporal da situação codificada) e o quarto de natureza sintática (estrutura da assertividade da oração). Esses resultados indicam que presente do subjuntivo é favorecido pelo submodo deôntico com valor de volição, pela projeção futura e pela presença da negação na oração matriz. No que se refere à segunda amostra sincrônica, com dados apenas de informantes florianopolitanos, as três variáveis relacionadas à modalidade novamente são selecionadas em diferentes rodadas. Outras variáveis como ‘morfologia verbal’ e ‘pessoa’ se destacam, indicando o condicionamento do presente do subjuntivo por verbos regulares/irregulares e pelas 2^a/3^a pessoas. Com relação às rodadas por contexto de análise (amostra 2), ganham relevância variáveis específicas, como o ‘tipo de oração substantiva’ e o

‘tipo de oração adverbial’. Para a amostra diacrônica, no que tange às rodadas que reúnem ocorrências de Florianópolis e de Lages e às rodadas por contexto de análise, novamente os três grupos de fatores concernentes à modalidade foram os mais selecionados, ratificando os resultados encontrados. Uma análise geral dos resultados indica que outras variáveis também foram estatisticamente relevantes: sintática (tipo de contexto sintático), fonético-fonológica (saliência fônica), lexical (item verbal do dado) e extralinguística (sexo, idade, escolaridade e periodização histórica), porém são as variáveis associadas à modalidade que exercem a grande força no condicionamento do presente do subjuntivo.

Palavras-chave: Presente do subjuntivo. Variação. *Continuum* de modalidade.

ABSTRACT

In this dissertation, the variable use between the present of the subjunctive and of the indicative modes is investigated within five contexts of analysis obtained from two data samples: noun, adverbial and adjective clauses, clauses with the item *maybe* and parenthetical clauses – extracted from three samples. The first synchronic sample gathers 24 interviews from the city of Florianópolis/SC and 24 interviews from the city of Lages/SC (VARSUL Project data base), with informants equally distributed through the social cells; and the second one is comprised of the same 24 interviews from Florianópolis, plus 12 interviews with young informants and 8 with university students from the same city, totaling 44 interviews. The diachronic sample is made of 244 letters to the editor, published in newspapers of both cities from the last two decades of the XIX century to the end of the XX century (PHPB/SC Project). By conjugating theoretical assumptions of the Theory of Variation and Change and of the North American Linguistic Functionalism, we aim at defending the distribution of the variable use of the present subjunctive in a modality *continuum*. As part of the methodological procedure, independent variables (linguistic and extra linguistic), common to the five contexts under analysis, as well as specific variables at each context of adjective, adverbial and noun clauses were controlled. Concerning the first synchronic sample, a very important result was the selection of the factors group ‘city’, showing a higher use of the present subjunctive in Lages. Among the other results, both at the statistical rounds gathering the five contexts and at the rounds by analysis context, the groups of factors that were mostly selected were pointed out: three of semantic-pragmatic character associated to modality (sub-mode, sub-mode values and temporal projection of the codified situation) and the fourth of syntactic nature (clause assertiveness structure). These results show that the subjunctive is favored by the deontic sub-mode with volition value, by the future projection and by the presence of negation in the main clause. As to the second synchronic sample, only with data from informants from Florianópolis, the three variables related to modality are again selected in different rounds. Other variables like ‘verbal morphology’ and ‘person’ stand out, indicating the conditioning of the present subjunctive by regular and irregular verbs and by the 2nd and 3rd discourse persons. As to the context analysis rounds (sample 2), specific variables such as ‘type of noun clause’ and ‘type of adverbial clause’ gain relevance. For the diachronic sample, with respect to the rounds that gather occurrences

of Florianópolis and Lages and to the rounds by analysis of context, again, the three groups of factors concerning the modality were the most selected, confirming the results found. A general analysis of the results also shows that other variables were statistically relevant: syntactic (type of syntactic context), phonetic-phonological (phonic salience), lexical (data verbal item) and extra-linguistic (gender, age, education and historical periodicity), but the variables associated to modality exert the great strength in the conditioning of the present subjunctive.

Key-words: Present subjunctive. Variation. Modality *Continuum*.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 <i>Continuum</i> de modalidade: a hipótese | 58 |
| Figura 2 Panorama do uso variável do <i>modo subjuntivo</i> (diferentes tempos verbais) em diferentes cidades do Brasil | 149 |
| Figura 3 Panorama do uso variável do <i>modo subjuntivo</i> (diferentes tempos verbais) em diferentes cidades do Brasil – dados com o verbo <i>achar</i> excluídos | 153 |
| Figura 4 <i>Continuum</i> de modalidade (amostra 1)..... | 233 |
| Figura 5 <i>Continuum</i> de modalidade (amostra 2) | 273 |
| Figura 6 <i>Contiuum</i> de modalidade (amostra 3) | 301 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 Reinterpretação comunicativa a partir das modalidades na tradição lógica | 87 |
| Quadro 2 Pesquisas acerca da variação entre o modo subjuntivo e o modo indicativo com dados do português do Brasil | 145 |
| Quadro 3 Atuação de um mesmo tipo de variável estrutural sobre o uso do <i>modo subjuntivo</i> (diferentes estudos) | 155 |
| Quadro 4 Amostra 1 (sincrônica): distribuição dos informantes por cidade | 178 |
| Quadro 5 Amostra 2 (sincrônica): distribuição dos informantes de Florianópolis | 178 |
| Quadro 6 Densidade demográfica de Florianópolis e de Lages | 194 |
| Quadro 7 Variáveis independentes selecionadas na rodada geral de Florianópolis e Lages (amostra 1) | 221 |
| Quadro 8 Uso variável do presente do subjuntivo na comunidade e no indivíduo | 291 |
| Quadro 9 Variáveis independentes selecionadas na rodada geral de Florianópolis e Lages (amostra 3) | 296 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 Atuação da variável ‘fatores estruturais’ sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> na fala da Colônia Santo Antônio/Ijuí-RS | 101 |
| Tabela 2 Atuação da variável ‘tempo-modalidade’ sobre o uso do <i>presente do subjuntivo</i> na fala urbana de Florianópolis | 104 |
| Tabela 3 Atuação das variáveis selecionadas sobre o uso do <i>presente do subjuntivo</i> na fala urbana de Florianópolis | 106 |
| Tabela 4 Atuação da variável ‘tipo de oração’ sobre o uso do <i>modo subjuntivo</i> na fala urbana do Paraná – Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco..... | 107 |
| Tabela 5 Atuação da variável ‘tipo de oração’ sobre o uso do <i>presente</i> e do <i>passado do modo subjuntivo</i> em orações subordinadas: conversação livre em amostra de São Paulo | 111 |
| Tabela 6 Atuação da variável ‘carga semântica do verbo da oração matriz’ sobre o uso do <i>presente</i> e do <i>pretérito do subjuntivo</i> em orações substantivas <i>que</i> , na fala de Brasília e do Rio de Janeiro | 114 |
| Tabela 7 Atuação da variável ‘tipo de oração’ sobre o uso do <i>presente do subjuntivo</i> em dados de fala e em dados de escrita de Januária/ MG | 117 |
| Tabela 8 Atuação do ‘grau de protipicidade’ sobre o uso do <i>modo subjuntivo</i> em dados orais/MG | 119 |
| Tabela 9 Atuação da variável ‘tipo de modalidade’ sobre o uso do <i>presente do subjuntivo</i> em orações substantivas | 121 |
| Tabela 10 Atuação da variável ‘carga semântica do predicado matriz’ sobre o uso do <i>modo subjuntivo</i> em orações substantivas | 124 |
| Tabela 11 Atuação da variável ‘tipo de conector’ sobre o uso do <i>modo subjuntivo</i> em orações concessivas nos dados do NURC e do PEUL | 128 |

| | |
|--|-----|
| Tabela 12 Atuação da variável ‘verbo da oração matriz’ sobre o uso do <i>modo subjuntivo</i> nos dados de fala de Vitória | 129 |
| Tabela 13 Atuação da variável ‘localização temporal do evento expresso na oração relativa’ sobre o uso do <i>modo subjuntivo</i> nas orações relativas no português afro-brasileiro | 132 |
| Tabela 14 Atuação da variável ‘tipo de verbo da oração matriz’ sobre o uso do <i>presente dosubjuntivo</i> em <i>orações substantivas</i> na fala do Cariri/CE | 135 |
| Tabela 15 Atuação da variável ‘tipo semântico do verbo da oração matriz’ sobre o uso do <i>presente e pretérito dosubjuntivo</i> em <i>orações substantivas</i> na fala de João Pessoa/PB | 138 |
| Tabela 16 Variáveis selecionadas em cada contexto e o uso do <i>presente do subjuntivo</i> na fala de Muriaé e de Feira de Santana | 142 |
| Tabela 17 Frequência geral de uso do <i>presente do subjuntivo</i> nas amostras de fala de Florianópolis e de Lages (amostra 1) | 220 |
| Tabela 18 Atuação da variável ‘cidade’ sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1) | 223 |
| Tabela 19 Atuação das variáveis concernentes à modalidade sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1) | 226 |
| Tabela 20 Atuação da ‘variável complexa’ (valores do submodo e projeção temporal) sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1) | 233 |
| Tabela 21 Atuação de variáveis de natureza sintático-discursiva sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1) | 237 |
| Tabela 22 Atuação das variáveis ‘morfologia verbal’ e ‘item verbal do dado’ sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1) | 242 |

| | |
|--|-----|
| Tabela 23 Atuação das variáveis sociais ‘escolaridade’ e ‘sexo’ sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1) | 244 |
| Tabela 24 Atuação das variáveis específicas sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> no contexto de orações substantivas nas ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1) | 249 |
| Tabela 25 Atuação das variáveis selecionadas sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> no contexto de orações substantivas nas ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1) | 252 |
| Tabela 26 Atuação das variáveis concernentes à modalidade sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> no contexto de orações adverbiais nas ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1) | 254 |
| Tabela 27 Atuação das variáveis selecionadas sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> no contexto de orações adverbiais nas ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1) | 257 |
| Tabela 28 Atuação das variáveis selecionadas sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> no contexto de orações adjetivas nas ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1) | 264 |
| Tabela 29 Correlação da variável ‘cidade’ com o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> em contexto de orações com <i>talvez</i> na fala de Florianópolis e Lages (amostra 1) | 266 |
| Tabela 30 Correlação do ‘item verbal do dado’ com o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> em contexto de orações parentéticas na fala de Florianópolis e Lages (amostra 1) | 268 |
| Tabela 31 Atuação das variáveis concernentes à modalidade sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis (amostra 2) | 271 |
| Tabela 32 Atuação da ‘variável complexa’ sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis (amostra 2) | 273 |

| | |
|--|-----|
| Tabela 33 Atuação da variável ‘morfologia verbal’ sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis (amostra 2) | 275 |
| Tabela 34 Atuação das variáveis sociais ‘sexo’ e ‘escolaridade’ sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis (amostra 2) | 275 |
| Tabela 35 Atuação das variáveis ‘pessoa’ e ‘morfologia verbal’ sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> no contexto de oração substantiva na fala de Florianópolis (amostra 2) | 278 |
| Tabela 36 Atuação das variáveis ‘traço semântico do item verbal/nominal da oração substantiva’ e ‘tipo de oração substantiva’ sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> no contexto de oração substantiva na fala de Florianópolis (amostra 2) | 278 |
| Tabela 37 Atuação das variáveis ‘valores do submodo’, ‘escolaridade’ e ‘pessoa’ sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> no contexto de oração adverbial na fala de Florianópolis (amostra 2) | 280 |
| Tabela 38 Atuação das variáveis específicas sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> no contexto de oração adverbial na fala de Florianópolis (amostra 2) | 282 |
| Tabela 39 Atuação das variáveis ‘projeção temporal da situação codificada’ e ‘morfologia verbal’ sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> no contexto de oração adjetiva na fala de Florianópolis (amostra 2) | 286 |
| Tabela 40 Correlação do ‘item verbal do dado’ com o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> em contexto de orações parentéticas na fala de Florianópolis (amostra 2) | 289 |
| Tabela 41 Frequência geral de uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> nas amostras de escrita de Florianópolis e de Lages (amostra 3) | 296 |
| Tabela 42 Atuação das três variáveis concernentes à modalidade sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> na rodada geral das ocorrências de escrita de Florianópolis e Lages (amostra 3) | 298 |

| | |
|---|-----|
| Tabela 43 Atuação das variáveis ‘tipo de contexto sintático’ e ‘periodização’ sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> na rodada geral das ocorrências de escrita de Florianópolis e Lages (amostra 3) | 299 |
| Tabela 44 Atuação da ‘variável complexa’ (valores do submodo e projeção temporal) sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> na rodada geral das ocorrências de escrita de Florianópolis e Lages (amostra 3) | 301 |
| Tabela 45 Atuação de variáveis sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> em contexto de orações substantivas na escrita de Florianópolis e Lages (amostra 3) | 304 |
| Tabela 46 Atuação de variáveis sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> em contexto de orações adjetivas na escrita de Florianópolis e Lages (amostra 3) | 308 |
| Tabela 47 Atuação de variáveis sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> em contexto de orações adjetivas na escrita de Florianópolis e Lages (amostra 3) | 310 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 27 |
| 1 O FENÔMENO EM ESTUDO | 31 |
| 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO | 31 |
| 1.2 JUSTIFICATIVAS DA PESQUISA | 43 |
| 1.3 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO | 46 |
| 1.3.1 Orações com o item <i>talvez</i> | 47 |
| 1.3.2 Orações substantivas | 48 |
| 1.3.3 Orações adjetivas | 50 |
| 1.3.4 Orações adverbiais | 51 |
| 1.3.5 Orações parentéticas | 52 |
| 1.4 QUESTÕES E HIPÓTESES GERAIS | 53 |
| 1.4.1 É possível distribuir o uso variável do presente do subjuntivo em um <i>continuum</i> de modalidade | 53 |
| 1.4.2 O uso variável do presente do modo subjuntivo é sensível a condicionadores extralinguísticos? | 63 |
| 1.5 OBJETIVOS | 64 |
| 1.6 FECHANDO O CAPÍTULO | 66 |
| 2 REFERENCIAIS PARA ANÁLISE | 67 |
| 2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA | 67 |
| 2.1.1 Os cinco problemas | 71 |
| 2.1.2 A comunidade de fala | 74 |
| 2.1.3 Variável linguística | 77 |
| 2.2 FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO | 79 |
| 2.2.1 Modalidade | 81 |
| 2.2.1.1 Modalidade e tipos de modalidade | 83 |
| 2.2.1.2 Modo subjuntivo e os contextos de análise | 88 |
| 2.2.1.2.1 Orações principais declarativas com operador <i>irrealis</i> : <i>talvez</i> | 91 |
| 2.2.1.2.2 Orações substantivas | 91 |
| 2.2.1.2.2.1 Factividade e modalidade <i>irrealis</i> | 93 |
| 2.2.1.2.3 Orações adjetivas <i>irrealis</i> : modificando nomes não-referenciais | 94 |
| 2.2.1.2.4 Orações adverbiais | 95 |
| 2.3 SOCIOFUNCIONALISMO | 96 |
| 2.4 DESCRIÇÃO DO USO VARIÁVEL DO MODO SUBJUNTIVO | 99 |
| 2.4.1 No português do Brasil | 99 |
| 2.4.1.1 Região Sul | 100 |
| 2.4.1.2 Região Sudeste | 109 |

| | |
|--|------------|
| 2.4.1.3 Região Nordeste | 131 |
| 2.4.1.4 Considerações acerca das pesquisas | 143 |
| 2.4.2 Em línguas românicas | 161 |
| 2.4.2.1 O francês | 161 |
| 2.4.2.2 O espanhol | 165 |
| 2.4.2.3 O italiano | 170 |
| 2.5 FECHANDO O CAPÍTULO | 172 |
| 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 175 |
| 3.1 AMOSTRAS | 175 |
| 3.1.1 A amostra sincrônica: Projeto VARSUL | 176 |
| 3.1.2 A amostra diacrônica: Projeto PHPB/SC | 179 |
| 3.2 A HISTÓRIA | 184 |
| 3.2.1 A cidade de Florianópolis | 185 |
| 3.2.2 A cidade de Lages | 189 |
| 3.2.3 A demografia em Florianópolis e Lages | 193 |
| 3.3 VARIÁVEIS INDEPENDENTES | 195 |
| 3.3.1 Variáveis linguísticas | 195 |
| 3.3.1.1 Variáveis linguísticas em comum aos cinco contextos | 195 |
| 3.3.1.1.1 Submodos | 196 |
| 3.3.1.1.2 Valores dos submodos | 198 |
| 3.3.1.1.3 Projeção temporal da situação codificada | 200 |
| 3.3.1.1.4 Estrutura da assertividade da oração | 201 |
| 3.3.1.1.5 Tipo de contexto sintático | 203 |
| 3.3.1.1.6 Pessoa | 204 |
| 3.3.1.1.7 Morfologia verbal | 205 |
| 3.3.1.1.8 Saliência fônica | 206 |
| 3.3.1.1.9 Item verbal do dado | 206 |
| 3.3.1.2 Variáveis linguísticas específicas | 207 |
| 3.3.1.2.1 Item verbal/nominal da oração substantiva | 207 |
| 3.3.1.2.2 Traço semântico do item verbal/nominal da oração substantiva | 207 |
| 3.3.1.2.3 Tipo de oração substantiva | 208 |
| 3.3.1.2.4 Conector da oração adverbial | 209 |
| 3.3.1.2.5 Tipo de oração adverbial | 209 |
| 3.3.1.2.6 Animacidade do referente do pronome relativo | 209 |
| 3.3.2 Variáveis extralinguísticas | 210 |
| 3.3.2.1 Sexo | 210 |
| 3.3.2.2 Idade | 210 |
| 3.3.2.3. Escolaridade | 211 |
| 3.3.2.4 Cidade | 212 |
| 3.3.2.5 Informante | 212 |

| | | |
|--------------|---|------------|
| 3.3.2.6 | Periodização Histórica | 212 |
| 3.4 | TRATAMENTO DOS DADOS | 213 |
| 3.4.1 | Restrição dos dados | 213 |
| 3.5 | FECHANDO O CAPÍTULO | 216 |
| 4 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: amostra sincrônica | 219 |
| 4.1 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS GERAIS: amostra de fala de Iorianoópolis e de Lages (amostra 1) | 219 |
| 4.1.1 | Resultados das variáveis relacionadas à modalidade | 225 |
| 4.1.2 | Resultados das variáveis sintático-discursivas | 236 |
| 4.1.3 | Resultados das variáveis de natureza morfológica e lexical | 241 |
| 4.1.4 | Resultados das variáveis sociais | 243 |
| 4.1.5 | Variáveis sem relevância estatística | 247 |
| 4.2 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS POR CONTEXTO DE ANÁLISE: amostras de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1) | 248 |
| 4.2.1 | Orações substantivas | 248 |
| 4.2.2 | Orações adverbiais | 253 |
| 4.2.3 | Orações adjetivas | 263 |
| 4.2.4 | Orações com o item talvez | 266 |
| 4.2.5 | Orações parentéticas | 267 |
| 4.3 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS GERAIS: amostra de fala de Florianópolis (amostra 2) | 270 |
| 4.4 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS POR CONTEXTO DE ANÁLISE: amostras de fala de Florianópolis (amostra 2) | 276 |
| 4.4.1 | Orações substantivas | 277 |
| 4.4.2 | Orações adverbiais | 280 |
| 4.4.3 | Orações adjetivas | 286 |
| 4.4.4 | Orações com o item talvez | 288 |
| 4.4.5 | Orações parentéticas | 288 |
| 4.5 | VARIAÇÃO NA COMUNIDADE E VARIAÇÃO NO INDIVÍDUO | 290 |
| 4.6 | FECHANDO O CAPÍTULO | 293 |
| 5 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: amostra diacrônica | 295 |
| 5.1 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS GERAIS: amostras de escrita de Florianópolis e de Lages (amostra 3)..... | 295 |

| | |
|---|------------|
| 5.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS POR CONTEXTO DE ANÁLISE: amostras de escrita de Florianópolis e Lages (amostra 3) | 302 |
| 5.2.1 Orações substantivas | 303 |
| 5.2.2 Orações adverbiais | 306 |
| 5.2.3 Orações adjetivas | 307 |
| 5.3 O COMPONENTE PRAGMÁTICO | 311 |
| 5.4 FECHANDO O CAPÍTULO | 315 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 317 |
| REFERÊNCIAS | 323 |
| APÊNDICE A – Cartas coletadas nas cidades de Florianópolis e Lages (amostra 3) | 339 |
| APÊNDICE B – Frequência/percentual de uso do presente do subjuntivo por informante – Florianópolis e Lages (amostra 1) .. | 345 |
| APÊNDICE C – Atuação de variáveis sobre o uso do <i>presente do modo subjuntivo</i> na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1) | 347 |
| APÊNDICE D – Frequência/percentual de uso do presente do subjuntivo por informante – Florianópolis (amostra 2) | 349 |

INTRODUÇÃO

Tem crescido, no Brasil, o interesse pela pesquisa acerca da variação entre o modo subjuntivo e o modo indicativo, desde a década de 1970 e se intensificando a partir do ano 2000 (BOTELHO PEREIRA, 1974; WHERRITT, 1977; COSTA, 1990; ROCHA, 1997; PIMPÃO, 1999c; ALVES NETA, 2000; GONÇALVES, 2003; GUIRALDELLI, 2004; SANTOS, 2005; MEIRA, 2006; CARVALHO, 2007; FAGUNDES, 2007; OLIVEIRA, 2007; VIEIRA, 2007; ALVES, 2009; ALMEIDA, 2010; BARBOSA, 2011). Nesse sentido, esta tese vem agregar resultados aos já alcançados nos referidos trabalhos e contribuir com o mapeamento do uso variável do subjuntivo no português do Brasil.

O estudo da variação entre o subjuntivo e o indicativo também tem sido tema de pesquisas desenvolvidas em línguas românicas, dentre as quais mencionamos: Poplack (1992, 1994), que estuda o francês do Canadá; Poplack e Pousada (1981) e Silva-Corvalán (1994), que pesquisam o espanhol falado em Porto Rico e em Los Angeles, respectivamente; Silva (2009), que investiga textos de escrita da imprensa espanhola e ocorrências de fala de três bancos de dados; Barra Rocha (1992), que, a partir de um *cópus* de escrita, investiga o subjuntivo no português do Brasil em contraste com o italiano; e McAuliffe (2006), que desenvolve um estudo acerca do uso do modo subjuntivo e do modo indicativo em textos não-literários da Toscana, correspondentes ao período de 1375 a 1499.

Dentre os trabalhos conduzidos com base em dados do português do Brasil, o de Alves (2009) e o de Almeida (2010) conjugam a análise de amostras sincrônica e diacrônica. Esta tese soma-se a esses dois estudos ao investigar dados de fala atuais e de escrita, buscando captar, diacronicamente, o uso variável do presente do subjuntivo e seus condicionamentos. Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos dados de fala de 44 entrevistas da cidade de Florianópolis/SC e de 24 entrevistas da cidade de Lages/SC, provenientes do Banco de Dados do Projeto VARSUL. Para a amostra diacrônica, partimos da análise de cartas ao redator de jornais dessas mesmas cidades, desde as duas últimas décadas do século XIX até o final do século XX, material que compõe parte do acervo do Projeto PHPB/SC.

O principal objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta de distribuição do uso variável do presente do subjuntivo em um *continuum* de modalidade. Partilhamos da posição defendida por alguns autores sobre a perda de valores associados à morfologia flexional do subjuntivo

e a possibilidade de extensão desses valores para outras estratégias linguísticas (CAMARA JR., 1974, 1979, 1986; PERINI, 1996, 2006, 2010; POPLACK, 1992; SILVA-CORVALÁN, 1994; MATTOS E SILVA, 2006). Como resultado principal, a tese mostra que o submodo deôntico de volição com projeção futura, localizado no extremo esquerdo do *continuum*, favorece o uso do presente do subjuntivo. Em contrapartida, o submodo deôntico de avaliação e, principalmente, o submodo epistêmico de certeza, ambos com projeção espraiada, localizados no extremo direito do *continuum*, tendem a favorecer o uso do presente do indicativo.

Introduzida, brevemente, a temática da presente pesquisa, destacamos, a seguir, os pontos a serem discutidos em cada capítulo desta tese.

O capítulo 1, **O FENÔMENO EM ESTUDO**, centra-se nos seguintes pontos: (i) contextualização do objeto de estudo, a partir de uma revisão da literatura acerca do emprego do modo subjuntivo em gramáticas históricas e normativas modernas; (ii) apresentação de justificativas para a investigação acerca do uso variável entre o presente do modo subjuntivo e o presente do modo indicativo; (iii) delimitação do objeto de estudo; (iv) formulação de questões e hipóteses gerais; e (v) descrição dos objetivos desta pesquisa.

O capítulo 2, **REFERENCIAIS PARA ANÁLISE**, trata da revisão do quadro teórico no qual esta pesquisa se insere. Na consideração da língua como maleável e heterogênea, conjugamos a Teoria da Variação e Mudança (notadamente as obras de WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972b, 1994, 2001, 2010) e o Funcionalismo Linguístico norte-americano, basicamente centrado em Givón (notadamente as obras de 1995, 2001, 2005) e tratamos, ainda, da possibilidade de um enfoque híbrido entre os postulados dessas duas correntes teóricas, já proposto por alguns pesquisadores (TAVARES, 1999, 2003; FREITAG, 2007; TAVARES; GÖRSKI, 2012). Nas subseções destinadas a tratar de modalidade, complementamos a discussão com outras importantes referências (PALMER, 1986; SWEETSER, 1990; BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; BYBEE; FLEISCHMAN, 1995; BYBEE, 2001, 2003). A resenha de estudos que descrevem o uso variável do modo subjuntivo no português e em outras línguas românicas encerra o capítulo.

O capítulo 3, **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**, consiste em descrever os procedimentos adotados e situar o leitor quanto ao envelope de variação, cuja apresentação já se inicia no capítulo 1. As amostras sincrônica e diacrônica são caracterizadas, seguidas pela

descrição dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos juntamente com as hipóteses que justificam seu controle. Segue-se a apresentação do programa estatístico para o cálculo de percentuais e de pesos relativos das ocorrências que não constituem dados de análise.

O capítulo 4, **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: amostra sincrônica**, destina-se a apresentar o tratamento quantitativo e a análise interpretativa dos resultados referentes às amostras 1 (dados de 48 entrevistas, 24 da cidade Florianópolis e 24 da cidade de Lages/Projeto VARSUL) e amostra 2 (dados de 44 entrevistas da cidade de Florianópolis/Projeto VARSUL).

O capítulo 5, intitulado **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: amostra diacrônica**, objetiva a apresentação e discussão dos resultados referentes à amostra 3 (dados de 244 cartas ao redator distribuídas entre as cidades de Florianópolis e de Lages/Projeto PHPB-SC).

Finalizando, nas **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, retomamos as principais questões, avaliamos se as hipóteses foram atestadas e propomos possíveis desdobramentos da pesquisa. Após as referências bibliográficas, seguem-se os anexos.

No decorrer da tese, figuras, quadros e tabelas seguem numeração contínua; a numeração dos exemplos, entretanto, é reiniciada a cada capítulo.

CAPÍTULO 1

O FENÔMENO EM ESTUDO

A proposta deste capítulo centra-se nos cinco seguintes pontos: (i) contextualização do objeto de estudo, a partir de uma revisão da literatura acerca do emprego do modo subjuntivo, em gramáticas históricas e normativas modernas; (ii) apresentação de justificativas para a investigação acerca do uso variável entre o presente do modo subjuntivo e o presente do modo indicativo; (iii) delimitação do objeto de estudo; (iv) formulação de questões e hipóteses gerais; e (v) descrição dos objetivos desta pesquisa.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Há uma certa uniformidade entre as gramáticas normativas modernas que seguem a linha das gramáticas tradicionais (daqui em diante denominadas indistintamente como ‘gramáticas normativas’ ou ‘gramáticas tradicionais’) no que se refere à definição do modo subjuntivo e/ou descrição do emprego desse modo verbal, a partir de atitudes que se contrapõem às atribuídas ao modo indicativo. Se ao indicativo são associadas atitudes de certeza, de realidade, ao subjuntivo são atribuídas atitudes opostas, conforme se observa, a título de ilustração, nos excertos a seguir:

SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*¹ (BECHARA, 2006, p. 221, grifos do autor).

Emprega-se o modo subjuntivo para exprimir um fato possível, incerto, hipotético, irreal ou dependente de outro (CEGALLA, 2007, p. 588).

¹ À exceção de Bechara (2006), os demais gramáticos mencionados nesta tese consideram a existência de três modos verbais: indicativo, subjuntivo e imperativo. Para Cegalla (2007, p. 589, grifo do autor), o optativo constitui um dos empregos do subjuntivo: “Que elas *envolvam* no seu aroma a vossa memória.” Além do modo subjuntivo, Bechara (2006, p. 222, grifo do autor) inclui o modo optativo: “em relação à ação como desejada pelo agente: *E viva eu cá na terra sempre triste.*”

Ao empregarmos o MODO SUBJUNTIVO, é completamente diversa a nossa atitude. Encaramos, então, a existência ou não existência do fato como uma coisa *incerta, duvidosa, eventual*, ou, mesmo, *irreal*² (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 479, grifos dos autores). Indica este modo que o verbo não tem sentido caso não venha *subordinado* a outro verbo, do qual dependerá para ser perfeitamente compreendido. [...] O modo subjuntivo indica dependência também quando o fato é duvidoso ou indeterminado, sendo por isso chamado ‘modo da possibilidade’ (MENDES DE ALMEIDA, 2005, p. 226, grifo do autor).

Considerando a caracterização do modo subjuntivo apresentada por esses gramáticos, infere-se que o ‘vir a ser’ constitui o traço recorrente associado a esse modo verbal uma vez que o subjuntivo é o modo do desejo, da súplica, incerteza, dúvida, possibilidade, hipótese, irreabilidade, eventualidade, vontade, ordem, proibição, indeterminação. Ressalta-se, ainda, a referência de Cunha e Cintra (2007) e Mendes de Almeida (2005) à dependência sintático-semântica: a oração com o subjuntivo depende de uma outra oração, encerrando esta um fato possível, desejado, incerto etc. O subjuntivo, portanto, é tratado no âmbito da morfossintaxe: a morfologia desse modo verbal carrega uma atitude de incerteza, por exemplo, ainda que seu emprego esteja subordinado a determinados tipos de orações.

Posto dessa forma, o subjuntivo é considerado o modo da subordinação ainda que nem todos os casos de subordinação impliquem o uso desse modo verbal. Por exemplo, nos *cópus* investigados nesta tese, o presente do indicativo é praticamente de uso categórico sob o escopo do verbo *achar* e de uso categórico sob o escopo do verbo *parecer*, conforme ilustram os dados a seguir.

- (1) É só eu e as crianças. Então eu faço de tudo pra mim não parar pra pensar, porque eu sei que se eu parar pra pensar, **ACHO QUE** eu **VOU** enlouquecer. (FLP 03FAP, L407)
- (2) porque você já se conhece muito mais do que você se conhecia, então aí aparece o filho, quer dizer, o filho, **PARECE QUE** você **RECOMEÇA** tudo de novo, está recomeçando tudo de novo, tá?

² Cunha (1992) apresenta a mesma definição para o modo subjuntivo.

Mas daí **PARECE QUE** a coisa **VAI**, e aí começa a vir outras realidades que você não conhecia, como educar a criança, como tratar a criança na questão da saúde, como dar os encaminhamentos necessários aí, né? (LGS 03MAP, L730-732)

De acordo com os dados (1) e (2), observamos que há casos de subordinação em que o uso do subjuntivo não se mostra predominante. No entanto, para Said Ali (1971), os verbos *achar* e *parecer* podem ocorrer com o verbo da oração subordinada no modo subjuntivo ou no modo indicativo, caso o fato seja considerado real³.

Por outro lado, há casos que evidenciam o emprego do presente do subjuntivo mesmo quando o fato (terminologia encontrada nas gramáticas normativas) é claramente percebido como certo.

- (3) Bom, eu acho que o Plano [do]- [do]- do Presidente Collor [ele]- ele é- [ele]- [ele]- [eles são]- [ele é no <to->] no global, ele é um plano bom, **EMBORA** eu não **ENTENDA** de economia e não teria, assim, condições de fazer uma análise mais profunda do que é o Plano. Mas eu entendo que ele realmente deu o tiro certo. (FLP 21MBC, L427)
- (4) “Ah! <pó!> o pai gosta mais do fulano que [de]- de mim!” Não, não gosto; eu gosto igualzinho, só que tem dia que você <bru-> me faz perder a paciência e outro não, né? então é o caso que às vezes eu briguei com você, mas **NÃO** [que]- **QUE SEPARE** os filhos, que tudo o que a gente tem, é os filhos, né? (LGS 04MAP, L827)

Em (3), o informante afirma que não entende de economia; não há, portanto, nenhum valor de possibilidade, incerteza ou suposição, ainda que a oração subordinada apresente o verbo no modo subjuntivo. A ocorrência (4) permite semelhante análise: o informante relata que, a depender do comportamento dos filhos, pode chamar a atenção de um

³ Nas 44 entrevistas de Florianópolis, foram encontradas 44 ocorrências com o verbo *parecer* (nunca negado), acompanhado do presente do indicativo, e 586 ocorrências com o verbo *achar* (categórico de presente do indicativo). Nas 24 entrevistas da cidade de Lages, foram encontradas 26 ocorrências com o verbo *parecer* (nunca negado), acompanhado do presente do indicativo, ao contrário das 222 ocorrências com o verbo *achar*, verbo que ocorre também com o presente do subjuntivo (6 ocorrências), porém somente na fala de um informante lageano (cf. capítulo 4). Por essa razão, ao contrário do verbo *parecer*, o verbo *achar* será considerado nesta tese, pelo menos em uma primeira análise da rodada geral. Para maiores esclarecimentos sobre os verbos *parecer* e *achar* e *parecer*, consultar, respectivamente Gonçalves (2003) e Freitag (2003), pesquisas desenvolvidas na perspectiva da gramaticalização.

ou de outro, o que não significa que ele protege ou prefere um dos dois. O informante, nesse caso, não deixa dúvida de que não faz distinção entre os filhos. Como explicar, então, o emprego do modo subjuntivo em casos como esses? O subjuntivo ainda é o modo da incerteza, dúvida, suposição?

Também há dados em que as atitudes tradicionalmente associadas ao subjuntivo se mantêm, porém em situações de uso variável entre subjuntivo e indicativo, conforme ilustram os exemplos a seguir:

- (5) É porque a gente falou, né? se for mulher eu escolho, se for homem ele escolhe. **ESPERO** que ele **ESCOLHE** um nome bonito, né? pra depois o filho não reclamar quando crescer. (FLP 06FJG, L1635)
- (6) A pessoa tem que ganhar no mínimo aí, uns seiscentos, setecentos reais pra poder liberar um crédito de cento e poucos reais por mês, essa [é a]- é a regra que está se usando. Então em termos políticos eu acho que está um tanto quanto difícil por uma certa maneira, né? mesmo que você entenda aquilo que o governo quer fazer, e eu **ESPERO** que se ele conseguir fazer o que ele quer, **MELHORE**, né? que tinha melhorado mas acabou caindo na contradição agora, né? (LGS 11MAG, L1003)

No caso de orações substantivas, como (5) e (6), Bechara (2006) elenca alguns verbos da oração matriz que ocorrem com o subjuntivo na subordinada, dentre eles, o verbo *esperar*. Nesse sentido, o dado (5) rompe com a prescrição gramatical na medida em que apresenta uma forma verbal indicativa na oração subordinada.

Considerando as ocorrências apresentadas, já se percebe que a definição do modo subjuntivo assentada em valores atitudinais proposta pelas gramáticas normativas não se sustenta⁴. Ainda que haja menção ao uso de subjuntivo e de indicativo, os valores atitudinais associados a cada modo verbal são distintos. Dada a natureza basicamente prescritiva das gramáticas de linha tradicional, não há nelas espaço para a consideração e a análise do uso variável entre subjuntivo e indicativo.

Já pesquisadores com formação filológica e/ou linguística, naturalmente atentos ao uso efetivo da língua, consideram a perda de valores associados à flexão do modo subjuntivo e a possibilidade de extensão desses valores para outras estratégias linguísticas, com a

⁴ Ao estudar a variação entre algumas formas do passado, Coan (2003) também aponta a pouca precisão das gramáticas tradicionais ao caracterizar a função codificada pelo pretérito mais-que-perfeito como um passado anterior a outro passado, já que outras formas verbais também podem codificar essa função.

consequente expansão de contextos de emprego do modo indicativo. Entre esses estudiosos, destacamos particularmente Camara Jr.⁵, Perini e Mattos e Silva.

Camara Jr. (2002, p. 97) considera que o estudo semântico do verbo em português “é talvez onde melhor se evidencia a incapacidade dos métodos da gramática tradicional para fazer justiça a uma interpretação adequada do sistema gramatical português”. Esse trecho faz parte de uma seção destinada a tratar exclusivamente dos morfemas gramaticais que acumulam as indicações de tempo e de modo. De fato, tratar de modo verbal, e aqui restringimos o foco, não se constitui numa tarefa simples. Adiante veremos resultados de pesquisas que revelam a complexidade do uso do modo subjuntivo.

Para Camara Jr. (1986), o subjuntivo, no português, é como uma ‘servidão gramatical’⁶, usado em certos tipos de frases:

em oração independente depois do advérbio de dúvida *talvez*; em oração integrante subordinada a verbos de significação volitiva ou optativa; em oração relativa, para expressar apenas a possibilidade de qualificação expressa; em orações subordinadas finais; em orações subordinadas concessivas. (CAMARA JR., 1986, p. 225-226)

Segundo o autor (1974), já no indo-europeu⁷ desponta uma tendência para uma categoria morfológica esvaziada de valores conceptuais. Isso não implica uma omissão da atitude do falante frente ao que enuncia; a atitude mantém-se, porém fora da estrutura mórfica. Por exemplo, em alguns casos, o caráter modal de dúvida, desejo, hipótese, está presente mesmo com o indicativo: “Suponho que é verdade”. (CAMARA JR., 1979, p. 133). Por essa razão, “em todo o domínio indo-europeu, o modo que assim subsistiu, propendeu a tornar-se mais uma categoria sintática do que exclusivamente nocional, como

⁵ Camara Jr. foi um importante incentivador dos estudos linguísticos no Brasil, tendo inúmeras publicações, algumas das quais citadas ao longo desta tese. A importância de Camara Jr. para os estudos linguísticos é muito bem apresentada na obra *Dispersos*, que destaca as contribuições do autor (UCHÔA, 1975).

⁶ A noção de ‘servidão gramatical’ também é mencionada em *História e Estrutura da Língua Portuguesa* (CAMARA JR., 1979).

⁷ Camara Jr. (1974) aponta a tendência à simplificação dos modos verbais na cultura ocidental moderna.

índice de SUBORDINAÇÃO de uma frase a outra” (CAMARA JR., 1974, p. 123, grifo do autor).

O padrão formal do subjuntivo acentua-se com a expansão dos domínios do indicativo, ‘invadindo’ o espaço do subjuntivo, para usar o termo de Camara Jr. (1986). Dessa forma, a modalidade subjuntiva passa a ser expressa, de acordo com Camara Jr. (1986), por advérbios de dúvida, pela aplicação modal dos tempos verbais, pela subordinação a verbos de estado mental, quais sejam, *pensar*, *crer* etc.

A tendência da oposição morfológica entre subjuntivo e indicativo tornar-se puramente formal no português igualmente é mencionada por Perini (1996, 2006). Para o autor, o subjuntivo é dependente, por exemplo, de determinados verbos e de outros itens, como o *talvez* (PERINI, 1996). Considera ainda o autor que o subjuntivo, por ocorrer em orações subordinadas, é uma “forma especializada, ao contrário do indicativo, que pode ocorrer tanto em subordinadas quanto em não-subordinadas” (PERINI, 2006, p. 171).

Ainda que o modo subjuntivo seja dependente de verbos e itens, conforme mencionado pelo autor, essa dependência não implica o uso categórico do subjuntivo. Por outro lado, a noção de ‘servidão gramatical’, de oposição puramente formal entre os modos e de forma especializada, indica a destituição de valores atitudinais da morfologia do modo subjuntivo e sua identificação em outras estratégias linguísticas. Nesse sentido, é preciso investigar dados oriundos de situações reais de comunicação na tentativa de mapear o funcionamento do uso variável do presente do subjuntivo, objeto de estudo nesta tese.

Uma das razões apontadas por Perini (1996, p. 258) para a ausência de oposição modal reside no fato de que a atitude de certeza do falante pode ser identificada tanto em frases com indicativo como de subjuntivo: “Tenho certeza de que Selma fuma e É trágico que Selma fume.” Perini (1996) considera que a certeza se manifesta em ambas as frases, ainda que na primeira a certeza seja afirmada e, na segunda, pressuposta. Da mesma forma, os dois modos verbais podem expressar a falta de certeza: “Eu sonhei que Selma fumava cachimbo e Eu duvido que Selma fume cachimbo.” (PERINI, 1996, p. 258). Assim sendo, para ele, a eliminação do papel semântico do subjuntivo pode desencadear, gradativamente, a eliminação do próprio subjuntivo, em especial o uso do presente do subjuntivo (PERINI, 1996, 2010).

O deslocamento do valor atitudinal da morfologia verbal para outras estratégias gramaticais, conforme proposto por alguns autores, não implica, contudo, que o modo subjuntivo deixe de ser usado concomitantemente a essas estratégias de caráter modal. A título de

ilustração, resultados da pesquisa de Pimpão (1999a) a partir de dados de fala de Florianópolis (Projeto VARSUL – Variação Linguística na Região Sul do Brasil)⁸ apontam para o uso variável do presente do subjuntivo sob o escopo do *talvez*. Na referida pesquisa, o subjuntivo, nesse tipo específico de contexto, mostrou-se favorecido por dois fatores: informação nova e traço de futuridade. Esse resultado vai, de certa forma, de encontro ao que defende Camara Jr. (1979), segundo o qual a diferença entre subjuntivo e indicativo, nesse contexto, diz respeito a um mecanismo meramente sintático: emprega-se o subjuntivo posposto ao item e o indicativo anteposto ao item. Em contraponto, Perini (1996) já admite o uso do indicativo após o item.

As considerações conflitantes apontadas no parágrafo anterior, associadas aos dados empíricos, embora restritas a um tipo de contexto específico, indicam que se deve ter cautela ao interpretar o subjuntivo meramente como ‘servidão gramatical’, sugerindo que há outras pressões em jogo no uso do modo subjuntivo no português do Brasil. Em suma, o uso do subjuntivo parece envolver forças em competição: de um lado, a flexão verbal perde valores modais (dúvida, desejo, hipótese etc.), que se deslocam para outros mecanismos gramaticais, passando a funcionar como ‘servidão gramatical’; de outro, mesmo nos casos em que se prevê um padrão estrutural de uso (em que certos contextos funcionariam como gatilho para o emprego do subjuntivo), o uso desse modo verbal se mostra variável e condicionado por fatores de natureza diversa.

Fazendo coro a Camara Jr. e a Perini, Mattos e Silva (2006, p. 119) pontua que o subjuntivo, na passagem do latim para o português, em que também podia ocorrer em orações principais, “passa a ser sempre uma forma verbal própria de orações dependentes e selecionada a partir de características das frases em que se encaixa”, sendo considerado, portanto, um padrão formal. Na perspectiva da autora, portanto, a falta de valores semânticos associados ao modo subjuntivo justifica-se pela característica desse modo ocorrer, preferencialmente, em orações subordinadas. Complementando, afirma que, nas variedades faladas, o uso do indicativo supera o do subjuntivo. Pode-se inferir, dessa última passagem, o uso variável dos modos.

Ilari e Basso (2006, 2008) e Castilho (2010) concebem os modos verbais dentro da perspectiva dos atos de fala. Para os autores, por modo entende-se a avaliação que o falante faz sobre o dito. Nesse sentido,

⁸ Informações sobre o Projeto VARSUL serão fornecidas no capítulo de Metodologia e podem ser acessadas no *site*: www.varsul.org.br.

“uma operação linguística tão importante quanto é a avaliação sobre o que estamos falando, ao mesmo tempo em que falamos, não poderia ser entregue apenas à morfologia do verbo” (CASTILHO, 2010, p. 438). Para esses autores, o português brasileiro dispõe de diferentes estratégias de modalização, além do sufixo modo-temporal, como os auxiliares modais e operadores, tais como seria o *caso de e é capaz de*. A consideração de que outras estratégias contribuem para a manifestação das atitudes tradicionalmente associadas ao modo subjuntivo pode ser observada na ocorrência a seguir.

- (7) [Eu]- tem uma disputa [meio]- meio rápida, meio pra mim, assim, no meu pensar, pra mim só tem dois candidatos que podem disputar, pra mim é XXX⁹, o XXX e XXX, são o páreo duro aí [na]- nas eleições.
 Ent.: [E]- tu acreditas então nesses dois?
 Não, não é que eu acredite.
 Ent.: Não?
 E também **NÃO ESTOU DIZENDO QUE VOU** votar. Não, não. Eu estou achando (que) por a pessoa, por o que eles fizeram. **NÃO** [que eu vou dizer]- **QUE** eu **ESTOU DIZENDO** [pra]- pra você **QUE** eu **VÁ** votar no XXX ou no XXX. Não, negativo! Eu de política eu já estou até o gogó, e de candidato boca rota- (FLP 02MAP, L388-392)

Em (7), a fala do mesmo informante exibe as duas variantes investigadas nesta tese – o presente do modo subjuntivo e o presente do modo indicativo –, ambas sob o escopo de uma construção muito semelhante: *não (que) estou dizendo que*. De acordo com a gramática normativa, o emprego do modo subjuntivo assinalaria uma atitude de incerteza; por outro lado, o emprego do modo indicativo expressaria uma atitude de certeza acerca da mesma situação. No entanto, a construção *não (que) estou dizendo que* por si só já instaura um ambiente de incerteza, de possibilidade. Dessa forma, concordamos com a posição assumida pelos autores já mencionados de que as atitudes tradicionalmente associadas ao modo subjuntivo podem ser identificadas em outras estratégias linguísticas.

Para além do português, Silva-Corvalán (1994), em estudo desenvolvido sobre o espanhol falado em Los Angeles, destaca a tendência das línguas românicas de perder as distinções de modo, sugerindo, ainda, uma possibilidade do subjuntivo no espanhol tornar-se dependente de traços morfossintáticos e lexicais identificados no

⁹ Omitimos a referência a pessoas públicas.

contexto. A autora alerta que essa dependência contextual não pode, porém, ser confundida com uma exigência do contexto, o que excluiria qualquer possibilidade de variação. Chama a atenção, nesse trecho, o fato de a autora, além de corroborar a perda da distinção de modo e a dependência formal do subjuntivo apontadas pelos autores anteriormente citados, também admitir explicitamente a variação entre as formas verbais em questão.

Os autores até agora mencionados, ao abordarem aspectos formais, são unânimes em admitir que o modo subjuntivo é específico das orações subordinadas, salvo raras exceções, como, por exemplo, o uso desse modo verbal com o *talvez* em orações independentes. Para nós, surgem algumas questões: que tipos de subordinadas são essas? Cremos que não basta dizer que o subjuntivo ocorre em determinadas subordinadas substantivas, adverbiais e adjetivas. O que essas subordinadas têm em comum para constituírem contextos linguísticos em que se espera, ou que propiciam, o uso do subjuntivo? A complexidade é tamanha que os gramáticos normativos, em especial, ao definirem esse modo verbal, tendem a mencionar a presença de determinados verbos na oração matriz, o que acaba por basicamente restringir o subjuntivo à subordinada substantiva. Isso nos parece um indício da dificuldade de defini-lo de forma mais abrangente.

Ainda que seja uma proposta ambiciosa, nosso maior objetivo¹⁰ nesta tese é tentar compreender o funcionamento do uso variável do modo subjuntivo em alternância com o indicativo no tempo presente. Nesse sentido, não nos interessa apenas o comportamento variável do presente do subjuntivo em um tipo específico de oração, como, por exemplo, nas orações adverbiais. Saber que o modo subjuntivo, em oposição ao modo indicativo, é concebido como o modo da irrealidade ou da incerteza, como muito bem afirma Said Ali (1971, p. 324), “não basta para definir o emprêgo do subjuntivo”. Conforme veremos adiante, mas já antecipando nas palavras do autor (*op.cit.*), compreender esse modo verbal constitui “um problema complexo, a começar pela circunstância que às funções próprias do conjuntivo se ajuntaram em latim ainda as do optativo”. Soma-se a isso a série de classificações com as quais se pode tentar defini-lo: “volitivo, potencial, optativo, deliberativo, concessivo, prospectivo, hortativo” (*op. cit.*). É nesse sentido que, para o autor, deve-se “enquadrá-las tôdas em duas ou três classes gerais” (*op. cit.*).

¹⁰ Os objetivos são descritos adiante, ainda neste capítulo.

Até aqui fizemos referência a autores/trabalhos do século XX e XXI. É importante, contudo, fazermos, mesmo que brevemente, um passeio histórico mais abrangente. Segundo Mattos e Silva (s/d), é importante conhecer as “teorias interpretativas que nortearão, como bússolas, as análises dos fatos linguísticos do passado e suas mudanças no tempo”. Por essa razão, uma atenção deve ser dispensada a estudiosos da língua de séculos anteriores, principalmente a partir do século XVI, início dos estudos da língua portuguesa, pois,

não dispondo o pesquisador, como é óbvio, dos falantes vivos, pode-se recorrer a avaliações dispersas em fontes documentais de diversos tipos, entre elas, e muito significativo, o testemunho metalinguístico dos gramáticos, embora assistemático e eventual (MATTOS E SILVA, s.d.).

Vejamos, então, como se posicionam os gramáticos Fernão de Oliveira, João de Barros e Jerônimo Barboza a respeito de tempos e modos verbais.

Em Oliveira (1975 [1536]) não há classificação precisa dos tempos verbais. Oliveira (1975 [1536], p. 122, grifos do autor) apenas menciona que “cada modo tem seus tempos, como *falo, falava, falei e falarei*”¹¹ e, em algumas passagens, faz referência ao tempo presente, por exemplo, mas apenas a título de reflexão, sem sistematizar uma lista de tempos verbais. Já Barros (1957 [1540]) considera os tempos latinos: presente, passado por acabar, passado acabado, passado mais que acabado e vindouro ou futuro. Segundo Barros (1957 [1540], p. 29, grifos do autor), chama-se presente “aquele em o qual fazemos alguma obra presente. Exemplo: ‘Eu amo’, per onde demonstro, que nesse tempo presente faço esta obra de ‘amar’”. Ainda segundo o autor, o tempo vindouro “é aquele em o qual se há de fazer alguma obra, como se disser: ‘Eu amarei.’” O interessante nessa obra de Barros (1957 [1540]) diz respeito ao tempo presente. No modo indicativo, modo para demonstrar, a morfologia de tempo presente equivale ao presente que utilizamos no português atualmente; por sua vez, o presente do

¹¹ A obra de Oliveira (1975 [1536], p. 19) é considerada a primeira gramática portuguesa e, talvez por essa razão, o próprio autor a chame de “uma primeira notação da língua portuguesa, reconhecendo-lhe implicitamente a ausência de uma feição estritamente sistemática e planificada”.

subjuntivo do português atual está, na referida obra, diluído em dois modos verbais: o outativo, modo para desejar, e o subjuntivo, modo para ajuntar. Mais interessante ainda é que, no modo outativo, a morfologia flexional do presente do modo subjuntivo atual está classificada como futuro, denominado, conforme palavras de Barros (1957 [1540], p. 33-34), “tempo vindouro”; e, no modo subjuntivo, o presente de hoje está classificado igualmente como presente (cf. PIMPÃO, 2009).

Barboza, ao tratar do presente imperfeito, estabelece uma comparação interessante com Barros (1957 [1540]), conforme ilustra a seguinte passagem:

As Linguagens ‘Seja, Haja de ser, Esteja sendo’ são do tempo presente nestas orações: ‘Estimo que sejas o que és’: = Estimo que estejas gozando da companhia dos teus’: = Espero que teus serviços hajão agora de ser premiados’. Porém as mesmas Linguagens parecem do futuro nestes lugares de João de Barros. (BARBOZA, 1830, p. 223).

Como se pode perceber, há uma correlação entre presente e futuro, que, segundo Barboza (1830, p. 224), é própria dos tempos imperfeitos ou não-acabados, “cujas existencias são continuadas sem determinação de fim”.

Os gramáticos gregos Dionísio o Trácio e Apolônio Díscolo são os primeiros a indicar a categoria de modo em formas gramaticais e listam cinco modos verbais: indicativo, imperativo, optativo, subjuntivo e infinitivo. A diferença está em Apolônio Díscolo, que, além de caracterizar cada um dos modos, que são apenas classificados por Dionísio o Trácio, denomina modo a “disposição (da alma)”, nome que indicaria uma concepção do modo como expressão de uma disposição da alma do falante” (MOURA NEVES, 2005, p. 212, grifos do autor).

Apolônio Díscolo identifica o indicativo como o modo mais usado, por ser o modo da afirmação, do assentimento do fato expresso pelo verbo; optativo, tendo seu sentido derivado do *desejo*; e, por último, o subjuntivo, que, por não poder formar uma oração independente, está sempre subordinado a uma conjunção (MOURA NEVES, 2005). Interessante, nessa observação do gramático acerca do subjuntivo mencionada por Neves, é a relação sintática entre uma conjunção e o subjuntivo. Evidencia-se, aqui, um conflito entre a concepção semântica de modo como expressão de uma disposição da

alma do falante e a caracterização sintática do subjuntivo subordinado a uma conjunção. Infere-se daí que o subjuntivo não somente reflete o estado da alma, como também depende de uma conjunção. É o mesmo conflito que aparece nas gramáticas normativas modernas, em que o subjuntivo é tido como o modo da incerteza, suposição, hipótese, porém dependente de um verbo, por exemplo, como é o caso das orações substantivas.

No século XVI, Oliveira (1975 [1536], p. 122, grifos do autor) não lista nem define os modos verbais; tão somente registra que cada conjugação “tem seus modos, como *falamos, falemos, falai e falar*”. Esses exemplos fazem supor que os modos são os seguintes, respectivamente: indicativo, subjuntivo, imperativo e infinitivo. Ainda que Oliveira (1975 [1536]) mencione um ou outro modo verbal em algumas passagens de sua obra, não apresenta uma classificação dos modos, acompanhada de conceituações e exemplos ilustrativos.

Ainda no século XVI, Barros (1957 [1540], p. 29) define modo como sendo “não mais que ãa denotação da vontade em falando” e lista cinco modos do verbo, os mesmos elencados pelos gregos e seguidos pelos latinos: indicativo, imperativo, outativo, subjuntivo e infinitivo. O autor considera o modo outativo como modo

desejador, como quando dizemos: ‘prouvesse a Deus que lesse’” e o modo subjuntivo como modo “ajuntador, porque, per ele, ajuntamos ã adição com outra, pãra dar perfeito entendimento no ânimo do ouvinte. Por semelhante exemplo: Eu leria bem; se o continuasse. Esta parte ‘se o continuasse’ fez inteira esta oração “Eu leria bem”, e ãa sem outra não satisfaz o entendimento. (BARROS, 1957 [1540], p. 29).

Barboza (1830, p. 200) aproxima-se da definição de modo verbal apresentada por Barros (1957 [1540]) ao mencionar que “chamão-se Modos as diferentes maneiras de enunciar a coexistencia do attributo no sujeito da proposição”. Mesmo apontando a possibilidade de outros modos verbais, o autor prevê três únicos modos: infinitivo (caracterizado pela total indeterminação), indicativo (caracterizado por sua independência) e subjuntivo (caracterizado por sua dependência). Com relação ao optativo, Barboza (1830, p. 203) afirma que “todos os

Grammaticos, desenganados das antigas prevenções, lhe assignarão seu verdadeiro lugar no modo subjunctivo, de cujas linguagens se serve¹²”.

Assim, o subjuntivo enuncia

a coexistencia do attributo no sujeito da proposição de hum modo affirmativo, mas sempre precario e dependente da affirmação de outro verbo, em cuja significação vá preparada a indecisão e incerteza, propria da Linguagem subjunctiva. (BARBOZA, 1830, p. 201)

Portanto, ao analisar o subjuntivo, o gramático afirma que “seu carater próprio he não poder figurar so no discurso, sem dependencia de outra oração clara, ou occulta, a que fique subordinado sempre, e ligada ordinariamente pelo conjuntivo QUE” (*op. cit.*).

Com essa breve exposição, passando por gramáticos modernos e antigos e por linguistas contemporâneos, tencionamos (i) por um lado, evidenciar a falta de consenso e mesmo de consistência na definição de modo (em especial do modo subjuntivo); a mistura desordenada de critérios caracterizadores; e a incompatibilidade entre certas definições e a língua efetivamente em uso; (ii) por outro lado, apontar o registro de um aparente movimento de mudança em que o subjuntivo parece perder traços semânticos modais e fortalecer traços estruturais, notadamente marcas de dependência sintática; por fim, (iii) nesse movimento, salientar o caráter variável do fenômeno. Trata-se, pois, de um terreno escorregadio, que merece o desenvolvimento de mais estudos empíricos sistemáticos que possam lançar luzes sobre o efetivo funcionamento dessa categoria verbal.

1.2 JUSTIFICATIVAS DA PESQUISA

Considerando a apresentação de pesquisas acerca da variação entre subjuntivo e indicativo e a caracterização do objeto de estudo, as justificativas para a proposta de investigação desta tese são as seguintes:

¹² Camara Jr. (1974, p. 123) menciona a fusão dos modos ‘subjuntivo’ e ‘optativo’ em um único modo: “o sânscrito e o grego os conservaram a princípio – é certo – mórfica e nocionalmente distintos; mas numa fase mais tardia o sânscrito clássico perdeu o subjuntivo e o grego pós-ático perdeu o optativo”.

(a) **Ampliação do corpùs:** para a dissertação de mestrado (PIMPÃO, 1999c), foram coletados e analisados dados de fala da cidade de Florianópolis, distribuídos em três níveis de escolaridade (primário, ginásial e colegial). Para a pesquisa desenvolvida nesta tese, agrega-se à coleta inicial a seleção e a análise de dados:

(a1) de entrevistas de universitários naturais de Florianópolis. A inclusão de informantes com nível superior pode ratificar resultados da pesquisa anterior (PIMPÃO, 1999c) que apontam que o nível de escolaridade desempenha um papel importante na retenção do presente do subjuntivo;

(a2) da cidade serrana de Lages, também localizada no estado de Santa Catarina, cujas entrevistas igualmente estão armazenadas no banco do Projeto VARSUL¹³, com vistas a fazer uma análise comparativa entre duas comunidades catarinenses, ampliando a descrição do uso variável entre o presente do subjuntivo e o presente do indicativo em Santa Catarina. Lages, diferentemente das demais cidades do Banco, não sofreu influência da língua de imigrantes. Além disso, sua configuração geográfica difere da de Florianópolis, e as duas cidades separadas pela Serra Geral, ficaram, por muito tempo, sem comunicação entre si;

(a3) do corpùs diacrônico, composto de cartas ao redator publicadas em jornais de Florianópolis e de Lages, a partir das duas últimas décadas do século XIX e de todo o século XX, buscando captar, na escrita catarinense, contextos de emergência e/ou expansão de uso do indicativo em contextos previstos como de subjuntivo.

Essa ampliação do corpùs de análise é importante por alguns aspectos, dentre os quais se destacam os seguintes: primeiramente, contribui com a descrição do português falado na Região Sul, especialmente em Santa Catarina, agregando à investigação já realizada com amostra de Florianópolis (PIMPÃO, 1999c) novos dados da capital e também entrevistas de mais uma cidade catarinense pertencente ao Banco de Dados do Projeto VARSUL; em segundo, contempla uma abordagem pancrônica, fundamental para o estudo da trajetória da variação e eventual mudança, testando a validade do *princípio do uniformitarismo* (LABOV, 1972b, 1994), e mapeando o funcionamento do modo subjuntivo/indicativo ao longo dos anos.

¹³ Diferentemente de Florianópolis, não há entrevistas com informantes universitários na cidade de Lages. O capítulo referente aos Procedimentos Metodológicos retoma essa questão.

(b) Sistematização de trabalhos sobre o português do Brasil:

esta tese descreve grande parte das pesquisas que abordam o uso variável do modo subjuntivo em amostras do português do Brasil. Esses estudos agregam conhecimento acerca do fenômeno, seja quanto à abordagem teórica escolhida, ao tratamento das variáveis, ou, ainda, quanto à análise interpretativa dos dados. A apresentação conjunta desses trabalhos, da forma como é conduzida nesta tese, permite obter uma visão panorâmica do uso do subjuntivo em variação com o indicativo em várias comunidades brasileiras.

(c) Refinamento das variáveis independentes: tendo como base os resultados encontrados na dissertação (PIMPÃO, 1999c), é necessário reanalisar as variáveis já testadas – considerando tanto a revisão bibliográfica de pesquisas que tratam do modo subjuntivo, levadas a cabo no Brasil e em outros países de línguas românicas, como novas reflexões teóricas desenvolvidas na área na última década –, com vistas a (a) definir as variáveis que devem ser mantidas; (b) refinar fatores já controlados; e (c) compor novos grupos de fatores, de modo a descrever e explicar com mais propriedade o fenômeno em estudo.

(d) Tratamento mais detalhado das ocorrências: a percepção da necessidade de um exame mais fino de certos itens já surgiu durante a elaboração da dissertação (PIMPÃO, 1999c), quando se notou que as locuções conjuntivas *apesar de que* e *se bem que*, ao contrário das demais, ocorriam somente com o indicativo, ainda que o conector não tenha constituído uma variável independente. A importância do controle de itens também foi, de certa maneira, aventada por Wherritt (1977) que, ao analisar dados de cláusulas adverbiais concessivas, verificou que: com as conjunções/locuções conjuntivas *apesar de que* e *se bem que*, a presença do indicativo é categórica; com *embora* e *mesmo que*, a variação desponta, ainda que haja uma preferência pelo indicativo; e a locução conjuntiva *nem que* mostra-se sempre seguida por subjuntivo. Ademais, Poplack (1992, 1994, 2001), a partir da análise da fala de 120 informantes, mostra a importância de fatorar o item lexical sob pena de distorção de resultados quantitativos. Nesse sentido, uma análise micro, atenta às conjunções e também a outros itens lexicais (como o verbo da oração matriz no contexto de orações substantivas), pode evidenciar um comportamento distinto daquele mostrado por uma análise mais macro, centrada no tipo de oração adverbial ou no tipo semântico do verbo, por exemplo. Da mesma forma, é necessária a realização de cruzamentos de

grupos de fatores, tratamento estatístico não aplicado aos dados de Pimpão (1999c).

(e) **A reanálise da força atribuída ao fator ‘futuridade’:** em Pimpão (1999c), postulou-se o traço temporal de futuridade como o fator mais importante no condicionamento do presente do subjuntivo, e não a modalidade assentada no traço de incerteza, conforme determinam os gramáticos normativos. Para esta tese, aposta-se, ainda, no traço de projeção futura como um fator relevante para a preservação do presente do subjuntivo, porém sem excluir a importância de outros valores, tais como a manipulação, a volição, a incerteza. Nesse sentido, ocorre uma conjugação entre um valor mais temporal (projeção futura, por exemplo) e um valor mais modal (modalidade deôntica ou epistêmica).

(f) **A modalidade revisitada:** Givón (notadamente 1995, 2001, 2005) considera as modalidades epistêmica (eixo da crença) e deôntica (eixo da manipulação, obrigação, e também do desejo, intenção) como dois submodos distintos da modalidade *irrealis* (cf. capítulo 2). Em Pimpão (1999c), o submodo deôntico foi controlado apenas a partir da natureza dos verbos matrizes no contexto sintático das orações substantivas. Isso significa que a modalidade deôntica não foi captada na sequenciação discursiva, no contexto multiproposicional, como o foi a modalidade epistêmica. Da modalidade deôntica foi captado apenas o traço de projeção futura. Dessa forma, em Pimpão (1999c) todas as ocorrências foram codificadas a partir de correlações entre traços de mais ou menos projeção futura e de mais ou menos incerteza.

Nesse sentido, da mesma forma que as dimensões epistêmicas são controladas na sequenciação discursiva, as dimensões deônticas também devem ser assim consideradas. A modalidade, portanto, deve ser revisitada e reanalisada. Isso será feito a partir de um *continuum*, tendo em uma extremidade o submodo deôntico de volição, em que a projeção futura se aproxima dos valores de desejo e vontade, por exemplo. Na outra extremidade, está o submodo de maior certeza epistêmica e, na parte intermediária desse *continuum*, localizam-se o submodo deôntico manipulativo e o submodo epistêmico de baixa incerteza (com ausência do traço de projeção futura), conforme será detalhado adiante.

1.3 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

As gramáticas tradicionais enumeram as condições de emprego do modo subjuntivo em orações independentes e em orações

subordinadas. Dentre as orações independentes, o subjuntivo pode expressar dúvida, precedido, geralmente, pelo advérbio *talvez*¹⁴. Nas orações dependentes, emprega-se o subjuntivo em certas orações substantivas, adjetivas e adverbiais.

Tendo como parâmetro inicial condições de emprego do subjuntivo, conforme prescrevem/descrivem as gramáticas tradicionais, consideramos, em princípio, como contextos de variação entre presente do subjuntivo e presente do indicativo os mesmos contextos tidos como de uso obrigatório pelas gramáticas, além daqueles previstos como possibilidade de usos alternados dos modos, porém atrelados a diferentes valores modais de certeza. Assim serão considerados, nesta tese, os seguintes contextos: orações com o item *talvez*, orações substantivas, orações adjetivas, orações adverbiais e, adicionalmente, orações parentéticas. Os cinco contextos são descritos a seguir, a partir do que prevêem as gramáticas normativas, e exemplificados com dados das amostras de fala e escrita analisadas nesta tese (VARSUL/Florianópolis e Lages).

1.3.1 Orações com o item *talvez*

Dentre o emprego do subjuntivo em orações independentes estão as orações dubitativas com o *talvez*, não se registrando, necessariamente, impedimento ao emprego do indicativo:

Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem e celebram* seu nome. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o que se duvida se pode

¹⁴ Além das orações independentes que expressam dúvida, geralmente com o advérbio *talvez*, as gramáticas consideram, ainda, os seguintes usos claramente modalizados: expressão de um desejo: “difícilmente você tem [uma]- uma relação diferente do que essa, né? do comportamento individual, cada família que se **cuide**, cada família tem o seu projeto, cada família faz o seu plano, né?” (LGS 03, L124); de uma hipótese: “Então era assim, [que o]- se a gente jantasse ou almoçasse, **que seja**, [eu já]- [eu já não era]- eu não em sentava.” (FLP 03, L581); de uma ordem: “Daí até que um dia eu aceitei. Eu digo: “Tá. Então ele que me **pegue** lá no ponto de ônibus.”” (LGS 10, L293); de uma exclamação denotadora de indignação: “Hoje, se a gente for pedir um guri desses pra fazer qualquer coisa, não é? **Deus o livre!**” (FLP 04, L202)

bem realizar.¹⁵ (BECHARA, 2006, p. 281, grifos do autor).

É comum as gramáticas normativas associarem o emprego do modo subjuntivo a orações independentes com o *talvez*. Cegalla (2007, p. 588-589), entretanto, prevê o emprego do subjuntivo em orações coordenadas (“Talvez ela *compreendesse* e lhe *perdoasse*.”) e em orações principais (“Talvez não *mereçamos* imaginar que haverá outros verões.”). Vejamos algumas ocorrências.

- (8) Olhar ainda vai, pra dar uma espiada, ainda vai. Pois é, **TALVEZ** eu não **GOSTO**, porque eu não aprendi a dançar, né? (FLP 10MAG, L413)
- (9) Eu gosto de estar no meio [de]- das pessoas, de eu sentir que eu estou sendo útil pra alguma coisa, entende? **TALVEZ** eu não **FAÇA** bem certo, mas eu tento, pelo menos, fazer. [E procuro]- não sei se meus alunos, talvez um dia eles vão pensar: “Não, quando eu estava lá em tal série.” **TALVEZ** um dia **ENTRE** na cabeça dele. Mas se não entrar, paciência. Eu pelo menos tentei, né? e eu acho que isso que importa. (LGS 18FAC, L1346-1351)

1.3.2 Orações substantivas

Emprega-se o subjuntivo depois¹⁶:

1) de expressões “(verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento”: *proibir, esperar*¹⁷(BECHARA, 2006, p. 281). Cunha e Cunha (1992, p. 444) e Cintra (2007, p. 482) referem-se à “vontade, nos matizes que vão do comando ao desejo”: *querer, admitir, querer e gostar*. Mendes de Almeida (2005) lista alguns verbos volitivos (de desejo e de vontade): *aconselhar, admitir, consentir, deixar, desejar, determinar, estabelecer, exigir, impedir,*

¹⁵ Cegalla (2007), Cunha (1992), Cunha e Cintra (2007) e Mendes de Almeida (2005) não mencionam a possibilidade de uso do indicativo sob o escopo do advérbio *talvez*. Para Mendes de Almeida (2005), por exemplo, o advérbio exige o emprego do subjuntivo quando anteposto a ele.

¹⁶ Esse emprego do subjuntivo é apresentado por Bechara (2006), Cunha (1992), Cunha e Cintra (2007) e Mendes de Almeida (2005).

¹⁷ Para Said Ali (1971), os verbos *temer* e *esperar* podem vir também acompanhados do verbo no indicativo. Entretanto, os exemplos apresentados estão somente no futuro no presente. Ainda assim, observamos a possibilidade de uso do modo indicativo.

obrigar, ordenar, pedir, preferir, querer, recomendar, rogar, suplicar etc.

2) de expressões “(verbos ou locuções formadas por ser, estar, ficar + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade”: *cumprir, convir, ser bom que* (BECHARA, 2006, p. 281). Cunha e Cunha (1992, p. 445) e Cintra (2007, p. 482) mencionam “um *sentimento*, ou uma *apreciação* que se emite com referência ao próprio fato em causa”: *ser melhor que*. Mendes de Almeida (2005) apresenta outros verbos: *esperar, gostar, importar, temer, tomara que* etc., e outras com *ser + importante, impossível, incrível, necessário, possível, preciso* etc.

Said Ali (1971, p. 330) faz um comentário interessante: “orações que denotam fatos em contradição com a expectativa, usam-se com o verbo no conjuntivo quando servem de complemento” a, por exemplo, *ser incrível que*. Ainda segundo este autor, *ser necessário, ser justo, ser bom, importar, cumprir* e *bastar* requerem o subjuntivo. Ressalva apenas para o verbo *bastar*, que, referindo-se a um fato real, fica acompanhado do indicativo.

3) dos verbos “*duvidar, suspeitar, desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais”¹⁸ (BECHARA, 2006, p. 281). A dúvida¹⁹ “quanto à realidade do fato enunciado” também é mencionada por Cunha e por Cunha (1992, p. 445) e Cintra (2007, p. 482): *poder ser que, recear*²⁰, *não acreditar*. Eis alguns exemplos citados por Cegalla (2007, p. 589): *ser possível que*²¹, *acreditar, supor*;

Para Said Ali (1971, p. 327), os verbos *crer, cuidar, pensar, supor, imaginar, entender, presumir, achar* e *parecer* “por meio de oração substantiva que exprima um fato considerado como real, o verbo desta segunda oração se diz em geral no indicativo, algumas vezes

¹⁸ “Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo.” (BECHARA, 2006, p. 281).

¹⁹ Verbos como *crer* e *pensar*, ainda que imprimam um valor de incerteza ao enunciado, são usados, segundo Cunha (1992), com indicativo desde que na forma afirmativa.

²⁰ Mendes de Almeida (2005) considera o verbo *recear* como de sentimento e não como de dúvida.

²¹ Para Said Ali (1971), no português moderno, a expressão impessoal *ser possível que* pode vir acompanhada de um verbo no subjuntivo ou no indicativo.

porém no conjuntivo”²². Mendes de Almeida (2005, p. 567) destaca que, com determinados verbos, havendo suposição ou incerteza, o subjuntivo deve ser empregado; “ficará no indicativo se a ideia propender para a realização”: *acreditar, supor, pensar*.

Também para Said Ali (1971, p. 328), o indicativo constitui a forma adequada para “expressar um fato real ou atual em relação ao tempo presente ou passado dos verbos *crer, cuidar, pensar, etc.*” Se algum tipo de realização futura estiver envolvida, o subjuntivo é, portanto, requerido. Outros verbos mencionados por Said Ali (1971, p. 330-331) requerem o subjuntivo: *permitir, admitir, impedir, proibir, recomendar, aconselhar, ordenar, fazer, querer, pedir, rogar, suplicar, implorar, desejar*, para “atos a serem executados ulteriormente” ou “cuja realização se aspira”.

- (10) Ah, [só espero]- só **ESPERO QUE** o Brasil não **PERCA** hoje. Por causa do tempo, também, está mudando. (FLP 19FAC, L129)
- (11) Eu acho que sim. Só não acho, como tenho certeza, porque é uma coisa visível, né? Claro que a cidade em termos turísticos, em termos de afinidade financeira, eu **ACREDITO QUE** ela **GANHA** muito, porquê? Porque aqui Festa do Pinhão hoje se tornou [uma]- uma festa até a nível nacional, né? (LGS 11MAG, L446)

1.3.3 Orações adjetivas

O subjuntivo ocorre nas orações adjetivas que expressam um fim, uma consequência, uma conjectura e depois de “um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação” (BECHARA, 2006, p. 281-282). Cunha e Cunha (1992) e Cintra (2007) igualmente referem-se a um fim/uma consequência, a um fato improvável, a uma conjectura/hipótese. Mendes de Almeida (2005), ainda que não subdivida os empregos do subjuntivo nas orações adjetivas, está em consonância com os demais gramáticos.

Para Said Ali (1971, p. 326, grifos do autor), a negação de asserções com sujeito indefinido faz com o que o verbo da segunda oração vá para o subjuntivo: “Em um bello dia *não ha vento que encrespe* as aguas, *que perturbe* as aves, e *que desfolhe* as flores.” Ainda

²² Importante mencionar que os exemplos apresentados por Said Ali (1971) para o conjuntivo estão apenas no passado. Algumas pesquisas com dados do português do Brasil apresentam evidências de um menor índice de variação no imperfeito do subjuntivo se comparado ao presente desse mesmo modo.

de acordo com o autor, a oração existencial com pronome quem, independente da presença da negação, está acompanhado do subjuntivo na segunda oração (cf. MENDES DE ALMEIDA, 2005).

As orações adjetivas selecionadas para análise nesta tese correspondem aos contextos de emprego do modo subjuntivo listados pelos gramáticos normativos (cf. ocorrências (12) e (13)); no entanto, há ocorrências que fogem à prescrição tradicional (cf. ocorrência (14)).

- (12) A FUCABEM [*<s->*]- só recolhe [*o*]- o menor quando ele já está perdido, quer dizer, então aí não adianta mais recolher. Então nós temos que ter, sim, uma casa de abrigados, mas **QUE PEGUE** a criança ou o garoto, [*quando ele*]- antes de ele cair no mal. (FLP 02MAP, L822)
- (13) E um horário que em casa a gente [*não*]- não tem nada pra fazer, nem televisão, que televisão não se tira nada **QUE PRESTA**. (FLP 14MBG, L299)
- (14) [...] se precisar Deus me dá, assim como ele me ajudou essa vez, vai me ajudar mais vezes também, né? Ele vai me ajudar que eu vou arrumar um serviço assim mais calmo pra mim, né? [*mais*]- um bom assim pra mim, né? [*pra mim*]- **QUE SEJA** menos serviço, né? [*assim menos*]- menos horas de serviço assim, né? (LGS 01FAP, L1303)

1.3.4 Orações adverbiais²³

Nas orações adverbiais, o presente do subjuntivo ocorre depois de determinados tipos de orações (cf. BECHARA, 2006; CUNHA, 1992). Para Cunha e Cintra (2007, p. 484), nas orações adverbiais, o subjuntivo, “em geral, não tem valor próprio. É um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções”. A seguir, as orações mencionadas pelos gramáticos:

- 1) causais (*não porque, não que*);
- 2) concessivas (*ainda que, embora, conquanto, posto que, se bem que, mesmo que, por muito que, por pouco que* e semelhantes)²⁴;

²³ Listamos tão somente as orações adverbiais e respectivas conjunções que possam ocorrer com o presente do subjuntivo.

²⁴ Após listar as conjunções/locuções conjuntivas concessivas com as quais o subjuntivo ocorre, Bechara (2006, p. 282) menciona que não há “completo rigor a respeito.” Mendes de Almeida (2005, p. 566) afirma o seguinte: “Era muito frequente entre os clássicos o indicativo, e ainda hoje é ele empregado quando se quer insistir no fato real: Ainda que a noite *era* de junho, não fazia apetecível a temperatura.”

3) nas condicionais (*contanto que, sem que, a não ser que, suposto que, caso, dado que*), para exprimir uma hipótese²⁵;

4) nas consecutivas, quando exprimem uma concepção, não podendo exprimir, portanto, um fato real;

5) nas finais (*para que, a fim de que*);

6) nas temporais (*antes que, até que, logo que*), quando exprimem uma concepção e não um fato real.

Segundo Said Ali (1971, p. 333), o modo subjuntivo era usado com as orações concessivas “de cem anos a esta parte [...] A linguagem dos séculos precedentes socorria-se ora do indicativo, ora do conjuntivo nas orações de *ainda que*”, e o modo verbal indicava se o fato era real ou imaginado. Ao tratar das orações concessivas, Azeredo (2008) destaca que as conjunções *apesar de* e *embora* apresentam uma informação considerada real; e o conector *se bem que*, empregado para introduzir ressalva, ocorre tanto com verbo no indicativo quanto no subjuntivo.

(15) A minha de onze anos, eu tenho bem mais confiança de deixar a minha com ela, pra mim fazer as minhas vendas, do que com ela. **NÃO É PORQUE** eu não **CONHEÇO**, porque eu conheço, eu sei que ela é de família boa e tudo, é conhecida. Mas eu já acho a minha bem mais responsável do que ela, sabe? (LGS 02FAP, L1272)

(16) Da Farra-do-boi? Não tenho nada contra, **DESDE QUE** [não]- não **MATE** o boi, [não]- não **FIRA** o boi. (FLP 15FJC, L585)

(17) E, eu ensinei meus filhos tudo o que- tudo o que eu aprendi dos meus pais, eu ensino para os meus filhos, né? **APESAR DE QUE** eles não **LEVAM** muito a sério, né? (LGS 09FAG, L49)

1.3.5 Orações parentéticas

Mendes de Almeida (2005, p. 567) apresenta um emprego do subjuntivo “nas **intercaladas**, começadas por *que*, tomado substantivamente, quando limitam uma possibilidade: Que me LEMBRE, ele não disse isso (pelo que me lembro)”. Dentre os casos particulares mencionados por Bechara (2006, p. 283), destacamos o seguinte: “Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto: Não há, que

²⁵ Para as condicionais, ou condições, conforme sua terminologia, Bechara (2006, p. 282) ressalva que “se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo”.

eu *saiba*, expressão mais suave.” Vejamos exemplos das amostras de Florianópolis e de Lages.

- (18) Ah, mas, assim, o que mais me marcou, **QUE** eu me **LEMBRO**, foi isso, que foi muito engraçado. Da árvore, né? da árvore que a gente se jogava de uma pra outra e de King Kong que era muito engraçado. (FLP 01FAP, L132)
- (19) Aqui o nosso, aqui em Lages, pelo menos eu [não]- não vejo coisa assim, sabe? Que eu acho que é bem bom, [nós]- o nosso aqui. O nosso aqui não tem problemas seriíssimos assim, **QUE** eu **SAIBA** não, né? Que eu saiba não sei. (LGS 01FAC, L993)

Alguns aspectos adicionais merecem destaque a título de observação. Após listar os contextos de uso do subjuntivo, Bechara observa que os casos por ele destacados não contemplam a complexidade dos modos verbais em português, podendo o falante buscar outras formas expressivas. Para o autor (2006, p. 283), “são questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da estilística”.

1.4 QUESTÕES E HIPÓTESES GERAIS

Apresentamos, a seguir, duas questões gerais que norteiam a investigação do uso variável do presente do subjuntivo: uma de natureza mais funcionalista e outra de natureza mais sociolinguística. Na tentativa de responder às questões propostas, descrevemos as respectivas hipóteses, também de caráter geral, buscando embasamento em estudos já realizados e em pressupostos teóricos funcionalistas. As questões e hipóteses específicas, algumas das quais derivadas dessas gerais, são apresentadas, juntamente com as variáveis controladas, no capítulo dos Procedimentos Metodológicos.²⁶

1.4.1 É possível distribuir o uso variável do presente do subjuntivo em um *continuum* de modalidade?

Na seção 1.1 deste capítulo, vimos que as gramáticas normativas opõem modo subjuntivo a modo indicativo: o primeiro associado a atitudes de incerteza e possibilidade, por exemplo; o segundo, a atitudes

²⁶ As hipóteses para as variáveis linguísticas e extralinguísticas são detalhadas no capítulo 3, referente aos Procedimentos Metodológicos. Nem todas as variáveis estão a serviço do *continuum*, sendo controladas também variáveis linguísticas adicionais, de natureza fonético-fonológica, morfológica e sintática.

de certeza e de realidade. Said Ali (1971, p. 324), por outro lado, defende que “êste conceito que só visa o pólo contrário não basta para definir o emprego do conjuntivo”. Estamos de acordo com a posição assumida por Said Ali (1971), essencialmente por dois motivos: ao definir os modos verbais a partir da noção de (in)certeza, as gramáticas normativas (i) abordam a temática segundo critérios binários e (ii) concentram-se apenas no viés epistêmico, ao tratarem de graus de certeza, desconsiderando, portanto, o viés deontico.

Definida por Givón (notadamente 1995, 2001, 2005), em referência a Lyons (1977), como a “atitude do falante em relação à proposição”²⁷, a modalidade é concebida em dois eixos: o epistêmico – “verdade, crença, probabilidade, certeza, evidência”, e o avaliativo/deontico – “desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação.”²⁸ (GIVÓN, 1995, p. 112). Esses dois tipos de modalidade emergem na interação e não dizem respeito a eventos reais ou irreais, ou a asserções com ou sem valor de verdade, cuja referência deve ser verificada no mundo externo. Em uma perspectiva comunicativa, os eventos são constitutivos do ‘mundo discursivo’, construído na interação entre os interlocutores.

É numa abordagem comunicativa/discursiva, portanto, que Givón (2001, p. 301-302, grifos do autor) trata a modalidade, redefenindo-a, a partir da tradição lógica, como: (i) pressuposição – “a proposição é *dada como verdadeira*, seja por definição, acordo prévio, convenções culturalmente compartilhadas, por ser óbvia aos interlocutores, ou por ter sido proferida pelo falante e não contestada pelo ouvinte”; (ii) asserção *realis* – “a proposição é *fortemente asserida* como verdadeira. Mas a contestação pelo ouvinte é julgada apropriada, embora o falante disponha de *evidência* ou outras bases fortes para defender sua forte crença”; (iii) asserção *irrealis* – “a proposição é *fracamente asserida* como possível, provável ou incerta (submodos epistêmicos), ou necessária, desejada ou indesejada (submodos avaliativos/deonticos). Mas o falante *não* está pronto para reforçar a asserção com evidências ou outras bases fortes; e a contestação pelo ouvinte é prontamente recebida, esperada ou mesmo solicitada”; (iv) asserção negativa – a proposição é *fortemente asserida* como *falsa*, mais comumente em contradição com crenças explícitas ou assumidas pelo ouvinte. Uma

²⁷ (LYONS, 1977): [...] “attitude of the speaker toward the proposition.”

²⁸ (GIVÓN, 1995, p. 112): No eixo epistêmico, “truth, belief, probability, certainty, evidence”; e, no eixo avaliativo/deontico, “desirability, preference, intent, ability, obligation, manipulation.”

contestação do ouvinte é antecipada e o falante dispõe de evidências ou outras bases fortes para reforçar sua forte crença.”²⁹

Considerando as ocorrências em análise nesta tese, interessa-nos basicamente (mas não exclusivamente) a modalidade *irrealis*, desdobrada no submodo epistêmico (do possível, provável ou incerto) e no submodo deontico (do necessário ou (in)desejado), pois este é, segundo Givón (1995, 2001), o domínio típico de manifestação do modo subjuntivo. O submodo deontico já está no eixo do possível, da incerteza, do desejo, e, por essa razão, também encerra uma noção de projeção futura, como em (20); e, para Givón, o futuro é *irrealis*. No âmbito da modalidade epistêmica, trataremos fundamentalmente das noções de ‘crença’ e de ‘probabilidade’, como ilustrado em (21). A pressuposição, no entanto, não será descartada, conforme veremos adiante.

- (20) A FUCABEM [<s->]- só recolhe [o]- o menor quando ele já está perdido, quer dizer, então aí não adianta mais recolher. Então nós temos que ter, sim, uma casa de abrigados, mas **QUE PEGUE** a criança ou o garoto, [quando ele]- antes de ele cair no mal. (FLP 2MAP, L817-822)
- (21) Agora, essa parte que eu disse assim [de]- de ajudar, dar o banho, cortar cabelo e barba, eu sou sozinho, né? Mas tem uma equipe muito grande que nós fazemos a visita aos doentes e um dá uma palestra, outro dá outra. **TALVEZ** a do outro **É** mais eficiente do que a minha, né? Então a gente nota a melhora. Muitos doentes recuperados. (LGS 15MBG, L110)

²⁹ (GIVÓN, 2001, p. 301-302): “(i) Presupposition: the proposition is *taken for granted* to be true, either by definition, prior agreement, generic culturally-shared convention, by being obvious to all present at the speech situation, or by having been uttered by the speaker and left unchallenged by the hearer; (ii) Realis assertion: the proposition is *strongly asserted* to be true. But challenge from the hearer is deemed appropriate, although the speaker has *evidence* or other strong grounds for defending their strong belief; (iii) Irrealis assertion: The proposition is *weakly asserted* to be either possible, likely or uncertain (epistemic sub-modes), or necessary, desired or undesired (valuative-deontic sub-modes). But the speaker is *not* ready to back up the assertion with evidence or other strong grounds; and challenge from the hearer is readily entertained, expected or even solicited; (iv) Negative assertion: The proposition is *strongly asserted* to be *false*, most commonly in contradiction to the hearer’s explicit or assumed beliefs. A challenge from the hearer is anticipated, and the speaker has evidence or other strong grounds for backing up their strong beliefs.”

Em (20), a necessidade de ter uma casa para abrigar menores constitui uma possibilidade, um vir a ser, e essa informação está sob o escopo da construção *temos que ter*, que, inerentemente, carrega essa noção e a impõe sobre o conteúdo proposicional. Em (21), há a possibilidade de a palestra de uma terceira pessoa ser mais eficiente que a proferida pelo informante. Em cada ocorrência há um tipo de modalidade – deôntica e epistêmica, respectivamente –, porém ambas apresentam um ponto em comum: a incerteza. Em (20), a incerteza está na própria natureza da construção *temos que ter* e, em (21), no item *talvez*.

Esse denominador comum é apontado por Givón (1993, p. 172, grifos do autor) ao prever a unidirecionalidade entre os dois tipos de modalidade: “se **avaliativo**, então **epistêmico** (mas não vice-versa), ou se **preferência**, então **incerteza** (mas não vice-versa)”³⁰. Assim, o ponto de encontro está no traço de incerteza epistêmica. A modalidade deôntica inerentemente carrega uma noção de projeção futura, i.e., o desejo, a intenção, a manipulação, a obrigação constituem atitudes acerca da possível realização de um evento. Nesse sentido, a incerteza epistêmica está intimamente associada a essa projeção. Por isso a afirmação anterior: “se **avaliativo**, então **epistêmico**”. A modalidade epistêmica, ao contrário, não carrega intrinsecamente valores deônticos, por isso a ressalva de Givón (“mas não vice-versa”). Isso não significa, contudo, que a projeção futura não possa estar presente em outros elementos linguísticos ainda sob o escopo da modalidade epistêmica. Vejamos as ocorrências (22) e (23), a seguir.

(22) Ent.: O que o senhor está achando do Brasil, da situação do país agora?

Eu não sei. [Eu]- é uma coisa que eu fico calado. **PODE SER QUE** ele **ENDIREITE**, pode ser que não. Eu conheço o pai dele. O pai dele, ele foi Governador de Alagoas. (FLP 06MBP, 416)

(23) [Eu]- se eu chegar a me aposentar, **TALVEZ SEJA** pela idade, né? (FLP 04MAP, L559)

Em (22), além da noção de incerteza epistêmica, codificada pela construção *pode ser que*, também a projeção futura se faz presente, identificada no contexto discursivo: o informante não tem opinião formada sobre a situação do Brasil; para ele, a situação do país pode ou

³⁰ (GIVÓN, 1993, p. 172): “if *evaluative*, then *epistemic* (but not vice versa) or if *preference*, then *uncertainty* (but not vice versa).”

não vir a ser ‘endireitada’, porém mudanças no cenário brasileiro só poderão ser confirmadas em algum momento no futuro. Em (23), a oração condicional com verbo no futuro do subjuntivo carrega o traço de projeção futura, ao passo que o item *talvez* apenas codifica a noção de incerteza epistêmica. As duas ocorrências anteriores ilustram, portanto, situações em que a incerteza epistêmica vem acompanhada do traço de projeção futura, depreendido a partir do contexto mais amplo (22) ou a partir de marcas presentes no contexto linguístico (23).

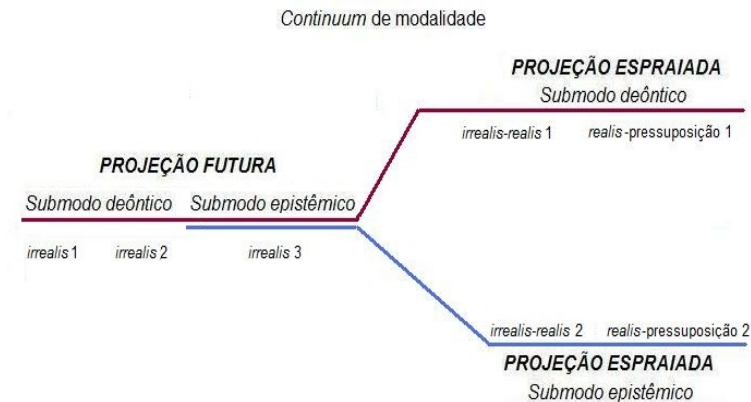
Dentre as ocorrências em análise nesta tese, boa parte dos dados corresponde à asserção *irrealis*, envolvendo valores distintos, como, por exemplo, incerteza, desejo/vontade, obrigação/manipulação. Por essa razão, faz-se necessário um desdobramento do *irrealis* em níveis, à semelhança do que faz Coan (2003) e Reis (2010), ao seguir a orientação givoniana de considerar a natureza escalar da modalidade. Coan (2003), ao estudar a variação no uso do pretérito mais-que-perfeito, caracteriza cada um dos seis pontos por ela propostos, a partir de critérios contextuais, partindo da ausência de indício de dúvida (*realis* 1) até alcançar a projeção futura (*realis* 6). Reis (2010), ao analisar o uso do futuro do subjuntivo, também apresenta um *continuum*, centrado na interface *realis-irrealis*, com três pontos, partindo de um contexto comunicativo caracterizado por asserções *realis* e alcançando um contexto comunicativo com predominância de asserções *irrealis*.

No que diz respeito à modalidade epistêmica, conforme anteriormente mencionado, Givón (2001) descreve quatro pontos: asserção *irrealis*, asserção *realis*, pressuposição e asserção negada. Dentre essas, já destacamos, em parágrafo anterior, a asserção *irrealis*, que corresponde à boa parte dos dados em análise nesta tese. Uma outra parte dos dados, entretanto, se configura como casos na interface *irrealis-realis*, adiante descritos e exemplificados. Nesses termos, o *continuum* de modalidade parte dos níveis de *irrealis*, nos submodos deontico e epistêmico, alcançando uma faixa de interface. Conforme será visto a seguir, na proposta do *continuum*, a negação não encontra um lugar fixo, podendo ocorrer em qualquer ponto.

A proposta de distribuição do uso variável do presente do modo subjuntivo que apresentamos não constitui um gradiente totalmente linear. Nossos dados atestam que, ao contrário do que sugere a literatura givoniana, a modalidade deontica nem sempre carrega um traço de projeção futura. É nesse sentido que o gradiente de modalidade, esquematizado a seguir, pressupõe dois desvios: (i) um para cima, com casos de modalidade deontica (com projeção temporal espalhada), e (ii)

o segundo para baixo, com casos de modalidade epistêmica (com projeção temporal espalhada), todos partindo dos três níveis iniciais em que as modalidades deontica e epistêmica se mantêm alinhadas por terem o traço de projeção futura como denominador comum. Tomamos, pois, como critério básico para a distribuição do *continuum* de modalidade o traço de projeção futura. Nossa hipótese é de que o uso do presente do subjuntivo se distribui, em termos de frequência, em conformidade com o *continuum*.

Figura 1 *Continuum* de modalidade: a hipótese



Grau 1: *irrealis 1*

(24) [...] e a minha mãe diz: “Não, tu não vais andar mais de novo” (*de mobilete*), eu saio não. A hora que eu quiser [a]- [o]- a hora que eu fui botar [a <ens->]- a bunda em cima [da <bici->]- da mobilete eu **QUERO QUE** um carro **PASSE** por cima de mim. (FLP 13MJP)

Este ponto no *continuum* envolve dados em que a situação apresentada, por estar centrada no desejo, intenção ou preferência de um indivíduo, tem menos probabilidade de se realizar se comparada a uma situação, também da modalidade deontica, que indica algum grau de manipulação/obrigação (ver grau 2 a seguir). A modalidade deontica, portanto, projeta uma situação para o futuro, não sendo possível cogitar sua realização. O verbo *querer*, da forma como está contextualizado em (24), indica o desejo, a vontade do informante de que seja atropelado.

Grau 2: *irrealis 2*

- (25) [...] apresso-me a **PEDIR-vos QUE** no proximo numero d'O Ideal **PUBLIQUEIS** a corrigenda que ora vos remetto. (FLP jornal O Ideal de 11/11/1906)

Neste ponto, a situação apresentada também é projetada para o futuro, à semelhança do grau 1, porém, como envolve um certo grau de manipulação, podemos esperar que haja mais probabilidade da situação ser realizada, diferentemente do que se esperaria ocorrer numa situação centrada no desejo do falante. Nesse sentido, em (25), o remetente se dirige ao chefe da redação, pedindo que uma errata seja publicada.

Grau 3: *irrealis 3*

- (26) Ou **TALVEZ FAZ** um caldo de peixe. (FLP 10MJP)

Em (26), o informante comenta sobre a reunião da família durante o feriado de Páscoa, que ainda está por vir, e destaca que é possível que façam caldo de peixe. Assim, há a possibilidade de que, em um momento posterior à entrevista, um membro da família do informante faça o referido prato durante o encontro no feriado.

Grau 4: *irrealis-realis 1*

- (27) Deixava pronto o café, eu fazia um café, nem sei se você conhece, é um café que ele é batido [na]- [na]- na batedeira, então ele fica espumoso, fica uma espuma. [É]- é um Nescafé batido com açúcar e um pouquinho de água, então deixa bater na batedeira **ATÉ QUE** ele **FICA** uma espuma. Ele fica assim um chantilly, sabe? (LGS 21FBC, L1011)

Os dados que ilustram esse ponto do *continuum* se caracterizam pela modalidade deôntica de manipulação acerca de uma situação que se repete, que é, portanto, atemporal. Em (27), a informante descreve o procedimento para se fazer um café batido.

Grau 5: *irrealis-realis 2*

- (28) Mas... tenham paciencia, eu não estou de accordo e nem penso por essa forma; **TALVEZ** que eu **ESTEJA** errado, porem entendo que os velhos sempre foram e devem ser respeitados. (LGS jornal O Imparcial de 11/07/1903)

Este ponto do *continuum* se caracteriza pela presença da modalidade epistêmica de probabilidade/crença com relação a uma

situação espalhada em um eixo temporal que contempla passado, presente e futuro. Analisando o dado (28), percebemos que remetente da carta afirma ser possível que esteja errado. Tal probabilidade/crença não é sobre uma situação por ocorrer, porém resulta da análise acerca de uma situação que está ocorrendo.

Grau 6: *realis*-pressuposição 1

- (29) [Como pessoa, eu acho assim,] pra mim crescer como pessoa, sabe?
A dificuldade sempre me [<per->]- porque tem pessoas, eu acho assim [que]- que é muito difícil a pessoa **QUE CONSEGUE**, sabe? (LGS 02FAP, L677)

O trecho (29) constitui um exemplo de como a modalidade deontica de avaliação sinaliza a perspectiva do falante acerca de uma dada situação. Nessa ocorrência, a informante julga ser difícil (observar sublinhado na ocorrência) a pessoa que não desanime quanto se depara com alguma dificuldade.

Grau 7: *realis*-pressuposição 2

- (30) Então eu vejo uma função muito sobre, uma nobreza incrível.
EMBORA o povo infelizmente não **TEM** esse discernimento.
(FLP 38MBU)

Esse ponto do *continuum* caracteriza-se por apresentar uma situação atemporal ou habitual. Em (30), segundo a opinião do informante, o povo não tem discernimento, situação essa considerada atemporal na medida em que a falta de discernimento não passou a existir no momento da entrevista: já existia, ainda existe e ainda vai existir (em direção a um futuro +/- longínquo).

Givón (1995) mesmo fala que a modalidade é uma dimensão escalar complexa, o que nos permite aventar a possibilidade dos sete pontos no *continuum*. Dessa forma, a expectativa é de que o presente do subjuntivo apareça mais nos três primeiros, em que incerteza e traço de projeção futura estão associados, instaurando um ambiente *irrealis*. Por outro lado, esperamos que o presente do indicativo comece a ser mais usado na extremidade oposta, em que se observa a interface *realis*-pressuposição. Segundo essa previsão do *continuum*, a expectativa é de que quanto mais à esquerda, mais incerteza deontica e maior uso do presente do subjuntivo; e, quanto mais à direita, mais certeza, e maior uso do presente do indicativo. Assim, a projeção futura, inerente à

modalidade deôntica e associada ao *irrealis* constituiria o ambiente propício ao uso do subjuntivo.

As palavras de Camara Jr. (1979) dão respaldo a essa expectativa. Segundo o autor (1979, p. 128), “a noção de futuro está intimamente associada à dúvida, ao desejo, à imposição da vontade e funciona a rigor na categoria de modo. Os próprios futuros do latim clássico provêm de formas volitivas”. Conforme o autor, o valor modal associado ao futuro faz com que o futuro surja de formas volitivas e subjuntivas no latim clássico. No latim vulgar que, ao contrário do latim clássico, não apresentava uma marca de futuro, predominava “o uso do presente como futuro, desde que não houvesse uma motivação modal específica para levar o falante a outro uso” (CAMARA JR., 1979, p. 129). No latim vulgar também se sentiu a necessidade de estabelecer uma diferença entre aspecto perfeito e imperfeito. Cria-se, assim, no subjuntivo, essa oposição: o presente como imperfeito, e o pretérito como perfeito. “Nesse sistema bipartido, o presente abarca naturalmente o futuro: *Talvez venha no próximo mês – Nada aprenderá, embora estude.*” (CAMARA JR., 1979, p. 135, grifo do autor).

A noção de projeção futura associada ao subjuntivo também é mencionada por Macambira (1978, p. 159), segundo o qual, sob o aspecto semântico, “o presente [do subjuntivo] oscila entre o futuro e o momento atual”, carecendo de valor temporal definido. Segundo o autor, o presente pode expressar a futuridade em uma oração subordinada em, por exemplo: “Farei tudo para que sejas um homem.” Também Cunha (1992, p. 449, grifos do autor), ao examinar os tempos do subjuntivo, destaca que o presente do subjuntivo pode indicar um fato presente (“*É melhor que eu não minta a você.*”), bem como um fato futuro (*Deus a conserve assim, coitadinha, tão boa que ela é.*”). Cunha e Cintra (2007, p. 487, grifos dos autores) também apresentam exemplos para presente como em “*Não quer dizer que se conheçam os homens quando se duvida deles.* e para futuro, como *Pena é que os meninos estejam tão mal providos de roupa.*”

Observamos, dessa forma, uma previsão de uso do subjuntivo para situações mais presentes, bem como para situações mais futuras. Muitos dos exemplos apresentados nesta seção mostram a pertinência desse binômio do presente do subjuntivo: em termos morfológicos, o presente do subjuntivo é empregado em contextos em que o tempo cronológico pode ser presente ou futuro. Acreditamos que o presente do subjuntivo tende a ser retido quando a noção de projeção futura se manifesta, desde a modalidade deôntica de volição, passando pela modalidade deôntica de manipulação e alcançando a modalidade

epistêmica com projeção futura. Eis a grande aposta desta tese como parâmetro explanatório para o uso do subjuntivo.

Pesquisas sobre outros tempos verbais, com dados reais de fala, também têm revelado a tendência ao uso do modo subjuntivo em situações de mais *irrealis*. Domingos (2004, p. 96), ao investigar a variação no pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo, observa que “quanto mais irreal é o que tratamos, quanto mais longe do nosso conhecimento, mais o subjuntivo acontecerá”. O *irrealis* se mostra um importante fator para a maior ocorrência do futuro do subjuntivo, conforme resultados de Reis (2010). Nessa pesquisa, o futuro do subjuntivo ocorre com mais frequência em contextos com mais asserções *irrealis* e com marcas da modalidade *irrealis*. Nesse sentido, também para o presente do modo subjuntivo a modalidade *irrealis*, no submodo deôntico (com projeção futura inerente), constituiria importante fator.

Gibbon (2000) e Oliveira (2006) apresentam resultados interessantes para o uso do presente do indicativo: apesar de algumas gramáticas mencionarem o uso do presente do indicativo para codificar o futuro próximo, resultados apontam para seu uso em situações futuras a outras situações também futuras. O futuro próximo estaria sendo, nesse sentido, codificado pela perífrase de futuro (IR + INF). A questão que emerge é a seguinte: poderia fenômeno semelhante estar acontecendo na variação entre presente do subjuntivo e presente do indicativo? – O presente do indicativo começaria a variar com o presente do subjuntivo naqueles contextos com projeção temporal espreada, podendo estender seu uso, quem sabe, para contextos mais *irrealis*? Pimpão (1999c) já apresentou evidências dessa possibilidade; adicionalmente, se outras pesquisas mostram caminhos semelhantes, a presente hipótese se fortalece.

A variação entre o presente do modo subjuntivo e o presente do modo indicativo aponta, dessa forma, para uma reorganização do paradigma verbal modo-temporal no português brasileiro, tendo, provavelmente, nos contextos de modalidade epistêmica com projeção temporal espreada a “porta de entrada” para a variação (emergência do indicativo competindo com o subjuntivo). Outras pesquisas também indicam a tendência de reorganização do paradigma verbal: Gibbon (2000), com a variação entre o futuro simples, o futuro perifrástico e o presente do indicativo; Coan (2003), com a variação entre os pretéritos mais-que-perfeito composto, mais-que-perfeito simples e perfeito; Nunes (2003), com a variação entre o futuro analítico (perifrástico) e o

futuro sintético; Domingos (2004), com a variação do pretérito imperfeito (indicativo e subjuntivo); entre outros trabalhos.

1.4.2 O uso variável do presente do modo subjuntivo é sensível a condicionadores extralinguísticos?

A hipótese acerca da relevância de condicionamentos externos no uso variável do presente do subjuntivo deve levar em conta as condições de emprego desse modo verbal apresentadas nas gramáticas tradicionais. Conforme descrito na seção 1.3 deste capítulo, intitulada ‘Delimitação do objeto de estudo’, as gramáticas (normativas e histórica) apresentam contextos de uso obrigatório do subjuntivo e alguns contextos em que, mesmo sendo de uso obrigatório, o indicativo é previsto, ainda que haja diferenciação, segundo as gramáticas, em termos da atitude: se subjuntivo, então incerteza; se indicativo, então certeza.

Esse é o caso, por exemplo, das orações independentes em que há expressão de dúvida, geralmente codificada pelo *talvez* (BECHARA, 2006). Sob o escopo desse item, o uso do subjuntivo é obrigatório; ainda assim, as gramáticas não descartam a possibilidade do emprego do indicativo. A mesma relação se estabelece nas orações dependentes: nas substantivas, os verbos *acreditar* e *crer* podem apresentar subjuntivo ou indicativo na subordinada; nas adverbiais, exemplos de autores da literatura mostram o uso de ambos os modos verbais com o conector *embora*. Em todos esses casos, contudo, o subjuntivo é atrelado ao valor de incerteza e o indicativo ao valor de certeza.

Considerando essas ressalvas, a previsão quanto aos dados analisados na tese é de que:

(i) os contextos de uso obrigatório do subjuntivo, mas em que já é prevista nas gramáticas a possibilidade de uso do indicativo (embora, segundo os autores, com modificação no grau de certeza), constituem ambiente de maior variação entre presente do subjuntivo e presente do indicativo, sem relevância de fatores extralinguísticos;

(ii) os contextos de uso efetivamente obrigatório do subjuntivo, sem previsão nas gramáticas de alternância de modo, devem mostrar-se sensíveis a condicionamentos extralinguísticos, como faixa etária e nível de escolaridade. Dessa forma, os informantes mais jovens e com menor nível de escolaridade tenderiam a usar mais o presente do indicativo nesses contextos.

Outro fator a ser contemplado é o de ordem geográfica. Nas considerações de Perini (2010), o uso variável do modo subjuntivo, em

especial do presente, parece mostrar um comportamento distinto a depender das regiões do país. Para o autor (2010), uma observação informal parece sugerir a preservação do presente do subjuntivo na Região Nordeste, e o uso mais frequente do presente do indicativo nas Regiões Sul e Sudeste. Como ele (2010, p. 207) mesmo menciona que o mapeamento desse fenômeno “ainda está por ser feito”, esta pesquisa comparativa entre Florianópolis e Lages pode contribuir com resultados que reforcem ou relativizem essa percepção do autor somada aos resultados de trabalhos já realizados na Região Nordeste.

Por outro lado, o trabalho desenvolvido por Scherre (2007), que reúne resultados de pesquisas sobre o uso do imperativo no Brasil, revela um panorama um pouco distinto da observação de Perini (2010). No eixo geográfico por ela apresentado, o imperativo associado a formas do indicativo ocorre em Florianópolis e cidades das regiões Sudeste (Rio de Janeiro) e Centro-Oeste (Brasília, Goiânia e Campo Grande); já o imperativo com formas associadas ao subjuntivo ocorre em Lages e em cidades da região Nordeste (Fortaleza, João Pessoa, Recife e Salvador). Nessa comparação, Florianópolis e Lages situam-se em grupos diferentes. Seria a mesma situação para o uso variável do presente do subjuntivo?

A descrição apresentada por Scherre (2007) fornece um argumento em favor da previsão de maior uso do presente do subjuntivo na cidade de Lages se comparado ao uso em Florianópolis. Outro argumento pode estar nas informações de Knies e Costa (1996) acerca da população de ambas as cidades. Segundo as autoras, Florianópolis teve uma ocupação vicentista e açoriana e Lages apresentou uma população inicial formada por vicentistas. Com relação aos açorianos, afirma Furlan (1989) terem sido, em sua maioria, analfabetos. Acreditamos que esses indícios possam motivar a hipótese de que os resultados referentes à cidade de Lages apresentem um percentual mais elevado para o uso do presente do subjuntivo.

1.5 OBJETIVOS

Os seguintes objetivos direcionam a investigação acerca da variação entre presente do subjuntivo e presente do indicativo:

1. identificar variáveis independentes – linguísticas e extralinguísticas – responsáveis pelo condicionamento do fenômeno variável em estudo;

2. distribuir as variantes em análise em um *continuum* de modalidade;
3. buscar motivações diacrônicas para a variação e/ou mudança entre presente do subjuntivo e presente do indicativo nas cidades de Florianópolis e Lages, a partir da consulta a gramáticas históricas e da interpretação dos dados escritos dessas comunidades referentes às duas últimas décadas do século XIX e ao século XX;
4. captar, com base nos resultados da amostra diacrônica, o(s) contexto(s) de emergência e/ou expansão de uso do modo indicativo em construções normativamente previstas para o emprego do modo subjuntivo;
5. traçar o perfil do presente do subjuntivo (como definir o presente do modo subjuntivo e como explicar seu uso variável), a partir dos seus contextos de uso, tanto na amostra sincrônica quanto na amostra diacrônica de Santa Catarina;
6. realizar um mapeamento considerando o comportamento variável entre presente do subjuntivo e presente do indicativo no português do Brasil, a partir da comparação dos resultados obtidos na tese com resultados de pesquisas com amostras de outras regiões brasileiras.

Esses seis objetivos seguem uma ordem em termos de abrangência. A identificação de algumas das variáveis independentes linguísticas responsáveis pelo condicionamento do presente do subjuntivo e do indicativo vai permitir distribuir ambas as variantes no *continuum* de modalidade. Paralelamente, a verificação do comportamento das variáveis extralinguísticas vai mostrar em que medida o fenômeno é sensível a condicionamentos externos. A forte associação entre o modo subjuntivo e a modalidade deôntica, submodo da modalidade *irrealis*, pode ser observada nas gramáticas históricas, que mostram como a morfologia de presente do subjuntivo e de presente do indicativo se encontra na história da língua portuguesa (cf. PIMPÃO, 2009); espera-se, no exame dos dados diacrônicos, perceber o movimento de emergência/expansão do modo indicativo no terreno do subjuntivo. Todo esse quadro vai oferecer elementos para traçar o perfil de uso do presente do subjuntivo em duas comunidades catarinenses, resultado que vai se somar aos de outras pesquisas realizadas no português do Brasil, contribuindo para uma descrição mais abrangente do comportamento desse fenômeno variável no português brasileiro.

1.6 FECHANDO O CAPÍTULO

Neste capítulo 1, cumprimos a primeira etapa desta tese: contextualizamos o objeto de estudo a ser investigado, destacamos as justificativas que motivaram o desenvolvimento desta pesquisa, delimitamos o objetivo de análise, descrevemos as duas hipóteses gerais e apresentamos os objetivos. O capítulo 2 trata dos referenciais de análise que norteiam a investigação do uso variável do presente do subjuntivo.

CAPÍTULO 2

REFERENCIAIS PARA ANÁLISE

Tendo como objetivo deste capítulo a apresentação de referências de análise que orientam a investigação do uso variável do presente do subjuntivo, buscamos aproximações entre os princípios teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança e pressupostos do Funcionalismo Linguístico norte-americano, basicamente centrado em Givón. A primeira seção destina-se a delinear o quadro da Teoria da Variação e Mudança (doravante TVM) (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972a, 1972b, 1994, 2001, 2007, 2010), tratando ainda (i) da correlação entre o uso variável do presente do subjuntivo e os cinco problemas empíricos descritos por Weinreich, Labov e Herzog (1968); (ii) da discussão acerca da extensão da regra variável para abarcar fenômenos que ultrapassam o nível sintático, como é o caso do objeto de estudo investigado nesta tese (WEINER; LABOV, 1983[1977]; LAVANDERA, 1977; LABOV, 1978); e (iii) das diferentes definições do termo *comunidade de fala*, temática que não pode ser desconsiderada pelo pesquisador que trabalha na perspectiva da TVM (LABOV, 1972b; GUY, 2000, 2001; WARDHAUGH, 2002; PATRICK, 2004; SCHERRE, 2006). Na sequência, apresentamos o quadro referente ao Funcionalismo Linguístico, essencialmente de orientação givoniana (GIVÓN, 1984, 1990, 1993, 1995, 2001, 2002, 2005, 2009), correlacionando princípios teóricos ao uso do presente do modo subjuntivo. Na subseção destinada a tratar de modalidade, complementamos a discussão com outras importantes referências (PALMER, 1986; SWEETSER, 1990; BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; BYBEE; FLEISCHMAN, 1995; BYBEE, 2001, 2003). Discutimos, ainda, a possibilidade de um enfoque teórico híbrido, conjugando os postulados da TVM com os do Funcionalismo Linguístico de vertente norte-americana. Tal hibridismo teórico tem sido proposto por vários pesquisadores (TAVARES, 1999, 2003; FREITAG, 2007; TAVARES; GÖRSKI, 2012) e, ainda, tomado como referencial em outros estudos (REIS, 2003; ROST SNICHELOTTO, 2009; entre outros). Finalizando o capítulo, apresentamos uma revisão da literatura acerca do uso variável do modo subjuntivo no português do Brasil e em outras línguas românicas.

2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

teoria laboviana, também denominada sociolinguística quantitativa, surge na década de 1970, muito embora as pesquisas de Labov tenham iniciado na década de 1960, e surge como uma reação³¹ à corrente estruturalista dominante desde o começo do século XX. Para o autor, o sistema não poderia ser estudado de forma isolada em relação às mudanças históricas do passado e às variações do presente. Havia a convicção de que a base empírica não tinha espaço nesse contexto epistemológico que se estende desde os neogramáticos (aqui nos referimos com mais precisão à perspectiva de Hermann Paul) e o estruturalismo saussuriano (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972b).

E era esse empirismo que Labov buscava, voltando-se diretamente ao uso, à língua usada na comunicação diária (LABOV, 2007). Para ele, a língua é o objeto de investigação (LABOV, 1972b, 2007): a língua variável, com diferentes estágios de mudança, com história, i.e., a língua usada na comunicação diária. Nos termos de Figueroa (1994), os estudos linguísticos não podem partir da intuição, de dados introspectivos.

Embora Labov se oponha a Chomsky ao apresentar uma teoria de base empirista – a efetiva contribuição da TVM para os estudos linguísticos (FIGUEROA, 1994) –, não tem pretensões de propor uma nova teoria da linguagem. Suas tentativas sempre se concentraram em como determinar a estrutura da linguagem, em termos de formas e organização subjacentes, e nos mecanismos da mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 2007). A proposta de Labov parece objetivar a relação entre o componente social e essa organização subjacente. Isso significa dizer que os condicionamentos externos têm reflexo nas regras da competência, pois, para ele, nenhuma mudança ocorre em um vácuo social.

A tradição estruturalista (saussuriana e gerativista) ignorou o componente social dos estudos linguísticos, procedimento que já aparece no neogramático Hermann Paul, no final do século XIX. Por essa razão, já na introdução de *Sociolinguistic Patterns*, obra de referência nas pesquisas da área de variação, bem como na parte inicial do capítulo 8 desse mesmo livro, Labov (1972b) resiste ao termo

³¹ O termo *reação* pode ser justificado da seguinte forma: o pressuposto laboviano, de que a variação é inerente ao sistema linguístico, neutraliza as dicotomias saussurianas entre *langue* e *parole* e entre diacronia e sincronia. Assim, para a época, Labov desestabiliza os modelos linguísticos até então utilizados.

sociolinguística, como se fosse possível uma linguística teórica ou prática que não fosse social. Essa resistência é acentuada pela sombra dos estudos gerativistas da década de 1960, embora, nesse período, já houvesse uma considerável atividade sociolinguística. Isso não significa que Labov tenha sido o primeiro teórico a pensar na relação entre língua e sociedade. Na verdade, ele volta a insistir nessa relação e tem o mérito de propor um modelo teórico-metodológico de análise linguística voltado para o tratamento estatístico dos dados de variação, que prevê um sistema de probabilidades.

Na introdução da obra de Weinreich, Labov e Herzog (1968), está nítida essa preocupação de relacionar a natureza da linguagem com a sociedade. A ideia do livro é proposta por Weinreich, em 1966, e finalizada em 1967, pouco antes de sua morte. Nessa obra, os autores defendem o rompimento entre estrutura e homogeneidade, pois, como explicar que as pessoas continuem falando enquanto a língua muda? O objetivo é mostrar que a heterogeneidade da estrutura não é disfuncional. Os autores rompem, então, com a associação estruturalista entre homogeneidade e estrutura.

Os estudos labovianos fundem as dicotomias saussurianas, união já prevista em Meillet (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Talvez os princípios fundamentais da TVM sejam a heterogeneidade sistemática e a sistematicidade da variação e da mudança linguísticas. Na heterogeneidade, funde-se a dicotomia *langue* e *parole*; na variação e mudança sistemáticas, a dicotomia sincronia e diacronia.

Os primeiros estudos de Labov já procuram mostrar o encaixe social do sistema linguístico, que, contrariando a concepção estruturalista de variação livre, apresenta variação condicionada. Assim, mediante análise dos dados, é possível inferir generalizações e explicitar a sistematicidade da variação e mudança linguísticas. Para Labov (1972b), não há variação livre; a variação é condicionada por fatores internos e/ou sociais. Nesse sentido, assume-se a língua como heterogênea, o que não implica assistematicidade. A língua é sistemática, por ser regulada por regras. Diferentemente da noção de regra categórica de Chomsky, Labov propõe a noção de regra variável (1972a). Nessa concepção, a língua passa a ser, ao contrário do que propõe Saussure, um sistema variável, aberto e motivado.

As pesquisas iniciais de Labov constituem esforços na busca pela variação condicionada. Segundo ele (1972b), os estudos sobre a mudança sonora em Martha's Vineyard (sua pesquisa de mestrado) e sobre o uso do /r/ na cidade de Nova Iorque (sua tese de doutorado), revelam a correlação entre língua e contexto social e demonstram a

sistematicidade da variação. O objetivo de Labov (1972b) nessas pesquisas concentrava-se na busca por padrões, e ele os identifica ao observar os padrões sociais e/ou estilísticos envolvidos em ambos os fenômenos de variação.

Nas pesquisas de Labov, costuma-se associar o viés social da sociolinguística à seleção de grupos de fatores sociais, como sexo, idade e escolaridade. Entretanto, em ambos os estudos, a saber: a mudança sonora em Martha's Vineyard e a pronúncia do /r/ em Nova York, o pesquisador mostra, claramente, uma preocupação com o encaixe do fenômeno variável na estrutura social das comunidades em análise. Os fatores sociais há pouco mencionados constituem meios a partir dos quais se pode tentar identificar as motivações/pressões da organização social sobre os falantes. Nesse sentido, tais fatores não valem por si, mas pelo que sinalizam.

Na contramão do estruturalismo saussuriano, portanto, a TVM propõe um aparato metodológico, guiado por pressupostos teóricos, que permite ao pesquisador, via análise interpretativa de resultados estatísticos, fornecer evidências para a sistematicidade da variação e para os estágios de mudança. Especificamente com relação à mudança em tempo real, a TVM propõe o *princípio do uniformitarismo*, que torna possível apresentar hipóteses acerca do processo de mudança na diacronia. Termo emprestado da geologia, o *princípio do uniformitarismo* caracteriza-se pela previsão de que forças responsáveis por operar mudanças no presente são da mesma natureza das forças que operaram no passado (LABOV, 1972b, 1994).

Os mecanismos da mudança linguística sempre estiveram no centro das preocupações de Labov, seja a mudança encaixada em mudanças linguísticas e/ou sociais (ver problema do encaixamento adiante). Na observação de que a mudança linguística pode atingir milhares de pessoas separadas por cidades e sem relação entre si, na obra de Labov (2010) ganham destaque os fatores culturais e cognitivos. Por fatores cognitivos, entende-se “fatores que influenciam a aquisição do sistema linguístico que transmite informação sobre um estado de coisas: *o que* é dito, mais que a maneira ou estilo do que é expresso”³² (LABOV, 2010, p. 2). Para Labov (2010, p. 4), “fatores sociais designarão os efeitos da interação linguística entre membros de um grupo específico [...] Fatores culturais designarão a associação da

³² (LABOV, 2010, p. 2): “Factors that influence the acquisition of the linguistic system that conveys information of state of affairs – on *what* is being said rather than on the manner or style of expression.”

mudança linguística em padrões sociais mais abrangentes, parcial, senão plenamente, independentes da interação face a face³³.

Esse breve percurso histórico pela TVM parece sugerir a busca de Labov por padrões a serem identificados na comunidade de fala. E esse é um dos pontos mais interessantes da teoria: a partir do controle de variáveis externas e internas à língua, o pesquisador tem mais condições de propor hipóteses explicativas para a regularidade da variação e as motivações da mudança. Tal investigação aponta uma sistematicidade, um padrão de variação e/ou mudança. A língua não é, dessa forma, estática, homogênea, imanente; porém, dinâmica e variável por natureza.

Dando continuidade aos pressupostos da TVM, discutimos três pontos:

(i) os cinco problemas referentes à mudança linguística: tentaremos apresentar respostas, a partir de nosso objeto de estudo, para dois desses problemas: da *restrição* e da *transição*;

(ii) a noção de *comunidade de fala*: como investigamos amostras de fala e de escrita das cidades de Florianópolis e de Lages, tecemos algumas considerações acerca da noção de *comunidade de fala*;

(iii) a variável linguística: dado o fenômeno investigado nesta tese, a variação entre o presente do subjuntivo e o presente do indicativo, não podemos nos furtar à discussão da validade da noção de *regra variável* para este estudo.

2.1.1 Os cinco problemas

Partindo do pressuposto de que a variação correlaciona-se com aspectos da estrutura social, Weinreich, Labov e Herzog (1968) estabelecem cinco problemas com os quais o pesquisador sociolinguista se depara e, a depender dos seus objetivos, deve tentar responder:

a) **o problema da restrição**: Quais são os fatores responsáveis por favorecer ou restringir uma mudança? Que variáveis independentes, tanto de ordem social quanto de ordem linguística, devem ser controladas na análise de um determinado fenômeno?

³³ (LABOV, 2010, p. 4): “Social factors will designate the effects of linguistic interaction among members of specific social groups, [...] Cultural factors will designate the association of linguistic change with broader social patterns that are partly, if not entirely, independent of face-to-face interaction.”

Tendo como ponto de partida as diferentes pesquisas sobre o uso variável do modo subjuntivo realizadas com dados do português do Brasil e de outras línguas românicas, selecionamos determinados grupos de fatores que julgamos pertinentes para a análise do objeto de estudo investigado nesta tese (cf. capítulo 1). O objetivo está na identificação dos grupos de fatores, linguísticos e/ou extralinguísticos, responsáveis por favorecer ou restringir o uso do presente do modo subjuntivo a despeito do curto espaço temporal a partir do qual investigamos o fenômeno: período que compreende as duas últimas décadas do século XIX e todo o século XX. Grupos de fatores estatisticamente relevantes na análise diacrônica (mudança em tempo real) e na análise sincrônica (mudança em tempo aparente) podem ser indicadores da direção da mudança, se houver.

b) o problema da transição: como os estágios intermediários de uma variável podem ser observados? Como a mudança acontece? E como é transmitida de uma geração a outra? Quais são os líderes da mudança? (LABOV, 1972b)

A transição caracteriza a gradualidade da mudança, que pode ser captada, através de resultados estatísticos, tanto na configuração social como no funcionamento linguístico. Do ponto de vista extralinguístico, a mudança pode se dar gradativamente de uma geração a outra, de uma comunidade a outra, a depender de fatores como valor social atribuído à forma, contato entre os falantes etc. Do ponto de vista linguístico, os resultados podem apontar a ‘porta de entrada’ do presente do indicativo em contextos previstos como de emprego obrigatório do presente do subjuntivo, conforme prescrição normativa. Resultados de diversas pesquisas acerca do uso variável do modo subjuntivo têm apontado a modalidade epistêmica como o contexto preferencial de emergência do modo indicativo (cf. capítulo 1). Com base em Pimpão (1999c), acreditamos que o modo subjuntivo, mais provável de aparecer em contexto de modalidade deôntica (GIVÓN, 1995, 2001), seja menos recorrente em contexto de modalidade epistêmica com traço de projeção futura e menos ainda em contexto de modalidade epistêmica com projeção temporal espriada.

c) o problema do encaixamento: como a mudança está encaixada na matriz de outras mudanças linguísticas? E como está encaixada nas mudanças sociais?

A variação entre o presente do subjuntivo e o presente do indicativo, na medida em coloca em evidência a entrada do presente do indicativo em contextos de uso categórico do presente do subjuntivo (segundo as gramáticas normativas), contribuiu com resultados que apontam uma reorganização no paradigma modo-temporal à semelhança de outras pesquisas realizadas no âmbito do projeto *Variação em categorias verbais*, coordenado pela Prof. Dra. Edair Görski: Coan (1997) analisa a variação entre as formas verbais de pretérito mais-que-perfeito e pretérito perfeito do indicativo; Silva (1998) pesquisa a variação entre as formas verbais de futuro do pretérito, pretérito imperfeito e perífrase com *ir (ia) –R*, no indicativo; Gibbon (2000) investiga a variação entre as formas verbais de futuro do presente sintético, perífrase com *ir (vou) –R* e presente do indicativo; Tafner (2004) acrescenta às formas verbais analisadas por Gibbon também a variante formada por *ir (vou) estar – NDO*; Reis (2003) analisa a variação entre as formas verbais de presente do indicativo e presente do subjuntivo no domínio de atos de fala não declarativos de comando; Domingos (2004) investiga a variação entre as formas verbais de pretérito imperfeito do subjuntivo e pretérito imperfeito do indicativo; Freitag (2007) estuda a variação entre as formas verbais de pretérito imperfeito do indicativo e perífrase com *estar –NDO*. Somam-se a esses estudos, as pesquisas resenhadas neste capítulo e que, com base em resultados de amostras de fala e/ou de escrita, atestam o uso do indicativo nos domínios do subjuntivo, conforme caracterização das gramáticas normativas.

d) o problema da avaliação: quais são os correlatos subjetivos de fenômenos investigados? Os falantes avaliam positivamente uma variante (condição que permite acelerar o processo de mudança)? Ou os falantes manifestam avaliações negativas (condição para conter o curso da mudança)?

Tendo em vista que não foram aplicados testes de atitude a informantes de Florianópolis e de Lages, o ‘problema da avaliação’ não será discutido nesta tese. Teceremos apenas alguns comentários considerando a questão da escolaridade como um indicador indireto de avaliação. Pesquisas futuras devem contemplar essa análise como forma de somar evidências para uma maior compreensão acerca do comportamento variável do presente do modo subjuntivo.

e) **o problema da implementação**: quais fatores são responsáveis pela implementação da mudança? Por que uma mudança ocorre em determinada língua e em um dado momento, porém não ocorre em outra língua da mesma forma, ou na mesma língua, em outros momentos?

É provável que não tenhamos uma resposta imediata para essa questão. Labov (1972b) mesmo afirma haver pouco a se dizer sobre os fatores que fazem com que uma mudança linguística seja implementada. Sugere, em geral, eventos históricos que podem ter contribuído para uma determinada mudança em determinada época e lugar. Esse é o caso do /r/ em Nova Iorque, cuja presença passa a ser observada na fala dos informantes à época da 2ª Grande Guerra. A passagem do apagamento do /r/ para a sua presença na fala nos nova-iorquinos coincidiria com tal momento histórico.

Dos cinco problemas correlacionados ao processo de mudança, tencionamos apresentar respostas para os dois primeiros, a saber: o problema da restrição e o problema da transição (cf. capítulos 4 e 5).

2.1.2 A comunidade de fala

Para a TVM, a língua não pode ser concebida desvinculada do contexto social da comunidade de fala em que é usada. Nessa perspectiva, a própria noção de *comunidade de fala* precisa ser caracterizada a partir de traços relacionados ao fator social. Labov (1972b), portanto, define *comunidade de fala* com base em dois traços: normas sociais compartilhadas e padrão abstrato de variação. Com relação às normas sociais, os falantes são capazes de atribuir valores positivos ou negativos às normas. É esperada uma atribuição positiva às variantes de prestígio, faladas, de um modo geral, pelo grupo socialmente favorecido na comunidade. Ademais, a norma de prestígio é trabalhada/reforçada no colégio, além de ser preferencialmente usada no trabalho, na mídia, nas situações que exigem um cuidado maior com o *como se fala*.

Estando encaixada no contexto social, a língua não poderia deixar de ser heterogênea, o que não a qualifica como desestruturada. Para Weinreich, Labov e Herzog (1968), a variação é inerente à língua e a heterogeneidade linguística é ordenada, sistemática, explicável. Ainda que a língua varie no espaço e mude no tempo, é possível identificar padrões abstratos de variação na comunidade de fala. Esse é o segundo traço que caracteriza a noção de *comunidade de fala*. De acordo com Labov (1972b), os membros de uma comunidade compartilham um

conjunto de padrões normativos. Ainda que variáveis, é possível identificar regularidades na língua que podem caracterizar o padrão de uma comunidade.

Os dois traços que caracterizam a noção de *comunidade de fala* nos moldes labovianos podem ser ilustrados a partir do valor social atribuído ao pronome *você* no Brasil e em Portugal. No Brasil, *você* é usado entre falantes das regiões Sudeste e Centro-Oeste que tenham o mesmo *status* social (SCHERRE, 2006). Diferentemente do que ocorre nesse país, em Portugal, o pronome é usado para marcar relações assimétricas, em que um falante de uma posição social mais elevada se dirige a uma pessoa de *status* social mais baixo. Para esta tese, na medida em que apresentamos e discutimos resultados para o uso variável do presente do subjuntivo, pretendemos contribuir com outros estudos já realizados nas cidades de Florianópolis e de Lages na tentativa da identificação dos padrões dessas comunidades.

Para Guy (2000, p. 18), existem três aspectos que caracterizam a noção de *comunidade de fala*: “características linguísticas compartilhadas, densidade de comunicação interna relativamente alta e normas compartilhadas”. Com relação à primeira característica, achamos interessante que Guy (2000) apresenta exemplos de comunidades de fala que foram consideradas *a priori*. Por exemplo, ele cita seu próprio trabalho acerca das diferenças fonológicas entre Nova Iorque e Filadélfia, que, *a priori*, são consideradas como comunidades de fala, caracterizadas, nesse caso, pela questão geográfica. Como resultado, constatou que o fator ‘pausa seguinte’ favorece o apagamento das oclusivas coronais finais em Nova Iorque, diferentemente do que ocorre na Filadélfia, em que os informantes tendem a manter as oclusivas diante de uma pausa. Para o autor, uma vez que o mesmo grupo de fatores aponte para resultados opostos, pode-se conceber a existência de comunidades distintas.

Outro exemplo apresentado por Guy (2000) refere-se ao uso diferenciado do pronome reto no espanhol de Porto Rico e da Espanha. O terceiro exemplo é de um estudo de Labov sobre o inglês vernacular de negros americanos. Nesse estudo, dois grupos de adolescentes são estudados, tendo como objetivo investigar o apagamento da cópula cujo uso se mostra distinto entre ambos os grupos. O conjunto de indivíduos estudado pode ser caracterizado em termos de comunidade de fala definida pelo critério geográfico, ou, ainda, seguindo o critério de grupos sociais (GUY, 2001). Talvez seja por essa razão que Wardhaugh (2002) refira-se à comunidade de fala como um construto teórico do

pesquisador. Nesta tese, por exemplo, estudamos duas comunidades de fala, Florianópolis e Lages, definidas a partir do critério geográfico (GUY, 2000, 2001) e também histórico. E, de fato, parece ser mesmo um construto teórico na medida em que a comunidade de fala é constituída pelo pesquisador, cabendo-lhe interpretar qualitativamente os resultados estatísticos em busca de evidências para a consideração de comunidades de fala distintas ou semelhantes.

Cabe, portanto, ao pesquisador decidir a extensão de sua comunidade, seja obedecendo ao aspecto geográfico, seguindo o critério dos grupos sociais, ou considerando a densidade da comunicação. É o que Guy (2000, p. 21) denomina “base social e externa” de investigação da comunidade de fala. Um recorte teórico-metodológico se faz necessário. Nesta tese, ao investigarmos dados de Florianópolis e Lages, também partimos, de alguma forma, do critério relativo à densidade do contato, uma vez que é de se esperar que moradores de Florianópolis tenham mais contato com pessoas da mesma cidade se comparado ao contato com Lages, principalmente se considerarmos o isolamento geográfico e a formação histórica de cada uma das cidades, conforme descrito nas subseções seguintes. E essa “falta de contato linguístico entre uma comunidade e outra é o que permite o desenvolvimento de diferenças” (GUY, 2001, p. 4).

Dentre os três aspectos propostos por Guy (2000), anteriormente apresentados e aqui novamente reproduzidos, tratamos, nesta tese, dos dois primeiros:

- características linguísticas compartilhadas: nesta tese, investigamos apenas uma característica – a variação entre o presente do subjuntivo e o presente do indicativo;
- densidade de comunicação interna relativamente alta: acreditamos que o isolamento geográfico em que moradores de Florianópolis e de Lages viveram durante décadas pode constituir um elemento importante na identificação de algum grau de diferença linguística;
- normas compartilhadas: a avaliação subjetiva dos informantes não foi controlada nesta pesquisa, sendo, portanto, temática de investigação futura.

Considerando esses três aspectos, várias comunidades de fala podem ser constituídas. A metáfora das bonecas russas para caracterizar

a comunidade de fala é muito pertinente (GUY, 2000). Da mesma forma que as bonecas podem ser encaixadas umas dentro das outras, os falantes igualmente podem ser *encaixados* em comunidades de fala cada vez maiores: comunidade de fala referente a um grupo social, comunidade regional, nacional, por exemplo. Guy (2000) ainda fala em subcomunidades, organizadas de acordo com etnia, religião, classe social.

Patrick (2004) acredita que outros fatores são importantes na delimitação da comunidade, como a organização histórica, social, econômica e cultural, aspectos esses tratados, ainda que de forma breve, na apresentação das cidades cujos informantes constituem a amostra de dados. Na pesquisa desta tese, ao privilegiarmos uma análise pancrônica do uso variável do presente do subjuntivo, também assumimos a relevância da constituição e formação das cidades de Florianópolis e de Lages³⁴, resultado de interesses políticos, econômicos e territoriais, na medida em que podem contribuir para um relativo diferencial em pontos específicos do funcionamento gramatical da língua portuguesa (PATRICK, 2004).

2.1.3 Variável linguística

Desde a publicação do artigo sobre a passiva sem agente (WEINER; LABOV, 1983[1977]), a aplicabilidade da noção de regra variável a fenômenos não fonológicos tem sido alvo de debate. A extensão da regra variável para domínios além da fonologia foi um dos pontos discutidos por Lavandera (1977) a quem Labov (1978) responde posteriormente. Instaurava-se, então, um conflito: a expansão da regra variável para a condição de comparabilidade funcional, ou sua restrição ao significado referencial. Dessa forma, o pesquisador não pode se eximir de discutir a validade da aplicação da noção de regra variável a fenômenos que extrapolam o âmbito da fonologia.

Em decorrência desse estudo, alguns pressupostos da teoria lavobiana são prontamente questionados, principalmente pelo fato de o estudo conduzido por Weiner e Labov (1983[1977]) não poder ser explicado por condicionamentos sociais, considerados, na época, como uma das bases da teoria, como ainda o é, mas que deveria estar presente nos estudos sociolinguísticos de orientação laboviana. Nessa pesquisa, ganha expressão a influência de fatores internos, relacionados ao

³⁴ A contextualização histórica das cidades de Florianópolis e Lages encontra-se no capítulo seguinte.

funcionamento da gramática. Esse é um dos pontos centrais sobre o quais Lavandera (1977) se atém, defendendo que, se não há estratificação social, não existe uma variável sociolinguística. Para esse questionamento, Labov (1977) argumenta que os primeiros estudos da sociolinguística buscavam descobrir a motivação social da mudança e distribuir as variantes em um espectro social. Ademais, Paredes da Silva (1993), por exemplo, considera que a inclusão de fenômenos não fonológicos não descaracteriza a abordagem laboviana, pois o pesquisador não abandona o exame da língua em uso e continua buscando a sistematicidade da variação, testando correlatos sociais e estruturais e verificando possíveis percursos de mudança.

E quanto ao problema da restrição do significado referencial, o pesquisador pode incorporar fatores de natureza discursiva, por exemplo, no conjunto das variáveis independentes (PAREDES DA SILVA, 1993). Também os resultados quantitativos podem ser enriquecidos com enfoques comunicativo-funcionais, à luz de um aparato teórico acerca da língua (BENTIVOGLIO, 1987). Num certo nível de análise, é o que fazemos ao formular hipóteses ancoradas numa determinada perspectiva teórica, seja de natureza funcional ou formal. Numa análise quantitativa, “os números não valem por si, mas funcionam como ponto de referência para a interpretação” (CALLOU; OMENA; PAREDES DA SILVA, 1991, p. 20).

Nesta tese, tratamos da variação entre as formas verbais de presente do subjuntivo e presente do indicativo no domínio temporal do presente – em contextos previstos pela GT como de emprego da forma verbal subjuntiva. Definimos, portanto, a variável em estudo, considerando aspectos formais e funcionais imbricados.

No âmbito da variação em categorias verbais, há diferentes domínios funcionais em jogo (cf. subseção sobre TAM adiante). Há estudos que consideram, explicitamente, um domínio funcional específico, como, por exemplo: Coan (1997) – analisa a variação entre as formas verbais de pretérito mais-que-perfeito e pretérito perfeito do indicativo no domínio temporal da anterioridade a um ponto de referência passado; Silva (1998) – pesquisa a variação entre as formas verbais de futuro do pretérito, pretérito imperfeito e perífrase com *ir (ia)* –R, no indicativo, na expressão de três diferentes domínios temporais: futuridade a um ponto de referência passado (valor de futuro do pretérito), passado imperfectivo (valor de pretérito imperfeito) e presente; Gibbon (2000) – investiga a variação entre as formas verbais de futuro do presente sintético, perífrase com *ir (vou)* –R e presente do indicativo no domínio da futuridade a um ponto de referência

presente; Tafner (2004) – acrescenta às formas verbais analisadas por Gibbon também a variante formada por *ir (vou) estar – NDO*, na expressão da futuridade; Reis (2003) – analisa a variação entre as formas verbais de presente do indicativo e presente do subjuntivo no domínio de atos de fala atos de fala não declarativos de comando; Domingos (2004) – investiga a variação entre as formas verbais de pretérito imperfeito do subjuntivo e pretérito imperfeito do indicativo no domínio da cotemporalidade a um ponto de referência passado; Freitag (2007) – estuda a variação entre as formas verbais de pretérito imperfeito do indicativo e perífrase com *estar –NDO* no domínio do passado imperfectivo. Esses estudos ilustram a possibilidade de se analisar, numa perspectiva variacionista, o uso de diferentes formas verbais competindo na expressão de vários domínios funcionais, delimitados sob um viés temporal, ou aspectual, ou modal.

2.2 FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

Para Givón (1995), a teoria funcionalista deve assumir o postulado da não autonomia do sistema linguístico, vinculando a estrutura da língua à função que desempenha no processo comunicativo. Segundo tal princípio, a língua (e a gramática) não pode ser interpretada sem referência ao eixo comunicativo: propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo (NICHOLS, 1984). É preciso considerar a gramática à luz do discurso; é preciso, ainda, examinar e redefinir as “categorias gramaticais todas outra vez e tentar entendê-las em termos de suas funções no discurso” (THOMPSON, 1993, p. 219). O sistema linguístico ainda deve ser descrito em referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução (GIVÓN, 1995, 2001, 2002, 2005).

Esse complexo multifacetado de parâmetros que caracteriza a gramática voltada para a comunicação encontra antecedentes em uma perspectiva histórica, compreendendo quatro contextos, quais sejam, biológico, filosófico, antropológico e psicológico, cuja relação pode ser explicada da seguinte forma: o indivíduo, atuante em uma estrutura social e participante da organização sociocultural de seu grupo, passa por constantes estágios de modificação do comportamento decorrentes de mudanças operadas em seu meio, procurando manter-se ajustado à sociedade/grupo da(o) qual faz parte. Seguindo esse princípio evolutivo e funcional, qualquer alteração na rede organizacional de um grupo social altera, igualmente, o sistema de relações entre os membros desse

grupo, superando a fase de mudança e sobrevivendo à nova ordem social (GIVÓN, 1984, 1995, 2001, 2002).

Ancorados na estrutura social e nos pressupostos evolutivos e funcionais estão a cognição e a comunicação (GIVÓN, 1984, 1995, 2001, 2002). O indivíduo, como participante da organização sociocultural de seu grupo, dispõe, para que haja interação com os demais membros, de estratégias linguísticas emergentes no ato da comunicação. Da mesma forma como o indivíduo adapta-se a novas estruturas da sociedade, o sistema linguístico e os processos mentais da organização discursiva são constantemente revistos a fim de corresponderem às intenções comunicativas do falante e de facilitarem a compreensão do ouvinte, na tentativa de promover uma comunicação eficiente (GIVÓN, 1984, 1995, 2001). Dessa forma, em recortes sincrônicos, a estrutura linguística pode se caracterizar por uma maior ou menor grau de iconicidade e opacidade, por uma ambiguidade funcional ou ainda, por exemplo, pela emergência de novas funções a velhas formas.

Com base na metáfora do código biológico, a gramática assume uma função adaptativa. O processamento mental do falante/ouvinte se altera constantemente no curso da interação comunicativa. Nessa perspectiva, os interlocutores não somente codificam e decodificam informações, eles negociam/reformulam essas informações, avaliam seu próprio discurso, atribuem inferências ao ouvinte, i.e., a interação comunicativa envolve um acompanhamento constante do discurso do falante e dos processos mentais que dele decorrem. Na concepção de Givón (2005), a cognição compartilhada constitui condição para a comunicação e a cooperação. Essa constante adaptação das estratégias linguísticas à situação comunicativa faz da gramática da língua um sistema aberto, de categorias híbridas, dispostas em um *continuum* e sensíveis ao contexto em que estão inseridas.

Concebendo as categorias como não discretas, assumimos que são formadas pela intersecção de algumas propriedades que coincidem probabilisticamente, mas que nem sempre coincidem absolutamente. No topo de um *continuum*, está o membro prototípico de uma categoria, possuindo o maior número de propriedades, de características importantes e, descendo em direção à base do *continuum*, encontramos uma categoria que, distante do membro prototípico, não guarda quase nenhuma das propriedades do membro mais representativo. Assim, mede-se o grau de prototipicidade a partir da quantidade de propriedades importantes. Algumas categorias são definidas como híbridas, situadas na fronteira entre os dois extremos, partilhando propriedades do

membro prototípico sem deixar de dividir outras com membros menos prototípicos.

A teoria funcionalista de orientação givoniana centra-se na tríade: gramática, comunicação e cognição. Nesse sentido, a complexidade no processamento de uma informação parece acompanhar a complexidade na estrutura. Em Givón (2009), essa relação é posta da seguinte forma: palavras > oração simples > cadeia de orações > orações complexas/encaixadas, sequência já apresentada em outras publicações do autor e que envolve a semântica lexical, a semântica proposicional e a pragmática discursiva. Nesta tese, considerar a combinação de orações no discurso multiproposicional torna-se fundamental para a identificação do tipo de submodo envolvido – se dêontico ou epistêmico (cf. próximas subseções) – e do valor dos submodos – se de volição, de probabilidade/crença (cf. próximas seções) nas ocorrências em análise. A gramática, nesse sentido, atua na informação multiproposicional.

Tendo descrito a perspectiva funcionalista sob a qual investigamos o uso variável do presente do subjuntivo, apresentamos, a seguir, os objetivos das seções seguintes: (i) restringir a análise à terceira categoria do domínio funcional TAM, a modalidade, destacando a visão de alguns teóricos acerca da modalidade (viés conceptual e tipológico); e (ii) centralizar o tratamento dispensado à modalidade por Givón, panorama teórico que norteará a análise das ocorrências, a partir da relação proposta pelo autor entre modalidade e modo subjuntivo e dos contextos gramaticais sob os quais o subjuntivo tende a aparecer.

2.2.1 Modalidade

Considerada por Givón como uma das categorias mais complexas da gramática, TAM – tempo, aspecto, modalidade – está presente em todas as sentenças, i.e, não há uma sentença produzida sem que se manifeste tal categoria complexa. Nas palavras de Givón (1984, p. 269), TAM constitui “uma categoria obrigatória, sem a qual uma sentença simples não pode ser produzida”³⁵. A complexidade de TAM caracteriza-se por esse caráter de *onipresença*, e ainda reflete uma gradação: (i) traços semântico-lexicais, envolvidos na estrutura semântica dos verbos; (ii) traços semântico-proposicionais, responsáveis por codificar as várias facetas de estado, evento, ação; e (iii) traços pragmático-discursivos, que desempenham papel central na sequenciação discursiva, desde noções de *foregrounding* e

³⁵ (GIVÓN, 1984, p. 269): “...obligatory category without which simple sentences cannot be produced”.

backgrounding; verdade, certeza, probabilidade; estendendo-se, inclusive, ao contrato falante-ouvinte (GIVÓN, 1984, 2001). Nesse sentido, uma mesma unidade, como um morfema, por exemplo, pode codificar traços lexicais, posicionais e discursivos.

Podemos relacionar a gradação envolvida em TAM com a variação entre o presente do subjuntivo e o presente do indicativo da seguinte maneira: a flexão morfológica modo-temporal, objeto de análise nesta tese, é um dos morfemas que compõem o verbo, e o verbo está presente em cada sentença que ilustra os cinco contextos linguísticos investigados. Na verdade, as sentenças em análise ainda estão sob o escopo de traços pragmático-discursivos, seja mediante a identificação de fatores presentes no discurso multiproposicional, seja mediante a interação falante-ouvinte, por exemplo. Dessa forma, o uso variável do presente do subjuntivo absorve essa gradação de TAM, incorporando, indiretamente, a complexidade desse domínio funcional. Nesse sentido, o presente do subjuntivo pode ser afetado por traços morfológicos (como a morfologia verbal), por traços identificados na proposição (como o tipo de verbo da oração matriz no caso das orações substantivas) e por traços pragmático-discursivos (como a identificação dos submodos e dos valores dos submodos)³⁶.

No que tange especificamente ao segundo traço da gradação – o semântico-proposicional –, considerando o princípio da marcação (assentado nos critérios de frequência, complexidade estrutural e complexidade cognitiva), Givón (1984, 2001) parte da atuação de TAM em orações simples, as menos marcadas, para, então, tratar das orações subordinadas, as mais marcadas, não somente em decorrência de uma menor frequência de uso, como também de uma maior complexidade conceptual e estrutural, i.e., necessidade de mais matéria linguística, mais informação e mais processamento. Em razão disso, o autor reserva capítulos a cada um dos tipos: orações de complementação verbal, orações adjetivas e adverbiais.

A divisão interna do complexo TAM em tempo, aspecto e modalidade indica três pontos de partida na nossa experiência temporal. A noção de tempo envolve pontos em uma sequência temporal; a noção de aspecto, uma extensão da delimitação temporal; por fim, a modalidade inclui noções, dentre outras, de verdade, falsidade e possibilidade (GIVÓN, 1984). Nesta tese, detalhamos a terceira categoria do TAM, a modalidade, considerando sua relevância para a investigação do uso variável do presente do subjuntivo. Da mesma

³⁶ Essas variáveis mencionadas são descritas no capítulo 3.

forma que TAM, a modalidade é um domínio funcional complexo, envolvendo subdomínios mais semânticos - modalidade epistêmica - e subdomínios mais pragmáticos – modalidade deontica (GIVÓN, 1995, 2001).

É interessante observar que, se atentarmos para a codificação da modalidade no inglês ou no alemão, por exemplo, logo pensamos em verbos modais, ao passo que, se considerarmos o espanhol ou o português, pensamos principalmente em modos verbais. A modalidade parece estar mais fortemente vinculada aos verbos modais e aos modos verbais, a depender da língua que tomamos como referência. Ademais, em outras línguas, poderia estar relacionada aos clíticos e a determinadas partículas, por exemplo, em Inga e Ngiyambaa, respectivamente; ou, ainda, a mais de um desses (PALMER, 1986). Dessa forma, a modalidade não se relaciona sozinha (nem primariamente) ao verbo; há línguas em que a modalidade não é codificada nem no verbo, nem no complexo verbal – a modalidade se relaciona com todo o enunciado (PALMER, 1986).

2.2.1.1 Modalidade e tipos de modalidade

Para Palmer (1986), a modalidade é uma categoria gramatical, similar a outras categorias, como tempo, aspecto, número e gênero, e que pode ser identificada, descrita e comparada em inúmeras línguas diferentes e até mesmo não relacionadas. Segundo ele, devem ser poucas as línguas que não tenham formas para codificar a modalidade. Entretanto, ao contrário da contraparte formal da modalidade, a conceptual não é tão óbvia, na verdade, segundo Palmer (1986, p. 2), “é muito mais vaga”³⁷. Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) concordam com Palmer (1986) quanto à dificuldade em definir modalidade e afirmam, ainda, que não somente a modalidade, mas também o modo não é tão facilmente definido como são o tempo e o aspecto.

Palmer (1986, p. 2) resgata Lyons (1977), que, na opinião do primeiro, apresenta a definição de modalidade mais promissora: “opinião ou atitude do falante”³⁸ em relação à proposição, noção que também aparece em Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) e em Givón (1984, 1993, 1995, 2001). Givón (1984, 1993, 1995, 2001, 2005), no entanto, reconsidera a concepção de modalidade de Lyons, situando-a em uma perspectiva direcionada para o eixo comunicativo, para o discurso multiproposicional. Bybee e Fleischman (1995) também

³⁷ (PALMER, 1986, p. 2): “...is much more vague”.

³⁸ (PALMER, 1986, p. 2): “...opinion or attitude of the speaker”.

concebem a modalidade vinculada à interação comunicativa. É sob essa perspectiva que investigamos o uso variável do presente do subjuntivo, principalmente porque, na maioria das ocorrências, foi necessário considerar o contexto discursivo para a identificação do tipo de modalidade envolvido.

Em 2005, na obra *Context as other minds*, Givón complementa a definição de modalidade emprestada de Lyons (1977). Para Givón (2005, p. 149), “a atitude do falante não é apenas – nem principalmente – sobre a proposição propriamente dita, mas sim sobre a atitude do ouvinte em relação à proposição assim como em relação ao falante”³⁹. Tal desdobramento da definição de modalidade justifica-se pela importância atribuída à pragmática nessa obra, provavelmente superior em relação às demais publicações do autor. A consideração do componente pragmático oferece uma análise mais detalhada para determinados contextos linguísticos investigados nesta tese, como é o caso das ‘orações parentéticas’, das ‘orações adverbiais causais’ e de algumas ‘orações adverbiais concessivas’ (cf. capítulo 4 e, em especial, o 5). Vejamos um exemplo.

- (1) *Ãh, os parentes? Alguns só, né? [outros]- [outros]- tem outros [nem]- eu não vejo, eu não falo. NÃO QUE eu não QUEIRA falar, mas também que não procuro eu também não me procuram, né? Só falo assim quando me encontram na rua, alguma coisa, mas porque também eu moro um pouco longe, né? (FLP 02MJC, L797)*

O dado (1) pode ser analisado nos termos de Givón (2005). Inicialmente, o informante menciona que não vê nem fala com alguns de seus parentes. Essa informação poderia não ser bem recebida pelo ouvinte, que poderia pensar, por exemplo, que o informante não é educado ou que não valoriza os laços familiares. Talvez por temer tal inferência, provavelmente atribuída ao ouvinte, o informante se justifica, afirmando *não que eu não queira falar*. Com esse enunciado, ele desfaz a suposta inferência de que seja rude, arrogante ou auto-suficiente, por exemplo. De fato, parece-nos que esse exemplo ilustra de forma apropriada um caso em que o falante se preocupa com a atitude do ouvinte em relação a um enunciado proferido, bem como em relação à imagem de si próprio. A definição estendida de modalidade proposta por

³⁹ (GIVÓN, 2005, p. 149): “The speaker attitude is, in turn, never just – not even primarily – about the proposition itself, but rather about the *hearer’s attitude* toward the proposition as well as toward the speaker.”

Givón (2005) contribui para uma análise mais consistente, especialmente de alguns tipos de orações.

Com relação aos tipos de modalidade, diferentes propostas são resgatadas por Palmer (1986), do qual nos valem aqui. Jespersen (1924 apud PALMER, 1986, p. 10) sugere duas listas de subcategorias para a modalidade: uma que contém elementos de desejo (*will*) e outra que não contém elementos de desejo. A primeira inclui eventos como: obrigatoriedade, aviso, permissão, promessa; a segunda, eventos como: necessidade, condição, hipótese, concessão. Von Wright (1951 apud PALMER, 1986, p. 11) distingue quatro modos: alético (necessidade), epistêmico (conhecimento), deontico (obrigação) e existencial (existência). Rescher (1968 apud PALMER, 1986, p. 12), em acréscimo às modalidades alética, epistêmica e deontica, considera as seguintes: temporal, volitiva, avaliativa e causal. Por fim, na lista de autores elencados por Palmer, Searle propõe cinco categorias básicas de atos ilocucionários: assertivo, diretivo, comissivo, declaração e expressivo.

Como se observa, os tipos e subtipos de modalidade podem variar de acordo com a perspectiva teórica do pesquisador. Se nos detivermos nas modalidades mais recorrentes, epistêmica e deontica – ainda assim é possível encontrar subtipos para cada uma. Por exemplo, para a modalidade epistêmica, Palmer (1986) identifica dois subtipos: julgamentos e evidenciais (ainda que possam se confundir, pois um julgamento pode ser feito a partir de determinadas evidências). No entanto, há línguas que gramaticalizam a evidencialidade, outras não; e, naquelas em que a evidencialidade é gramaticalizada, ainda pode se estabelecer uma diferença entre a evidência visual e a não visual.

Também para Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) é pertinente distinguir tipos de modalidade, não somente porque há questões diacrônicas envolvidas nessa distinção, como também porque diferentes tipos de modalidade correlacionam-se com tipos específicos de formas. Os autores diferenciam estes quatro tipos de modalidades: modalidade orientada para o agente (existem condições externas e internas que conduzem um agente à realização de uma ação); modalidade orientada para o falante (o falante impõe condições ao ouvinte); modalidade epistêmica (existe uma indicação do grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição); e modo subordinante (nesse caso, a sintaxe atua com mais força, havendo, inclusive, alguns tipos de orações subordinadas empregadas com modos verbais específicos. Por exemplo, a maioria das línguas apresenta conjunções específicas ou formas verbais para marcar as orações concessivas). Retomaremos esses quatro tipos de modalidade nos capítulos de análise.

Givón (1995, p. 112), de forma um pouco diferente, concebe dois tipos de atitudes/julgamentos, o epistêmico e o deôntico, envolvendo as seguintes noções: “atitudes epistêmicas: verdade, crença, probabilidade, certeza, evidência e atitudes avaliativas: desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação”⁴⁰. Na medida em que essas atitudes são negociadas na interação comunicativa, observamos que Givón ultrapassa o limite do enunciado, ao contrário do que defende Palmer (1986), e considera não somente o verbo e a proposição, como também o discurso multiproposicional. A importância atribuída ao discurso e à interação falante-ouvinte permite uma análise mais refinada das ocorrências investigadas nesta tese, como é o caso do (1).

Givón (2001, 2005) identifica uma estreita relação entre as modalidades deôntica e epistêmica, pois, com o passar do tempo, sentidos deônticos (intenção, habilidade, necessidade, obrigação, permissão ou preferência) podem adquirir sentidos epistêmicos de baixa certeza ou baixa probabilidade (cf. SWEETSER, 1990; BYBEE; FLEISCHMAN, 1995). Essa relação unidirecional pode ser assim representada: “se *avaliativo*, então *epistêmico* (mas não vice-versa), ou, se *preferência*, então *incerteza* (mas não vice-versa)” (GIVÓN, 1993, p. 172)⁴¹. Em 1995 (p. 122), a associação é a seguinte: “se deôntico, então incerteza epistêmica, mas não necessariamente vice-versa”⁴². O denominador comum é o traço de incerteza epistêmica: o submodo deôntico inerentemente carrega uma noção de projeção futura, portanto incerteza epistêmica; o submodo epistêmico, ao contrário, não precisa indicar valores deônticos. Por essa razão, segundo Givón (1995, p. 123), “se o irrealis tem um denominador comum – incerteza epistêmica – então a marca gramatical compartilhada entre os dois submodos do irrealis torna-se não acidental”⁴³.

⁴⁰ (GIVÓN, 1995, p. 112): “Epistemic attitudes: truth, belief, probability, certainty, evidence. Valiative attitudes: desirability, preference, intent, ability, obligation, manipulation.”

⁴¹ (GIVÓN, 1993, p. 172): “If *evaluative*, then *epistemic* (but not vice versa), or if *preference*, then *uncertainty* (but not vice versa).”

⁴² (GIVÓN, 1995, p. 122): “If deontic, then epistemic uncertain (but not necessarily vice versa).”

⁴³ (GIVÓN, 1995, p. 123): “if irrealis indeed has a semantic common denominator – epistemic uncertainty – then the widespread sharing of grammatical marking between the two sub-modes of irrealis becomes non-accidental.”

Enquanto a modalidade epistêmica está associada a noções de crença, conhecimento, verdade; a modalidade deôntica corresponde a ações, sejam essas direcionadas a terceiros ou ao próprio falante. Nesse sentido, a modalidade deôntica difere da modalidade epistêmica, pois, sob essa, “o falante pode se comprometer com a verdade da proposição no passado, presente ou futuro”⁴⁴ (PALMER, 1986, p. 97).

Para Givón (2001, p. 301), a modalidade epistêmica configura-se como uma reinterpretação comunicativa das modalidades na lógica tradicional. Vejamos o quadro a seguir⁴⁵.

Quadro 1
Reinterpretação comunicativa a partir das modalidades na tradição lógica

| Modalidades epistêmicas | |
|--------------------------------|----------------------------------|
| Tradição lógica | Equivalência comunicativa |
| a. verdade necessária | pressuposição |
| b. verdade factual | asserção <i>realis</i> |
| c. verdade possível | asserção <i>irrealis</i> |
| d. não-verdade | asserção negativa |

Fonte: (GIVÓN, 2001, p. 301)

A reinterpretação proposta por Givón vincula a proposição ao contexto comunicativo, envolvendo os interlocutores de forma a permitir a negociação entre falante e ouvinte. Por essa razão, a objetividade da lógica cede espaço à certeza subjetiva da redefinição comunicativa, bem como o contraste da lógica entre *realis* e *irrealis* – contraste entre eventos reais e irrealis, respectivamente – é redefinido conforme os dois focos a seguir:

cognitivamente: de verdade lógica para certeza subjetiva;

comunicativamente: de uma semântica orientada para o falante para uma pragmática interativa, envolvendo uma negociação social entre falante e ouvinte.⁴⁶ (GIVÓN, 2001, p. 302).

⁴⁴ (PALMER, 1986, p. 97): “...the speaker can commit himself to the truth of propositions in the past, present or future.”

⁴⁵ Esse quadro já aparece em 1995 (p. 114), reformulado a partir de outras produções científicas, como, por exemplo, o livro publicado em 1984 (p. 284).

⁴⁶ (GIVÓN, 2001, p. 302): “Cognitively: from matters of logical truth to matters of *subjective certainty* e comunicatively: from speaker-oriented *semantics* to

Assim, ao contrário da lógica, que trata a modalidade desvinculada do contexto de comunicação, Givón (1984, 1995, 2001, 2005) a situa na transação comunicativa. Ainda, as modalidades epistêmica e deôntica não apenas indicam atitudes, mas essas atitudes são negociadas na interação comunicativa, envolvendo contestação do ouvinte, apresentação de evidências pelo falante, a partir da premissa de que a modalidade se instaura na relação interpessoal.

Em relação ao quadro 1, o eixo da pressuposição caracteriza-se pela proposição ser admitida como verdadeira, por concordância prévia ou por ter sido enunciada pelo falante e não contestada pelo ouvinte. Na asserção do *realis*, a proposição é fortemente asserida como verdadeira; e, ainda que desafios sejam considerados, o falante tem condições de apresentar fortes evidências para defender o conteúdo da proposição. Ao contrário, na asserção do *irrealis*, a proposição é fracamente asserida, por ser possível, incerta, desejada e, como o falante não está preparado para reforçar a asserção com evidências ou bases fortes, a contestação pelo ouvinte é prontamente recebida, esperada. Por fim, a asserção negativa revela uma proposição fortemente asserida como falsa, muitas vezes contrariando crenças do ouvinte. Por essa razão, o ouvinte pode desafiar o falante, mas esse, ainda assim, tem evidências para defender o conteúdo do que é dito (GIVÓN, 2001).

2.2.1.2 Modo subjuntivo e os contextos de análise

Cada língua gramaticaliza tipos de modalidade específicos: o português brasileiro gramaticaliza, por exemplo, segundo prescrevem/descrevem os normativistas, a incerteza, dúvida, suposição, desejo, vontade, todos esses conceitos codificados na flexão morfológica do modo subjuntivo, de acordo com a tradição gramatical. Outras línguas gramaticalizam o discurso reportado, as perguntas, por exemplo. Palmer (1986, p. 8), “há uma forte suspeita de que as categorias tradicionais têm sido meramente impostas à língua”⁴⁷. Esse parece ser o caso do português brasileiro. Há uma seção nas gramáticas normativas em geral dedicada ao tratamento dos modos verbais, especialmente com relação aos ambientes sintáticos em que o subjuntivo, segundo os autores, deve ser obrigatoriamente empregado.

interactive *pragmatics*, involving social negotiation between speaker and hearer.”

⁴⁷ (PALMER, 1986, p. 8): “...there is a strong suspicion that the traditional categories have merely been imposed upon the language.”

A origem grega do termo *subjuntivo* o define como o modo da subordinação. Em termos etimológicos, portanto, o subjuntivo é próprio das orações subordinadas. Além de ser definido como o modo da subordinação, a tradição gramatical tratou de vincular atitudes nocionais à morfologia de modo. Para Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), a grande maioria dos usos do subjuntivo está condicionada ao contexto linguístico que o cerca.

De acordo com Givón (1995), para compreender o uso do subjuntivo, é preciso compreender, primeiramente, a modalidade *irrealis*, tanto no aspecto comunicativo-cognitivo (funcional) quanto no aspecto tipológico-gramatical (formal). Em termos cognitivos, a noção de verdade da lógica é substituída pela noção de certeza subjetiva; em termos comunicativos, a modalidade está situada na interação falante-ouvinte, sendo socialmente negociada. Quanto ao aspecto tipológico-gramatical, Givón (1984, 1995) menciona a distribuição do subjuntivo em orações subordinadas *irrealis* (orações completivas, orações adjetivas e adverbiais), e ainda em orações principais, dentre as quais destacamos aquelas com o item *talvez*. Nas palavras de Givón (1995, p. 115), “nosso entendimento da distribuição funcional e gramatical do modo subjuntivo depende do nosso entendimento da distribuição funcional e gramatical do *irrealis*, em ambos os submodos epistêmico e deontico”⁴⁸.

Sendo assim, é possível identificar os domínios semântico e pragmático nos quais o modo subjuntivo é mais provável de gramaticalizar-se: a baixa certeza epistêmica e a fraca manipulação, aparentemente de natureza discreta, porém sua distribuição é escalar (GIVÓN, 1995, 2001). Sendo o subjuntivo uma subcategoria do *irrealis*, não se pode esperar que todas as línguas que tenham os dois domínios funcionais, baixa certeza e fraca manipulação, necessariamente tenham um subjuntivo gramaticalizado. Em termos de predições, pode-se afirmar o seguinte:

se uma língua tem um subjuntivo gramaticalizado, então ele aparecerá sob dois focos – baixa certeza e/ou fraca manipulação – ao longo da escala dos dois sub-modos *irrealis*;

⁴⁸ (GIVÓN, 1995, p. 115): “Our understanding of the functional and grammatical distribution of the subjunctive mood depends on our understanding the functional and grammatical distribution of *irrealis* – both its epistemic and valuative/deontic sub-modes.”

se uma língua usa uma forma subjuntiva no ponto mais alto da escala de certeza ou manipulação, ele também será usado no ponto mais baixo da escala; mas não vice-versa⁴⁹ (GIVÓN, 2001, p. 313).

Nesta tese, seguindo os pressupostos givonianos, assumimos a correlação entre subjuntivo e *irrealis* e acreditamos na possibilidade da construção de um único *continuum*, ligando o submodo deôntico ao submodo epistêmico. Como Givón (1984) menciona que o denominador comum entre esses tipos de verbo é a ‘incerteza’, acreditamos que esse valor se localize no centro do *continuum*, separando os submodos. Objetivando sustentar essa proposta, relembramos uma passagem, já apresentada, segundo a qual o denominador comum entre os submodos *irrealis* é a incerteza epistêmica: o submodo deôntico, por natureza, carrega a noção de projeção futura, necessariamente traduzindo uma incerteza epistêmica; o submodo epistêmico, por sua vez, não precisa carregar noções deônticas (GIVÓN, 1995)⁵⁰. Especificamente sobre o subjuntivo, Givón identifica os seguintes contextos *irrealis* para a ocorrência desse modo:

orações principais declarativas com operadores *irrealis* (futuro, advérbios modais, auxiliares modais), atos de fala não declarativos *irrealis*, orações V-complemento *irrealis*, orações adjetivas *irrealis* modificando nomes não referenciais, orações adverbiais *irrealis*⁵¹. (2001, p. 314)

⁴⁹ (GIVÓN, 2001, p. 313): “If a language has a grammaticalized subjunctive at all, then it will appear at two distinct foci – lower certainty and/or weaker manipulation – along the scale of the two *irrealis* sub-modes; if a language uses a subjunctive form at a higher point on the certainty or manipulation scale, it will also use it on the lower point; but not vice versa.”

⁵⁰ Mesmas marcas gramaticais podem ocorrer nos submodos *irrealis* epistêmico e deôntico provavelmente em decorrência do denominador comum entre ambos (GIVÓN, 1995).

⁵¹(GIVÓN, 2001, P. 314): “[...] mais declarative clauses with *irrealis* operators (future, modal adverbs, modal auxiliaries); *irrealis* non-declarative speech-acts; *irrealis* V-complement clauses; *irrealis* Rel-clauses modifying Non-Ref heads; *irrealis* Adv clauses.”

Dentre esses, analisaremos os que apresentam o uso do presente do modo subjuntivo. Incluiremos, ainda, o contexto de análise referente às orações parentéticas.

2.2.1.2.1 Orações principais declarativas com operador *irrealis*: *talvez*

Dentre os itens listados por Givón (1984), destacamos aqueles que envolvem um comentário do falante acerca da situação discursiva. Nessa categoria, o autor identifica três diferentes tipos: comentários de desejo, epistêmicos e comentários sobre o comportamento/o caráter do sujeito/agente. Considerando os dados de análise nesta tese, detemo-nos apenas no último tipo. Itens dessa subclasse revelam a avaliação do falante acerca da verdade, falsidade, possibilidade de um evento ou estado, conforme exemplos a seguir: “Ela provavelmente volte/volta/voltará amanhã e Talvez ela estivesse errada.”⁵² (GIVÓN, 1984, p. 79, grifos do autor). Para ele (1995, 2001), o *talvez* instaura um escopo *irrealis* sobre a proposição.

Com relação às ocorrências com o *talvez* analisadas nesta tese, ressaltamos a existência de três tipos de orações: oração matriz, independente/coordenada e subordinada. Considerando o número pouco expressivo de dados, as orações independentes e coordenadas estão amalgamadas, constituindo um único fator (cf. capítulos 4 e 5).

2.2.1.2.2 Orações substantivas

Givón (1984, 1995, 2001)⁵³ propõe uma divisão dos verbos em três subtipos: verbos de modalidade⁵⁴, de manipulação e de cognição-percepção-enunciação, denominados PCU. Essas classes de verbos incluem verbos que instauram um escopo *irrealis* sobre a complementação oracional, codificando fraca manipulação e baixa certeza, e o subjuntivo tende a aparecer nos dois últimos tipos de

⁵² (GIVÓN, 1984, p. 79): “She’ll *probably* be back tomorrow e *Maybe* she was wrong”.

⁵³ Givón trata das três classes de verbos nas publicações de 1984, 1995 e de 2001. Em 2001, entretanto, apresenta um esquema de caracterização sintático-semântica de cada um desses tipos, ainda que, em 1984 e 1995, algumas dessas informações já estivessem presentes. Por isso, decidimos nos embasar na publicação de 2001, fazendo referências, se necessário, aos outros livros. Além disso, em muitas passagens do livro de 1984, diferentemente do de 2001, não é estabelecida uma correlação entre alguns verbos e a modalidade *irrealis*.

⁵⁴ Como uma das características sintáticas dos verbos de modalidade é a co-referencialidade do sujeito, e como o fenômeno de variação investigado nesta tese tende a ocorrer nesses casos, essa classe verbal não será discutida.

complementação verbal: verbos de manipulação e verbos de percepção-cognição-enunciação (GIVÓN, 1995).

Verbos de manipulação se caracterizam pela existência de um agente humano que manipula o comportamento de outro, portanto, manipulado por aquele. Nesse sentido, a oração subordinada assinala uma situação a ser executada pelo manipulado. A manipulação, nesse sentido, não necessariamente desencadeia a realização de uma situação. O subjuntivo tende, segundo Givón (2001), a aparecer sob o escopo de verbos de fraca manipulação, como os verbos *ordenar*, *permitir*, *sugerir*, *querer*, que expressam, segundo o autor, uma *manipulação pretendida*. No entanto, seu uso não se restringe a esses verbos, podendo ainda aparecer sob o escopo de verbos implicativos caracterizados por uma alta força manipulativa, como é o caso do verbo *fazer com que*. Nas amostras analisadas nos capítulos seguintes, verbos associados à *manipulação pretendida* são os mais recorrentes e correspondem ao submodo *irrealis*, induzindo à modalidade deôntica na medida em que o falante deseja atuar no comportamento de outro (GIVÓN, 1995, 2001).

Os verbos de percepção, cognição e enunciação caracterizam-se por apresentar, na oração subordinada, um objeto de uma atividade mental ou verbal representada na oração matriz (GIVÓN, 2001). Segundo o autor, os verbos PCUs não pressupõem a realização do evento/estado/ação expresso na oração subordinada, instauram um escopo *irrealis* e induzem à modalidade epistêmica (GIVÓN, 1995).

Assim, há verbos que induzem ao *irrealis* deôntico e outros associados ao epistêmico. No âmbito do deôntico, o subjuntivo tende a ser usado em contexto de fraca manipulação; no âmbito do epistêmico, é mais provável de aparecer na baixa certeza. Vejamos a distribuição desses valores semânticos na perspectiva de Givón.

Etapas semânticas principais na escala de complementação

a. causa sucedida (implicativo; *realis*)

b. manipulação pretendida (não-implicativo)

c. preferência/aversão

d. ansiedade epistêmica

e. incerteza epistêmica (não-factivo)

f. certeza epistêmica (factivo; *realis*)

g. citação direta (dissociação da perspectiva do falante)⁵⁵ (GIVÓN,

1995, p. 125-126)

maior probabilidade
de complementos
subjuntivos

⁵⁵ (GIVÓN, 1995, p. 125-126): “Main semantic steps on the complementation scale: a. successful causation (implicative; *realis*); b. intended manipulation (non-implicative); c. preference/aversion; d. epistemic anxiety; e. epistemic

Conforme escala anterior, o modo subjuntivo tende a aparecer em uma posição intermediária, entre a fraca força deôntica e a baixa certeza epistêmica, ainda que a localização exata de seu emprego apresente variação nas línguas. Como o autor mesmo menciona em várias passagens, o denominador comum é a *incerteza*, característica da modalidade epistêmica e componente pressuposto na modalidade deôntica, por essa projetar, inerentemente, uma situação para o futuro, que, por natureza, é incerto.

De forma resumida, a escala anterior é reanalisada por Givón:

lado deôntico (manipulativo)

-
- a. fraca manipulação pretendida (*dizer, perguntar, sugerir*)
 - b. preferência (*querer/desejar, preferir*)
 - c. ansiedade epistêmica (*esperar, recear*)
 - d. baixa certeza epistêmica (*não ter certeza, duvidar, suspeitar, perguntar-se, não saber se*)
-

lado epistêmico⁵⁶ (GIVÓN, 1995, p. 126)

Essa escala reforça o uso do subjuntivo associado à modalidade *irrealis*, em seus dois submodos: epistêmico e deôntico. Ainda, reforça os submodos como escalares, e não como entidades discretas, binárias. O ponto exato na escala em que o subjuntivo aparece depende da língua.

2.2.1.2.2.1 Factividade e modalidade *irrealis*

Verbos factivos com escopo sobre a oração com a presença do modo subjuntivo parecem violar a predição de que esse modo verbal aparece em dois submodos *irrealis*: epistêmico e deôntico. Givón, entretanto, apresenta duas razões que mantêm tal predição válida.

Primeiramente, uma explicação sincrônica. Há, de fato, uma associação entre os submodos *irrealis* – deôntico e epistêmico –, ambos apresentando uma projeção futura, porém tal relação não é absoluta. Atitudes avaliativas de felicidade ou de lamentação podem estar

uncertainty (non-factive); f. epistemic certainty (factive; realis); g. direct quote (dissociation from the speaker's perspective)."

⁵⁶ (GIVÓN, 1995, p. 126): "Deontic (manipulative) side – a. weak intended manipulation (tell, ask, suggest); b. preference (want/wish, prefer, expect); c. epistemic anxiety (hope, fear); d. low epistemic certainty (not-sure, doubt, suspect, ask if, not-know if) – epistemic side."

relacionadas ao passado e ao presente, e não somente ao futuro. Para ilustrar, Givón (1995, p. 152) apresenta exemplos do espanhol:

- (2) Ele está desapontado que ela o *rejeitou*.
(a rejeição não foi completamente inesperada)
(3) Ele está desapontado que ela o *tenha rejeitado*.
(a rejeição foi muito inesperada).⁵⁷

Em segundo, uma explicação diacrônica. A diacronia pode iluminar estágios sincrônicos de um determinado fenômeno, a partir da consideração de seu percurso de gramaticalização. Para ilustrar, Givón exemplifica com dados do espanhol, evidenciando que o passado do subjuntivo e o presente do subjuntivo distinguem orações pressupostas de orações asseridas, respectivamente. A explicação diacrônica indica como uma forma *realis* pode penetrar no domínio *irrealis* do subjuntivo. Esperamos que essas explicações possam elucidar um pequeno conjunto de nossos dados em que o modo subjuntivo é empregado sob o escopo de verbos factivos.

Merece destaque uma observação de Givón (2001) acerca de verbos factivos no espanhol que, no mínimo, permitem o uso do modo subjuntivo: são verbos de julgamento deôntico (*é bom que, é terrível que, lamento*) ou de surpresa epistêmica (*estou surpreso, é espantoso*). Segundo ele (2001, p. 321), “o que nós temos aqui, acredito, é um conflito entre os dois traços *irrealis*, alta certeza epistêmica vs. contra-expectativa deôntica, com o deôntico prevalecendo.”⁵⁸ Segundo o autor, esses verbos não são apenas factivos, mas também assinalam uma forte preferência, aversão ou surpresa (GIVÓN, 1995).

2.2.1.2.3 Orações adjetivas *irrealis* modificando nomes não-referenciais

As orações adjetivas podem ficar sob o escopo das quatro modalidades, quais sejam: pressuposição, asserção do *irrealis*, asserção negada e asserção do *realis*. Na pressuposição, as orações adjetivas restritivas modificam um sintagma nominal, definido ou indefinido. Se o sintagma nominal for não referencial, então as orações adjetivas

⁵⁷ (GIVÓN, 1995, p. 152): “He was disappointed that she **rejected** him. (rejection was not wholly unexpected) e He was shocked that she **shouldreject** him. (rejection was very unexpected).”

⁵⁸ (GIVÓN, 2001, p. 321): “What we have here, I believe, is a conflict between the two features of *irrealis*, epistemic high certainty vs. deontic counter-expectancy, with the deontic prevailing.”

restritivas ficam sob o escopo da modalidade não-fato, i.e., asserção do *irrealis* e negação. Já orações não restritivas, que, por natureza, somente podem modificar sintagmas nominais referenciais, ficam sob o escopo da asserção do *realis*. Vejamos alguns exemplos:

- (4) Eu vi **a** mulher *que chegou atrasada*.
- (5) Há **uma** mulher *que chegou atrasada* e...
- (6) Eu não conheço **nenhuma** mulher *que chegou/tenha chegado atrasada*.
- (7) Eu vi **a** mulher, *que chegou atrasada*, sair cedo.⁵⁹ (GIVÓN, 2001, p. 310).

Em (4) e (5), o sintagma nominal é referencial, ainda que seja, respectivamente, definido e indefinido. Em (6), o sintagma nominal é não-referencial, instaurando a modalidade não-fato. Por fim, (7) ilustra um caso de uma oração não restritiva, no âmbito *realis*, que, por isso, deve apresentar um referente referencial e definido.

Nesta tese, para a seleção das ocorrências de oração adjetiva, tomamos como referência a caracterização do sintagma nominal como não-referencial, em contextos com alguma marca *irrealis* e/ou com negação.

2.2.1.2.4 Orações adverbiais

Dentre as adverbiais exemplificadas por Givón (1995, 2001), detemo-nos apenas naqueles tipos em que o uso do presente do modo subjuntivo pode ser empregado (cf. capítulo 1). Sob o escopo da pressuposição, Givón (2001) menciona as *concessivas*. De fato, algumas orações concessivas, e ainda mencionamos outros tipos de oração, como as adverbiais causais e as orações parentéticas, sugerem atribuições de inferências ao ouvinte por carregarem determinadas pressuposições que podem não ser verdadeiras para o falante. E sob o escopo do *irrealis*, afirma Givón (1995, 2001) que, invariavelmente, as orações adverbiais carregam um valor epistêmico de baixa certeza. Givón (2001, p. 311) cita as orações adverbiais temporais e as orações finais, conforme ilustrado a seguir: “Quando conseguires um empréstimo, venderei meu

⁵⁹ (GIVÓN, 2001, p. 310): “I saw **the** woman *who came in late*. – There’s **a** woman *who came in late* and... – I know of **no** woman *who came in late*. – I saw **the** woman, *who came in late*, leave early.”

carro.” e “Para conseguires/para que consigas um empréstimo, terei que assinar.”⁶⁰

Nesta tese, tratamos desses quatro tipos de orações, concessivas, condicionais, finais e temporais, e, ainda, de orações causais e de casos pontuais de orações modais e consecutivas.

2.3 SOCIOFUNCIONALISMO

Nas seções anteriores, os pressupostos da TVM e do Funcionalismo Linguístico de orientação givoniana foram apresentados separadamente. Considerando a importância dessas duas teorias para o presente estudo do uso variável entre o presente do subjuntivo e o presente do indicativo, faz-se necessário buscar uma conciliação teórica, ainda que haja pontos conflitantes nessa relação. Alguns autores têm se mostrado favoráveis à articulação de modelos teóricos, desde que o pesquisador esteja atento “às especificidades de cada um deles” (NASCIMENTO, M., 1990, p. 97). Borges Neto (1989, p. 43), diferentemente, ao discutir o casamento da Gramática Gerativa com a Sociolinguística Laboviana (o que resultou na Sociolinguística Paramétrica), afirma que “as duas teorias são incomensuráveis, de forma que não há a possibilidade de conceitos de uma teoria aparecerem na outra sem que os princípios de construção seja violados”.

A centralidade teórica, no entanto, na medida em que isola diferentes perspectivas linguísticas, pode comprometer “uma maior compreensão da linguagem” (DILLINGER, 1991, p. 406). Se conciliações teóricas implicam algum tipo de perda, também acreditamos que a articulação de teorias pode promover um ganho explicativo para os fenômenos linguísticos. Por outro lado, entretanto, “torna mais difícil a caracterização” de cada modelo teórico (RAJAGOPALAN, 2003, p. 52). Nesses termos, pensamos que aproximações entre teorias podem desencadear o surgimento de uma terceira abordagem, resultante de um hibridismo teórico (cf. TAVARES, 2003; REIS, 2003; ROST SNICHELOTTO, 2009; MAY, 2009).

Tanto para a TVM quanto para o funcionalismo de orientação givoniana, a língua não é concebida dissociada do uso; é, portanto, heterogênea, maleável, variável. Conforme Tavares e Görski (2012), “pelo menos no plano teórico, a sociolinguística não está tão distante do

⁶⁰ (GIVÓN, 2001, p. 311): “When you get a loan, I’ll sell you my car e In order for you to get a loan, I’ll have to co-sign it.”

funcionalismo como parece sugerir Labov”. Dados diacrônicos constituem uma fonte complementar de análise para os dados sincrônicos, não somente para acompanhar estágios de variação e caminhos de mudanças (a depender do fenômeno em análise), como também para verificar o princípio do uniformitarismo, segundo o qual se verifica uma tendência de as forças que atuam na variação, hoje, serem as mesmas que atuaram no passado. Ademais, dados duvidosos e categóricos não precisam ser eliminados da análise e o controle de variáveis independentes pode incluir grupos de fatores de outra natureza, como discursivo-pragmática (cf. TAVARES; GÖRSKI, 2012).

Além disso, a pesquisa sobre o uso da passiva sem agente (WEINER; LABOV, 1983 [1978]) abre um precedente nos estudos sociolinguísticos, ainda que, depois da publicação dos resultados desse fenômeno, Labov parece não ter mais desenvolvido estudos morfossintáticos, e ainda que a aplicabilidade da regra variável seja questionada em se tratando de fenômenos para além da fonologia (discussão LAVANDERA, 1977; LABOV, 1978). Nesses termos, se a TVM oferece suporte para análise de um fenômeno sintático, como o caso da passiva, por que não expandir a aplicação da teoria para outros níveis de análise?

Antes mesmo, ainda na década de 1960, durante a reunião realizada em maio de 1964 por iniciativa de William Bright, que marca o nascimento da sociolinguística e da qual resultou a publicação de WLH, esse pesquisador distingue os fatores que condicionam a diversidade linguística: “a identidade social do falante, a identidade social do destinatário e o contexto”, noções emprestadas da teoria da comunicação (CALVET, 2002, p. 30). A identidade social do falante e do destinatário, como sexo, idade e escolaridade, por exemplo, constituem grupos de fatores sociais controlados em uma pesquisa de orientação laboviana. A questão do contexto, por sua vez, pode permitir a consideração de grupos de fatores identificados na interação, conforme a ocorrência a seguir ilustra.

(8) Ent.: Por que é que que é Conta Dinheiro?

Desde que eu vim pra cá [é]- é o nome. É, Conta Dinheiro.

Ent.: E não tem nenhuma história sobre esse bairro?

Não **QUE** eu **SAIBA** não tem, né? porque certas coisinhas-Malandragem, mas [o]- [o]- [o]- outras histórias aí, que **QUE** eu me **LEMBRE** não.

Ent.: Ah, não tem outras. (LGS 05, L611-614)

A ocorrência (8) muito bem ilustra a interação entre os interlocutores. Inicialmente, a entrevistada afirma não ter histórias sobre o bairro Conta Dinheiro. Provavelmente por temer que o entrevistado considere tal informação como verdadeira, decide retificar sua resposta por meio de duas orações parentéticas – *que eu saiba e que eu lembre*. Essas orações, além de alterarem o discurso precedente, introduzem um turno mais relativizado, tanto que a entrevistada, na sequência, afirma que houve casos de malandragem, entretanto, pelo menos até o momento da entrevista, é o que lembra acerca de histórias que aconteceram no bairro. Nesse sentido, perguntamos: a afirmação de Bright pode mesmo sugerir o controle de grupos de fatores captados no contexto da comunicação? Parece que sim.

Acreditamos que a discussão acerca da possibilidade de conciliações teóricas é importante e necessária. Ademais, consideramos a possibilidade de uma terceira proposta situada na interface da TVM e do funcionalismo ainda que tal conciliação teórica não seja isenta de problemas. Acreditamos, porém, que não se pode supervalorizar as dificuldades de um ‘casamento’; as dificuldades podem ser contornáveis. Além disso, não se pode ignorar o ganho teórico-explicativo de um fenômeno tratado em uma interface teórica. Assim sendo, para além de pensar no quanto uma teoria pode descaracterizar-se, pensamos no quanto uma conciliação teórica pode beneficiar a análise de um fenômeno linguístico.

A presente pesquisa, tomando como objeto o uso variável entre o presente do modo subjuntivo e o presente do modo indicativo, soma-se a outros estudos já desenvolvidos, contribuindo para a descrição do português do Brasil. Como veremos ao longo deste capítulo, a variação entre ambos os modos verbais não ocorre apenas no português brasileiro, mas também em outras línguas românicas como o francês, o espanhol, o italiano. A revisão bibliográfica de algumas pesquisas que tratam do uso do subjuntivo, apresentada nas seções seguintes, objetiva, além de reunir os principais resultados desses trabalhos, (i) buscar possíveis grupos de fatores a serem controlados nesta pesquisa, e (ii) tecer comparações entre os trabalhos resenhados procurando mapear o comportamento do modo subjuntivo em diferentes regiões do Brasil. Dessa forma, a seguir, apresentamos estudos realizados no Brasil, agrupando-os de acordo com a região⁶¹ de coleta e/ou seleção de dados;

⁶¹ Convém esclarecer que o critério ‘região’ foi escolhido com vistas a organizar o amplo material bibliográfico examinado. Não estamos considerando que as regiões (agrupamentos de unidades da federação) apresentam um

na sequência, consideramos estudos realizados em algumas línguas românicas.

2.4 DESCRIÇÃO DO USO VARIÁVEL DO MODO SUBJUNTIVO

O objetivo desta seção é apresentar uma amostras das pesquisas acerca do uso variável do modo subjuntivo a partir de dados do português do Brasil e das seguintes línguas românicas: francês, espanhol e italiano.

2.4.1 No português do Brasil

Esta subseção apresenta uma amostra das pesquisas desenvolvidas com dados do português do Brasil. Como já foi dito, os trabalhos variacionistas⁶² são reunidos por região⁶³, conforme distribuídos a seguir.

(1) Região Sul: Costa (1990), com amostras de fala e de entrevistas e debates radiofônicos da zona rural de Ijuí/RS; Pimpão (1999c), com dados de fala de informantes do VARSUL/Florianópolis/SC; Fagundes (2007), com cópús falado das quatro cidades do Banco VARSUL/Paraná (Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco).

(2) Região Sudeste: Botelho Pereira (1974), com testes aplicados no Rio de Janeiro; Wherritt (1977), com dados de fala de São Paulo; Rocha (1997), com dados de fala de Brasília e do Rio de Janeiro/RJ⁶⁴; Alves Neta (2000), com dados de fala e de escrita de Januária/MG; Gonçalves (2003), com dados de fala de professores, programas de TV e situações do cotidiano; Guiraldelli (2004), a partir da análise de um cópús escrito composto por discursos políticos presidenciais e discursos de divulgação científica; Santos (2005), com dados de fala do Rio de

comportamento linguístico específico que as diferenciem umas das outras, nem que haja certa uniformidade na fala de cada região. Trata-se apenas de um critério de organização dos dados.

⁶² Os estudos com o enfoque variacionista não excluem a possibilidade de incorporação de outra perspectiva teórica, em interface.

⁶³ Buscas realizadas na *internet* não identificaram pesquisas acerca da variação no modo subjuntivo realizadas com amostras de dados provenientes da Região Norte.

⁶⁴ Considerando que grande parte dos dados de Rocha (1997) provém de amostras do Rio de Janeiro, decidimos referir o trabalho na Região Sudeste, ainda que a autora também contemple a análise de dados de Brasília (Região Centro-Oeste).

Janeiro/RJ e do noroeste de São Paulo/SP; Almeida (2010), com dados de escrita do século XIII ao século XX e amostra de dados de fala culta (NURC-RJ/SSA) e não-culta (PEUL); Barbosa (2011), com dados de fala de informantes do PORTVIX/Vitória/ES.

(3) Região Nordeste: Meira (2006), com amostras de dados de fala oriundos de comunidades afro-brasileiras de zonas rurais da Bahia/BA; Carvalho (2007), com dados de fala da região do Cariri/CE; Vieira (2007), com amostras de dados de fala de Natal/RN; Oliveira (2007), com amostras de fala do VALPB/João Pessoa/PB; Alves (2009), com amostra escrita do século XVI e amostras de fala de Muriaé/MG e de Feira de Santana/BA⁶⁵.

Na sequência, são apresentados os trabalhos variacionistas mencionados, reunidos por região.

2.4.1.1 Região Sul

Costa (1990)

A pesquisa de Costa analisa, dentre outros fenômenos relacionados com a flexão verbal, a variação entre os três tempos do modo subjuntivo e do modo indicativo na fala de 73 informantes de camponeses descendentes de imigrantes italianos, na vila rural de Santo Antônio, na cidade de Ijuí, no noroeste do Rio Grande do Sul. A autora analisa duas amostras: uma (a principal) constituída por entrevistas rurais com 20 horas de gravação; e outra (complementar) constituída por 3 horas de gravação de entrevistas e debates radiofônicos transmitidos por emissoras de Ijuí, coletados na mesma época da realização do trabalho de campo.

A amostra complementar apresenta apenas 4 formas verbais no indicativo de um conjunto de 82 ocorrências de uso potencial do subjuntivo, representando uma variação de 4,8% para o indicativo. Na amostra principal, observa-se 147 ocorrências de emprego do indicativo de um total de 421, evidenciando um aumento no percentual para o uso do indicativo (34,9%) em relação à amostra complementar. Segundo a autora, esses percentuais (referentes aos três tempos verbais reunidos) indicam que o processo de variação não é exclusivo da zona rural, embora ocorra com muito mais frequência na fala de pessoas dessa área.

⁶⁵ Alves (2009) investiga dados de duas regiões do Brasil: Sudeste (Muriaé/MG) e Nordeste (Feira de Santana/BA). Considerando o número expressivo de pesquisas realizadas na Região Sudeste, decidimos referir o estudo de Alves (2009) na Região Nordeste.

Para análise da amostra principal, os seguintes grupos de fatores extralinguísticos são controlados: sexo dos informantes, grau de instrução (analfabeto, alfabetizado, 4^a a 5^a, 6^a a 8^a, 2^o grau), idade (primeira geração (acima de 51 anos), segunda geração (de 21 a 50 anos) e terceira geração (de 11 a 20 anos)), mecanização do trabalho, extensão da propriedade e conforto da residência. São controladas duas variáveis internas: fatores estruturais e modalidade (factual e não factual⁶⁶); e três variáveis sociais: idade, sexo e propriedade mecanizada/não mecanizada. A seguir, os resultados relativos às entrevistas rurais para o primeiro grupo de fatores apenas para a variação entre o presente do subjuntivo e o presente do indicativo.

Tabela 1⁶⁷

Atuação da variável ‘fatores estruturais’ sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* na fala da Colônia Santo Antônio/Ijuí-RS

| FATORES ESTRUTURAIS | Freq. Apl./Total | % |
|--|---------------------|-------------|
| Subordinada introduzida por conjunção integrante | 33/43 | 76,7 |
| Subordinada introduzida por pronome relativo | 09/12 | 75,0 |
| Subordinada hipotética temporal, proporcional, conformativa, comparativa | 03/04 | 75,0 |
| Subordinadas concessiva e final | 08/11 | 72,7 |
| Modalizadores <i>talvez</i> ou <i>tomara</i> | 03/07 | 42,9 |
| TOTAL | 56/77 | 72,7 |

Fonte: (adaptada de COSTA, 1990, p. 165-167-176-178-179-180)⁶⁸

A tabela 1, a seguir, aponta uma proximidade entre os resultados percentuais associados a cada fator, revelando um uso preferencial do subjuntivo em todos os contextos controlados, à exceção do fator ‘modalizadores *talvez* e *tomara*’, que propicia o uso do indicativo (com a devida ressalva ao número reduzido de dados).

⁶⁶ Por não factualidade, Costa (1990, p. 145) entende a “modalidade possível”.

⁶⁷ As tabelas seguem numeração própria desta tese, não correspondendo, necessariamente, à numeração da pesquisa de onde são reproduzidas.

⁶⁸ Costa (1990) apresenta resultados de variação entre ambos os modos verbais para cada fator estrutural em tabelas independentes. Objetivando sintetizar a variação entre presente do subjuntivo e presente do indicativo, reunimos os resultados das seis tabelas em apenas uma. (Esse mesmo procedimento é realizado na apresentação de outras pesquisas adiante.) Devido ao uso categórico de subjuntivo, as ocorrências de sentenças exortativas não figuram na tabela 1.

Esses resultados suscitam algumas reflexões. Para uma análise mais aprofundada acerca da variação entre o presente do subjuntivo e o presente do indicativo, cremos que seria interessante desenvolver dois pontos. Primeiramente, verificar, dentre as orações introduzidas por conjunção integrante, sob o escopo de quais verbos da matriz o subjuntivo é mais provável de ser empregado e sob quais a variação está mais evidente. Em segundo, com um número mais expressivo de dados, refinar o controle das orações adverbiais, considerando cada conjunção como um fator. Esse detalhamento, acreditamos, possibilitaria uma descrição mais precisa do comportamento variável do presente do subjuntivo, e, por essa razão, serão considerados na análise levada a cabo nesta tese.

Com relação ao segundo grupo de fatores, relativo à modalidade, afirma a autora que a característica de “não factuality é a propriedade mais adequada para se chegar a uma caracterização global das condições de uso do subjuntivo no português, seja na língua padrão, seja em um dialeto como o da Colônia Santo Antônio” (COSTA, 1990, p. 183). Dos 421 dados (concernentes aos três tempos verbais), apenas 4⁶⁹ situam-se sob o escopo da factuality, indicando que o modo subjuntivo constitui uma forma redundante na marcação da não factuality. A modalidade, portanto, nos termos em que foi controlada por Costa (1990), não se mostrou uma variável relevante para compreender a variação. Acreditamos, porém, que, dada a complexidade do fenômeno, a variável modalidade precisa ser refinada para melhor captar o comportamento variável do subjuntivo.

Com relação às variáveis sociais, resultados gerais (com os três tempos) referentes às entrevistas rurais sugerem que a segunda geração de informantes usa mais o modo indicativo, i.e., a geração que tem mais proficiência na língua portuguesa⁷⁰, indicando que “a variação subjuntivo/indicativo tenha entrado no dialeto como uma característica da variedade rural do português adquirido pelo grupo” (COSTA, 1990, p. 185). Também usam mais indicativo os informantes do sexo masculino e moradores de propriedades não mecanizadas se comparados aos resultados para as mulheres e os moradores de propriedades mecanizadas, que tendem a se aproximar da fala urbana.

⁶⁹ Conforme Costa (1990, p. 183), “esses 4 casos são de sentenças introduzidas por conjunção integrante e têm o verbo no subjuntivo”.

⁷⁰ Os resultados da 3ª geração “nada significam, por serem somente 4 ocorrências” (COSTA, 1990, p. 185).

Conforme a autora (1990, p. 193) mesmo aponta, “há um conjunto complexo de fatores atuando na determinação dos contextos de uso” do modo subjuntivo. Nesse sentido, teria sido interessante realizar cruzamentos de variáveis, para identificar quais fatores estruturais seriam mais sensíveis, por exemplo, à fala dos homens e das mulheres.

Pimpão (1999c)

A segunda pesquisa reportada com dados da Região Sul é de Pimpão, que, na dissertação de mestrado, investiga a variação entre as formas verbais do presente do modo subjuntivo e do presente do modo indicativo em dados de 36 entrevistas de Florianópolis (Projeto VARSUL). Com base na Teoria da Variação e Mudança e no Funcionalismo Linguístico, essencialmente de orientação givoniana, são analisados cinco contextos linguísticos de variação: cláusulas substantivas, cláusulas adjetivas⁷¹, cláusulas adverbiais, com advérbio *talvez* e intercaladas⁷².

Da seleção dos dados, orientada pelos padrões normativos previstos como de emprego do modo subjuntivo, mas que permitem também o uso do indicativo, resultaram 319 ocorrências, sendo o presente do subjuntivo usado em 59% dos casos, resultado relativamente distanciado daquele obtido por Costa (1990) para esse mesmo tempo verbal (72,7%). Note-se que essa diferença se torna mais significativa se levarmos em conta que a amostra de Pimpão é urbana (da capital catarinense) e a de Costa é rural (do interior gaúcho), ambas coletadas em épocas aproximadas.

Para a análise dos cinco contextos linguísticos mencionados anteriormente, são controladas variáveis sociais: sexo (masculino e feminino), escolaridade (primário, ginásio, colegial) e idade (14 a 24, 25 a 50 e acima de 50 anos); e variáveis linguísticas:

a) gerais – aplicadas a todos os cinco contextos: tempo-modalidade (futuridade, incerteza, atemporalidade, pressuposição), tipo de contexto subjuntivo (orações substantiva, relativa, adverbial, com *talvez* e expressão intercalada), tipo de cláusula (causal, concessiva,

⁷¹ Como respeitamos a terminologia adotada pelo pesquisador, ao longo das resenhas das pesquisas, o leitor poderá encontrar denominações diferenciadas para os mesmos tipos de contextos em análise, como, por exemplo, a opção do pesquisador por ‘oração adjetiva’ ou ‘oração relativa’.

⁷² Em Pimpão (1999c), esse contexto é denominado ‘intercaladas’. Nesta tese, o referido contexto passa a ser denominado ‘orações parentéticas’. Esse ponto será detalhado adiante.

condicional, final, modal, temporal, substantiva com verbo deôntico, substantiva com verbo epistêmico, relativa e expressões intercaladas), tipo de mecanismo linguístico (advérbio, verbo, conector, determinante), estatuto informacional (novo e velho), pessoa, saliência fônica, conjugação e paralelismo formal;

b) específicas – aplicadas para cada um dos contextos⁷³: **orações substantivas**: modalidade (deôntica e epistêmica) e tipo de cláusula substantiva (objetivas direta e indireta, subjetiva e completiva nominal); **cláusulas relativas**: natureza do sintagma nominal (com a presença de um dos seguintes pronomes indefinidos, por exemplo: *algum(a), nada, alguém* etc.) e tipo de mecanismo *irrealis* (indicação de tempo, cláusula adverbial, negação, verbo modal); **cláusulas adverbiais**: posição da cláusula (anteposta, posposta e intercalada) e tipo de cláusula adverbial (causal, concessiva, condicional, final, modal, temporal); **cláusulas com advérbio talvez**: distância do advérbio em relação ao verbo (maior e menor quantidade) (cf. PIMPÃO, 1999c, p.19-20)

Como resultado da primeira rodada estatística geral, que inclui todos os cinco contextos, o pacote estatístico VARBRUL selecionou as seguintes variáveis em sua ordem de significância: tempo-modalidade, pessoa, paralelismo sintático e contexto de subjuntivo. Mesmo com alguns amálgamas, em uma segunda rodada o programa selecionou as mesmas variáveis, mantendo, inclusive, a ordem de significância. Apresentamos os resultados referentes apenas à primeira variável.

Tabela 2

Atuação da variável ‘tempo-modalidade’ sobre o uso do *presente do subjuntivo* na fala urbana de Florianópolis

| TEMPO-MODALIDADE | Freq. Apl./Total | % | PR |
|---------------------------------------|---------------------|-----------|------|
| Futuridade | 106/128 | 83 | 0,76 |
| Incerteza/atemporalidade/presuposição | 81/191 | 42 | 0,31 |
| TOTAL | 187/319 | 59 | – |

Fonte: (adaptada de PIMPÃO, 1999c, p. 73)

⁷³ Não há variáveis específicas para o contexto das ‘intercaladas’. Em um outro tipo de controle realizado por Pimpão (1999c), a autora reúne determinadas orações (concessivas, causais e intercaladas) devido à noção de presuposição que as caracteriza e, nesse sentido, considera a variável ‘tipo de estratégia discursivo-pragmática’. Nesse sentido, os conectores concessivos, os conectores causais e o *que* introdutor das orações intercaladas constituem os fatores que compõem a variável.

A tabela 2 indica a projeção futura de um evento como um fator condicionador importante para a preservação do presente do subjuntivo, e não a incerteza – no âmbito mais característico da modalidade. Conforme Costa (1990) menciona em sua pesquisa, a não factualidade parece constituir uma propriedade adequada para uma caracterização geral dos usos do subjuntivo, muito embora não pareça configurar uma propriedade relevante para a variação. Tomando como referência a concepção de não factual de Costa (1990), que a considera como a modalidade do ‘possível’, podemos fazer uma aproximação entre esse traço e os fatores ‘futuridade’, ‘incerteza’ e ‘atemporalidade’, apresentados na tabela 2. Nesse sentido, pensamos que, de fato, a não factualidade deve ser mais bem descrita, e considerada como um parâmetro explanatório para o processo de variação entre subjuntivo e indicativo. Nesse sentido, para esta tese, o grupo de fatores ‘tempo-modalidade’ deve ser ainda refinado, a fim de captar propriedades contextuais que possam ser transformadas em um feixe de traços.

Dentre as demais variáveis selecionadas pelo programa estatístico, destacamos o ‘tipo de contexto subjuntivo’, por constituir um grupo de fatores recorrente nas pesquisas resenhadas nesta seção. O resultado mais relevante é que as orações com advérbio *talvez* favorecem o presente do subjuntivo (0,73) e as cláusulas relativas desfavorecem essa variante (0,24).

Na continuidade da análise quantitativa, seguem-se rodadas estatísticas para cada um dos cinco contextos, as quais incluem, além dos grupos de fatores específicos, as mesmas variáveis controladas nas rodadas gerais. De modo recorrente, a variável ‘tempo-modalidade’ continua sendo selecionada como a mais significativa em três dos cinco contextos analisados: cláusula substantiva, cláusula relativa e cláusula adverbial (PIMPÃO, 1999c, p. 109). A seguir, apresentamos uma tabela reunindo os resultados das variáveis selecionadas para os contextos em análise⁷⁴.

Com relação à tabela 3, apresentada na sequência, merece destaque a variável linguística ‘tempo-modalidade’. Os resultados revelam a importância do fator ‘futuridade’ no condicionamento do uso do presente do subjuntivo em três contextos: (substantiva, relativas e adverbiais).

⁷⁴ Não há resultados para o contexto ‘pressuposição’, por não haver número suficiente de ocorrências para proceder a rodadas estatísticas.

Tabela 3

Atuação das variáveis selecionadas sobre o uso do *presente do subjuntivo* na fala urbana de Florianópolis

| VARIÁVEIS | CONTEXTOS | | | |
|--------------|---------------|----------------|-----------------|-----------------|
| | Substantivas | Relativas | Adverbiais | Talvez |
| Tempo- | Futur:0,67 | Futur:0,91 | Fut./at.:0,76 | – |
| modalidade | Incert.: 0,12 | Inc./at.: 0,40 | Pressup.: 0,32 | |
| Escolaridade | – | – | Gin./col.: 0,58 | Col.: 0,71 |
| | | | Prim.: 0,21 | Pri./gin.: 0,26 |
| Conjugação | – | – | – | Primeira: 0,86 |
| | | | | Seg./ter.: 0,33 |
| Sexo | Masc.: 0,63 | – | – | – |
| | Fem.: 0,36 | | | |
| Pessoa | – | P3: 0,58 | – | – |
| | | P1: 0,07 | | |

Fonte: (adaptada de PIMPÃO, 1999c, p. 80-89-90-94-99)

Salientamos que essa variável ‘tempo-modalidade’ será refinada nesta tese para tratar a modalidade e noções de temporalidade separadamente, em variáveis distintas. Por outro lado, poderiam ter sido realizados cruzamentos para verificar mais efetivamente a atuação das variáveis selecionadas nas rodadas iniciais. É o que se pretende realizar nesta tese, além de outros procedimentos analíticos mais refinados, como veremos adiante.

Fagundes (2007)

A partir da análise de dados do Projeto VARSUL do Paraná (cidades de Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco – totalizando 96 informantes), Fagundes, investiga os três tempos verbais do modo subjuntivo em variação com formas verbais do modo indicativo. Para a seleção dos dados a serem analisados, Fagundes parte da classificação apresentada nas gramáticas tradicionais para o uso do subjuntivo, verificando em quais contextos o subjuntivo é categórico e em quais se pode encontrar variação.

Tomando como base teórica a Sociolinguística Laboviana, Fagundes coleta, inicialmente, um total de 2.718 ocorrências de variação entre subjuntivo e indicativo, com 90% desse total para o emprego do modo subjuntivo. Posteriormente, retira da análise os dados com nocaute(indicados pelo pacote estatístico VARBRUL como de comportamento categórico), os dados de orações independentes e as entrevistas em que o informante usa somente subjuntivo, passando a analisar 1.838 ocorrências de contexto potencial de variação,

encontrando um percentual aproximado de 85,7% para o modo subjuntivo.

São testadas as seguintes variáveis linguísticas independentes: tipo de oração, tempo verbal da oração principal, tempo verbal da ocorrência (na oração subordinada ou na oração independente) e modalidade. Dentre os grupos de fatores sociais, são controlados: sexo (masculino e feminino), faixa etária (25 aos 49 anos e 50 anos em diante), grau de escolaridade (primário, ginásio e colegial) e cidade (Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco). As variáveis selecionadas estatisticamente são: cidade, tipo de oração e modalidade. A tabela 4 apresenta resultados para a primeira variável selecionada referentes aos três tempos verbais do subjuntivo investigados por Fagundes (2007).

Tabela 4

Atuação da variável ‘tipo de oração’ sobre o uso do *modo subjuntivo* na fala urbana do Paraná – Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco

| TIPO DE ORAÇÃO | Freq. Apl./Total | % | PR |
|-------------------------|-----------------------------|-----------|-----------|
| Subordinada substantiva | 272/288 | 94 | 0,66 |
| Subordinada adjetiva | 221/256 | 86 | 0,51 |
| Subordinada adverbial | 1081/1294 | 84 | 0,46 |
| TOTAL | 1574/1838 | 86 | – |

Fonte: (adaptada de FAGUNDES, 2007, p. 152)

Conforme a tabela 4, a oração substantiva constitui o fator que mais favorece o uso do subjuntivo (0,66), enquanto a oração adverbial inibe um pouco esse modo (0,46) e a oração adjetiva se mostra indiferente (0,51).

Com relação ao segundo grupo de fatores linguísticos selecionado, ‘modalidade’, Fagundes controlou os fatores ‘modalidade conhecimento’, compreendendo contextos que expressam certeza, incerteza, probabilidade e possibilidade; e ‘modalidade da conduta e do desejo’, envolvendo solicitação, vontade. De acordo com os resultados, a modalidade da conduta e do desejo condiciona o uso do subjuntivo (0,63), enquanto a modalidade do conhecimento aproxima-se do ponto neutro para ambos os modos verbais (0,48 para subjuntivo e 0,52 para indicativo), não sendo possível indicar tendências significativas. De forma semelhante à variável ‘modalidade’ controlada por Fagundes, Pimpão (1999c) trata das modalidades deôntica e epistêmica, porém associadas unicamente ao verbo matriz no contexto específico das orações substantivas, não tendo essa variável se mostrado

estatisticamente significativa. Trata-se de uma variável a ser refinada nesta tese, investigando-se a atuação da modalidade no discurso (e não somente no âmbito do verbo).

Resultados para a variável ‘cidade’ indicam um sutil desfavorecimento ao emprego de subjuntivo nas cidades Curitiba (0,44) e Pato Branco (0,46). Londrina situa-se praticamente em um ponto neutro (0,51), não sendo possível afirmar tendências quanto aos modos verbais. Por sua vez, Irati é a cidade que mais favorece o uso do subjuntivo (0,62).

Fagundes efetuou também rodadas estatísticas por cidade, controlando os seguintes grupos de fatores: tipo de oração, modalidade, sexo, faixa etária e grau de escolaridade. Os resultados apresentam o seguinte quadro: Curitiba e Irati selecionam o grupo de fatores ‘modalidade’; a cidade de Pato Branco, o grupo ‘tipo de oração’; e a cidade de Londrina não seleciona nenhum grupo. Essas rodadas por cidade parecem confirmar a importância das variáveis linguísticas ‘tipo de oração’ e ‘modalidade’.

Os resultados de Fagundes indicam o contexto preferencial para o emprego do modo subjuntivo no Paraná: orações subordinadas substantivas (consideradas em todas as rodadas) e independentes (apenas na primeira rodada) sob o escopo da modalidade da conduta e do desejo. Os resultados ainda revelam um uso mais expressivo do modo subjuntivo na cidade de Irati, e um maior número de ocorrências do modo indicativo na cidade de Curitiba.

Como vimos nos três trabalhos da Região Sul resenhados nesta subseção, há pontos de convergência e de divergência entre os resultados apresentados, o que se constitui em um motivo a mais para justificar a (re)análise empreendida nesta tese, em busca de explicações mais criteriosas e consistentes para o uso variável dos modos subjuntivo e indicativo, particularmente nos contextos de tempo presente.

Os dados analisados por Costa (1990) revelam um percentual de 65,1% para o uso do subjuntivo nos três tempos do modo subjuntivo, com uma diferença de cerca de 20% a menos que o resultado de Fagundes (85,7%) para os mesmos três tempos verbais. A pesquisa de Pimpão (1999c), por outro lado, se restringe ao uso variável do presente do modo subjuntivo/indicativo, e aponta um percentual ainda mais baixo para o modo subjuntivo (59%), ainda que nesse estudo tenha sido controlada somente uma cidade (Florianópolis), e não quatro, como na pesquisa de Fagundes. Observando esses resultados, percebemos uma inclinação da variação na mesma direção, porém os percentuais são bastante diferenciados e as amostras nem sempre são comparáveis.

Um ponto em comum entre as pesquisas está em algumas variáveis controladas: as que tratam de ‘modalidade’ e de ‘tipo de oração’. Nas três pesquisas, essas variáveis são consideradas e, em Pimpão (1999c) e Fagundes, obtiveram relevância estatística. Nesse sentido, ainda que as amostras não possam ser comparáveis sem restrições (número de dados, constituição do banco, por exemplo), a importância dessas variáveis não pode passar despercebida.

2.4.1.2 Região Sudeste

Botelho Pereira (1974)⁷⁵

Botelho Pereira investiga a oposição modal entre indicativo e subjuntivo, tendo como objeto de estudo as orações subordinadas introduzidas por *que*. A autora (1974, p. 113) propõe uma nova classificação para esses modos verbais com base “nos conceitos de valores de verdade da lógica, adaptados por alguns linguistas para a análise de certos fatos das línguas naturais”, portanto diferenciada dos conceitos subjetivos das gramáticas tradicionais. Dessa forma, a partir de uma análise distribucional e semântica, prevê a existência de três funções:

a) uma função predominantemente semântica, em que a oposição modal não é condicionada pelo contexto: em “Maria não percebeu que Pedro partiu”, há a pressuposição de que Pedro partiu; diferentemente, em “Maria não percebeu que Pedro tenha partido”, Pedro pode ter partido ou não (BOTELHO PEREIRA, 1974, p. 122);

b) uma função semântico-gramatical: em “Acho que a Lua é habitada”, a afirmação é compatível com o uso do indicativo; já em “Não acho que a Lua seja habitada”, a negação é compatível com o uso do subjuntivo (BOTELHO PEREIRA, 1974, p. 157). Para a análise dos casos em que se observa a função semântico-gramatical, Botelho Pereira (1974, p. 127) partiu de testes realizados com 21 informantes, “compreendendo estudantes universitários na área de Letras, jornalistas com formação universitária, professores universitários, diretoras e orientadoras de escolas primárias.”⁷⁶ A pesquisa ainda revela um uso

⁷⁵ Na pesquisa de Botelho Pereira (1974), não há referência à origem dos informantes selecionados para a aplicação de testes. Considerando que a autora realizou sua pesquisa no Rio de Janeiro, acreditamos que os informantes sejam fluminenses, razão pela qual inserimos seu estudo no grupo da ‘Região Sudeste’.

⁷⁶ Em sua pesquisa, Botelho Pereira (1974) não menciona a origem dos informantes.

acentuado de subjuntivo sob o escopo dos verbos *supor*, *imaginar*, *julgar*, *acreditar* e *crer*, seja na afirmação, seja na negação, cuja explicação estaria, segundo a autora, na formalidade que seria característica do subjuntivo;

c) uma função predominantemente gramatical, específica do modo subjuntivo, caracterizado como uma marca de subordinação: por exemplo, os “verbos de desejo e vontade, temor, probabilidade, conveniência e necessidade” conduzem ao subjuntivo (BOTELHO PEREIRA, 1974, p. 204).

Para Botelho Pereira (1974, p. 5), “os significados do indicativo e do subjuntivo do português estão intimamente relacionados a certos fenômenos semânticos de pressuposição e implicações”, e essas noções indicam, segundo a autora, o tipo de modalidade que envolve o uso desses modos verbais. Com base nesses pressupostos, propõe uma caracterização distinta da prescrição gramatical, incluindo (i) verbos factivos (não-emotivo/avaliativos e factivos emotivo/avaliativos), (ii) verbos não-factivos, (iii) verbos implicativos, (iv) verbos implicativos negativos, (v) verbos condicionais, (vi) verbos condicionais negativos, (vii) verbos bicondicionais, (viii) verbos bicondicionais negativos, (ix) verbos indiferentes, (x) verbos performativos, (xi) verbos de recordação⁷⁷.

Essa caracterização é seguida por Rocha (1997), Santos (2005), Oliveira (2007) e Barbosa (2011), cujas pesquisas são resenhadas adiante, e também será considerada nesta tese como uma variável linguística, por duas razões: pelos importantes resultados já constatados nessas pesquisas e por permitir uma comparabilidade mais estreita dos resultados encontrados.

Wherritt (1977)

A partir de uma pesquisa de campo realizada em 1974, em São Paulo, Wherritt reúne 60 horas de gravações de conversação livre com 56 informantes nascidos no estado de São Paulo (e muitos deles na capital) e contatados nas ruas, parques, lojas, escolas, bem como no Ministério da Agricultura e no planetário. São informantes de ambos os sexos, de idade e escolaridade variadas e de diferentes grupos socioeconômicos – as três últimas consideradas pela autora como as mais importantes para o estudo.

Uma segunda etapa da pesquisa consiste na aplicação de quatro testes (de completar sentenças oralmente, repetir, avaliar, preencher lacunas) em um grupo de 86 alunos. No estudo de Wherritt, seus dados

⁷⁷ A caracterização dos verbos está descrita no capítulo 4.

estão agrupados conforme o tipo de oração: substantiva, adjetiva, adverbial, independente e expressões estereotipadas, contemplando variação nos três tempos verbais do modo subjuntivo. Ainda que não haja um controle estatístico das variáveis, é possível identificar, ao longo do estudo, correlações entre o uso variável do subjuntivo e (i) o tipo de oração, (ii) o verbo da matriz da oração substantiva, (iii) o tipo de conjunção adverbial, (iv) a negação, (v) a idade, (vi) a escolaridade e (vii) o nível socioeconômico. A tabela a seguir apresenta resultados gerais da pesquisa para as orações dependentes.

Tabela 5

Atuação da variável 'tipo de oração' sobre o uso do *presente* e do *passado do modo subjuntivo* em orações subordinadas: conversação livre em amostra de São Paulo

| TIPO DE ORAÇÃO | Freq. | % |
|-------------------------|----------------|-----------|
| | Apl./Total | |
| Subordinada adjetiva | 35/39 | 90 |
| Subordinada adverbial | 55/74 | 74 |
| Subordinada substantiva | 82/117 | 70 |
| TOTAL | 172/230 | 75 |

Fonte: (adaptada de WHERRITT, 1977, p. 45-80-81-92)

Das 117 ocorrências de 'subordinada substantiva', 82 estão no modo subjuntivo (70%). Desse total de 117, 79 ocorrências constituem contextos de variação no tempo presente, correspondendo ao percentual de 63% para o uso do presente do subjuntivo. Dentre as matrizes verbais investigadas em dados de presente, destaca-se o uso do verbo *querer*: de 30 orações, 17 ocorrem com o presente do subjuntivo na subordinada e 13 com o presente do indicativo. Salientamos esse verbo em especial, pois faz parte dos verbos volitivos, grupo verbal que, conforme observado em vários estudos de variação, constitui contexto favorável ao uso do subjuntivo. Curioso é que, se negados, verbos como esses tendem a ocorrer com o indicativo.

Com os verbos de crença, tais como *crer*, *acreditar* e *achar*, a autora observa um emprego significativo do modo indicativo; entretanto, quando negados, esses verbos tendem a ocorrer com o subjuntivo. Além disso, o subjuntivo, quando ocorre sob o escopo de verbos de crença, mostra uma frequência dependente de determinadas matrizes verbais. Por exemplo, o verbo *duvidar* apresenta 100% de uso de subjuntivo, ao contrário dos verbos *acreditar* (82%) e *achar* (0%).

Esses resultados reafirmam a importância de considerarmos o item verbal como uma variável independente.

Para as ‘subordinadas adjetivas’, a autora encontra 39 ocorrências, para presente e passado, predominantemente no subjuntivo, cujos resultados indicam que os informantes tendem a seguir as regras prescritivas. Com relação às ‘subordinadas adverbiais’, e ainda que Wherritt não isole os resultados para cada um dos dois tempos verbais considerados, julgamos interessante destacar a consideração da autora a respeito do papel da conjunção da oração adverbial em relação às variantes subjuntivo e indicativo. Por exemplo, as conjunções concessivas revelam um comportamento diferenciado quanto ao emprego do modo verbal: *apesar de que* e *se bem que* constituem um contexto propício ao uso do indicativo; *embora* e *mesmo que*, contexto preferencial do subjuntivo. Com efeito, o controle da conjunção como uma variável de análise merece ser contemplado em uma pesquisa que trate da variação no subjuntivo, o que será feito nesta tese.

Com relação aos grupos de fatores sociais, a autora constata que os informantes com idade entre 16 e 40 anos desviam menos das normas prescritivas que os jovens e os falantes acima de 40. Com relação ao grau de escolaridade, observa que os informantes menos escolarizados usam indicativo em todas as orações de conversação livre – resultados próximos aos obtidos com a aplicação de testes. Por fim, o nível socioeconômico apresentou resultados interessantes, indicando um percentual maior de indicativo nas classes mais baixas, ao contrário das classes mais altas, que apresentam um maior uso de subjuntivo.

Para Wherritt (1977, p. 31-32), “as descrições nos estudos tradicionais, bem como nas pesquisas mais recentes que tratam do subjuntivo no português, não refletem completamente o padrão do português falado e escrito”⁷⁸. Para a autora, existe uma regra para todas as ocorrências do subjuntivo. Seguindo alguns autores, defende que o subjuntivo constitui um reflexo morfológico de uma condição externa ao próprio verbo, manifesta na oração maior. E o traço que define o uso de determinado modo verbal na oração subordinada é o de [+ ou - reserva]⁷⁹.

⁷⁸ (WHERRITT, 1977, p. 31-32): “[...] that the descriptions in the traditional and more recent studies on the Portuguese subjunctive do not completely reflect standard spoken and written Portuguese [...]”. As traduções ao longo da tese não de nossa responsabilidade.

⁷⁹ A noção de [+/- reserva] está associada à noção de (não) factualidade. Wherritt (1977) apresenta uma série de exemplos em que, de uma maneira

Rocha (1997)

Seguindo o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa, Rocha investiga a variação no presente e no pretérito imperfeito do modo subjuntivo *vs.* indicativo em dados de orações substantivas introduzidas pela conjunção *que*. A amostra compreende dados de fala de informantes do Rio de Janeiro (Banco PEUL) e de Brasília. Do Projeto PEUL, Rocha analisa 29 horas de gravações, obedecendo à seguinte estratificação dos informantes: sexo (masculino e feminino), idade (7-14, 15-25, 26-49 e 50-60 anos) e escolaridade: (1ª a 4ª série do 1º grau, 1ª grau completo e 2º grau). Do cópús de Brasília, são considerados dados de 10 alunos da 4ª série do 1º grau da zona urbana, de ambos os sexos e com idade entre 7 e 14 anos⁸⁰.

São controlas as seguintes variáveis de natureza linguística: estrutura de assertividade da oração matriz, carga semântica do verbo ou do sintagma verbal da oração matriz, tempo e pessoa dos verbos da oração matriz e da oração encaixada, saliência fônica do verbo da oração encaixada, regularidade do verbo da oração encaixada e tipo de verbo da oração encaixada (auxiliar, de ligação, nocional). ‘Sexo’, ‘faixa etária’ e ‘escolaridade’ constituem as três variáveis sociais controladas nas amostras.

A seleção estatística dos grupos de fatores obedece à seguinte ordem de significância: carga semântica do verbo ou do sintagma verbal da matriz, faixa etária, estrutura de assertividade da oração matriz, regularidade verbal e tipo de verbo da oração encaixada e tempo do verbo da oração matriz e tempo do verbo da oração encaixada. A tabela 6 apresenta os resultados para a primeira variável linguística selecionada.

geral, se observa a correlação entre evento factual e emprego do modo indicativo, e, de outro lado, entre evento não factual e modo subjuntivo.

⁸⁰ O cópús de Brasília é constituído por 24 horas de gravação, e com entrevistas realizadas na zona urbana (informantes da 8ª série do 1º grau e de nível universitário) e na zona rural e urbana (informantes do 4ª série do 1º grau). Os alunos do 1º grau são nascidos no Distrito Federal e frequentam escolas públicas.

Tabela 6

Atuação da variável ‘carga semântica do verbo da oração matriz’ sobre o uso do *presente* e do *pretérito do subjuntivo* em orações substantivas *que*, na fala de Brasília e do Rio de Janeiro

| CARGA SEMÂNTICA DO VERBO DA ORAÇÃO MATRIZ | Freq. Apl./Total | % | PR |
|--|-------------------------|-----------|-----------|
| Verbo bicondicional (<i>duvidar, ser possível</i>) e implicativo negativo (<i>impedir</i>) | 08/10 | 80 | 0,95 |
| Verbo não-factivo volitivo (<i>querer, esperar</i>) | 65/88 | 74 | 0,95 |
| Verbo não-factivo não-volitivo (<i>pedir, ser necessário</i>) | 11/14 | 79 | 0,89 |
| Verbo ou predicado indiferente de opinião e suposição (<i>considerar, imaginar, pensar, acreditar, supor, dizer (=significar), significar</i>) | 44/107 | 41 | 0,73 |
| Verbo factivo emotivo ou avaliativo (<i>gostar, concordar</i>) | 17/29 | 59 | 0,60 |
| Verbo ou predicado indiferente de suposição (<i>parecer</i>) | 01/17 | 06 | 0,36 |
| Verbo ou predicado indiferente de opinião (<i>achar</i>) | 09/248 | 04 | 0,21 |
| Verbos performativo e condicional (<i>garantir, afirmar</i>) | 02/09 | 22 | 0,17 |
| Verbo factivo não-emotivo ou não-avaliativo (<i>saber</i>) | 01/23 | 04 | 0,02 |
| TOTAL | 158/545 | 29 | – |

Fonte: (adaptada de ROCHA, 1997, p. 69-70)

Rocha aplica a distribuição das categorias verbais proposta por Botelho Pereira (1974) aos dados em análise. Dos resultados apresentados na tabela 6, merece destaque o elevado peso relativo de subjuntivo (0,95) sob o escopo de verbos não-factivos volitivos. Os verbos bicondicionais e implicativo negativo, embora com mesmo peso relativo, envolvem um número menor de dados. Para todos os verbos, Rocha acredita que não há oposição modal na oração encaixada, e que o significado atribuído aos modos verbais pelas gramáticas tradicionais estaria em outros elementos da oração e/ou do discurso. Pensamos que essa distribuição dos verbos mostra-se interessante por subdividir os verbos factivos e não-factivos de uma forma mais detalhada, podendo assim captar nuances que podem ser significativas.

Quanto à assertividade da oração, os resultados apontam a importância da negação no condicionamento do modo subjuntivo. Rocha, com muita propriedade, alerta que, além da presença do elemento de negação, é preciso considerar o escopo da negação: se na oração matriz, se na oração encaixada. Quanto à ‘regularidade do verbo na encaixada’, a pesquisa revela um uso preferencial do modo subjuntivo associado a verbos regulares e a verbos irregulares. Verbos anômalos, em geral de maior saliência fônica, inibem o uso desse modo verbal.

Dentre as variáveis sociais controladas, o pacote estatístico selecionou a ‘faixa etária’, com resultados que apontam para um padrão linear, segundo o qual os mais jovens preferem a variante inovadora, i.e, o indicativo e, à medida que a idade avança, aumenta a probabilidade de emprego do subjuntivo, indicando que os mais velhos são mais conversadores.

Rocha considera que a variação entre subjuntivo e indicativo situa-se abaixo do nível de consciência do informante. Acreditamos, entretanto, que a variação no subjuntivo está abaixo do nível de consciência em determinados contextos, como, por exemplo, as orações com verbos de opinião na matriz (*acreditar*). A presença de um verbo de volição na matriz (*querer*) já poderia, ao contrário, sugerir algum nível de consciência – os próprios resultados indicam o favorecimento do subjuntivo sob o escopo de tais verbos. Essa é uma questão que mereceria um tratamento específico, com aplicação de testes de atitude, por exemplo.

Rocha (1997, p. 108) ainda destaca a existência de duas variantes inovadoras: “o indicativo usado em ambientes de uso mais associado ao subjuntivo e o subjuntivo usado em contextos de uso preferencialmente do indicativo”. Acreditamos, todavia, que o presente do indicativo figure como variante inovadora apenas nos ambientes de uso obrigatório de subjuntivo, conforme prescrevem os gramáticos normativos; nos demais, em que o uso do indicativo é, de uma certa forma, previsto, esse modo verbal acaba perdendo o *status* de variante inovadora. Por outro lado, o uso do subjuntivo em contextos de indicativo está fora do escopo da análise empreendida nesta tese. Da referida pesquisa, destacamos duas variáveis também consideradas em outros estudos: a ‘carga semântica do verbo ou do sintagma verbal da matriz’ e a ‘estrutura de assertividade da oração matriz’.

Alves Neta (2000)

Para investigar a variação entre as formas verbais do presente do modo indicativo e do modo subjuntivo, Alves Neta examina dois corpúscos (falado e escrito) coletados na cidade de Januária, localizada no norte de Minas Gerais. Para a constituição do corpúscos falado, são considerados 18 informantes, estratificados em nível de escolaridade (fundamental, médio e superior) e em faixa etária (geração I, II e III), totalizando 284 ocorrências de contextos sujeitos à variação. Ainda, a autora aplicou um teste aos mesmos 18 informantes, solicitando que completassem frases, em que era esperado o uso do presente do subjuntivo.

O corpúscos escrito inclui redações de (i) alunos do ensino fundamental de três escolas públicas (7^a e 8^a séries); (ii) alunos do

ensino médio da Escola Agrotécnica Federal de Januária; e (iii) candidatos ao vestibular/99 da UNIMONTES, totalizando 159 ocorrências. Para cada série do ensino fundamental de cada escola, são coletadas 15 redações, totalizando 90 textos; e, para cada série do ensino médio, são coletadas 30, totalizando 90. A esse número de produções, somam-se 90 redações do vestibular, constituindo um corpús de 270 textos.

Os contextos de análise são os seguintes: oração subordinada substantiva, cujo verbo da oração principal é não-factivo: verbos de volição, causa, necessidade e possibilidade; oração subordinada adverbial; oração com o advérbio *talvez*; oração subordinada adjetiva, cujo referente seja um ser de existência possível⁸¹; oração coordenada e principal. No que diz respeito às subordinadas substantivas, Alves Neta isola duas categorias de verbos: os de julgamento (*Suponho que ele estuda/estude.*) e os de sentimento (*Alegra-me que ele vem/venha.*), analisando-as separadamente. Para a autora, esses casos não constituem variação, pois a presença de um determinado modo verbal implica um valor semântico específico.

Seis variáveis são controladas no tratamento quantitativo dos dados: tipo de oração, modalidade, tipo de conjunção da oração adverbial, nível de escolaridade, faixa etária e estilos de fala⁸². O último grupo de fatores, dada a natureza, é excluído das rodadas com os dados de escrita. A autora realiza rodadas individuais para os corpús em análise.

São analisados 284 dados de fala e 159 dados de escrita. Para os dados de fala, são consideradas estatisticamente significantes as variáveis ‘tipo de oração’ e ‘nível de escolaridade’; para os dados de escrita, ‘tipo de oração’ e ‘modalidade’. A tabela 7 expõe os resultados para a variável ‘tipo de oração’, na fala e na escrita.

⁸¹ Nas orações adjetivas, parece que Alves Neta (2000) considera que o modo verbal carrega um valor modal. Observe os exemplos: em “Quero um ajudante que faça bolo”, a existência do referente é pressuposta; em “Quero um ajudante que faz bolo”, a existência é garantida (ALVES NETA, 2000, p. 53). Nesse sentido, contexto de existência garantida não foi considerado na análise.

⁸² Alves Neta (2000, p. 72) controla dois fatores para a variável independente ‘estilos de fala’: “o estilo formal corresponde aos dados obtidos através de entrevista. Foi considerado estilo menos formal aquele em que o informante foi solicitado a completar frase.”

Tabela 7

Atuação da variável ‘tipo de oração’ sobre o uso do *presente do subjuntivo* em dados de fala e em dados de escrita de Januária/ MG

| TIPO DE ORAÇÃO | ORAL | | | ESCRITA | | |
|-------------------------------|----------------|-----------|----------|-----------------|-----------|----------|
| | Freq. | % | PR | Freq. | % | PR |
| | Apl./Total | | | Apl./Total | | |
| Substantiva objetiva indireta | 07/08 | 87 | 0,67 | 06/14 | 43 | 0,23 |
| Substantiva objetiva direta | 56/70 | 80 | 0,60 | 21/31 | 68 | 0,56 |
| Outras substantivas | 60/72 | 83 | 0,65 | 19/23 | 83 | 0,70 |
| Adjetiva | 14/19 | 74 | 0,47 | 04/11 | 36 | 0,82 |
| Adverbial | 20/34 | 59 | 0,39 | 31/49 | 63 | 0,48 |
| Absoluta | 32/57 | 56 | 0,37 | — ⁸³ | — | — |
| Coordenada | 08/20 | 40 | 0,22 | 12/26 | 46 | 0,29 |
| Principal | 02/04 | 50 | 0,19 | 03/05 | 60 | 0,42 |
| TOTAL | 199/284 | 70 | — | 96/159 | 60 | — |

Fonte: (adaptada de ALVES NETA, 2000, p. 98-105)

O percentual total de uso do presente do subjuntivo aponta para uma frequência de 70% (fala) e 60% (escrita) – resultados que parecem ratificar a tendência que vem se mostrando nos demais trabalhos de o subjuntivo estar perdendo terreno para o indicativo, ou, inversamente, de o indicativo estar ocupando o espaço previsto pela norma para o subjuntivo. É claro, como já foi enfatizado, que se trata apenas de resultados frequenciais que precisam ser cuidadosamente examinados em suas especificidades. Pode-se afirmar, contudo, que apontam para uma mesma direção.

Na variável exibida na tabela 7, os resultados de fala apontam as orações substantivas como o contexto preferencial de retenção do presente do subjuntivo. Boa parte dessas orações também condiciona o subjuntivo nos dados de escrita, porém as orações adjetivas constituem o contexto de maior preservação desse modo verbal. Os resultados referentes ao ‘tipo de oração’ mostram a importância da variável, porém, tendo em vista algumas divergências em certos fatores entre fala e escrita, é possível que outras variáveis estejam interferindo, como, por exemplo, o traço semântico do verbo, no caso das orações substantivas. Os contextos sintáticos, sem dúvida, vão merecer um olhar bastante criterioso nesta tese.

⁸³ As orações absolutas nos dados de escrita correspondem a usos do imperativo (ALVES NETA, 2000).

O segundo grupo de fatores selecionado na rodada com os dados de fala, ‘nível de escolaridade’, indica que o uso do subjuntivo acompanha o grau de instrução formal, de modo que quanto mais se avança na instrução formal, menor é a probabilidade de uso do presente do indicativo. Do segundo grupo de fatores selecionado na rodada com os dados de escrita, ‘modalidade’, noções de ‘volição’, ‘causa e necessidade’, e ‘desejo’ desfavorecem o presente do indicativo, condicionando a realização do presente do subjuntivo.

Da pesquisa de Alves Neta, acreditamos que, se a autora tivesse partido de uma concepção mais discursiva de modalidade, as ocorrências com verbos de julgamento poderiam ser agrupadas com os demais verbos das subordinadas substantivas, que expressam volição, causa, necessidade e possibilidade. Da mesma forma, acreditamos que algumas orações adjetivas desconsideradas na análise poderiam fazer parte do *cópus*. De acordo com esse recorte da autora, infere-se que ora a morfologia flexional de subjuntivo carrega a modalidade, ora a modalidade manifesta-se no contexto maior. Esse critério metodológico não se aplica aos dados desta tese.

Gonçalves (2003)

É de Gonçalves o trabalho a ser resenhado a seguir, também com amostra de Minas Gerais. Para investigar a flutuação no uso dos três tempos do modo subjuntivo, Gonçalves coleta dados de produção oral de um projeto de formação de professores do ensino fundamental e médio e de especialistas, todos de um colégio público da cidade de Juiz de Fora. Também fazem parte dos *cópus* dados coletados de programas de televisão e de situações cotidianas de comunicação. Tomando como base a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva, notadamente focada em Lakoff e em Sweetser, a autora investiga três contextos de análise: orações independentes, orações complementares e orações oblíquas.

A partir da descrição do emprego do subjuntivo por gramáticos e linguistas, Gonçalves distribui o subjuntivo em quatro grupos, seguindo uma escala de prototipicidade: (i) estruturas associadas à modalidade deôntica (boa parte das orações subordinadas complementares⁸⁴); (ii) estruturas associadas à modalidade epistêmica (algumas orações subjetivas, orações dubitativas com *talvez*, orações oblíquas condicionais); (iii) estruturas expressivas avaliativas (algumas orações

⁸⁴ Tendo em vista alguns exemplos apresentados por Gonçalves (2003), observamos que as orações complementares equivalem, pelo menos, às subordinadas objetiva direta e subjetiva.

complementares) e orações oblíquas⁸⁵ finais; e (iv) orações oblíquas temporais, causais e concessivas. A hipótese é de que o subjuntivo seja menos empregado à medida que se avança em direção ao último grupo, que abarca os piores exemplos da categoria pela própria distância em relação ao grupo mais prototípico.

Considera a autora que os dois primeiros grupos são modais: a modalidade deôntica como categoria central, envolvendo os membros mais prototípicos, e a modalidade epistêmica como sua projeção. O terceiro é tido como de uso modal duvidoso, pois, caso se vincule à modalidade deôntica, tal conexão não é evidente. Por fim, o último grupo constitui o de uso não-modal por não manifestar uma projeção clara, seja para com a modalidade deôntica, seja para com a modalidade epistêmica.

A análise dos *cópus* inclui 240 dados de flutuação entre subjuntivo e indicativo em três contextos: orações independentes, complementares e oblíquas, conforme tabela a seguir. Como Gonçalves considera a caracterização semântico-pragmática do modo subjuntivo, a tabela 8, a seguir, não apresenta resultados para o ‘caráter modal duvidoso’⁸⁶.

Tabela 8
Atuação do ‘grau de protipicidade’ sobre o uso do *modo subjuntivo* em dados orais/MG

| GRAU DE PROTOTIPICIDADE | Freq. Apl./Total | % |
|-------------------------|---------------------|-------------|
| Modalidade deôntica | 106/117 | 90,5 |
| Uso não-modal | 15/21 | 71,0 |
| Modalidade epistêmica | 72/102 | 70,0 |
| TOTAL | 193/240 | 80,0 |

Fonte: (adaptada de GONÇALVES, 2003, p. 53-54-59)

O resultado geral apresentado na tabela 8 indica um uso significativo do modo subjuntivo (80%). Dentre os resultados por

⁸⁵ De acordo com os dados apresentados por Gonçalves (2003), por ‘subordinada oblíqua’ entende-se ‘subordinada adverbial’.

⁸⁶ Dentre os contextos de caráter modal duvidoso, Gonçalves (2003) considera as estruturas expressivas avaliativas, que não ocorrem nos *cópus*, e as orações oblíquas finais. De um total de 24 ocorrências, somente 2 apresentam o modo indicativo, resultado inesperado, considerando que a construção com oblíquas finais “não constitui um caso de uso prototípico do subjuntivo” (GONÇALVES, 2003, p. 60).

fatores, destaca-se o alto percentual de subjuntivo no contexto de modalidade deontica (90,5%), resultado também encontrado na pesquisa de Fagundes (2007). Os demais resultados parecem apontar para possíveis contextos de entrada do modo indicativo: modalidade epistêmica (70%) e usos não-modais (71%). Segundo a autora (2003, p. 55), as 6 ocorrências não-modais com indicativo referem-se às orações oblíquas concessivas, sugerindo que “a expressão da modalidade é menos prototipicamente marcada em orações subordinadas por meio do modo verbal, no caso, o subjuntivo”.

Os usos não-modais são menos frequentes não somente nos casos de flutuação, como também no cômputo geral dos dados. Das 240 ocorrências, 219 correspondem ao uso modal e 21, ao uso não-modal. Considerando esses resultados mais gerais, bem como os apresentados na tabela anterior, Gonçalves (2003, p. 54, grifos do autor) considera que a baixa frequência dos usos não-modais constitui uma evidência de que o subjuntivo “tende a associar-se mais sistematicamente [...] à marcação genérica da modalidade, corroborando a ideia, por nós defendida, de que a categoria do subjuntivo não está prestes a ‘morrer’”. Além disso, o uso de indicativo em 6 das 21 ocorrências de usos não-modais “falam em favor da hipótese de que estes, constituindo a área mais afastada do protótipo desta categoria, favorecem a ocorrência de variação” (GONÇALVES, 2003, p. 58).

Com relação aos contextos propriamente modais, Gonçalves investiga 219 ocorrências: 117 com valor deontico e 102 com valor epistêmico (ver tabela 8). Infelizmente, a autora não apresenta uma tabela com a frequência de subjuntivo e de indicativo para cada um dos tipos de oração; havendo, apenas, alguns resultados mais gerais. A modalidade epistêmica, manifestada nas ocorrências dubitativas com *talvez*, constitui um contexto propício à flutuação por ser o ambiente menos prototípico para o subjuntivo se comparado com a modalidade deontica, exemplificada a partir das ocorrências de orações subjetivas e objetivas diretas. Alves Neta (2000) apresenta resultados semelhantes para as orações com o advérbio *talvez*, diferente da pesquisa de Pimpão (1999a, 1999c), em que tais favorecem o presente do subjuntivo. A modalidade deontica configura-se como um ambiente prototípico ao uso do subjuntivo, o membro mais central na categoria, considerando que, segundo Sweetser (1990), a modalidade epistêmica mostra-se como uma projeção metafórica da modalidade deontica, sendo esta mais básica.

O referencial teórico utilizado por Gonçalves na análise dos dados difere das pesquisas resenhadas nesta tese, contribuindo, significativamente, também por essa razão, com os estudos sobre o

modo subjuntivo. Os resultados da pesquisa aproximam-se dos resultados de outras pesquisas, essencialmente em três pontos: (i) a recorrência do subjuntivo sob o escopo da modalidade deôntica; (ii) a atuação menos incisiva do subjuntivo sob o escopo da modalidade epistêmica; e (iii) as orações concessivas como um contexto propício a uma maior atuação do indicativo.

Guiraldelli (2004)

Com base em um *cópus* escrito e tendo como embasamento teórico o funcionalismo, essencialmente de Dik e Hengeveld, Guiraldelli estuda o presente do modo subjuntivo e sua relação com a expressão das modalidades epistêmica, deôntica e volitiva, a partir da análise de um *cópus* escrito do português do Brasil. O *cópus* é constituído por discursos políticos presidenciais (proferidos por Fernando Collor de Mello, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva) e por discursos de divulgação científica (revistas *Ciência Hoje* e *Superinteressante*).

No estudo do subjuntivo, a autora analisa as orações substantivas (âmbito sintático) e o valor semântico inerente ao verbo da oração principal (âmbito semântico), sem desconsiderar a atitude do falante (âmbito pragmático). Para isso, controla as seguintes variáveis: tipo de discurso, tipo de modalidade do predicador encaixador, valor do predicado encaixador, categoria do predicado matriz, factividade do verbo matriz, manifestação da negação, modo e tempo na oração encaixada e caráter *realis/irrealis* da oração encaixada.

O tratamento quantitativo dos dados não inclui pesos relativos. Nesse sentido, como não há grupos de fatores condicionantes, somente alguns resultados serão apresentados, aqueles que podem, de alguma forma, contribuir para o estudo de variação proposto nesta tese. O primeiro fator de interesse refere-se ao cruzamento entre ‘tipo de modalidade’ e ‘modo da oração encaixada’.

Tabela 9

Atuação da variável ‘tipo de modalidade’ sobre o uso do *presente do subjuntivo* em *orações substantivas*

| TIPO DE MODALIDADE | Freq. Apl./Total | % |
|---------------------------|-----------------------------|-----------|
| Deôntico | 20/20 | 100 |
| Volitivo | 08/08 | 100 |
| Epistêmico | 26/123 | 21 |
| TOTAL | 54/151 | 35 |

Fonte: (adaptada de GUIRALDELLI, 2004, p. 85)

Os resultados indicam o predicador epistêmico como contexto preferencial ao indicativo (79%). Já os predicadores deôntico e volitivo revelam uso categórico do subjuntivo, o que, segundo a autora, pode ser justificado pela futuridade à qual ambas as modalidades estão ligadas. Como vimos ao longo da exposição dos diferentes trabalhos, a relevância dos verbos volitivos no favorecimento ao uso do subjuntivo também está presente em outras pesquisas.

Resultados indicam um elevado percentual para o uso do subjuntivo sob o escopo do *irrealis* (85,5%), que, por natureza, está ligado a eventos cuja realização está projetada para o futuro. De acordo com Guiraldelli, o discurso político, por abordar ações passadas que apontam para o futuro, instaura um ambiente *irrealis*. Nesse sentido, os tempos verbais que expressam o *irrealis* são: futuro e presente do subjuntivo, e futuro e presente do indicativo, quando expressam futuridade.

Com relação à presença da negação, a pesquisa revela os seguintes resultados: quando a negação aparece na oração matriz, o presente do subjuntivo tende a aparecer (83,3%); se, ao contrário, a negação está na oração encaixada, o presente do indicativo tende a ser usado (60%). Ressaltamos, no entanto, o número escasso de dados nesse caso (21 ocorrências). Conforme a autora (2004, p. 90), “a presença da negação se soma ao uso do modalizador na construção de uma estratégia de descomprometimento do falante, que tenta atenuar seu envolvimento com a verdade da proposição”. A relevância da negação na oração matriz também é apontada em outras pesquisas, quais sejam: Wherritt (1977), Carvalho (2007) e Almeida (2010) – estas duas últimas apresentadas adiante.

Como mencionado, na investigação de Guiraldelli (2004), resultados para dados negados apontam em uma direção diferente, se comparados com os resultados encontrados na pesquisa de Wherritt (1977). No estudo de Wherritt (1977), as adjetivas com antecedente negado e os verbos de opinião negados constituem contexto preferencial ao uso do subjuntivo, ao contrário dos verbos volitivos negados, que tendem a aparecer com o indicativo; no de Guiraldelli, verbos da matriz, quando negados, promovem o subjuntivo (83,3%).

Essa diferença pode estar ou no número de ocorrências analisadas por Guiraldelli, pouco expressivo, ou pode estar correlacionado à natureza do verbo matriz, conforme mostra a pesquisa de Wherritt (1977). De qualquer forma, o uso da negação na matriz e/ou na encaixada deve constituir uma variável independente em uma investigação acerca da variação entre subjuntivo e indicativo.

Concluindo sua análise, para Guiraldelli (2004, p. 97), os seguintes fatores são importantes para o uso do subjuntivo: “o valor semântico do encaixador, o grau de comprometimento do falante nas orações subjuntivas modalizadas epistemicamente, o caráter *realis* ou *irrealis* da oração encaixada e a factividade do encaixador”. Assim, a pesquisa revela a associação do uso do modo subjuntivo com a incerteza, com verbos deônticos e volitivos, com a categoria *irrealis* e a não-factividade.

A pesquisa de Guiraldelli aponta para fatores já observados em outros estudos: a presença da negação, a noção de projeção futura e a modalidade deôntica, fatores esses que parecem contribuir com um maior conhecimento acerca do uso do modo subjuntivo.

Santos (2005)

Valendo-se da Teoria da Variação Linguística, além da Teoria Funcionalista de base givoniana, Santos investiga a variação entre subjuntivo e indicativo, nos três tempos verbais (presente, passado e futuro). O contexto de subjuntivo corresponde às orações complexas (substantivas e adverbiais), coletadas em dados de fala do Rio de Janeiro (Discurso & Gramática) e dados de fala do noroeste de São Paulo (Iboruna). O *córpus* Discurso & Gramática é composto por 93 informantes, estratificados de acordo com o grau de escolaridade (desde a alfabetização infantil e adulta até o Ensino Superior, sempre nos anos finais – quarta e oitava séries do ensino fundamental, terceiro ano do ensino médio e último período do ensino superior) e o gênero (masculino e feminino). As entrevistas desse banco contemplam cinco tipos de textos orais com a respectiva contraparte escrita: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição local, relato de procedimento e relato de opinião. O banco ainda compreende uma versão escrita desses cinco tipos de textos para fins de comparabilidade entre fala e escrita.

O *córpus* Iboruna, por estar em fase de constituição à época da realização da pesquisa, permitiu a utilização de 15 entrevistas, cujos informantes estão estratificados em gênero, escolaridade (1º ciclo EF; 2º ciclo EF, Ensino Médio e Ensino Superior), faixa etária (7 a 15, 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e mais de 55 anos) e renda familiar (mais de 25 salários mínimos, de 11 a 24, de 6 a 10 e até 5 salários). Por uma questão de comparabilidade entre as duas amostras, Santos opta por desconsiderar os textos escritos do D&G e por controlar apenas duas variáveis sociais: grau de escolaridade e gênero.

Para análise do fenômeno variável, Santos controla as seguintes variáveis independentes de natureza linguística: tipo de oração

subordinada, tipo de predicado matriz (orações substantivas), carga semântica do predicado matriz (substantivas)⁸⁷, tempo do predicado da oração principal, tipo semântico do sujeito da oração subordinada, grau de certeza epistêmica, pessoa, paradigma flexional e saliência fônica do verbo da oração subordinada e tipo de texto. Os 217 dados de análise são submetidos ao programa estatístico VARBRUL, e três variáveis apresentam relevância estatística: carga semântica do verbo da oração matriz (substantivas), grau de certeza epistêmica e tipo de oração subordinada, respectivamente.

A frequência geral indica que, de um total de 217 dados, 72% ocorrem com subjuntivo e 28% com indicativo, resultado que se alinha à maioria dos já apresentados neste capítulo. Inclusive, esses percentuais são idênticos aos encontrados em cada um dos dois corpuses, ainda que não haja homogeneidade entre ambos em termos de número de informantes. Esses resultados sugerem que o fator ‘região’ (pelo menos no que diz respeito a Rio de Janeiro e São Paulo) parece não se mostrar relevante quanto ao uso dos modos verbais. O primeiro grupo de fatores selecionado, ‘carga semântica do predicado matriz’, que diz respeito somente às orações substantivas, aponta para o uso categórico de subjuntivo em dois fatores, conforme tabela a seguir:

Tabela 10

Atuação da variável ‘carga semântica do predicado matriz’ sobre o uso do *modo subjuntivo* em orações substantivas

| CARGA SEMÂNTICA DO PREDICADO MATRIZ | Freq. Apl./Total | % | PR |
|---|-----------------------------|-----------|-----------|
| Verbo não-factivo não-volitivo (<i>pedir, deixar</i>) | 10/10 | 100 | – |
| Verbo implicativo negativo (<i>impedir</i>) | 01/01 | 100 | – |
| Verbo não-factivo volitivo (<i>querer, esperar</i>) | 26/28 | 93 | 0,83 |
| Verbo emotivo ou avaliativo (<i>gostar</i>) | 01/02 | 50 | 0,48 |
| Verbo bicondicional (<i>duvidar, poder ser</i>) | 01/03 | 33 | 0,16 |
| Verbo indiferente de opinião (<i>acreditar, pensar</i>) | 09/24 | 38 | 0,13 |
| TOTAL | 48/68 | 71 | – |

Fonte: (adaptada de SANTOS, 2005, p 77-78)

Dentre os resultados apresentados na tabela 10, destacamos a correlação entre verbos não-factivos volitivos e o uso do modo

⁸⁷ Dada a importância do predicado matriz, Santos (2005) utiliza duas formas para classificar os verbos: uma baseada na proposta de Givón (tipo de predicado matriz) e outra baseada na pesquisa de Rocha (1997) sobre o uso variável do modo subjuntivo (carga semântica do predicado matriz).

subjuntivo (93%), modo verbal que não se mostra sensível a verbos indiferentes de opinião (38%), resultados aproximados aos encontrados em outras pesquisas que controlam verbos volitivos e verbos epistêmicos. A segunda variável estatisticamente relevante no trabalho de Santos (2005), grau de certeza epistêmica, indica que o subjuntivo tende a ocorrer em contextos ‘irreais’ e ‘potenciais’ (0,57 e 0,58, respectivamente), ao contrário dos contextos ‘reais’, em que o indicativo tende a ser usado (0,07 para subjuntivo).

Ao realizar um cruzamento entre o ‘grau de certeza epistêmica’ e a ‘carga semântica do predicado matriz’, Santos observa que o subjuntivo atinge o peso relativo de 0,58 em contextos potenciais, porém esse resultado é favorecido pelo verbo da oração matriz – 93% dos verbos não-factivos volitivos ocorrem com subjuntivo nos contextos potenciais, tipo de verbo que projeta um evento para o futuro, tornando-o potencial. O traço de futuridade também se mostra importante na pesquisa de Pimpão (1999c). Esse tipo de investigação criteriosa, além de precisar os contextos de variação do subjuntivo, torna a pesquisa mais confiável.

A despeito da relevância estatística da variável ‘tipo de oração subordinada’ e do elevado peso relativo das orações substantivas (0,91), para Santos (2005, p. 137) não se deve esquecer a importância da ‘carga semântica do predicado matriz’: “diante de predicados *indiferentes de opinião*, *bicondicionais* e *emotivos/avaliativos*, a preferência é pelo emprego do modo indicativo, enquanto predicados *não-factivos volitivos* são favorecedores do modo subjuntivo”.

Como síntese da pesquisa desenvolvida pela pesquisadora, consideramos importante destacar que um tratamento estatístico mais refinado dos dados, como fez a autora, promove uma interpretação mais segura. Nesse sentido, os cruzamentos realizados diminuem a probabilidade de uma leitura equivocada dos resultados, permitindo apontar, com mais propriedade, as variáveis, ou ainda, os fatores, que condicionam o uso do subjuntivo.

Almeida (2010)

A pesquisa desenvolvida por Almeida contempla a análise de dados diacrônicos. Como objeto de análise, a autora investiga o uso variável do presente e do imperfeito do modo subjuntivo em orações substantivas e em orações adverbiais concessivas em duas amostras: uma composta por textos escritos do século XIII ao século XX, e outra composta por dados de fala culta (NURC-RJ/SSA) e não-culta (PEUL), em duas épocas distintas – de 1970 a 1990 e de 1980 a 2000.

Conjugando os pressupostos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Linguístico (GIVÓN; HOPPER; TRAUGOTT), para Almeida, o uso dos modos verbais não pode ser visto em termos de polos opostos; antes, a autora segue a orientação funcionalista da escalaridade, considerando um *continuum* no uso de subjuntivo e indicativo. Para a análise das ocorrências, Almeida controla as seguintes variáveis extralinguísticas: periodização e gêneros textuais (para os dados de escrita) e década, faixa etária, região e gênero (para os dados de fala).

Ao tratar das orações substantivas, as variáveis linguísticas controladas são: item verbal da oração matriz, tempo do evento – real ou referido em relação ao momento da enunciação (traço formal/semântico), grau de assertividade e pessoa verbal da matriz. Em se tratando de orações concessivas, os grupos de fatores constituídos são: modo de organização do discurso, posição da oração subordinada adverbial concessiva, tipo de conector introdutor da oração subordinada adverbial concessiva, presença (e tipo) de elemento interveniente entre o conector e o verbo, identidade entre os sujeitos da cláusula contrastiva (adverbial concessiva) e matriz, forma verbal da oração subordinada, modalidade, natureza semântica da oração concessiva, estatuto informacional dos segmentos concessivos e conteúdo da construção concessiva.

Considerando as orações substantivas no *cópus* diacrônico, Almeida procede a uma análise específica para cada um dos verbos identificados ao longo dos séculos, em virtude da expectativa de que haja variação diferenciada de acordo com o item verbal da matriz. A autora divide os verbos em dois grupos: no primeiro, estão incluídos aqueles que apresentam variação em um ou dois séculos; no segundo grupo, aqueles que manifestam variação em três ou mais séculos. Com relação ao segundo grupo de verbos, Almeida encontra 647 ocorrências com o modo subjuntivo num total de 3.483 dados, com um percentual em torno de 18,5%. Uma interpretação geral desse resultado pode sugerir um uso pouco expressivo do modo subjuntivo, entretanto, uma investigação mais detalhada, considerando o item verbal, mostra um outro cenário de variação. Segundo a autora, verbos como *esperar* e *jurar* revelam um processo de variação estável ao longo dos séculos. Por outro lado, “verbos como *mandar* – séculos XIV, XV e XVI – e *querer* – séculos XIV, XV e XVII – que permitiam uso variável, passam a apresentar uso categórico do subjuntivo, nas últimas três sincronias” (ALMEIDA, 2010, p. 148).

Dentre as orações concessivas, os resultados indicam 514 ocorrências de modo subjuntivo num total de 751 dados, alcançando um percentual em torno de 68,5%. Esse resultado sugere um uso produtivo do subjuntivo ao longo dos séculos. Uma análise mais refinada, considerando o conector concessivo, revela um processo de variação a depender do próprio conector. Por exemplo, todas as 15 ocorrências com *apesar de (que)* apresentam indicativo ou infinitivo na oração subordinada, mas não subjuntivo. Ao contrário, as 45 ocorrências de *sem que* apresentam subjuntivo. Já com o conector *embora*, o subjuntivo aparece em quase todos os dados: 22 ocorrências de 24.

Almeida apresenta resultados probabilísticos apenas para as orações concessivas introduzidas por *ainda que*, tendo sido selecionadas as seguintes variáveis: modalidade da proposição, estatuto informacional dos segmentos concessivos, época, tempo do evento em relação ao momento da enunciação e identidade entre os sujeitos da oração principal e da subordinada. Destacamos resultados para duas dessas variáveis. Segundo Almeida, a variável ‘modalidade da proposição’ indica que os fatores condição (0,85) e hipótese (0,67) favorecem o subjuntivo por apresentarem um maior grau de subjetividade. A segunda variável, ‘tempo formal/semântico’ revela que um contexto de futuridade favorece esse modo verbal (0,76), fator que também se mostrou relevante na pesquisa realizada por Pimpão (1999c).

Para os dados de fala culta (NURC), são analisadas 248 ocorrências de variação entre subjuntivo e indicativo nas orações substantivas, tendo o subjuntivo uma aplicação de 23% dos dados. São três as variáveis selecionadas: pessoa verbal, assertividade e tempo verbal. Resultados indicam que o subjuntivo é favorecido pela primeira pessoa (0,76), pela presença da negação na matriz (0,92) e pelo tempo passado do verbo matriz (0,80). Para os dados de fala não-culta (PEUL), o subjuntivo apresenta um uso de 7% das 147 ocorrências de orações substantivas investigadas, sendo favorecido pelo ‘tipo de verbo da oração matriz’, pelo ‘gênero’ e pelo ‘tempo verbal da matriz’. O subjuntivo é, então, favorecido pelo verbo *pensar* (0,76), pelo gênero feminino (0,68) e pelo verbo da matriz no infinitivo (0,96).

Para as orações concessivas nos dados de fala culta e não-culta não há resultados probabilísticos. Entretanto, resultados percentuais mostram a importância do tipo de conector, conforme ilustra a tabela 11, exibida na sequência. Julgamos interessantes os resultados, especialmente no que diz respeito à faixa de variação em ambas as amostras: ocorrências com *mesmo que* e *embora*.

Tabela 11

Atuação da variável ‘tipo de conector’ sobre o uso do *modo subjuntivo* em orações concessivas nos dados do NURC e do PEUL

| TIPO DE CONECTOR | NURC | | PEUL | |
|------------------------|---------------------|-----------|---------------------|-----------|
| | Freq. Apl./Total | % | Freq. Apl./Total | % |
| <i>Ainda que</i> | 03/03 | 100 | 01/01 | 100 |
| <i>Por mais que</i> | 09/09 | 100 | 05/05 | 100 |
| <i>Sem que</i> | 01/01 | 100 | 02/02 | 100 |
| <i>Mesmo que</i> | 09/10 | 90 | 39/56 | 56 |
| <i>Embora</i> | 53/61 | 87 | 18/32 | 56 |
| <i>Se bem que</i> | 02/03 | 67 | 0/11 | 0 |
| <i>Apesar de (que)</i> | 0/02 | 0 | 0/14 | 0 |
| <i>Por</i> | 01/01 | 100 | – | – |
| TOTAL | 78/90 | 87 | 65/121 | 54 |

Fonte: (adaptada de ALMEIDA, 2010, p. 253)

Também merece destaque o uso do subjuntivo com o conector *se bem que* apenas na amostra do NURC, ainda que haja poucos dados. Parece que a escolaridade, inferida a partir da constituição de cada banco, está atuando no uso variável do subjuntivo pelo menos em relação a alguns conectores.

Resultados mais gerais indicam que: (i) na análise diacrônica, o comportamento do verbo matriz das orações substantivas é diferenciado, e o tipo de conector concessivo constitui um parâmetro importante no processo de variação; e (ii) nos dados de fala, o subjuntivo apresenta um resultado diferente nas orações substantivas (23% na fala culta e 7% na fala não-culta), indicando que esse modo verbal é preferencialmente utilizado por falantes escolarizados.

Barbosa (2011)

Fundamentada nos princípios teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança, Barbosa investiga, dentre outros fenômenos, a variação no uso do presente e variação no uso do imperfeito do modo subjuntivo a partir de dados de 43 informantes naturais da cidade de Vitória/ES. Os contextos de análise envolvem orações substantivas e orações com o modalizador *talvez*. Acreditamos que a atualidade da pesquisa revela o interesse crescente no estudo do uso variável do modo subjuntivo, acentuado, provavelmente, pela constituição de novos bancos de dados, como o PORTVIX, consultado por Barbosa.

Barbosa ainda se propõe a realizar uma análise comparativa entre os resultados de sua pesquisa e os de Rocha (1997), com dados do Rio de Janeiro e Brasília; os de Carvalho (2007), com dados do Cariri; e os

de Oliveira (2007), com dados de João Pessoa (estes dois últimos apresentados adiante). Para facilitar a aproximação entre os resultados, há, pelo menos, uma variável em comum a esses estudos, primeiramente controlada por Botelho Pereira (1974): verbo da oração matriz.

São controladas as seguintes variáveis de natureza linguística (carga semântica do verbo da matriz/verbo da oração matriz, assertividade na matriz e na encaixada, tempo verbal da matriz, tempo verbal da encaixada, tipo de oração, pessoa do verbo da matriz, pessoa do verbo da encaixada e modalizador) e de natureza social (grau de escolaridade (fundamental, médio e superior), gênero (masculino e feminino), faixa etária (7-14, 15-25, 26-49, e acima de 49 anos) e falante⁸⁸ (entrevistador e falante)). Resultados gerais indicam um baixo percentual para o uso do modo subjuntivo (31%). Para o cálculo probabilístico, o programa Goldvarb X selecionou as seguintes variáveis na ordem de significância: verbo da matriz, assertividade, tempo verbal da oração matriz e grau de escolaridade. Abaixo, reproduzimos os resultados referentes à primeira variável selecionada.

Tabela 12
Atuação da variável ‘verbo da oração matriz’ sobre o uso do *modo subjuntivo*
nos dados de fala de Vitória

| VERBO DA MATRIZ | Freq. Apl./Total | % | PR |
|--|---------------------|-----------|----------|
| <i>Pedir, exigir, esperar, concordar, permitir, preferir</i> | 20/25 | 80 | 0,96 |
| <i>Querer</i> | 34/42 | 81 | 0,95 |
| Modalizador (<i>talvez</i>) | 14/30 | 47 | 0,81 |
| <i>Crer</i> | 10/19 | 53 | 0,83 |
| <i>Supor, pensar, imaginar, parecer, considerar</i> | 11/20 | 55 | 0,71 |
| <i>Acreditar</i> | 06/15 | 40 | 0,51 |
| <i>Gostar</i> | 02/09 | 22 | 0,38 |
| <i>Falar, dizer, comentar</i> | 02/09 | 22 | 0,34 |
| <i>Descobrir, perceber, saber</i> | 01/11 | 9 | 0,19 |
| <i>Achar</i> | 09/167 | 5 | 0,16 |
| TOTAL | 109/347 | 31 | – |

Fonte: (adaptada de BARBOSA, 2011, p. 40)

Dos resultados apresentados na tabela 12, destacamos o elevado peso relativo para os dois primeiros fatores, que correspondem aos

⁸⁸ Interessante o controle da variável ‘falante’, não somente porque não foi testada nas pesquisas resenhadas nesta tese, como também porque pode apontar resultados importantes.

verbos volitivos. Conforme vimos em trabalhos anteriores, essa categoria verbal tem se mostrado importante contexto para a retenção do modo subjuntivo, independentemente, inclusive, do tempo verbal investigado. Destacamos, ainda, os resultados para os verbos *crer* (0,83) e *acreditar* (0,51) que, embora de natureza epistêmica, evidenciam um comportamento percentual e probabilístico diferenciado. Esse critério de Barbosa revela, como também outros estudos já apontaram, a importância de considerar o item verbal como uma variável independente.

Para a segunda variável selecionada, ‘grau de assertividade’, a presença de negação na oração matriz favorece o uso do modo subjuntivo (0,87). A terceira variável, ‘tempo verbal da matriz’, indica que o pretérito perfeito ou imperfeito favorece o uso do modo subjuntivo (0,88). A última variável com nível de significância estatística, ‘grau de escolaridade’, indica que o uso do subjuntivo acompanha o nível escolar: fundamental (0,23), médio (0,56) e superior (0,63).

Na sequência, Barbosa procede a uma comparação de resultados de algumas variáveis controladas por Rocha (1997), Carvalho (2007) e Oliveira (2007). Dentre essas variáveis em comum, destacamos duas: ‘grau de assertividade’ e ‘carga semântica do verbo matriz’. Com relação ao grau de assertividade, a comparação permite identificar a importância da negação na oração matriz para o uso do modo subjuntivo, fator já referido em alguns estudos resenhados nesta tese. Acreditamos que a negação constitui um vasto campo de estudo a ser explorado. Tentaremos, a partir da análise dos dados de Florianópolis e de Lages, dar a nossa contribuição a esse campo de investigação tão interessante e promissor.

Da variável ‘carga semântica do verbo da matriz’, destacamos algumas correlações interessantes: para o grupo de verbos não-factivo volitivo (*querer, esperar, desejar*), Rocha (1997) encontra 74% de uso do subjuntivo e Barbosa, 79%. Por outro lado, na pesquisa de Carvalho (2007), esse mesmo grupo apresenta o resultado 97% e no estudo de Oliveira (2007), 99%. Para os verbos indiferentes de opinião (*pensar, imaginar, crer, acreditar, considerar*), há um resultado aproximado entre Rocha (1997) – 41% –, Carvalho (2007) – 45% – e Barbosa – 48% –, mas distante de Oliveira (2007) – 10%. Há que se considerar, é claro, o banco consultado, o objeto de análise, o número de dados. Ainda assim, parece ser recorrente a tendência observada em vários estudos de uso do subjuntivo sob o escopo de verbos com traços volitivos, que diminui dando lugar ao indicativo se o verbo envolver noções epistêmicas.

Por fim, importa mencionar que o trabalho desenvolvido por Barbosa coloca em evidência variáveis que têm se mostrado, de alguma forma, relevantes em várias pesquisas acerca da variação no modo subjuntivo, e que por isso merecem ser também controladas na pesquisa empreendida nesta tese.

Uma análise geral das pesquisas realizadas na Região Sudeste aponta para resultados semelhantes encontrados na análise de dados da Região Sul: o ‘tipo de oração’ e a ‘modalidade’ (cf. ALVES NETA, 2000; GONÇALVES, 2003). Outras variáveis ainda revelam importância, como o ‘grau de assertividade’; o item verbal da oração matriz; ‘carga semântica do verbo da oração matriz’; o ‘tipo de conjunção’ e a ‘regularidade verbal’. Com relação aos grupos de fatores sociais, as pesquisas, de uma forma geral, apontam para a importância do grau de escolaridade, ainda que diferentes resultados sejam encontrados.

2.4.1.3 Região Nordeste

Meira (2006)

Seguindo a Teoria da Variação Linguística laboviana, bem como pressupostos teóricos no âmbito da crioulística no que diz respeito à Transmissão Linguística Irregular, Meira estuda o uso variável das três formas do subjuntivo (presente, pretérito e futuro), e respectivas formas do indicativo, em dois contextos: orações relativas e orações completivas/substantivas. A pesquisa foi conduzida com base em amostras de dados de fala de quatro comunidades rurais de descendentes afro-brasileiros, quais sejam: Barra e Bananal (município de Rio de Contas), Helvécia (município de Nova Viçosa), Cinzento (município de Planalto) e Sapé (município de Valença).

Para desenvolver o estudo, os dados são coletados do Acervo de Fala Vernácula do Português Afro-Brasileiro, pertencente ao Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia. Os informantes estão assim estratificados: sexo (masculino e feminino), idade (20-40, 41-60, acima de 60 anos e mais de 80 anos) e escolaridade (analfabeto e semi-analfabeto). À exceção da última faixa etária, que conta com 4 informantes (dois em Helvécia e mais dois em Cinzento), as demais apresentam 8. Ainda foi controlada uma outra variável, estada fora da comunidade: aqueles que viveram pelo menos seis meses fora da comunidade e aqueles que se ausentaram por um período inferior a esse. A amostra é constituída por 28 entrevistas: 8 em Cinzento e Helvécia e 6 em Barra e Bananal e Sapé.

Meira coleta 162 ocorrências em contexto de oração relativa, das quais 38 aparecem com o modo subjuntivo, i.e., 23% do total. Os demais 77% são usados com o modo indicativo, i.e., 124 ocorrências. Sobre o controle das variáveis, quatro são selecionadas⁸⁹, respectivamente, sendo três de natureza linguística e uma de natureza social, quais sejam: localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação, tempo do subjuntivo previsto no uso culto, morfologia verbal e estada fora da comunidade. A tabela a seguir apresenta resultados para a primeira variável selecionada. Na sequência, outros resultados são comentados.

Tabela 13

Atuação da variável ‘localização temporal do evento expresso na oração relativa’ sobre o uso do *modo subjuntivo* nas orações relativas no português afro-brasileiro

| LOCALIZAÇÃO TEMPORAL | Freq. Apl./Total | % | PR |
|-----------------------------|-----------------------------|-----------|-----------|
| Posterior à elocução | 17/31 | 61 | 0,93 |
| Simultaneamente à elocução | 09/38 | 13 | 0,36 |
| Anterior à elocução | 12/66 | 15 | 0,37 |
| TOTAL | 38/135⁹⁰ | 28 | – |

Fonte: (adaptada de MEIRA, 2006, p. 215)

Os resultados apresentados na tabela 13 indicam que o modo subjuntivo é favorecido quando o evento localiza-se após o momento da enunciação (0,93), decaindo consideravelmente quando o evento é simultâneo ou anterior à elocução, resultados próximos aos de Pimpão (1999c) para o presente do modo subjuntivo. O segundo grupo de fatores, ‘forma prevista na norma culta’, revela que há maior probabilidade do futuro do subjuntivo ocorrer (0,78) do que o imperfeito (0,46) e o presente do subjuntivo (0,38), resultados semelhantes aos encontrados por Santos (2005).

⁸⁹ As variáveis linguísticas controladas foram as seguintes: tipo de oração relativa, nível de referência do antecedente, nível de realidade da predicação contida na oração relativa, tempo do subjuntivo previsto no uso culto, localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação.

⁹⁰ As variáveis ‘localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação’ e ‘tempo do subjuntivo previsto no uso culto’ apresentam um total de 135 dados, e não de 162, como ocorre com as outras duas variáveis com significância estatística.

A ‘morfologia verbal’, terceira variável selecionada, mostra os verbos regulares como preservando mais o modo subjuntivo. Esse resultado é bastante curioso, pois o subjuntivo é condicionado por verbos regulares, contrariando a expectativa da saliência fônica. Possível explicação é a significativa frequência do tempo futuro, cujas formas se assemelham às formas do infinitivo dos verbos regulares. O quarto grupo de fatores, esse de ordem social, igualmente contrariou a expectativa, pois aqueles falantes que não saíram da comunidade são os que mais usam o modo subjuntivo. Meira sugere que o número pouco expressivo de dados pode ter comprometido esse resultado, sendo necessário ampliar a amostra.

Para as orações completivas, são analisadas 80 ocorrências, sendo o subjuntivo empregado em 29%, o que revela, dessa forma, alta produtividade do modo indicativo. Nesse tipo de oração, considerando o reduzido número de dados, não é possível obter resultados consistentes no nível de análise probabilística; sendo assim, os grupos de fatores⁹¹ serão apresentados com base nos percentuais.

Dentre os resultados, destacamos que o subjuntivo tende a ocorrer sob o escopo de verbos volitivos, avaliativos e inquiritivos, e quando há um evento irreal codificado na oração completiva. Nas completivas, o princípio da saliência fônica se confirma, pois o modo em análise ocorre mais com verbos irregulares. Com relação aos grupos de fatores sociais, Meira opta por tratar apenas da idade. Na idade, é necessário retomar os fatores: faixa I (20 a 40 anos), faixa II (41 a 60 anos), faixa III (61 a 80 anos) e faixa 4 (mais de 80 anos).

Como resultado, Meira verifica um padrão curvilíneo de variação estável, pois os falantes das faixas I e IV apresentam um menor percentual de uso do subjuntivo (19% e 18%, respectivamente); já os falantes das duas faixas intermediárias mostram um percentual mais elevado para esse modo (40% e 29%, respectivamente). Como o número de dados não é expressivo, Meira não pode afirmar com segurança que há um processo de aquisição das formas de subjuntivo nas comunidades.

Dada a baixa produtividade do modo subjuntivo, Meira defende a existência de duas gramáticas no português: um português urbano e um

⁹¹ Para as ‘orações completivas’, foram controladas as seguintes variáveis linguísticas: tipo de oração em que a completiva está encaixada, tipo do verbo da oração em que a completiva está encaixada, tempo verbal (tempo do verbo da oração em que a completiva está encaixada e tempo do subjuntivo previsto no uso culto), avaliação do falante acerca do nível de realidade do evento referido na oração completiva e morfologia verbal.

português de comunidades rurais. No primeiro espaço, observa-se a tendência ao emprego do modo indicativo; ao contrário, nas comunidades afro-brasileiras, as formas do modo subjuntivo estão sendo adquiridas. Para a autora, no processo de transmissão, provavelmente o indicativo tenha sido o modo adquirido primeiramente, pois, por se referir a eventos reais, tem um traço menos marcado. As zonas urbanas, por estarem mais diretamente ligadas à urbanização, da qual decorrem, por exemplo, escolas e meios de comunicação, favoreceriam uma transmissão mais fácil das formas do subjuntivo aos falantes.

Destacamos, porém, o cuidado que se deve tomar com generalizações acerca da existência de duas gramáticas. Meira faz afirmações categóricas, mas que requerem uma análise mais cuidadosa do processo de seleção de grupos de fatores, dos próprios fatores e do percentual e/ou peso relativo associado a cada um, e não somente dos resultados gerais (cf. PIMPÃO; GÖRSKI, 2010).

Carvalho (2007)

A terceira pesquisa resenhada da Região Nordeste é de Carvalho, que desenvolve um estudo acerca da variação entre subjuntivo e indicativo em orações subordinadas substantivas introduzidas pela partícula *que*. A amostra é constituída por dados de fala de informantes da região do Cariri, microrregião localizada ao sul do estado do Ceará. Os dados foram extraídos do Banco de Dados dos Estudos de Língua Oral do Ceará, e os 60 informantes estão estratificados em sexo, idade e escolaridade. O objeto de estudo centra-se na investigação de dois fenômenos de natureza verbal: variação entre o presente do indicativo e o presente do subjuntivo⁹², e variação entre o pretérito imperfeito do indicativo e o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Carvalho controla os seguintes grupos de fatores: tipo de verbo da oração principal, padrão morfofonológico do verbo, estrutura da assertividade da oração, modalidade, pessoa verbal da oração matriz e pessoa verbal da oração encaixada, além das variáveis sociais: sexo, faixa etária e escolaridade. Para a variante ‘presente do modo subjuntivo’, o primeiro grupo de fatores selecionado pelo programa estatístico foi o ‘tipo de verbo da oração principal’, seguido pelos grupos de fatores ‘estrutura da assertividade da oração’ e ‘modalidade’, já relevantes em outras pesquisas. Apresentamos, a seguir, os resultados referentes à primeira variável que obteve significância estatística.

⁹² Nesta tese, somente são apresentados resultados para a variação no presente do modo subjuntivo.

Tabela 14
Atuação da variável ‘tipo de verbo da oração matriz’ sobre o uso do *presente do subjuntivo* em orações substantivas na fala do Cariri/CE

| TIPO DE VERBO DA MATRIZ | Freq. | % | PR |
|--|---------------|-----------|------|
| | Apl./Total | | |
| Verbos volitivos (<i>querer, esperar</i>) | 31/32 | 97 | 0,98 |
| Verbos cognitivos (<i>crer, acreditar, pensar</i>) | 15/33 | 45 | 0,84 |
| Verbo cognitivo ‘ <i>achar</i> ’ | 21/173 | 12 | 0,40 |
| Verbo dicendi (<i>dizer, contar</i>) | 02/17 | 12 | 0,34 |
| Verbo factivo (<i>saber</i>) | 01/31 | 03 | 0,05 |
| TOTAL | 70/286 | 24 | – |

Fonte: (adaptada de CARVALHO, 2007, p. 91)

Conforme indicam os resultados apresentados na tabela 14, os verbos volitivos despontam como o contexto favorecedor ao emprego do modo subjuntivo, seguido pelos verbos cognitivos *crer, pensar* e *acreditar*. Os demais tipos verbais desfavorecem o uso desse modo verbal.

Comparando alguns resultados: Alves Neta (2000) controla os verbos volitivos como um dos fatores da variável ‘modalidade’, encontrando 32% de uso do presente do modo indicativo, resultado que sugere uma preferência pelo presente do modo subjuntivo (68%). Já o resultado encontrado no estudo de Carvalho (2007) indica um uso praticamente categórico de subjuntivo sob o escopo de verbos volitivos.

Resultados da segunda variável selecionada, ‘estrutura de assertividade da oração’, indicam que, apesar dos poucos dados, “estruturas com a presença do operador de negação favorecem mais subjuntivo do que estruturas afirmativas” (CARVALHO, 2007, p. 98). Como já visto, a negação mostra-se importante fator em outros estudos (cf. WHERRITT, 1977; ROCHA, 1997; ALMEIDA, 2010). Ainda que a negação tenha se mostrado um fator relevante no uso do modo subjuntivo, Carvalho defende que a variável ‘tipo de verbo da matriz’ não deva perder importância. Em vista disso, decide cruzar as duas variáveis, e os resultados apontam o uso desse modo verbal sob o escopo de verbos volitivos, independentemente da presença do operador de negação. Os verbos cognitivos, por outro lado, mostram-se sensíveis à presença da negação. No estudo de Wherritt (1977), os verbos de crença, quando negados, tendem a ocorrer com o verbo no subjuntivo, porém, para os verbos volitivos negados, o indicativo é mais recorrente.

O terceiro grupo de fatores selecionado, ‘modalidade’, evidencia o uso do modo subjuntivo fortemente associado ao traço de futuridade

(0,98). Por outro lado, o traço de incerteza/avaliação encontra-se em um ponto neutro (0,49) e o traço de certeza desfavorece esse modo verbal (0,01). Esses resultados se aproximam daqueles encontrados por Pimpão (1999c) na investigação entre presente do subjuntivo e do indicativo, conforme já visto: o fator ‘futuridade’ favorece o uso do presente do subjuntivo e os fatores ‘incerteza’, ‘atemporalidade’ e ‘pressuposição’ desfavorecem o emprego desse modo verbal.

Para os grupos de fatores sociais, os resultados encontrados surpreendem, na medida em que se afastam dos encontrados por Pimpão (1999c) e Alves Neta (2000), pesquisas que mostram um maior uso do presente do modo subjuntivo nos últimos anos de escolaridade. Os resultados do estudo de Carvalho indicam que os falantes sem escolaridade empregam com mais frequência o modo subjuntivo. Na tentativa de possíveis explicações para tal resultado, Carvalho investiga o tipo de verbo correspondente às 15 ocorrências para os falantes sem escolaridade, considerando a possibilidade dos 15 verbos serem de emprego quase obrigatório do subjuntivo, como ocorre com os verbos volitivos. Entretanto, dos 15, 7 eram volitivos e os demais consistiam em verbos cognitivos, como *achar* e *acreditar*. Nesse sentido, os dados parecem, de fato, mostrar que o subjuntivo é preservado na fala dos não escolarizados.

Para a variável ‘faixa etária’, os resultados indicam os falantes com mais de 50 anos como o grupo que mais preserva o uso do modo subjuntivo. Esse resultado converge com aqueles encontrados por Alves (2009): em Muriaé/MG, constatou-se a preferência pelo indicativo na fala dos mais jovens e um desfavorecimento desse modo verbal na fala dos informantes mais velhos. Nesse sentido, os falantes mais velhos, em ambas as pesquisas, tendem a usar o subjuntivo.

Vieira (2007)

A quinta pesquisa examinada da Região Nordeste é conduzida por Vieira, com amostras de dados de fala do Córpus Discurso & Gramática (D&G)⁹³ da cidade de Natal. O objetivo geral da pesquisa centra-se na investigação da variação entre subjuntivo e indicativo, nos tempos presente e passado, a partir de dados de orações subordinadas substantivas⁹⁴, buscando responder à seguinte questão: “quais fatores determinam a escolha do modo verbal, face ao evento narrado?” (VIEIRA, 2007, p. 12).

⁹³ O cópulus D&G já foi descrito na resenha do trabalho de Santos (2005).

⁹⁴ Não há ocorrência de orações substantivas objetivas indiretas.

Para a realização da pesquisa, Vieira analisa 12 entrevistas, quatro em cada um dos seguintes anos de escolarização: oitava série, terceiro ano do ensino médio e último período da graduação, tendo todos os informantes acima de 15 anos. A restrição da faixa etária mínima é justificada pela intenção da pesquisadora de comparar os resultados de seu trabalho com os resultados do estudo de Poplack (1992) a partir de dados do francês do Canadá. Com vistas à comparação de ambos os estudos, variáveis sociais são desconsideradas pela autora, da mesma forma que o são as amostras de escrita do D&G.

Para a seleção das ocorrências de orações substantivas, Vieira parte da prescrição normativa acerca dos contextos de uso do modo subjuntivo. No corpus de Natal, totalizando 106 dados para esses contextos, são encontradas 94 ocorrências de orações com subjuntivo (88,7%), contra 12 casos com o indicativo (11,3). Procedendo à análise dos dados, Vieira adota um critério metodológico diferente das demais pesquisas: primeiramente, investiga as 94 ocorrências de uso categórico do subjuntivo, para, então, discutir os demais 12 casos, com uso exclusivo do indicativo.

Inicialmente, a autora controla as seguintes variáveis: tipo de oração subordinada substantiva e tipo de verbo da oração principal classificado quanto ao submodo, deôntico ou epistêmico. Posteriormente, para fins de comparação dos dados do português com o francês do Canadá, outras variáveis são consideradas: classe semântica e tempo do verbo da oração principal e a morfologia da oração subordinada. Por fim, a autora apresenta uma proposta para o ensino do português e do francês, focalizando a questão dos modos verbais.

Das 94 ocorrências de uso categórico do subjuntivo, 68 são orações objetivas diretas (72,3%) e 44 estão no submodo deôntico (53%). Apesar da baixa frequência dos dados com indicativo, Vieira observa que esse modo ocorre com frequência sob o escopo de verbos epistêmicos usados, principalmente, em orações objetivas diretas. Nesse sentido, dada a frequência com que as substantivas objetivas diretas ocorrem, esse tipo de oração apresenta a seguinte correlação: subjuntivo e verbos deônticos; e indicativo e verbos epistêmicos.

Vieira compara seus resultados àqueles encontrados por Poplack (1992) e conclui que o ambiente propício ao uso do subjuntivo envolve verbos volitivos e verbos irregulares, à semelhança dos resultados encontrados no francês do Canadá. Entretanto, diferentemente deste último estudo, segundo o qual o subjuntivo tende a ocorrer com o pretérito imperfeito na oração principal, dados de Natal apontam para o presente.

Vieira comenta que, a despeito dos poucos dados com indicativo, a comparação com o francês do Canadá pode ser feita em termos de tendência. Afirma, ainda, que “fatores pragmáticos e semânticos atuam no momento em que o usuário faz uso do modo verbal, evidenciando que esses fatores influenciam a sintaxe, que não é, portanto, autônoma” (VIEIRA, 2007, p. 90).

Oliveira (2007)

A última pesquisa resenhada nesta seção foi realizada por Oliveira com dados de João Pessoa, coletados do Projeto VALPB. O Projeto reúne informantes sem escolarização, e com escolaridade de 1 a 4, 5 a 8, 9 a 11 e mais de 11 anos. O banco de dados ainda está estratificado de acordo com o gênero (masculino e feminino) e com a faixa etária. A investigação do uso variável do presente e pretérito do modo subjuntivo concentra-se na análise de orações completivas introduzidas pelo complementizador *que*.

São controladas as seguintes variáveis: tipo semântico do verbo da oração matriz, grau de assertividade, tempo verbal do verbo da oração matriz e do verbo da oração encaixada, pessoa do verbo da oração matriz e do verbo da oração encaixada, paradigma flexional do verbo da oração encaixada, escolarização, gênero e faixa etária. Dentre essas, ‘tipo semântico do verbo da oração matriz’ e ‘grau de assertividade’ obtiveram relevância. Resultados para a primeira variável são apresentados na sequência.

Tabela 15

Atuação da variável ‘tipo semântico do verbo da oração matriz’ sobre o uso do *presente e pretérito do subjuntivo em orações substantivas* na fala de João Pessoa/PB

| TIPOS DE VERBOS/PREDICADOS | Freq. Apl./Total | % | PR |
|---|-----------------------------|-------------|-----------|
| Não-factivo volitivo (<i>querer, desejar, esperar</i>) | 139/140 | 99 | 0,99 |
| Não-factivo não volitivo (<i>mandar, dizer, pedir</i>) | 71/73 | 97 | 0,99 |
| Indiferente de opinião e suposição (<i>acreditar</i>) | 12/118 | 10 | 0,47 |
| Bicondicional (<i>ser possível</i>) e implicativo negativo (<i>impedir</i>) | 02/03 | 66 | 0,42 |
| Indiferente de opinião (<i>achar</i>) | 12/434 | 02 | 0,26 |
| Indiferente performativo (<i>falar, dizer</i>) e condicional (<i>ser certo</i>) | 02/206 | 01 | 0,06 |
| Factivo não-emotivo ou não-avaliativo (<i>saber</i>) | 0/127 | 0 | – |
| TOTAL | 238/1101 | 21,6 | – |

Fonte: (adaptada de OLIVEIRA, 2007, p. 75)

A tabela 15 aponta resultados significativos, tanto em termos percentuais quanto em peso relativo. Os verbos não-factivos volitivos e não-volitivos ocorrem essencialmente com o subjuntivo, confirmando a previsão de Oliveira (2007, p. 72) de que “as formas do subjuntivo são mais produtivas nos contextos onde o subjuntivo era esperado”, não somente de acordo com as gramáticas, porém em consonância com o que outras pesquisas apontam. E essa produtividade é muito mais acentuada se comparada aos resultados de Rocha (1997) para as cidades do Rio de Janeiro e de Brasília (74% de subjuntivo com verbos não-factivos volitivos e 79% com não-volitivos). O grupo dos verbos factivos emotivos e avaliativos (*gostar, importar, incomodar*) não aparece na tabela por serem de uso categórico do subjuntivo. Os verbos de opinião desfavorecem o modo subjuntivo, em especial o verbo *achar*, que, dada sua alta frequência, foi rodado em um grupo isolado.

A pesquisa de Oliveira, assim como outras já resenhadas nesta seção, igualmente aponta para importância da negação no condicionamento do uso do subjuntivo, em especial se o elemento de negação está na oração matriz, o que eleva o percentual de uso desse modo verbal. O cruzamento entre essas duas variáveis aponta resultados muito interessantes: os verbos não-factivos volitivos e não-volitivos não são afetados pela negação; nesse caso, independentemente do elemento de negação, apresenta elevado percentual de uso do subjuntivo. Por outro lado, os verbos indiferentes de opinião e de suposição respondem positivamente à negação, apresentando um maior percentual de subjuntivo se houver uma negação na oração matriz.

A tabela 15 ainda indica um percentual baixo para o uso do subjuntivo em João Pessoa (21,6%). Esse resultado pode estar sendo influenciado pelos também baixos percentuais de uso do subjuntivo sob o escopo destes tipos semânticos de verbos: factivo (0%), indiferente performativo e condicional (1%) e indiferente de opinião (2%). Os verbos indiferentes de opinião ainda exibem uma alta frequência do verbo *achar*, que ocorre, essencialmente, com o indicativo. Nesse sentido, o indicativo é praticamente categórico sob o escopo desses três grupos de verbos. Alertamos, portanto, para uma leitura cautelosa dos resultados, pois esses dois grupos totalizam 767 ocorrências, dentre as quais apenas 14 estão no subjuntivo (cf. tabela 15).

Para fins de comparação de resultados, Oliveira se vale das mesmas variáveis controladas por Rocha (1997), cuja pesquisa foi resenhada anteriormente, com dados do Rio de Janeiro e de Brasília. Como alguns resultados encontrados por Oliveira mostram um percentual mais elevado de subjuntivo em João Pessoa se comparado a

alguns resultados de Rocha (1997), aquela autora busca possíveis explicações na sócio-história. Os estados do Rio de Janeiro e da Paraíba “tiveram inicialmente um processo semelhante de colonização e formação sócio-histórica” (OLIVEIRA, 2007, p. 133). A chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro no início do século XIX, entretanto, promoveu um maior desenvolvimento do estado, favorecendo a diferença entre ambos os estados. O contato com contingentes de imigrantes pode ter permitido um processo de variação mais acelerado, ao contrário do estado da Paraíba, que não passou pelos mesmos processos. Nesta tese, a história social de Florianópolis e de Lages poderá apontar justificativas para o uso variável do presente do subjuntivo.

Alves (2009)

A pesquisa de Alves abrange dados de Muriaé/MG e de Feira de Santana/BA (16 informantes em cada cidade). Valendo-se dos princípios teóricos e do procedimento metodológico da Sociolinguística Quantitativa, Alves analisa as estruturas alternativas para a expressão das modalidades típicas do subjuntivo em três tipos de sentenças: completivas, adverbiais e relativas. Para Alves (2009, p. 46, grifos do autor), “as estruturas alternativas à expressão de modalidades típicas do subjuntivo podem ser consideradas variantes em relação às estruturas ‘presente do indicativo’ e ‘presente do subjuntivo’”. São elas: “forma verbal no infinitivo, no gerúndio, nominalizada, elíptica, no futuro condicional e expressão com *ter* modal (*ter que* ou *ter de* + infinitivo)” (ALVES, 2009, p. 31).

A amostra é constituída a partir de diferentes fontes: (i) dados do texto ‘História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil’ (século XVI), época em que “a normatização gramatical passa a exercer possíveis influências nos textos escritos” (ALVES, 2009, p. 93); e (ii) dados de fala de Muriaé/MG e de Feira de Santana/BA, na tentativa de “comparar as ocorrências dessa cidade da Zona da Mata mineira com os dados de Feira de Santana-Bahia, sob a hipótese de que em Minas o fenômeno ‘evite o subjuntivo’⁹⁵ esteja mais avançado e na Bahia esteja menos avançado” (ALVES, 2009, p. 95, grifo do autor).

⁹⁵ Alves (2009, p. 82, grifos do autor) aponta a pouca recorrência de formas do subjuntivo nos dados de Muriaé e um significativo uso de estruturas alternativas, justificando que a opção por outras estruturas “pode estar relacionada a diversos fatores, mas, sobretudo, ao fato de evitar o uso de uma forma tão ‘pesada’ e ‘malsoante’ como o subjuntivo. É possível, assim, que as estruturas alternativas representem a manifestação viva do ‘fenômeno evite o

As variáveis sociais controladas na pesquisa são as seguintes: sexo (masculino e feminino), idade (21 a 30 e entre 52 e 60) e escolaridade (fundamental/médio e superior concluído). As variáveis linguísticas são específicas para cada um dos contextos de variação entre presente do subjuntivo e presente do indicativo: orações completivas/substantivas, adverbiais e relativas. Para o contexto de completivas, são controlados os seguintes grupos de fatores: tipo de oração e tipo de modalidade expressa pelo verbo da sentença matriz; para o contexto de adverbiais são: tipo de conjunção e nível de distância entre a conjunção e a forma verbal (este último apenas para o *córpus* do século XVI); para o contexto de relativas, as variáveis são: conjugação verbal, paradigma verbal, nível de distância entre o pronome relativo e a forma verbal (este último apenas para o *córpus* do século XVI), nível de referência do antecedente do pronome relativo e animacidade do antecedente do pronome relativo⁹⁶.

No estudo de Alves, as ocorrências totalizam 1.851 casos, sendo 1.584 referentes aos dados de fala de ambas as cidades, e 267 referentes ao documento do século XVI para o uso do presente do subjuntivo, do presente do indicativo e de estruturas alternativas. Somando especificamente o número de ocorrências para subjuntivo e indicativo, resultados gerais indicam 124 dados de subjuntivo de um total de 165 no século XVI e 328 casos de subjuntivo dentre 462 ocorrências na contemporaneidade. Essa frequência aponta para um percentual de 75,2% e 71% de subjuntivo, respectivamente, resultado muito próximo dos encontrados por Costa (1990) – 72,7% – e por Alves Neta (2000) – 70% –, ambos os estudos sobre a variação no presente do modo subjuntivo.

Dentre os contextos de análise controlados, não há dado referente às orações completivas com verbo no indicativo no *córpus* do século XVI. Chamamos atenção para o fato de que a ausência de indicativo parece reforçar a importância desse tipo de contexto na retenção do subjuntivo. Vale lembrar que, em muitas pesquisas, o contexto de orações substantivas constitui o que mais retém o uso do subjuntivo (cf. COSTA, 1990; ALVES NETA, 2000; SANTOS, 2005; FAGUNDES, 2007). Ainda com relação às orações completivas, Alves constata a

subjuntivo’, ou seja, sinalizem o quanto as formas do presente do subjuntivo encontram-se ausentes”.

⁹⁶ Como o foco desta tese centra-se na variação entre o presente do subjuntivo e o presente do indicativo, a variante ‘estruturas alternativas’ não será referida.

ausência de indicativo em Feira de Santana, resultado importante para a hipótese de que em Feira de Santana o subjuntivo seria mais produtivo.

A seguir, apresentamos uma tabela reunindo os resultados para as variáveis selecionadas nas rodadas com dados de orações completivas e nas rodadas com dados de orações relativas. As variáveis são de natureza lingüística e social. Na amostra de Muriaé, há 769 ocorrências e, em Feira de Santana, são encontradas 815 ocorrências, totalizando 1.584 orações⁹⁷.

Tabela 16

Variáveis selecionadas em cada contexto e o uso do *presente do subjuntivo* na fala de Muriaé e de Feira de Santana

| VARIÁVEIS SELECIONADAS | MURIAÉ | | FEIRA DE SANTANA |
|--|-----------------------------------|-----------------------------|--------------------------------------|
| | Completivas | Relativas | Relativas |
| Escolaridade | Fundam.: 56,7% Superior: 91,7% | – | – |
| Sexo | Fem.: 57,1% Masc.: 87,5% | Fem.: 13,5% Masc.: 36,6% | – |
| Faixa etária | – | I: 12,8% II: 38,5% | – |
| Animacidade do antecedente do pronome relativo | – | – | Ani.: 36,2% Inani.: 82,4% |
| Nível de referência do antecedente | – | – | Genérico: 66,7% Indefinido: 33,4% |

Fonte: (adaptada de ALVES, 2009, p. 135-138-158-159-164-166)

Conforme a tabela 16, no contexto de ‘orações completivas’ em Muriaé, os resultados para o ‘nível de escolaridade’ “vêm fortalecer a hipótese de que a escola é, no solo mineiro, um importante veículo difusor do subjuntivo, tendo em vista que este atualmente não se encontra tão presente no processo natural de aquisição da linguagem”. (ALVES, 2009, p. 136). Para a variável ‘sexo/gênero’, observa Alves (2009, p. 138) que “o fato de a variante inovadora aparecer com mais frequência na fala de mulheres pode estar sinalizando que a mesma não possui um caráter negativo na avaliação da comunidade”. Em Feira de Santana, o uso de subjuntivo é categórico.

⁹⁷ Devido ao número de dados e aos nocautes, não foi permitido à autora proceder a uma análise multidimensional para as orações adverbiais.

Os resultados para as orações relativas indicam os falantes mais velhos empregam mais o presente do subjuntivo (38,5%) se comparados com os mais jovens (12,8%). Conforme resultados para a variável ‘sexo/gênero’, os homens tendem a usar o subjuntivo, ao contrário das mulheres, que preferem o presente do indicativo, indicando que “nessa localidade a mesma faz parte do vernáculo e, conseqüentemente, não é portadora de avaliação social negativa”. (ALVES, 2009, p. 166). Em Feira de Santana, resultados indicam o caráter inanimado do antecedente do pronome relativo como favorecedor do uso do subjuntivo (82,4%), bem como o nível de referência de tipo genérico (66,7%).

A pesquisa de Alves aponta, a partir do *córpus* escrito consultado, o uso do indicativo em algumas orações, como as relativas e adverbiais, ao contrário das completivas, em que se verifica apenas o emprego do modo subjuntivo. Espera-se, para a presente pesquisa acerca da variação no presente do modo subjuntivo em Florianópolis e Lages, que dados diacrônicos apontem para contextos de mais resistência do presente do subjuntivo, como também para possíveis contextos de entrada do indicativo.

As pesquisas realizadas com amostras da Região Nordeste reforçam a importância de variáveis também controladas em outros estudos resenhados nesta seção, a saber: assertividade da negação, modalidade, localização temporal do evento e classe semântica do verbo da oração principal.

Conforme mencionado, não encontramos pesquisas realizadas com dados da Região Norte. E com relação à Região Centro-Oeste, à exceção da pesquisa conduzida por Rocha (1997) com dados de Brasília (e também do Rio de Janeiro), temos conhecimento de uma dissertação de mestrado, desenvolvida por Tomanin (2003). Tendo como objetivo descrever a fala de Alto Araguaia⁹⁸, a autora investiga diversos fenômenos linguísticos, dentre os quais destacamos o uso variável do presente do subjuntivo, também encontrado na fala de araguienses. Registra a autora que o presente do subjuntivo é substituído pelo presente do indicativo preferencialmente por informantes menos escolarizados.

2.4.1.4 Considerações acerca das pesquisas

Neste momento, apresentamos um quadro-síntese das pesquisas resenhadas sobre o uso do modo subjuntivo. Para fins didáticos,

⁹⁸ Alto Araguaia é um município do estado do Mato Grosso, localizado na divisa com Goiás.

indicamos a região de coleta dos dados, o tipo de amostra, o objeto investigado, bem como as variáveis independentes controladas. De uma forma geral, os pesquisadores submeteram os dados a um tratamento estatístico e, tendo sido selecionadas pelo programa, as variáveis estão identificadas pela fonte vermelha⁹⁹.

Registramos, ainda, que o estudo de Carvalho (2007) trata da variação no presente e no imperfeito do subjuntivo. No quadro a seguir, entretanto, somente as variáveis referentes à variação entre presente do subjuntivo e presente do indicativo são apresentadas. No estudo de Pimpão (1999c), apresentamos apenas as variáveis independentes comuns¹⁰⁰, uma vez que nenhuma das variáveis específicas para cada um dos cinco contextos linguísticos foi selecionada pelo programa estatístico na rodada geral dos dados.

Na sequência, identificamos, através de um mapa do Brasil, as regiões de coleta dos dados de cada uma das pesquisas resenhadas. Para uma visualização mais abrangente da variação entre o modo subjuntivo e o modo indicativo, evidenciamos o percentual de uso do modo subjuntivo das pesquisas que fornecem tais resultados gerais, e, dependendo do estudo, destacamos o percentual de variação entre o presente do subjuntivo e o presente do indicativo. Ressaltamos, entretanto, que a importância dos percentuais reside na indicação da frequência do subjuntivo em cada amostra investigada. Qualquer comparação mais rigorosa inferida a partir dos resultados deve considerar as particularidades de cada estudo, dentre as quais destacamos o contexto de objeto de análise, os tempos verbais eleitos para análise, o número de dados da amostra e a constituição do banco.

⁹⁹ Das pesquisas consideradas, seis não apresentam um controle probabilístico aplicado às variáveis: Botelho Pereira (1974), Wherritt (1977), Costa (1990), Gonçalves (2003), Guiraldelli (2004) e Vieira (2007). Por essa razão, nenhuma variável independente está destacada com a fonte vermelha.

¹⁰⁰ Convém lembrar que Pimpão (1999c) investiga cinco contextos de análise: orações substantivas, relativas e adverbiais, orações com o advérbio *talvez* e o contexto de pressuposição. Inicialmente, a autora procede a rodadas estatísticas com todos esses contextos, e, em uma segunda etapa da análise, controla isoladamente cada um. Tanto na rodada geral quanto nas rodadas por contexto, um mesmo número de variáveis linguísticas é controlado, por isso foram consideradas 'variáveis comuns'. Os dados analisados nesta tese serão submetidos a esse mesmo procedimento.

Quadro 2

Pesquisas acerca da variação entre o modo subjuntivo e o modo indicativo com dados do português do Brasil

| <u>Estado</u> | SP | RS | SC | PR |
|---|--|--|---|---|
| <u>Pesquisa</u> | BOTELHO PEREIRA (1974) | COSTA (1990) | PIMPÃO (1999c) | FAGUNDES (2007) |
| <u>Amostra</u> | Testes com universitários, professoras e jornalistas | Entrevistas na Vila Rural de Santo Antônio/Ijuí-RS | Entrevistas Banco VARSUL/Florianópolis | Entrevistas: Banco VARSUL/Paraná |
| <u>Objeto</u> | Presente e Pretérito Substantivas | Três tempos Subst./Rel./Adv./Talvez/Exor. modalidade (não)-factual | Presente Subst./Rel./Adv./Talvez/Pressup. tempo-modalidade (fut./inc./atemp./pressuposição) | Três tempos Subst./Rel./Adv./Isol./Princ. modalidade (conhecimento/conduita - desejo) |
| V A R I A V E I S J N T E R N A S | -- | fatores estruturais | tipo de contexto subjuntivo/tipo de cláusula | tipo de oração |
| | carga semântica da matriz | -- | -- | -- |
| | -- | -- | tipo mecanismo linguístico | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | tempo verbal da ocorrência |
| | -- | -- | -- | tempo verbal da principal |
| | -- | -- | estatuto informacional | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | pessoa | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | saliência fônica | -- |
| | -- | -- | conjugação | -- |
| | -- | -- | paralelismo | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| V A E R X I T Á E V R E N I A S S | -- | sexo | sexo | sexo |
| | -- | idade | idade | faixa etária |
| | -- | grau de instrução | escolaridade | grau de escolaridade |
| | -- | propriedade (não)mecanizada | -- | -- |
| | -- | -- | -- | cidade |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| -- | -- | -- | -- | |

Quadro 2 (continuação)

| Estado | SP | MG | MG | - |
|---|---|---|--|--|
| <u>Pesquisa</u> | WHERRITT (1977) | ALVES NETA (2000) | GONÇALVES (2003) | GUIRALDELLI (2004) |
| <u>Amostra</u> | Entrevistas e testes (SP) | Entrevistas e redações Januária/MG | Produção oral de prof., programas de TV e situações do cotidiano | Escrito: discurso político e científico |
| <u>Objeto</u> | Três tempos Subst./Rel./Adv./Indep./Ester. | PresenteSubst./Rel./Adv./Coord./Princ./Absol. | Três tempos Independ./complementares/obliqua | Presente Substantivas |
| V A R I Á V E I S | -- | modalidade | modal. deôntica, epistêmica, uso modal duvidoso e uso não-modal | modalid. do predi. da sub./realis-irrealis |
| | tipo de oração | tipo de oração | -- | categoria predicado matriz |
| | -- | -- | -- | -- |
| | verbo da matriz da substantiva | -- | -- | -- |
| | tipo de conjunção adverbial | tipo de conjunção adverbial | -- | -- |
| | -- | -- | -- | modo/tempo da oração encaixada |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | factividade do verbo matriz |
| | -- | -- | -- | tipo de discurso |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | valor do predicado encaixador |
| | negação nas orações substantiva e adjetiva | -- | -- | manifestação da negação |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- |
| | V A E R X I T Á E V R E N I A S S | idade | faixa etária | -- |
| escolaridade | | nível de escolaridade | -- | -- |
| -- | | -- | -- | -- |
| nível socioeconômico | | -- | -- | -- |
| -- | | estilo de fala | -- | -- |
| -- | | -- | -- | -- |
| -- | | -- | -- | -- |
| -- | | -- | -- | -- |

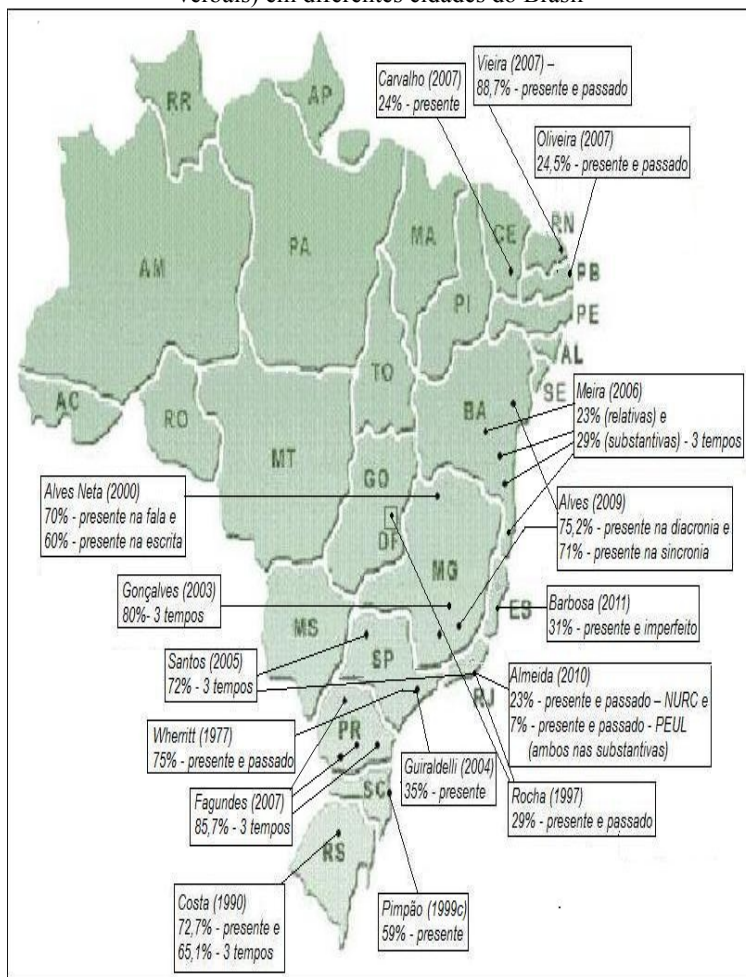
Quadro 2 (continuação)

| Estado | RJ/SP | MG/BA | RJ | ES |
|---|---|---|---|--|
| <i>Pesquisa</i> | SANTOS (2005) | ALVES (2009) | ALMEIDA (2010) | BARBOSA (2011) |
| <i>Amostra</i> | D&G (RJ) e Iburama (noroeste de SP) | Escrito (sec. XXV) e oral (Muriae e Feira de Santana) | Escrito (sec. XIII ao sec. XX) e oral (NIJRC-PEUJ) | Entrevistas PORTVIX Vitória/ES |
| <i>Objeto</i> | Tês tempos Substantivas e adverbais | Presente e outras formas verbais Compl./Rel./Adv. | Presente e Pretérito Substantivas e concessivas | Presente e Imperfeito Substantivas e com <i>talvez</i> |
| V A R I Á V E I S I N T E R N A S | grau de certeza epistêmica | modalidade expressa pelo V da sentença matriz | modalidade (incerteza/pressa/hipó/condi) – concessiva | modalizador |
| | tipo de oração subordinada | tipo oração – completiva | – | tipo de oração |
| | tipo pred. matriz – semântica do pred. matriz | – | – | carga semântica do verbo da matriz |
| | – | – | – | – |
| | – | – | item verbal da oração matriz da subst. | verbo da oração matriz |
| | – | tipo de conjunção adverbial | tipo de conector da oração concessiva | – |
| | – | – | forma verbal da concessiva | tempo verbal da encaixada |
| | tempo verbal da principal | – | – | tempo verbal da matriz |
| | – | – | estatuto informacional da concessiva | – |
| | – | – | – | – |
| | – | – | tempo do evento em relação ao ME – substantiva | – |
| | – | distância entre a conjunção adverbial e o verbo | elemento entre conector e verbo | – |
| | – | referente antecedente do pronome relativo | – | – |
| | – | distância entre o pronome relativo e o verbo | – | – |
| | – | animacidade do antecedente pronome relativo | – | – |
| | – | – | – | – |
| | – | – | grau de assertividade da substantiva | assertividade na matriz e na encaixada |
| | – | – | – | – |
| | – | – | – | – |
| | tipo semântico do sujeito da subordinada | – | – | – |
| | tipo de texto | – | – | – |
| | – | – | modo de organização do discurso | – |
| | – | – | posição da oração concessiva | – |
| | – | – | identidade de sujeito da concessiva | – |
| | – | – | natureza semântica oração concessiva | – |
| | – | – | conteúdo da construção concessiva | – |
| | – | – | – | – |
| | – | pessoa | – | pessoa do verbo da encaixada |
| | – | – | – | – |
| | – | – | – | – |
| | saliência fônica | – | – | pessoa do verbo da matriz |
| | – | conjugação verbal das relativas | – | – |
| – | – | – | – | |
| – | – | – | – | |
| paradigma flexional | paradigma verbal da relativa | – | – | |
| – | – | – | – | |
| gênero | sexo/gênero | gênero (oral) | gênero | |
| – | idade | faixa etária (oral) | faixa etária | |
| grau de escolaridade | escolaridade | – | grau de escolaridade | |
| – | – | – | – | |
| – | – | região (oral) | – | |
| – | – | – | – | |
| – | – | – | – | |
| – | – | década (oral) | – | |
| – | – | periodização (escrito) | – | |
| – | – | gêneros (escrito) | – | |
| – | – | – | – | |

Quadro 2 (continuação)

| Estado | RJ/BRASILIA | BA | CE | RN | PB | |
|---|--|---|-----------------------------------|--|------------------------------------|-----------------------|
| Pesquisa | ROCHA (1997) | MEIRA (2006) | CARVALHO (2007) | VIEIRA (2007) | OLIVEIRA (2007) | |
| Amostra | Dados de fala: Brasília e RJ | Acervo Afro-brasileiro do estado da BA | Banco Estudos de Língua Oral | Discurso & Gramática Natal | Banco de Dados VAL/PB/JP | |
| Objeto | Presente e pretérito Substantivas | Três tempos Completivas (C)/Relativas (R) | Presente e Pretérito Substantivas | Três tempos e formas compostas Substantivas | Presente e Pretérito Substantivas | |
| V A R I Á V E I S I N T E R N A S | -- | avaliação do falante (C) | modalidade (fut./dic./mc./cert.) | tipo de V da or. principal quanto ao submodo | -- | |
| | -- | tipo de or. completiva/tipo de or. relativa | -- | tipo de oração substantiva | -- | |
| | carga semântica do V ou SV da matriz | tipo de V da matriz da completiva | -- | classe semântica do verbo da principal | semântica do V da matriz | |
| | -- | -- | -- | -- | -- | |
| | tipo de verbo da oração encaixada | -- | -- | -- | -- | |
| | -- | -- | -- | -- | -- | |
| | tempo do verbo da oração encaixada | tempo do verbo da encaixada (C) | -- | -- | tempo verbal da oração encaixada | |
| | tempo do verbo da oração matriz | -- | -- | tempo do verbo da principal | tempo verbal da oração matriz | |
| | -- | -- | -- | -- | -- | |
| | -- | -- | -- | -- | -- | |
| | -- | local, temp. evento oração relativa para ME | -- | -- | -- | |
| | -- | -- | -- | -- | -- | |
| | -- | nível referência do antecedente (R) | -- | -- | -- | |
| | -- | -- | -- | -- | -- | |
| | -- | nível realidade pred. da oração relativa | -- | -- | -- | |
| | -- | -- | -- | -- | -- | |
| | estrutura da assertividade da or. matriz | -- | -- | estrutura da assertividade | -- | grau de assertividade |
| | -- | -- | -- | tipo de verbo da principal | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- | -- | -- |
| | -- | -- | -- | -- | -- | -- |
| -- | tempo do SUBJ (C/R) | -- | -- | -- | -- | |
| pessoa do verbo da encaixada | -- | -- | pessoa verbal da encaixada | -- | pessoa do verbo da or. encaixada | |
| pessoa do verbo da matriz | -- | -- | pessoa verbal da matriz | -- | pessoa do verbo da oração matriz | |
| saliência fônica do verbo da encaixada | -- | -- | -- | -- | -- | |
| -- | -- | -- | -- | -- | -- | |
| -- | -- | -- | -- | -- | -- | |
| regularidade do verbo da encaixada | morfologia verbal (C e R) | -- | padrão morfofonológico do V | morfologia da subordinada | paradigma do V da oração encaixada | |
| V A E R N I T Á E V R E N I A S S | sexo | sexo | sexo | -- | gênero | |
| | faixa etária | idade | faixa etária | -- | faixa etária | |
| | escolaridade | escolaridade | escolaridade | -- | escolarização | |
| | -- | -- | -- | -- | -- | |
| | -- | comunidades rurais | -- | -- | -- | |
| | -- | -- | -- | -- | -- | |
| | -- | -- | -- | -- | -- | |
| | -- | -- | -- | -- | -- | |
| | -- | -- | -- | -- | -- | |
| | -- | estada fora a comunidade | -- | -- | -- | |

Figura 2 Panorama do uso variável do *modo subjuntivo* (diferentes tempos verbais) em diferentes cidades do Brasil



Após a apresentação das pesquisas resenhadas e a síntese de aspectos metodológicos de cada estudo (cf. quadro 2), chega o momento de considerar alguns dos resultados na tentativa de estabelecer convergências e divergências. Julgamos pertinente destacar, em um primeiro momento, o cuidado na comparação de resultados percentuais gerais para o uso variável do modo subjuntivo (cf. mapa). Esses resultados são importantes na medida em que indicam a frequência de subjuntivo em cada amostra investigada, entretanto, o pesquisador não deve descuidar de fatores importantes, tais como o contexto de subjuntivo controlado e os tempos verbais analisados, por exemplo. Essa atenção à caracterização do objeto de estudo e à composição da amostra não inviabiliza uma análise comparativa entre pesquisas, necessária para um maior conhecimento de diversos fenômenos linguísticos. No entanto, análises dessa natureza devem ser relativizadas em função de diferentes variáveis, pois, se essas diferenças não forem levadas em consideração, o analista pode vir a comparar objetos não plenamente comparáveis.

Apenas para citar um exemplo. Se observarmos o mapa e retomarmos alguns resultados para o uso variável do presente do subjuntivo, identificamos um alto percentual dessa variante em Costa (1990) – 72,7% – e Alves Neta (2000) – 70% –, e um percentual mais baixo em Guiraldelli (2004) – 35% – e Carvalho (2007) – 24%. Uma análise restrita a essas frequências gerais poderia indicar comportamentos distintos do presente do subjuntivo por região. Entretanto, um olhar mais atento aos dados das pesquisas de Guiraldelli (2004) e Carvalho (2007) aponta para o seguinte: no trabalho de Guiraldelli (2004), há um uso muito maior de verbos epistêmicos, que tendem a favorecer o indicativo, do que de verbos deônticos e volitivos, que tendem a favorecer o subjuntivo. Carvalho (2007) controla verbos da matriz, como *dizer*, *saber*, *contar*, que tendem a co-ocorrer com o indicativo na subordinada, além do verbo *achar*, praticamente de uso categórico do presente do indicativo e muito recorrente na amostra. Nesse sentido, resultados percentuais gerais constituem apenas o ponto de partida para uma análise comparativa.

Podéríamos, ainda, confrontar os percentuais mencionados no parágrafo anterior com o percentual de subjuntivo encontrado por Pimpão (1999c) – 59%. Esse resultado situa-se entre o de Costa (1990) – 72,7% – e Alves Neta (2000) – 70% –, de um lado, e o de Guiraldelli (2004) – 35% – e Carvalho (2007) – 24% –, de outro. Talvez essa diferença possa ser atribuída a dois fatores: em primeiro, na pesquisa de Costa (1990), há poucos dados para os seguintes contextos de análise:

oração relativa, oração adverbial e modalizadores *talvez* e *tomara*, totalizando 23 usos de subjuntivo em 34 ocorrências (cf. tabela 1). Em segundo, Alves Neta (2000) não considerou determinados dados de oração relativa por acreditar que o uso do modo verbal sinaliza, por si só, a modalidade, não havendo, portanto, variação, motivo pelo qual excluiu esses dados da análise. É provável que tais motivos estejam contribuindo para a diferença nos percentuais.

Na tentativa de buscar explicações para os resultados de subjuntivo com percentual inferior a 50%, recorreremos novamente às pesquisas e apresentamos duas possíveis justificativas para a diferença de percentuais: (i) um uso mais recorrente de verbos epistêmicos que, conforme estudos resenhados nesta tese, tendem a ocorrer com o indicativo; e (ii) o controle do verbo *achar*, que apresenta um número expressivo de ocorrências e, muito frequentemente, está acompanhado do indicativo. Com relação ao primeiro ponto, e conforme já mencionado, na pesquisa realizada por Guiraldelli (2004) há um número maior de verbos epistêmicos, o que pode estar elevando o uso do indicativo. O mesmo ocorre na pesquisa de Almeida (2010), que encontra 23% de uso do subjuntivo nos dados do NURC e 7% nos dados do PEUL, sendo que os dados correspondem a casos de verbos epistêmicos.

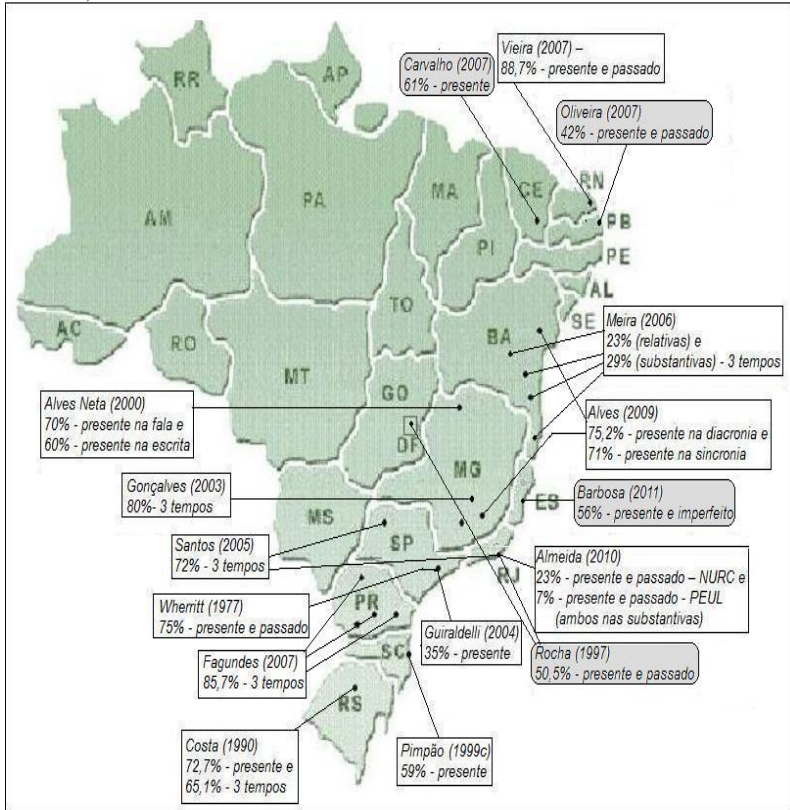
No que diz respeito ao controle do verbo *achar*, mencionamos as pesquisas conduzidas por Rocha (1997), Carvalho (2007), Oliveira (2007) e Barbosa (2011). Nesses estudos, o percentual de uso do subjuntivo é baixo: 29%, 24%, 21,6% e 31%, respectivamente (cf. mapa). Entretanto, as pesquisadoras controlam dados com o verbo *achar* que, além de muito frequente nos corpúsculos consultados, tende a ocorrer com o indicativo, considerando o baixo percentual para o modo subjuntivo com esse verbo: 4%, 12%, 2% e 5%, respectivamente (cf. notas 52 a 55). Controlado junto com outros verbos, o verbo *achar* pode contribuir para uma aparente preferência pelo indicativo. Não temos, apenas, justificativa para os resultados de 23% (oração relativa) e de 29% (oração substantiva) para o uso do subjuntivo na pesquisa de Meira (2006).

A seguir, reproduzimos o mapa anterior, com novos percentuais para o uso do subjuntivo nas pesquisas de Rocha (1997), Carvalho (2007), Oliveira (2007) e Barbosa (2011). Para alcançar esses resultados, excluímos os dados com o verbo *achar*. Considerando que na pesquisa desenvolvida por Oliveira (2007) há um grupo de verbos de

alta frequência, decidimos também excluí-lo sob pena de distorcer os resultados¹⁰¹.

¹⁰¹ Na pesquisa de Oliveira (2007), o grupo de verbos intitulado *verbo indiferente performativo (falar, dizer) e condicional (ser certo)* tem um total de 206 ocorrências, dentre as quais apenas 2 ocorrem com o subjuntivo.

Figura 3 Panorama do uso variável do *modo subjuntivo* (diferentes tempos verbais) em diferentes cidades do Brasil – dados com o verbo *achar* excluídos



De acordo com o mapa anterior, observamos alteração nos resultados nas quatro pesquisas destacadas se desconsiderados os dados com o verbo *achar*: o uso de subjuntivo na pesquisa de Rocha (1997) passa de 29% para 50,5%; na pesquisa de Carvalho (2007), de 24% para 61%; na de Oliveira (2007), de 24,5% para 42%; e, no estudo de Barbosa (2011), o resultado inicial de 31% sobe para 56%. Dessa forma, uma análise em termos frequenciais gerais não pode descuidar, por exemplo, do item verbal envolvido na quantificação.

A seguir, tecemos considerações acerca de duas variáveis controladas nas diferentes pesquisas, e dos respectivos resultados, por terem se mostrado as mais recorrentes: ‘modalidade’ e ‘tipo de oração’. Começamos com a variável ‘modalidade’. O critério metodológico aplicado a essa variável não se mostra homogêneo entre os trabalhos resenhados, o que dificulta uma comparação mais estreita entre os resultados das pesquisas. Isso se deve, em parte, à filiação teórica do investigador, a qual é responsável por contribuir com elementos para a constituição dos fatores que compõem as variáveis linguísticas. É nesse sentido que trabalhos seguem um enfoque mais semântico ou mais discursivo-pragmático, mais formal ou mais funcional, a depender do lugar teórico do pesquisador. Ademais, acreditamos que a complexidade que envolve a própria noção de modalidade – conforme se mostrou evidente nos estudos acerca do modo subjuntivo realizados com dados do português do Brasil e resenhados neste capítulo – é um complicador para uma análise comparativa de resultados.

Em Fagundes (2007), o controle da modalidade é binário: conhecimento (epistêmico) e conduta/desejo (deôntico); Guiraldelli (2004) já segue uma orientação tripartida da modalidade: epistêmico, deôntico e volitivo. A modalidade em Alves Neta (2000) diz respeito a quatro valores: volição, desejo, causa/necessidade e existência possível. Ainda assim, como convergência de resultados, podemos destacar a associação entre verbos deônticos e/ou volitivos e o uso do subjuntivo, independente de tempo verbal e de número de ocorrências (cf. ALVES NETA, 2000; GONÇALVES, 2003; GUIRALDELLI, 2004; MEIRA, 2006; FAGUNDES, 2007; CARVALHO, 2007; VIEIRA, 2007). A maioria desses trabalhos, no entanto, controla a modalidade nas orações substantivas. Nesta tese, seguindo a previsão funcionalista de que as categorias não são discretas, a proposta é distribuir o uso variável do presente do subjuntivo em um *continuum*, abrangendo todos os contextos sintáticos, conforme discutido adiante.

À semelhança da variável ‘modalidade’, o ‘tipo de oração’ é controlado em diversas pesquisas, em algumas, inclusive, a variável

recebe o mesmo nome, ainda que os fatores não sejam plenamente idênticos, nem, muitas vezes, os tempos do subjuntivo analisados. O quadro a seguir mostra o nome dessa variável nos trabalhos resenhados neste capítulo, bem como apresenta o fator com percentual mais elevado para o uso do modo subjuntivo.

Quadro 3
Atuação de um mesmo tipo de variável estrutural sobre o uso do *modo subjuntivo* (diferentes estudos)

| VARIÁVEL INDEPENDENTE | FATOR | % |
|---|---------------------------------------|------|
| Fatores estruturais (COSTA, 1990) PS ¹⁰² | sub. introd. por conj. integrante | 76,7 |
| Tipo de contexto subjuntivo (PIMPÃO, 1999c) OS | oração com advérbio <i>talvez</i> | 67 |
| Tipo de oração (ALVES NETA, 2000) PS fala | subordinada substantiva | 82 |
| Tipo de oração (ALVES NETA, 2000) PS escrita | subordinada adjetiva | 64 |
| Tipo de oração (WHERRITT, 1977) S | subordinada adjetiva | 90 |
| Tipo de oração (FAGUNDES, 2007) S | subordinada substantiva | 94 |
| Tipo de oração subordinada (SANTOS, 2005) S | subordinada completiva ¹⁰³ | 71 |
| Tipo de oração substantiva (VIEIRA, 2007) S | subordinada objetiva direta | 72,3 |

Conforme quadro 3, quatro trabalhos apresentam o mesmo nome para a variável: tipo de oração. Alves Neta (2000) investiga a variação no presente do subjuntivo nas seguintes orações: substantiva, relativa, adverbial, coordenada, principal e absoluta. Fagundes (2007) controla as substantivas, adjetivas, adverbiais, isoladas e principais nos três tempos verbais do modo subjuntivo. Em Alves (2009), a variação no presente do subjuntivo está restrita às orações completivas. Em Santos (2005), os três tempos do subjuntivo são analisados em contextos de orações

¹⁰² PS indica que somente o presente do subjuntivo foi investigado e S, em outros estudos, indica que mais de um tempo do modo subjuntivo foi controlado como objeto de análise.

¹⁰³ No trabalho de Santos (2005), as orações concessiva, final e comparativa apresentam uso categórico de modo subjuntivo, porém há, nos corpus investigados, somente 10 dados. O primeiro tipo de oração que apresenta variação com preferência pelo modo subjuntivo em termos percentuais é a oração condicional, porém, como, em geral, não ocorre no tempo presente, preferimos não mencionar na tabela.

subordinadas encaixadas e adverbiais. Em outras pesquisas, o nome da variável difere, mas os fatores são praticamente os mesmos: Costa (1990) e Pimpão (1999c) controlam orações substantivas, adjetivas, adverbiais e com o advérbio *talvez*. A diferença está em Costa (1990), com as orações exortativas, e em Pimpão (1999c), com contextos de pressuposição. Observa-se, portanto, convergências e divergências em termos de variável independente e dos fatores que a compõem. Em vista disso, os resultados também não autorizam uma comparação mais estreita; parece-nos, portanto, que uma análise mais micro – em termos de item verbal da matriz, classe semântica do verbo matriz e tipo de conjunção – pode propiciar uma investigação mais acurada e mais segura. Nesta tese, conforme veremos adiante, mantemos a proposta já apresentada em Pimpão (1999c) relativa aos contextos de uso do subjuntivo, porém reorganizamos o quinto contexto, denominado, à época, de pressuposição.

As clássicas variáveis de natureza social apresentam relevância estatística em algumas pesquisas. A variável ‘sexo/gênero’ não exhibe uniformidade em termos de resultados: na pesquisa de Pimpão (1999c) com amostras de Florianópolis/SC, os informantes masculinos preferem o uso do subjuntivo, resultado próximo ao encontrado por Alves (2009) em Muriaé/MG. Em Almeida (2010), dados do PEUL/RJ indicam a tendência das mulheres ao uso do subjuntivo. Para a variável ‘idade’, o estudo de Carvalho (2007), com dados do Cariri/CE, indica que falantes acima de 50 anos tendem a preservar o uso do subjuntivo; e o estudo de Alves (2009) também mostra a importância dos informantes mais velhos de Muriaé (52 a 60 anos) no condicionamento desse mesmo modo verbal. Entretanto, outras pesquisas apresentam resultados diferentes.

Para a variável ‘escolaridade’, a pesquisa de Pimpão (1999c) revela que informantes florianopolitanos de nível primário e colegial usam mais subjuntivo se comparados aos falantes do ginásio. O estudo de Alves Neta (2000) indica que o emprego do subjuntivo acompanha o nível de escolaridade dos informantes de Januária/MG. Na pesquisa de Carvalho (2007), os informantes cearenses sem escolaridade empregam o modo subjuntivo. Ao contrário desse resultado, dados controlados por Alves indicam o ensino superior como fator significativo para o uso do subjuntivo pelos mineiros de Muriaé (2009) (cf. PIMPÃO, 2011).

Observamos pouca tendência na mesma direção em termos de resultados para as variáveis sociais (cf. capítulo 3). Talvez cruzamentos entre variáveis sociais e linguísticas possam identificar os grupos de fatores que, de fato, mostram-se relevantes no condicionamento do subjuntivo. A composição do corpus e o número de dados também

podem contribuir para resultados um tanto diferenciados. Esses aspectos devem ser considerados na análise da variação entre presente do subjuntivo e presente do indicativo nesta tese.

Outras variáveis de natureza extralinguística merecem referência: a ‘periodização histórica’, controlada por Almeida (2010), na tentativa de indicar contextos de emergência do presente do indicativo, e o ‘informante’, com o objetivo de observar a questão da variação na comunidade e a variação no indivíduo. Dentre as variáveis extralinguísticas, destacamos a ‘cidade’, essencialmente por motivar a seleção das amostras analisadas nesta tese. Considerada por alguns pesquisadores (FAGUNDES, 2007; OLIVEIRA, 2007; ALVES, 2009), a ‘cidade’ tem esclarecido resultados para as localidades investigadas. Dada sua importância, dedicamos, a partir deste momento, especial atenção a essa variável. Iniciamos com uma breve discussão acerca da nossa hipótese, segundo a qual os informantes de Lages usariam mais o presente do subjuntivo. Na sequência, apresentamos resultados de pesquisas com diferentes objetos de estudo com vistas a somar evidências para o padrão linguístico diferenciado de Florianópolis e de Lages.

O contingente de açorianos que chega a Santa Catarina na segunda metade do século XVIII e distribui-se ao longo do litoral provoca um aumento demográfico de aproximadamente 145% da população. E alguns traços no açoriano-catarinense não existiriam sem a imigração açoriana, como, por exemplo, o emprego do tuteamento familiar e a álveo-palatização (chiamento) (FURLAN, 1989). Em Furlan (1989), não há menção aos modos verbais, o que poderia favorecer a hipótese de que o falar açoriano-catarinense não apresenta particularidades que o diferenciam de Lages.

Também a ausência de bilinguismo dos informantes de Florianópolis e Lages poderia contribuir para uma hipótese de que não haveria diferença entre ambas as cidades. Reinecke (2006), ao estudar os róticos em Blumenau e em Lages, considera que, apesar da imigração de alemães (e também de italianos), o bilinguismo teuto-português provavelmente tenha sido minoritário, tornando-se moribundo à época do Estado Novo, estando a variedade lageana suscetível a influências de variedades brasileiras, como a catarinense, gaúcha, paulista e mineira (as três últimas em decorrência da influência tropeira).

Na comparação entre Blumenau e Lages, Reinecke (2006) conclui, a partir do contexto histórico de ambas as cidades, que Blumenau pode ser considerada uma comunidade relativamente bilíngue, e Lages relativamente monolíngue. A questão do

monolingüismo em Lages também aparece no estudo de Vieira (2004) acerca do léxico de informantes da zona urbana de seis cidades de Santa Catarina. Nessa pesquisa, os informantes são caracterizados, seguindo uma distinção de Altenhofen (apud VIEIRA, 2004, p. 2), segundo a qual pode haver “português de falantes bilíngues que nasceram e se criaram em uma comunidade de maioria bilíngue; português de falantes monolíngues que nasceram e se criaram em uma comunidade de maioria bilíngue” (como é o caso das cidades de Chapecó, Criciúma, Blumenau e Joinville) e “português de falantes monolíngues sem contato com uma comunidade bilíngue” (casos de Florianópolis e Lages).

Diferentemente de Chapecó e Blumenau, por exemplo, que recebem contingentes de imigrantes durante os séculos XIX e XX, Florianópolis e Lages se mantêm sem contato significativo com falantes de outras línguas. Entretanto, esse monolingüismo não garante identidade linguística entre falantes de ambas as cidades. Na pesquisa de Vieira (2004), o léxico parece ser influenciado ora pelo fator diatópico, ora pela ancestralidade dos informantes, dentre outras motivações mencionadas. O monolingüismo, que poderia constituir uma hipótese para uma relativa proximidade entre Florianópolis e Lages, deve ser considerado com uma certa cautela.

Margotti e Vieira (2006), em um estudo tratando das áreas lexicais do estado de Santa Catarina, investigam algumas cartas do ALERS, em áreas rurais de 80 cidades¹⁰⁴. Como considerações preliminares, destacam, por exemplo, a existência de duas grandes áreas linguísticas separadas pela Serra Geral: o falar açoriano-catarinense e o espaço ocupado por falantes de línguas europeias. A formação lexical ainda é discutida por Rocha (2008), especificamente quanto à contribuição histórico-cultural do tropeirismo. Dentre as áreas linguísticas que delimitam, em termos de diatopia, o português falado na Região Sul do Brasil, Altenhofen (2002) destaca a área correspondente ao contato entre paulistas e gaúchos na rota dos tropeiros. Para Rocha (2008, p. 141), esse contato constitui “um dos principais determinantes das variantes do português falado na região”.

¹⁰⁴ O número de pontos de inquérito do ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil) em área rural é muito superior ao da área urbana: 275 contra 19 (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002). No entanto, parece que o diferencial entre a fala lageana e a fala florianopolitana não pode ser atribuído à zona rural, não somente pela forma singular de ocupação de cada cidade, como também pelos resultados de outras pesquisas, inclusive em zona urbana.

Não somente na dialetologia se encontram referências à diferenciação entre áreas litorâneas e serranas. Tendo como um dos objetivos identificar a dimensão geográfica da expressão gramatical do imperativo, Scherre (2007) recupera alguns estudos variacionistas realizados com dados do português falado em cidades das regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. Dessas pesquisas, interessa, particularmente, o uso do imperativo em duas cidades: Florianópolis e Lages. Resultados das pesquisas apontam para direções opostas: 100% de uso do imperativo associado à forma do indicativo em Florianópolis, e 80% dos casos de imperativo estão associados à forma do subjuntivo em Lages (SCHERRE, 2007). No que se refere ao uso do imperativo, a diferença entre Florianópolis e Lages é tão significativa que Scherre (2007) aproxima Florianópolis de outras cidades das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, e Lages de cidades do Nordeste.

Em pesquisa realizada no estado de Santa Catarina, Coelho e Görski (2011) investigam a variação pronominal de segunda pessoa – *tu* e *você* – a partir de dados sincrônicos e diacrônicos. Na sincronia, recuperam resultados das cidades de Florianópolis (uso predominante de *tu*) e Lages (uso predominante de *você*), investigadas por Loregian-Loregian-Penkal (2004). Na fala dos lageanos, também o pronome *tu* aparece, provavelmente como herança dos gaúchos no deslocamento dos tropeiros; o pronome *você* também está na fala dos florianopolitanos, provavelmente como decorrência da chegada de pessoas de outras regiões do país, devido à criação da UFSC e à instalação da ELETROSUL. Nas palavras das autoras, “esse resultado pode ser interpretado como indício do fluxo e do contrafluxo que caracterizou a colonização de Florianópolis e de Lages” (COELHO; GÖRSKI, 2011, p. 272). Na diacronia, as peças escritas por autores catarinenses, nascidos preferencialmente nas regiões litorâneas nos séculos XIX e XX, apontam uma inversão de resultados: alta frequência de *tu* no século XIX e de *você* no século XX.

A diferença no falar florianopolitano e lageano também está na prosódia. Utilizando um corpúsculo constituído por sentenças declarativas e interrogativas totais, Nunes (2011) observa diferenças, por exemplo, no alinhamento e na inclinação da curva das sentenças produzidas pelos informantes. Como resultado, constata características melódicas distintas entre os falantes de Florianópolis e de Lages.

Soma-se a esses resultados de pesquisas o isolamento de Florianópolis e Lages durante décadas, separadas pela configuração

topográfica da Serra Geral¹⁰⁵. Para Furlan (1989, p. 40), deve-se lembrar que “a BR-101 só foi asfaltada em 1970 e que a barreira da Serra do Mar só foi superada por vias de asfalto em 1970 (BR-470) e em 1980 (BR-282), ligando o interior do Estado ao litoral”. A Serra Geral separa o litoral das demais regiões, constituindo, conforme palavras de Margotti e Vieira (2006), um *hiato*, isolando áreas litorâneas e áreas serranas. As dificuldades decorrentes da distância entre a capital Florianópolis e a cidade de Lages ganham destaque na imprensa lageana.

(a) N’uma cidade como esta de difficil communicação com a Capital, por causa da pessima estrada, sí tal nome pode merecer, é que de mais se carece de uma policia organizada de indivíduos pertencentes e moradores do municipio. (*O Lageano* - 28 de maio de 1883)

(b) A facilidade de communicação é base essencial para o desenvolvimento, moral material e intellectual dos povos, e por isso um povo isolado não pode gozar do progresso e da civilização, para que foi creado. (*O Lageano* – 16 de junho de 1883)

(c) O numero de viagens que faz o estafeta que conduz a mala desta cidade para a capital, e vice-versa, é muito limitado em relação a importancia da zona de serra acima que comprehende Lages, Coritybanos, Campos Novos, S. Joaquim e Bagaues. [...] Não desconhecemos, é verdade, que a pessima estrada que liga esta cidade ao littoral oppõe suas difficuldades a que se dê um grande numero de viagens dentro de um mez. Mas é certo tambem que tres vezes por mez nada é, attendendo-se ainda a importancia desta zona, as necessidades do commercio, o bem estar publico e as vantagens sociaes. (*O Lageano* – 23 de junho de 1883)

¹⁰⁵ Segundo Santos (2004, p. 45), “a primeira ligação entre a então cidade de Desterro e a vida de Lages foi aberta em 1788. [...] Este caminho, entretanto, teve pouco sentido econômico, uma vez que Desterro não era um centro consumidor de importância”.

Na consideração de todos esses fatores, acreditamos que alguma diferença no uso variável do presente do modo subjuntivo deva contribuir não só para a identificação do perfil do informante de cada uma das cidades, como também para a caracterização de comunidades distintas (GUY, 2000, 2001). A pesquisa de Fagundes (2007) mostrou que diferentes cidades podem selecionar diferentes variáveis – Curitiba e Irati selecionam o grupo de fatores ‘modalidade’; a cidade de Pato Branco, o grupo ‘tipo de oração’; e a cidade de Londrina não seleciona nenhum grupo. Meira (2006) controla a localidade do informante na pesquisa que realiza a partir de dados de fala de comunidades afro-descendentes do estado da Bahia. Nesse estudo, conclui a autora haver baixo índice de modo subjuntivo nas orações substantivas nas quatro comunidades investigadas. Para as orações adjetivas, encontra um percentual que varia entre 18% e 31% dentre as mesmas comunidades, evidenciando, também, um baixo uso do modo subjuntivo. Também o estudo de Alves (2009) indicou um comportamento diferenciado entre os informantes das duas cidades investigadas: Muriaé e Feira de Santana, permitindo à autora constatar que há uma tendência a usar menos subjuntivo em Muriaé como decorrência do “fenômeno evite o subjuntivo”, que estaria mais avançado em Minas Gerais (ALVES, 2009, p. 40).

2.4.2 Em línguas românicas

Além de estudos acerca da variação entre subjuntivo e indicativo no português do Brasil, merecem destaque algumas pesquisas que tratam de outras línguas românicas, com vistas a situar o português nesse contexto mais amplo. É esse o objetivo desta seção.

2.4.2.1 O francês

O artigo de Poplack (1990), reimpresso em 1992 sob o título ‘The inherent variability of the French subjunctive’, apresenta muitas afirmações acerca da variação entre subjuntivo e indicativo que são, aqui, também defendidas. Já na introdução, Poplack questiona a obrigatoriedade do emprego do subjuntivo em determinadas orações subordinadas, exigência perpetuada pelas gramáticas tradicionais francesas. Se é possível encontrar subjuntivo e indicativo sob o escopo do mesmo verbo matriz, como continuar sustentando a afirmação de que o subjuntivo é obrigatório na presença de determinados verbos?

A autora ainda registra que o valor do subjuntivo preocupa os gramáticos e inquieta os linguistas, mesmo depois de muitos séculos. Na contramão das prescrições gramaticais para o uso do subjuntivo, dados

reais apontam para uma variabilidade inerente a esse modo verbal, sendo difícil apresentar uma classificação dos contextos que sempre exigem o subjuntivo, dos que nunca exigem esse modo verbal e daqueles que permitem uma variação entre subjuntivo e indicativo. Assim, para poder investigar o uso do subjuntivo, há que se “admitir a noção de *variabilidade inerente*”¹⁰⁶ (POPLACK, 1992, p. 13).

Considerando dados do francês do Canadá, a pesquisa apresenta evidências do uso variável de ambos os modos verbais. A partir da lista de alguns verbos que, segundo as gramáticas, são classificados em grupos verbais que exigem o uso do subjuntivo nas orações subordinadas, Poplack (1992) tece algumas considerações, dentre as quais destacamos: (i) todos os verbos que mostram uma alta frequência no *cópus* analisado revelam um certo grau de variabilidade; e (ii) a despeito do que prescrevem os gramáticos, a variação entre ambos os modos verbais têm se mostrado estável há séculos.

Poplack (1992) desenvolve uma pesquisa de cunho variacionista, valendo-se de entrevistas com 120 falantes adultos nativos de francês, residentes em Ottawa-Hull, região bilíngue da capital do Canadá. As ocorrências correspondem a complementos oracionais introduzidos pelo complementizador *que*, com 67 verbos matriz que correspondem aos contextos, prescritos pelos gramáticos como de uso obrigatório do subjuntivo, mas que variam com o indicativo e o condicional. O *cópus* inicial conta com, aproximadamente, 6.000 sentenças, entretanto, como praticamente metade das ocorrências é ambígua, devido à neutralização formal entre subjuntivo e indicativo, o total de dados analisados fica em 2.694.

A primeira rodada estatística indica um resultado de 77% para o uso do subjuntivo. À primeira vista esse resultado pode ser significativo, entretanto, uma análise mais cuidadosa da autora revela a existência de duas classes verbais sob as quais o subjuntivo pode ocorrer: verbo *falloir* (*ser preciso*) e os demais verbos. Devido à expressiva frequência de *falloir*, representando dois terços do *cópus*, Poplack (1992) decide tratá-lo separadamente. Na rodada individual, os resultados revelam a forte associação entre esse verbo e o modo subjuntivo. Segundo a autora, ainda que possa haver uma correlação semântica entre as classes verbais da oração matriz e o modo verbal da subordinada, na maioria dos casos nenhuma associação pode ser estabelecida, pois a composição dessas classes está longe de ser precisa. Poplack (1992) considera que mais relevante que a classe gramatical são as propriedades lexicais do

¹⁰⁶ (POPLACK, 1992, p. 13): “[...] admettre la notion de *variabilité inhérente*.”

verbo matriz. Por fim, conclui a autora que o emprego do modo verbal na subordinada é afetado por traços morfológicos e sintáticos do contexto, e que o modo verbal não pode portar significado, portanto ele não carrega valores semânticos inerentes.

Dessa pesquisa de Poplack (1992), destacamos dois aspectos. Inicialmente ressaltamos a crítica da autora em relação aos preceitos normativos acerca do uso categórico do modo subjuntivo, perspectiva que impede um tratamento variável entre subjuntivo e indicativo. Esse posicionamento da autora está em consonância com os estudos conduzidos a partir de dados do português do Brasil, cujos pesquisadores assumem a variabilidade entre ambos os modos verbais. Em segundo, merece crédito o rigor metodológico aplicado às variáveis independentes, na tentativa de evitar distorção de resultados e de buscar explicações mais consistentes acerca do fenômeno variável. O cuidado na análise dos dados permitiu à autora julgar mais relevante o item verbal da matriz do que propriamente a classe semântica do verbo. Variáveis como essas certamente serão testadas nesta tese.

Uma outra pesquisa, desenvolvida por Poplack (1994) com os mesmos 120 francofones da região de Ottawa/Hull, busca verificar se uma mudança induzida pelo contato francês-inglês pode explicar a variação encontrada na fala de entrevistados bilíngues. Apesar da prescrição normativa, que impõe, por exemplo, o uso do subjuntivo sob o escopo de determinados verbos na oração matriz, observa-se o uso de formas alternantes, como o indicativo e o condicional. O mesmo ocorre nas orações adjetivas e, ainda, nas orações adverbiais. Além dos clássicos grupos de fatores sociais, previstos nos estudos sociolinguísticos, variáveis relacionadas ao contato são controladas: proficiência em inglês, para verificar a habilidade do bilíngue; e região da residência, para medir a intensidade do contato.

O controle das variáveis sociais, para alguns autores, é considerado essencial para determinar o nível de convergência, i.e., o grau de interferência de uma língua sobre outra, ainda que esses mesmos autores não excluam a possibilidade de outras causas. E pensando nessas outras causas, Poplack (1994) analisa os primeiros resultados de sua pesquisa, mostrando que os fatores sociais, de um modo geral, não apontaram na direção da convergência: (i) as mulheres favorecem o uso do subjuntivo, resultado nada surpreendente, considerando sua tendência a um comportamento conservador; (ii) a distribuição dos grupos etários não aponta uma mudança em progresso; (iii) na região de trabalhadores, encontra-se um maior emprego do subjuntivo se comparado com a região de classe média-alta, resultado que contraria as expectativas da

autora; e (iv) a menor proficiência na língua de contato, i.e., o inglês, mostrou-se a única variável importante, pois indica que o conhecimento dessa língua favorece a diminuição do subjuntivo. Dado esse panorama inicial, Poplack (1994) investiga com mais cuidado os dados, na busca de outros efeitos que podem estar velados nessa apresentação estatística inicial. Por essa razão, ela testa o efeito lexical na distribuição social, cruzando, individualmente, os grupos de fatores com as matrizes verbais.

Para nós, essas rodadas individuais revelam-se importantes do ponto de vista interpretativo, pois o resultado de uma variável social pode mascarar a influência de determinado fator de outra natureza. Por exemplo, conforme citado, a primeira rodada indica o sexo feminino como contexto social favorável ao uso do subjuntivo. Porém, o cruzamento do grupo de fatores ‘sexo’ com as ‘classes de verbos da matriz’ sugere que as mulheres empregam com maior percentual verbos que favorecem o subjuntivo. Nesse caso, portanto, o condicionamento não é propriamente de natureza social – não se trata de as mulheres serem mais conservadoras –, mas de ordem interna. Assim, a autora objetiva mostrar a possibilidade de distorção dos resultados a partir de uma distribuição desigual das classes verbais da oração matriz. E o mesmo procedimento realizado com dados de matrizes verbais aplica-se a dados de matrizes não verbais.

Em cada uma das análises, pelo menos um grupo de fatores referente à mudança induzida pelo contato foi selecionado: a proficiência em inglês, no caso das matrizes verbais; e a região da residência, no caso das matrizes não verbais. Ainda assim, outros resultados sinalizam uma contra-expectativa. Por exemplo, “a classe trabalhadora da região de Quebec mostrou uma propensão muito maior ao uso do subjuntivo do que sua equivalente média-alta” (POPLACK, 1994, p. 163). É por essa razão que a autora aponta a classe social como o grupo de fatores mais consistente, pois, independentemente da natureza lexical da oração matriz, essa variável é favorecida em cinco das seis análises realizadas, indicando a classe de outros profissionais como favorecedora ao uso do subjuntivo, ao contrário das demais: mão de obra não especializada, mão de obra especializada e profissionais liberais. Esse resultado confirma “o prestígio do subjuntivo, tal como o aumento de seu uso pelos mais jovens e pela maioria dos falantes bilíngues” (POPLACK, 1994, p. 165). Dessa forma, Poplack (1994) encerra sua pesquisa, afirmando que, com base nos dados, não é possível explicar a variação a partir da mudança induzida pelo contato.

Segundo a autora (1994, p. 167), “na prática, parece que sempre que um aparente caso de convergência é investigado cientificamente, ele some”.

Merece crédito, novamente, o rigor metodológico com que Poplack (1994) conduz sua pesquisa. Não satisfeita com resultados de variáveis sociais, a autora procede ao cruzamento de variáveis sociais e linguísticas com o propósito de confirmar resultados iniciais. Novas rodadas estatísticas permitem um maior conhecimento da amostra analisada, bem como favorece a identificação mais rigorosa de fatores que possam estar influenciando na seleção das variantes. Esse cuidado metodológico é inspirador e modelar para esta tese.

Em 2001, Poplack retoma novamente os dados dos 120 informantes do Canadá, focalizando a questão da frequência no domínio *irrealis*. Dentre as variantes discutidas por Poplack (2001), interessa, para fins desta tese, o uso variável do subjuntivo, forma concorrente com o indicativo. Resultados indicam uma alta frequência de ocorrência (*token*) do modo subjuntivo, porém com baixa frequência tipo (*type*), uma vez que o subjuntivo tende a ocorrer, preferencialmente, associado aos seguintes verbos da oração principal: *falloir*, *vouloir* e *aimer*. Sob o escopo de outras matrizes verbais, o uso do subjuntivo mostra-se muito raro. De uma certa forma, a importância da frequência nos estudos sobre o subjuntivo já aparece na pesquisa de 1990, em que Poplack decide rodar, separadamente, o verbo *falloir* sob pena de distorção dos resultados. Em 2001, Poplack retoma, dentre outros objetos de estudo, a variação no subjuntivo, inserindo-o na discussão teórica de frequência proposta por Bybee (2001), a ser apresentada no capítulo teórico desta tese.

Tendo como referência essas pesquisas de Poplack (1992[1990], 1994, 2001), controlamos, nesta tese, variáveis mais específicas, como o item verbal da oração matriz da substantiva ou a conjunção da oração adverbial, bem como procedemos a cruzamentos de variáveis na tentativa de obter um maior conhecimento acerca do uso variável do presente do modo subjuntivo.

2.4.2.2 O espanhol

Poplack e Pousada (1981) desenvolvem um estudo sobre o sistema verbal do espanhol de Porto Rico em situação de contato linguístico com o inglês dos Estados Unidos. Frequentemente defende-se, nos estudos de línguas em contato, a adaptação da língua de menor prestígio aos padrões da língua superordenada. E a hipótese da pesquisa segue esse parâmetro, na medida em que prevê a transferência de uma língua para outra nos aspectos em que as línguas em contato diferem em

maior ou menor grau. A influência do inglês, entretanto, parece não afetar o sistema do espanhol porto-riquenho.

Dessa pesquisa, interessa-nos mencionar a relação entre a projeção futura de um evento e o uso do presente do subjuntivo. Considerando os *córpus* investigados, o espanhol porto-riquenho vernacular e o padrão, Poplack e Pousada (1981) identificam as formas verbais preferidas para veicular as noções de presente, passado e futuro. Para as formas que expressam futuridade, o presente do subjuntivo aparece como a forma verbal simples mais frequente, “incluída nessa categoria devido a sua natureza imperfectiva e também por ser orientada para o futuro”¹⁰⁷ (POPLACK; POUSADA, 1981, p. 221).

A correlação observada nos dados por Poplack e Pousada (1981) entre o uso do presente do subjuntivo e a expressão da futuridade é muito relevante para a pesquisa apresentada nesta tese. Já em Pimpão (1999c), o traço de projeção futura se mostrou o fator mais importante para a preservação do presente do modo subjuntivo. Outros estudos realizados a partir de dados de fala do português do Brasil igualmente têm mostrado a estreita relação entre a projeção futura e o uso do modo subjuntivo, de modo que essa relação merece ser discutida com mais profundidade, tanto que constitui uma das duas hipóteses gerais desta tese (cf. GUIRALDELLI, 2004; MEIRA, 2006; CARVALHO, 2007).

O uso do modo subjuntivo em situação de línguas em contato também constitui objeto de análise para Silva-Corvalán (1994), que investiga a redução do paradigma de modo verbal dado o contato do espanhol com o inglês em Los Angeles. No espanhol, há uma oposição modal em modo subjuntivo e modo indicativo, entretanto, considera a autora que contextos, até então de uso categórico do modo subjuntivo, ou são categóricos de indicativo ou admitem ambos os modos verbais, a depender de variáveis sociais e geográficas. Segundo a autora, o sistema verbal das línguas românicas tem revelado uma redistribuição das formas de indicativo e de subjuntivo.

Os dados são analisados a partir de entrevistas realizadas com 17 falantes bilíngues de espanhol e inglês americano, que vivem em Los Angeles, Califórnia. Esses informantes representam três categorias de imigração, de acordo com o tempo de estada da família nos Estados Unidos: O Grupo 1 inclui 4 informantes nascidos no México, mas que emigraram para os Estados Unidos depois dos 11 anos de idade; o Grupo 2 é formado por 6 falantes nascidos em Los Angeles, cujos pais

¹⁰⁷ (POPLACK; POUSADA, 1981, p. 221): “[...] included in this category because of its imperfective and future-oriented nature”.

nasceram no México; e o Grupo 3 inclui 7 falantes nascidos em Los Angeles, com, no mínimo, um dos pais nascido também nessa cidade.

Silva-Corvalán mostra que o emprego do subjuntivo é menor no grupo de informantes com menos exposição ao espanhol, o grupo 3. O grupo 1, ao contrário, revela um uso mais recorrente do subjuntivo, justamente o grupo com maior contato com a língua espanhola¹⁰⁸. Por exemplo, os contextos de verbos volitivos e de orações finais, os dois mais recorrentes, revelam um decréscimo de uso do subjuntivo à medida que se avança em direção ao grupo de falantes 3 (98,8%, 88,9% e 73% para contextos volitivos; 100%, 80% e 42,9 para os contextos de finalidade). Ainda assim, salienta a autora que esse processo de perda das distinções de modo ocorre, também, em comunidades monolíngues, pois, segundo ela, faz parte de uma tendência das línguas românicas. Além disso, a perda mais rápida nos contextos de emprego opcional revela que a mudança se espalha a partir desses contextos, que não geram agramaticalidade.

Embora haja evidências de que a ausência de oposição modal no inglês pode favorecer a rápida difusão do indicativo no espanhol de Los Angeles, não há explicação para a retenção do presente e do imperfeito do subjuntivo por alguns falantes do grupo 3, conforme revela um outro estudo desenvolvido por Silva-Corvalán. Por essas razões, a autora não descarta a possibilidade de, à semelhança dos resultados de Poplack (1994), o subjuntivo ser dependente de traços lexicais e morfossintáticos. Observamos que, novamente, as propriedades lexicais e morfossintáticas ganham expressão na investigação do uso variável do modo subjuntivo, aliando-se às demais pesquisas referidas neste capítulo –aquelas realizadas com dados do francês do Canadá, como também as desenvolvidas a partir de dados de fala do português brasileiro, e também de escrita em alguns casos, em diferentes regiões do Brasil.

A análise empreendida nessas pesquisas contribui sobremaneira com a descrição do modo subjuntivo ao mesmo tempo em que revela a complexidade que cerca tal objeto de estudo. Como vimos, há que se ter muita cautela na comparação de resultados, e algumas das razões que justificam esse cuidado metodológico residem no controle criterioso de variáveis independentes e na seleção estatística de determinadas variáveis. Dizemos isso, pois, conforme será observado a partir da resenha seguinte, diferentes variáveis podem ser consideradas,

¹⁰⁸ No estudo de Costa (1990), com informantes brasileiros de ascendência italiana, o grupo intermediário, com mais proficiência em português, tende a empregar mais o modo indicativo.

revelando e desvelando, muitas vezes, uma nova faceta do uso variável do modo subjuntivo.

O espanhol falado em outros países igualmente evidencia um processo de variação entre subjuntivo e indicativo. Silva (2009) investiga a variação entre esses modos verbais com dados de algumas orações substantivas precedidas por negação e com orações concessivas com o conector *aunque*. Os verbos das orações substantivas são: *crear, decir, darse cuenta de, pensar, saber, ver*. Silva trabalha com dois corpúsculos, um de base escrita e outro de base oral. O corpúsculo de língua escrita é composto por 50 jornais eletrônicos da imprensa espanhola de 20 países, distribuídos entre América do Sul, América Central, América do Norte e Europa. O corpúsculo de língua oral é constituído por três bancos de dados: dois na Espanha (Alcalá de Henares e Madri) e outro no México (Cidade do México).

Seguindo a perspectiva funcionalista centrada basicamente em Givón, o objetivo da pesquisa é descrever a alternância indicativo-subjuntivo na língua espanhola. Conforme Silva, o subjuntivo deve ser mais bem caracterizado, considerando que pelo menos alguns usos desse modo verbal não tornam o contexto irreal, incerto, duvidoso, traços esses prescritos pelos gramáticos normativos. A principal hipótese da pesquisa está na associação entre o tipo de informação e o modo verbal: “o subjuntivo está correlacionado aos dados que o interlocutor já conhece, informações compartilhadas, e o indicativo, às informações novas” (SILVA, 2009, p. 5). De fato, em termos de variáveis analisadas, a ‘informação’ constitui a mais relevante, tanto para as orações substantivas, quanto para as concessivas com *aunque*: o subjuntivo tende a ocorrer com informação dada e o indicativo, com informação nova.

De acordo com Silva (2009, p. 185), indicativo e subjuntivo não podem ser considerados “apenas como categorias morfológicas, mas como categorias discursivas que imprimem diferentes traços pragmáticos aos contextos que a tradição gramatical prescreve apenas como incertos, duvidosos”. Essa passagem ilustra muito bem o comportamento multifacetado do uso variável do modo subjuntivo. Acreditamos, portanto, que a morfologia do modo subjuntivo não apresenta um valor inerente, como definem os gramáticos normativos; antes, esse modo verbal ocorre em determinados contextos sob determinadas condições. Por exemplo, Silva menciona as seguintes funções desempenhadas pelo modo subjuntivo:

i) expressar hipótese, incerteza; ii) retomar informações prévias; iii) indicar ao interlocutor que é uma informação dada por encerrada e, além disso, iv) codificar factualidade, traço até então ignorado muitas vezes pela tradição gramatical (SILVA, 2009, p. 220).

Além dessas pesquisas de cunho variacionista, há estudos, como o desenvolvido por Costa (2004), cujo enfoque é a aprendizagem do espanhol como segunda língua por estudantes brasileiros. Tendo em vista que a utilização adequada dos tempos e modos verbais por falantes não nativos constitui um dos conteúdos linguísticos de maior dificuldade, o objetivo de sua pesquisa é “investigar como o falante brasileiro aprendiz de Língua Espanhola como LE usa o tempo presente do modo subjuntivo na variedade formal da língua meta” (COSTA, 2004, p. 17).

Apostando na boa formação dos futuros docentes, a autora defende a aplicação de metodologias que permitam aos alunos de LE compreender melhor os pontos gramaticais de maior dificuldade. Nesse sentido, a prática do contraste linguístico promove uma maior conscientização metalinguística do aluno, uma vez que o contraste entre língua materna e LE possibilita a comparação de semelhanças e diferenças entre estruturas de ambas as línguas. Seguindo, portanto, a proposta da Análise Contrastiva, Costa, em conformidade com alguns autores, decide substituir a noção de erro dessa teoria, devido ao seu valor negativo, pela noção de interlíngua. Na perspectiva da interlíngua, o erro passa a ser considerado como etapa importante no processo de aprendizagem de LE.

Para desenvolver a pesquisa, Costa seleciona dois grupos de alunos do curso de Letras da URI¹⁰⁹ de Santo Ângelo/RS, sendo o primeiro composto por 20 alunos do IV semestre, e o segundo, por 20 alunos do VI semestre. Aos dois grupos são aplicados os mesmos instrumentos de pesquisa: frases com lacunas, experimento docente (conhecimento das regras para o uso do subjuntivo em português e em espanhol) e redação. A autora constata que os alunos passam por um estágio de interlíngua, transferindo estruturas da língua materna para a língua meta, no caso, o espanhol. Entretanto, à medida que esses alunos avançam nos semestres letivos e adquirem conhecimento metalinguístico, observa-se um aumento no índice de acertos do modo

¹⁰⁹ URI significa Universidade Regional Integrada.

verbal, conforme a autora evidencia a partir dos resultados dos testes de preenchimento de lacunas. Finalizando, a autora (2004, p. 111) constata que, durante a realização do *experimento docente*, “observou-se que, além de não estarem familiarizados com o uso do modo subjuntivo em Português, os alunos pesquisados também não tinham clara a gramática normativa de sua LM sobre o tema”.

Com base nesse estudo desenvolvido por Costa, percebemos a importância do conhecimento metalinguístico para uma maior compreensão dos contextos de emprego do modo subjuntivo, conforme prescrevem as gramáticas normativas da língua materna e da língua estrangeira, no caso, o espanhol. Tal conhecimento metalinguístico passa, necessariamente, pela instrução formal, realçando a contribuição da formalização do conteúdo na preservação das regras prescritivas. Nesta tese, ao controlarmos a variável ‘escolaridade’, temos a expectativa de que a frequência de uso do presente do subjuntivo aumente à medida que se avança no grau de instrução, especialmente nas regras consideradas pelas gramáticas normativas como de uso exclusivo do modo subjuntivo¹¹⁰.

2.4.2.3 O italiano

Para Barra Rocha (1992, p. 15), “tanto no português coloquial quanto no italiano coloquial, a frequência do subjuntivo vem decrescendo em favor do indicativo”. Da mesma forma que no português, há gramáticos italianos que consideram o subjuntivo como a contraparte do indicativo. Outros gramáticos ainda reconhecem que as características do subjuntivo também podem ser expressas por meio de outros recursos, como o *talvez*, verbos modais (*poder* e *dever*) e locuções, como *segundo meu parecer*, por exemplo.

Propondo-se a realizar uma pesquisa embasada na análise contrastiva, a autora constitui um corpus de língua escrita para investigar o uso do modo subjuntivo em ambas as línguas (italiano e português). O corpus abrange “um manual didático multidisciplinar em italiano, utilizado na íntegra; e um romance auto-biográfico em português também utilizado na íntegra” (BARRA ROCHA, 1992, p. 18-19): volume CODICE’80 e a obra *Anarquistas, Graças a Deus*, de Zélia Gattai, respectivamente. A autora restringe o levantamento dos dados às frases que apresentam contraste, i.e., frases em que há diferença no uso do modo verbal se comparadas às línguas portuguesa e italiana.

¹¹⁰ No capítulo 3, apresentamos um maior detalhamento acerca da variável ‘escolaridade’.

Segundo Barra Rocha (1992), tanto no português quanto no italiano o subjuntivo recebe influência de condicionadores, quais sejam: morfossintáticos, lexicais, semânticos e subjetivos. Com relação aos condicionadores morfossintáticos, a pesquisadora menciona as conjunções, advérbios, pronomes e expressões verbais. Dentre as conjunções, destaco as concessivas: no italiano, conjunções concessivas, como *anche se (mesmo que)*, *anche quando (ainda que)* e *anche se (embora)* são acompanhadas pelo indicativo, ao contrário do português, em que o modo exigido é, conforme orientações normativas, o subjuntivo. Com relação aos condicionadores lexicais, destaco o verbo *pensar (pensare)*, que conduz ao indicativo ou subjuntivo no português e ao subjuntivo no italiano; e o *talvez (forse)*, acompanhado de subjuntivo no português e de indicativo no italiano.

Os condicionadores semânticos igualmente revelam dissimetria na tradução português-italiano, como alguns usos do imperativo e expressões como *custasse o que custasse (ad ogni costo)*. Nos condicionadores subjetivos, a autora enquadra as orações relativas. No português, por vezes as adjetivas conduzem ao indicativo e ao subjuntivo, dependendo de motivações semânticas (irrealidade x realidade) ou de motivações estilísticas (informalidade x formalidade). No italiano, ao contrário, “o sistema linguístico não oferece essa possibilidade de escolha ao falante” (BARRA ROCHA, 1992, p. 154).

Conforme Barra Rocha (1992, p. 178, grifo do autor), “o traço que mais caracteriza o modo subjuntivo é que esse modo é subordinado a determinados fatores aos quais foi conveniente chamar **CONDICIONADORES**”. Ainda que a pesquisadora assuma que o emprego do subjuntivo pode depender de motivações subjetivas, como no caso das orações relativas, há condicionadores linguísticos que desencadeiam o uso desse modo verbal. Acreditamos que, mesmo nas orações relativas, seja possível identificar estratégias linguísticas que instaurem, no contexto discursivo, um ambiente de maior probabilidade, de projeção futura, condição importante para o emprego do subjuntivo. Nesse sentido, a análise de dados reais pode permitir a identificação de tais estratégias.

Ainda que Barra Rocha (1992) tenha partido da visão normativa para investigar o uso escrito do modo subjuntivo, sua pesquisa destaca-se, dentre outras razões, por mostrar a existência de dissimetria no emprego dos modos verbais entre o italiano e o português e, por conseguinte, levar à constatação de que o subjuntivo não apresenta uma definição homogênea, independentemente da língua. A discussão sobre essa dissimetria conduzida pela autora reforça, em nossa opinião, a

complexidade que envolve o estudo do uso do modo subjuntivo, não somente entre diferentes línguas, mas dentro de uma mesma língua, apontando, portanto, para a necessidade de mais estudos que possam enriquecer as contribuições que se têm até o momento sobre esse assunto.

Também contemplando a análise de textos escritos, McAuliffe (2006) desenvolve um estudo acerca do uso do modo subjuntivo e do modo indicativo em textos não-literários da Toscana, correspondentes ao período de 1375 a 1499: cartas de mercadores, sermões, memórias e escritos religiosos. O objetivo está na busca pelos fatores que favorecem o subjuntivo, já observados, conforme destaca, em outros estudos, tais como o ‘tipo de oração’ e a ‘negação’, porém, essencialmente, na busca pelo elemento lexical que governa a oração. Compõem a amostra ocorrências de orações completivas nas funções de objeto e de sujeito.

Resultados interessantes são encontrados nessa pesquisa: o uso do subjuntivo é quase categórico sob o escopo de elementos lexicais volitivos (98,10%); porém, sob o escopo de elementos lexicais epistêmicos, o percentual diminui drasticamente (29,18%). Tais resultados são interessantes na medida em que se aproximam de resultados encontrados no português do Brasil, o que significa dizer que os condicionamentos envolvidos são tão importantes que podem ser comparados entre línguas.

Destacamos ainda conclusões decorrentes do controle da negação. Havendo negação na oração principal acompanhada de um verbo epistêmico, a probabilidade de uso do subjuntivo aumenta. Por outro lado, orações afirmadas (sem negação) não atuam sobre o uso desse modo verbal, constituindo, portanto, um ambiente preferencial de uso do indicativo. Em consonância com tais constatações estão as pesquisas desenvolvidas com dados do português brasileiro.

2.5 FECHANDO O CAPÍTULO

Nesta tese, lançamos mão de pressupostos da teoria da variação e mudança e do funcionalismo, numa abordagem sociofuncionalista. O recorte do objeto é feito com identificação de formas verbais intercambiáveis, com o mesmo significado referencial, na codificação do tempo presente (a partir de contextos previamente delimitados com base na GT), e as formas concorrentes são analisadas como camadas do domínio funcional da modalidade. Também as pesquisas desenvolvidas com dados do português do Brasil, aqui resenhadas, consideram as formas de subjuntivo e indicativo como variantes.

Ainda, a análise quantitativa prevê variáveis independentes que operacionalizam hipóteses de natureza funcional (as principais variáveis linguísticas) e social (as variáveis extralinguísticas). As principais variáveis linguísticas controladas são escalares, captando um *continuum* funcional, sendo considerados, prioritariamente, os dados variáveis, mas também são consideradas relevantes à análise ocorrências categóricas. Por fim, procura-se descrever o fenômeno numa perspectiva sincrônica e diacrônica. Os procedimentos metodológicos da pesquisa serão detalhados no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os objetivos deste capítulo consistem em descrever os procedimentos metodológicos e situar o leitor quanto ao envelope de variação, o que já foi iniciado na seção 1.3 do capítulo 1 com a ‘Delimitação do objeto de estudo’. O detalhamento das amostras sincrônica e diacrônica abre o presente capítulo. Segue-se a contextualização histórica das cidades de Florianópolis e Lages. Na seção seguinte, Na sequência, as variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas) são descritas juntamente com as hipóteses que justificam seu controle. Finalizando o capítulo, o tratamento estatístico aplicado aos dados é delineado e as ocorrências que não constituem dado de análise são apresentadas.

3.1 AMOSTRAS

O detalhamento das amostras está distribuído em duas seções. A primeira corresponde à amostra sincrônica, constituída por entrevistas armazenadas no Projeto VARSUL¹¹¹. A segunda amostra, de natureza diacrônica, está organizada com base em dados retirados de cartas ao redator, material que constitui parte do acervo do Projeto PHPB/SC¹¹².

Com as amostras escolhidas, pretendemos conjugar as abordagens sincrônica e diacrônica, objetivando investigar a variação entre as formas do presente do subjuntivo e do presente do indicativo na fala de informantes florianopolitanos e lageanos, cujas entrevistas foram realizadas na década de 1990, bem como na escrita especificamente relacionada a cartas ao redator, publicadas em Florianópolis e Lages (SC) nas duas últimas décadas do século XIX e durante todo o século XX. A sucessão de sincronias pode permitir a identificação de possíveis modificações (variação e/ou mudança) no uso do presente do modo subjuntivo ao longo do tempo, presentes em cartas ao redator.

Esse enfoque pancrônico aponta, de uma certa forma, para a contexto sócio-histórico com vistas a buscar correlações entre o fenômeno em análise e a forma de constituição e ocupação das cidades

¹¹¹ Para maiores informações, consultar a página eletrônica do Banco de Dados do Projeto VARSUL: www.varsul.org.br.

¹¹² O Projeto PHPB/SC também inclui, por exemplo, peças de teatro de escritores catarinenses (cf. seção 3.1.2 deste capítulo).

de Florianópolis e de Lages. A cidade, nesse sentido, não constitui apenas uma variável a ser investigada; antes, por estar impregnada de memória histórica, pode revelar particularidades linguísticas. Silva (2008) destaca o ressurgimento da importância atribuída à dimensão histórica de fenômenos linguísticos, preterida, por um longo tempo, pelo interesse na dimensão sincrônica.

3.1.1 A amostras sincrônica: Projeto VARSUL

A iniciativa de constituir um banco de dados linguísticos, visando a futuras descrições e análises da variação na fala do sul do Brasil, surge em 1982, com o Projeto Regional Estudos do Bilinguismo e Variação Linguística no Sul do País, centrado em três áreas: Atlas Linguístico e Etnográfico, Bilinguismo e Variação Linguística (este último denominado, posteriormente, VARSUL). De 1982 a 1987, a equipe do Projeto mantém encontros regionais anuais e, em 1987, o grupo decide interromper os encontros e investir, individualmente, em cada área (KNIES; COSTA, 1996).

Com a aprovação do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil) em 1989, dá-se início ao processo de realização das entrevistas (1990-1995) em quatro cidades de cada estado da Região Sul, tendo como objetivos principais armazenar e disponibilizar amostras de fala a pesquisadores interessados no estudo da variação e mudança linguística no sul do Brasil. O Banco de Dados do Projeto – que se destina à pesquisa sociolinguística – é compartilhado por quatro universidades nos três estados da Região Sul do país: duas universidades no Rio Grande do Sul (UFRGS e PUCRS)¹¹³, uma em Santa Catarina (UFSC) e outra no Paraná (UFPR), dispondo de amostras representativas das variedades linguísticas urbanas do sul do Brasil¹¹⁴. O

¹¹³ A PUCRS passa a integrar o Projeto VARSUL em 1993.

¹¹⁴ O Banco de Florianópolis já dispõe de amostras de variedades linguísticas não urbanas. Monguilhott (2009) constituiu uma amostra com informantes de duas localidades da cidade de Florianópolis, que representam comunidades não urbanas: Costa da Lagoa e Ribeirão da Ilha. Dados oriundos dessa amostra compõem parte do banco utilizado em sua tese de doutorado sobre concordância verbal de terceira pessoa do plural, que ainda inclui informantes, entrevistados pela autora, oriundos da zona central da cidade e do bairro Ingleses, ambos representantes da área urbana (MONGUILHOTT, 2009). Essa amostra vem sendo ampliada com entrevistas realizadas nessas mesmas localidades e em outras não urbanas (Santo Antônio de Lisboa e Rationes), bem como urbanas (Coqueiros e Trindade), de modo a constituir um banco de dados complementar denominado Banco de Dados Floripa. Além disso, o VARSUL/UFSC dispõe da

banco-base é composto por 288 entrevistas, sendo 96 por estado e 24 por cidade.

A estratificação sociolinguística aplicada à constituição do Banco VARSUL distribui os informantes em sexo, idade, escolaridade, região/etnia. Do estado de Santa Catarina, as seguintes cidades fazem parte do Banco: Florianópolis (colonização açoriana), Lages (originária do caminho dos tropeiros RS ↔ SP), Blumenau (colonização alemã) e Chapecó (colonização italiana). Além do banco-base, encontra-se em andamento a ampliação do acervo urbano de Florianópolis, que já inclui, além de entrevistas com jovens, gravações realizadas com crianças na faixa de 07 a 14 anos¹¹⁵ e, ainda, com universitários. Também as cidades de Porto Alegre e de Curitiba estão incorporando uma nova coleta, referente aos jovens e universitários.

Nesta tese, interessa a variação na fala de informantes de Florianópolis e de Lages: Florianópolis, por ser a capital, caracterizando-se por uma colonização tipicamente açoriana, por dispor também de entrevistas com jovens (o que permite uma análise em tempo aparente, com controle de diferentes gerações) e de universitários (o que permite discutir com mais propriedade o papel da escolaridade), e por já ter constituído amostra para a dissertação de mestrado (PIMPÃO, 1999c); e Lages, pela singularidade de ser a única cidade do banco de Santa Catarina sem interferência significativa de colonização europeia. Ademais, existem pesquisas realizadas no âmbito do Projeto VARSUL e do PHPB/SC que investigam amostras dessas duas cidades (ROST SNICHELOTTO, 2009; COELHO; GÖRSKI, 2011; SOUZA, em fase de elaboração; CARDOSO, em fase de elaboração; entre outras), o que propicia, em trabalhos futuros, a identificação de padrões sociolinguísticos comuns nessas comunidades, ou mesmo de especificidades.

Para a investigação sincrônica com dados orais de Florianópolis e de Lages, são utilizadas duas amostras: a primeira reúne 24 entrevistas de cada cidade, que fazem parte do banco-base do VARSUL constituído nos primeiros anos da década de 1990, cujos informantes se distribuem igualmente pelas células sociais (cf. quadro 4); e a segunda se restringe a Florianópolis, contando com uma ampliação para 44 informantes

Amostra Brescancini e Valle, formada por informantes da Barra da Lagoa, expandindo a amostra de comunidades não urbanas.

¹¹⁵ Para esta tese, entretanto, as entrevistas correspondentes à faixa etária das crianças não constituem parte da amostra de análise.

distribuídos em faixas etárias e níveis de escolaridade diferenciados (cf. quadro 5).

Quadro 4
Amostra 1 (sincrônica): distribuição dos informantes por cidade

| Localidades | | Florianópolis | | | Lages | | |
|------------------------------|-----------|----------------|-----|-----|----------------|-----|-----|
| Escolaridade | | PRI | GIN | COL | PRI | GIN | COL |
| Idade | Sexo | | | | | | |
| 25 a 50 anos | Masculino | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 |
| | Feminino | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 |
| acima de 50 anos | Masculino | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 |
| | Feminino | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 |
| TOTAL | | 24 informantes | | | 24 informantes | | |
| TOTAL: 48 informantes | | | | | | | |

A amostra 1 envolve três momentos de análise quantitativa considerando o fator geográfico: 1º) rodadas estatísticas, em conjunto, das duas cidades; 2º) rodadas com os dados de Florianópolis; 3º) rodadas com os dados de Lages. O objetivo dessa sistemática está na comparação dos resultados a partir da identificação das variáveis estatisticamente relevantes em cada um desses três momentos. No quadro 4, observa-se o mesmo número de células sociais entre as cidades para garantir a comparabilidade dos resultados.

Quadro 5
Amostra 2 (sincrônica): distribuição dos informantes de Florianópolis

| Localidade | | Florianópolis | | | |
|------------------------------|-----------|---------------|-----|-----|-----|
| Escolaridade | | PRI | GIN | COL | UNI |
| Idade | Sexo | | | | |
| 15 a 24 anos | Masculino | 2 | 2 | 2 | - |
| | Feminino | 2 | 2 | 2 | - |
| 25 a 50 anos | Masculino | 2 | 2 | 2 | 2 |
| | Feminino | 2 | 2 | 2 | 2 |
| acima de 50 anos | Masculino | 2 | 2 | 2 | 2 |
| | Feminino | 2 | 2 | 2 | 2 |
| | | 12 | 12 | 12 | 08 |
| TOTAL: 44 informantes | | | | | |

A amostra 2 envolve os mesmos 24 informantes da cidade de Florianópolis, constantes na amostra 1 (ver sombreamento no quadro 5), sendo complementada pela inclusão da faixa etária dos jovens (15 a 24

anos) e dos informantes universitários. Será realizada uma análise quantitativa separada para essa amostra com vistas, como já foi dito, a averiguar com mais rigor a possível interferência das variáveis sociais ‘idade’ e ‘escolaridade’ sobre o fenômeno linguístico investigado nesta tese¹¹⁶.

3.1.2 A amostra diacrônica: Projeto PHPB/SC¹¹⁷

Trabalhar com dados diacrônicos é buscar, no passado, elementos que possam esclarecer aspectos de estudos sincrônicos. Como “nada, ou quase nada, nas línguas se perde, tudo se transforma” (MATTOS E SILVA, 2006, p. 16), recorre-se ao passado para recuperar elos que permitam melhor compreender fenômenos de variação e/ou mudança linguísticas. Nas palavras de Tarallo (1994, p. 64), “a estrutura de uma língua somente será totalmente entendida à medida que se compreendam efetivamente os processos históricos de sua configuração”. É o ‘encaixamento histórico’ de que fala o autor: o pesquisador inicia a investigação no presente, recorre ao passado e, depois, retorna novamente ao presente, fechando, dessa forma, o ciclo de análise.

Como não há material completo de estágios passados da língua, o investigador, segundo Mattos e Silva (2006, p. 34), “não constituirá seu *corpus*, de acordo com os objetivos de sua pesquisa, mas terá de condicionar a seleção de seus dados à documentação remanescente”. Assim, o pesquisador deve recorrer a registros de época a fim de tentar apresentar um retrato da fala de determinado período. Vale ressaltar que os dados diacrônicos (cartas, diários, peças teatrais, por exemplo), por mais naturais que sejam, sempre terão o viés da língua escrita e da normatização da época, fatores que não desmerecem a importância da análise, mas que requerem um olhar cauteloso para os dados e os resultados (TARALLO, 1994).

Paiva e Duarte (2003) também destacam que pesquisas que objetivam investigar a mudança em tempo real enfrentam alguns

¹¹⁶ Com relação às amostras 1 e 2, referentes a dados de fala, Pimpão (1999c) investigou ocorrências de 36 entrevistas de Florianópolis, das quais 24 fazem parte do banco-base e 12, com informantes da faixa etária mais jovem, foram realizadas em coleta posterior. Dessa forma, conforme mencionado no capítulo 1, para esta tese a amostra foi ampliada, agregando-se às 36 entrevistas, 24 de informantes da cidade serrana de Lages e 8 de universitários naturais de Florianópolis.

¹¹⁷ Para maiores informações acerca do Banco de Dados do PHPB/SC, consultar a página eletrônica do VARSUL: www.varsul.org.br.

problemas. Primeiro, como se recorre a textos escritos, a amostra constituída pelo pesquisador pode não representar a comunidade de fala da época. Segundo, ainda há a possibilidade de determinadas formas linguísticas serem preservadas no texto escrito quando, na fala, não são mais usadas. Conforme será mencionado adiante, tomamos o cuidado de coletar cartas cuja procedência fosse de Florianópolis e de Lages. Com certeza não temos como saber se o remetente dessas cartas era natural de uma ou outra cidade. Ainda assim, julgamos que esse critério metodológico dará mais segurança à análise se comparado a um procedimento que incluísse cartas de outras cidades. Também acreditamos que possa ter havido algum tipo de revisão das cartas, seja pela própria redação do jornal, seja por pessoas próximas ao remetente. A análise interpretativa dos resultados referentes aos dados diacrônicos deve, portanto, considerar tais fatores.

Sobre as formas linguísticas presentes em registros históricos, Labov (1994) sugere que se faça o melhor uso de dados considerados não ideais – o ideal seriam as gravações de fala. É o que tentaremos nesta tese com as amostras de cartas ao redator a despeito das problemáticas que cercam um estudo com base em amostras de textos escritos. Assim, se os resultados evidenciarem variação naqueles contextos em que as gramáticas tradicionais permitem o emprego do indicativo – ainda que com atitude de mais certeza (cf. capítulo 1) –, perceberemos que o presente do indicativo poderia já não ser estigmatizado. E se o presente do indicativo for usado naqueles contextos considerados de emprego do subjuntivo, conforme prescrevem as gramáticas (cf. capítulo 1), será possível identificar o ambiente de entrada dessa variante nas amostras analisadas. A ausência de variação, por outro lado, apontará para os contextos de restrição ao indicativo bem como poderá sugerir a força da correção gramatical. Considerando as ressalvas que necessariamente devem acompanhar a análise dos resultados de pesquisas com dados diacrônicos, o pesquisador tem condições de apresentar interpretações mais seguras.

Uma outra dificuldade com a qual o pesquisador se depara refere-se ao *paradoxo da linguística histórica*: para Labov (1994, p. 21), “a tarefa da linguística histórica é explicar as diferenças entre o passado e o presente; porém não há meio de saber a extensão da diferença entre o passado e o presente”¹¹⁸. Não havendo, portanto, meios de antecipar

¹¹⁸ (LABOV, 1994, p. 21): “The task of historical linguistics is to explain the difference between the past and the present; but to the extent that the past was different from the present, there is no way of knowing how different it was.”

distinções entre passado e presente, como tentar indicar generalizações acerca de fenômenos linguísticos em um determinado período histórico? Labov (1972b, 1994) propõe o *princípio do uniformitarismo*, originado das ciências históricas, especialmente a geologia e a filologia. De acordo com esse princípio, “as forças que operam para produzir a mudança linguística hoje são do mesmo tipo e ordem de grandeza das que operaram no passado, há cinco ou dez mil anos” (LABOV [1972] 2008, p. 317). Por essa razão, o “conhecimento de processos que operaram no passado pode ser inferido, observando os processos que ocorrem no presente”¹¹⁹ (LABOV, 1994, p. 21).

Como fonte de dados diacrônicos, o Projeto Para a História do Português Brasileiro de Santa Catarina (PHPB/SC) oferece amostras de textos escritos. O PHPB é um projeto nacional, decorrente de um projeto anterior, o Projeto de História do Português de São Paulo, iniciado em 1996 pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (CASTILHO, s/d). A ampliação do projeto ocorre em 1997, então rebatizado como Projeto para a História do Português do Brasil, contando, atualmente, com a adesão de várias universidades, dentre as quais a UFSC¹²⁰. Além da constituição de um banco diacrônico, permitindo a realização de pesquisas acerca da gramática do português, merece destaque a história social das áreas investigadas.

O Projeto PHPB em Santa Catarina atualmente disponibiliza uma amostra de peças teatrais catarinenses dos séculos XIX e XX, uma amostra de cartas ao redator de jornais catarinenses desses mesmos séculos e uma amostra de editoriais do jornal *O Moleque*, publicado em Florianópolis no século XIX. O Projeto, ainda em constituição, agregará outros textos de diversas fontes: documentos de cartórios, de arquivos públicos e privados, textos de jornais do sul do Brasil, e ainda um maior número de cartas pessoais e de peças de teatro, representativos da escrita catarinense dos séculos XIX e XX.

Do acervo referente às cartas ao redator da cidade de Florianópolis, utilizamos sete cartas (cf. anexo A)¹²¹, disponíveis no Banco PHPB/SC à época da coleta de dados para a realização desta tese.

¹¹⁹ (LABOV, 1994, p. 21): “[...] knowledge of processes that operated in the past can be inferred by observing ongoing process in the present.”

¹²⁰ Na UFSC, o PHPB/SC é coordenado atualmente pela profa. Izete Lehmekuhl Coelho.

¹²¹ As sete cartas já disponíveis no Banco PHPB/SC à época da coleta de dados estão identificadas com sombreamento no anexo A.

A amostra correspondente às demais cartas da cidade de Florianópolis e às da cidade de Lages foi constituída em coletas por nós realizadas. Em Florianópolis, utilizamos material disponível na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina; em Lages, consultamos principalmente os jornais disponíveis no Museu Thiago de Castro, que reúne diferentes jornais lageanos desde a segunda metade do século XIX e de praticamente todo o século XX. Do século XX, não há muito material no período de 1970 a 1990, compensado, dessa forma, com coletas realizadas na Biblioteca Municipal de Lages. Desse período, entretanto, a Biblioteca dispõe somente de exemplares do jornal ‘Correio Lageano’.

Para tornar a amostra homogênea, foi necessário estabelecer um parâmetro para a coleta das cartas. Os jornais, em geral, apresentam uma maior sistemática na disposição das seções referentes às cartas a partir de meados da década de 1960, o que significa dizer que, até então, não havia regularidade na sua publicação, nem uma seção intitulada ‘Carta ao Redator’ ou ‘Carta à Redação’, por exemplo. Há jornais, como ‘O Imparcial’, de Lages, que reservava, em geral, espaços para a carta, porém outros jornais, como o ‘Correio Lageano’, praticamente não cediam esse espaço. A carta não tinha, portanto, um lugar definido, e sua publicação, talvez até mesmo por essa razão, não era diária.

Considerando a baixa regularidade das cartas, foi necessário estabelecer algum critério para a coleta do material. Um possível indício da carta enviada pelo leitor ao redator poderia ser sua assinatura. Entretanto, como havia diferentes textos assinados pelos leitores, a assinatura não caracterizava, necessariamente, uma carta enviada à redação do jornal. A assinatura, nesse sentido, não poderia ser o ponto de referência a partir do qual coletaríamos o material. Dentre esses tipos de textos havia poesias, comunicados, declarações, atestados, piadas, cartas, artigos. Considerando a diversidade de material encontrado e a necessidade de padronizar a coleta como uma das etapas para uma análise de dados mais segura, julgamos pertinente considerar o vocativo por meio do qual o leitor se dirige ao chefe da redação ou, ainda, ao diretor do jornal¹²², solicitando a publicação de sua carta, como orientação para a coleta. Esse critério nos pareceu mais seguro por permitir a constituição de uma amostra mais homogênea. Eis alguns dos vocativos que aparecem nas cartas coletadas: ‘Sr. Redactor’ (por vezes acompanhado pelo nome do jornal), ‘Caro Redactor e amigo’, ‘Meu caro Director da A Semana’, ‘Illustradissimo Sr. Redactor do Estado’, ‘À illustre redacção do Correio do Povo’, ‘À Illustrada Redacção do

¹²² Em geral, o Diretor de um jornal também era o Redator-Chefe.

Jornal O Clarão’, ‘Sr. Diretor’. A partir de meados da década de 1960, os jornais passam a ter seções destinadas ao recebimento de cartas, o que não necessariamente exclui o uso de vocativos¹²³.

Tendo definido o critério para a coleta do material, passamos para a segunda etapa: definir o número de cartas. Nossa intenção inicial era investigar cartas publicadas durante a segunda metade do século XIX, período em que aparecem os primeiros jornais, e durante todo o século XX. Com esse intuito, a variável extralinguística ‘periodização histórica’ corresponderia a períodos de 25 anos, e tencionávamos coletar em torno de 25 cartas por período. Esse projeto tornou-se inviável, considerando que muitos jornais referentes às três primeiras décadas da segunda metade do século XIX foram atingidos por sucessivas enchentes que afetaram Lages nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2011. Os jornais foram, portanto, recolhidos para tratamento, sendo o ‘Correio Lageano’ de 1883 o jornal mais antigo disponível para consulta no Museu Thiago de Castro.

Dessa forma, reorganizando o projeto inicial, decidimos controlar os dados a cada 20 anos, partindo da década de 1880, e ampliar o número de cartas por período para entre 25 e 30. Entretanto, infelizmente, o resultado do processo de coleta não correspondeu aos objetivos, devido (i) ao número pouco expressivo de jornais disponíveis para consulta, como ocorre na década de 1880 em Lages; e (ii) à dificuldade em encontrar cartas nas décadas de 1930, 1940 e de 1960 em Florianópolis e em Lages. No anexo A, apresentamos um quadro em que são discriminados os jornais consultados por período em Florianópolis e em Lages, bem como as datas de publicação das cartas analisadas.

Conforme pode ser observado no anexo A, cada período de 20 anos não reúne jornais de todos os anos. Certamente o ideal seria analisar uma carta por ano, porém, infelizmente, devido à antiguidade e à baixa regularidade de muitos jornais, bem como devido à indisponibilidade de alguns materiais, retirados para tratamento, os

¹²³ Em Florianópolis, encontramos as seguintes seções nos jornais coletados: ‘Cartas à Redação’ (Imprensa Nova/1967–1968), ‘Cartas’ (O Estado/1975), ‘A Opinião do Leitor’ (Diário Catarinense/1978), ‘Cartas e Convites’ (A Ponte/1980), ‘Do Leitor’ (Jornal da Semana/1980), ‘Opinião do Leitor’ (O Estado/1982), ‘Do Leitor’ (O Estado/1989–1990–1992–1995–1999), ‘Cartas’ (Diário Catarinense/1993) e ‘Diário do Leitor’ (Diário Catarinense/1997–1998). Em Lages, são as seguintes: ‘Cartas’ (O Planalto/1978–1979–1980), ‘Cartas’ (Correio Lageano/de 1995 a 1998).

critérios para a constituição da amostra foram alterados. Nesse sentido, julgamos pertinente:

- (i) diversificar o ano de publicação, com o intuito de promover uma amostra representativa por década. Cada período de 20 anos está representado por jornais publicados entre seis e doze anos diferentes;
- (ii) apresentar diferentes jornais por década, na tentativa de minimizar a probabilidade de que o uso (variável) do presente do modo subjuntivo esteja correlacionado a determinados jornais.

Finalizando esta subseção, ressaltamos que as cartas encontradas nos jornais de Florianópolis e de Lages enviadas de outras cidades, como Blumenau, Pelotas, Rio de Janeiro e Urussanga, por exemplo, não foram incorporadas à amostra a menos que o leitor se identificasse como florianopolitano ou lageano no decorrer da carta. Esse critério metodológico permite apresentar com mais precisão e segurança a distribuição do uso (variável) do presente do modo subjuntivo em cada uma das cidades.

Passamos, neste momento, à contextualização histórica das cidades de Florianópolis e Lages.

3.2 A HISTÓRIA

O avanço dos paulistas no sul do Brasil deixa de ser pelo litoral e passa a ser pelo planalto, rota alterada desde a primeira tropa de mulas, que chega a Sorocaba em 1720, com vistas a abastecer o mercado da Região Sudeste. O caminho dos tropeiros parte de Sorocaba, passando pela cidade de Lages até alcançar a vasta região no centro-norte do Rio Grande do Sul, denominada Campos de Cima da Serra, que inclui a cidade de Vacaria, que, até hoje, mantém estreito vínculo com Lages, principalmente pelos rodeios. A essa época, os açorianos já haviam desembarcado no litoral catarinense, especialmente nas cidades de Laguna e Florianópolis.

Dois interesses motivaram esse contexto histórico-social: “a necessidade de diferenciação de atividade econômica da Colônia e a política expansionista da Metrópole. Da realização destes interesses desincumbiram-se os portugueses; daqueles, os paulistas” (CARDOSO; IANNI, 1960, p. 3). Esses dois ciclos de ocupação do território da

Região Sul, notadamente Santa Catarina e Rio Grande do Sul, constituem, nas palavras de Oliveira (2004, p. 67) “dois movimentos quase concomitantes, mas que quase não se comunicam”. Ainda segundo Oliveira (2004, p. 69), “essa separação é mais estruturada em Santa Catarina que no Rio Grande do Sul, devido à forte barreira da Serra do Mar. É em Santa Catarina, portanto, que temos que procurar os indícios dessa diversidade”¹²⁴. Parte dessa história está descrita a seguir.

3.2.1 A cidade de Florianópolis

Não satisfeita com o caminho para as Índias, descoberto por Vasco da Gama ao contornar o Cabo da Boa Esperança, no extremo sul da África, a Europa deseja encontrar uma rota alternativa para o território indiano rico em especiarias, seda e pedras preciosas. A busca desse caminho favorece o descobrimento da América por Cristóvão Colombo, que até então julgava, assim como todos à época, haver três continentes na Terra: África, Ásia e Europa. Anos mais tarde, com o mesmo intuito, Pedro Álvares Cabral descobre o Brasil e, a partir de então, expedições ao litoral brasileiro, principalmente portuguesas e espanholas, marcam todo o século XVI (SANTOS, 2004).

Essas expedições ao litoral brasileiro, no decorrer do século XVI, objetivam não somente garantir as descobertas nas Índias, como também reconhecer o próprio território brasileiro, para futura ocupação, e alcançar o rio da Prata. Nesse aspecto o litoral catarinense¹²⁵ ganha expressão em decorrência da vantagem dos portos de São Francisco e da Ilha de Santa Catarina, permitindo descanso à tripulação de embarcações

¹²⁴ Oliveira (2004), com base no ALERS, reproduz mapas de áreas dialetais da Região Sul com o objetivo de relacionar ciclos de ocupação de território e variedades linguísticas. Considerando os objetivos desta tese, destacamos o uso de *tu* e *você* apenas nas áreas de nosso interesse: o uso de *você fez* ocupa a área correspondente ao planalto catarinense; o *tu fez*, a região do Alto Vale do Itajaí-Açu, avançando um pouco ao norte; e o *tu fizeste* distribui-se em uma zona compacta do litoral catarinense. Para o autor, não há uma área de contato entre *você fez* e *tu fizeste* (separados pelo *tu fez*) e, ao sul de Santa Catarina, onde essas duas áreas aparentemente se encontram, estão, na verdade, separadas pela Serra Geral.

¹²⁵ Credita-se ao comandante Binot Paulmier de Gonneville ser o primeiro navegador a chegar à costa catarinense, fato ocorrido em 1504. A provável origem do nome da Ilha de Santa Catarina e terras próximas reside na homenagem de um comandante de uma expedição espanhola, de 1526, a sua esposa, Catarina Medrano; ou ainda, de acordo com outros autores, uma homenagem à Santa Catarina de Alexandria (SANTOS, 2004).

e oferecendo abastecimento de comida. Nesse cenário, Espanha e Portugal disputam a Ilha de Santa Catarina: a Espanha por requerer o crédito do descobrimento da América, e Portugal por recear perder as futuras descobertas em torno da África para a Espanha. Nem mesmo o Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, resolve o impasse. A disputa arrefece somente a partir de 1580, momento em que as coroas espanhola e portuguesa estão unidas sob a monarquia de Felipe II, que se estende até 1640 (SANTOS, 2004).

Durante o século XVI, dada a característica dos portos do litoral catarinense de constituírem, nas palavras de Santos (2004, p. 37), “estações de aguada”, não se estabelece um povoamento, movimento que se inicia na primeira metade do século XVII com a vinda de paulistas para caçar índios e vendê-los como mercadoria em São Vicente e Bahia. A ausência da fixação de uma população, aliada à restauração da coroa em 1640, dá início ao desejo de Portugal de garantir o acesso ao rio do Prata, partindo do litoral do sul do país. O litoral catarinense firma-se como posição estratégica e militar para a expansão do território português em direção do sul. Nesse contexto, o bandeirante Francisco Dias Velho, acompanhado de sua família e de agregados, inicia o povoamento da Ilha de Santa Catarina, no princípio da segunda metade do século XVII¹²⁶. A essa época, a Ilha de Santa Catarina fazia parte da cidade de Laguna. Em 1726, conquista sua emancipação política, sendo elevada à categoria de vila, a partir do desmembramento de Laguna. E em 1738, o primeiro governador, Brigadeiro José da Silva Paes, determina a Ilha como capital do estado, passando a ser designada por Nossa Senhora do Desterro (FURLAN, 1989).

A colonização da cidade de Florianópolis é iniciativa da coroa portuguesa. No século XVIII, a monarquia portuguesa inicia seu projeto expansionista no sul do Brasil, que só poderia ter êxito se fortificações fossem construídas e se populações ocupassem o território. A vinda dos açorianos, portanto, viabiliza a execução desse projeto no litoral catarinense. Furlan (1989) e Santos (2004) destacam dois importantes fatores que motivam a migração açoriana: (i) o alto crescimento demográfico do arquipélago dos Açores; e (ii) o receio da Coroa Portuguesa de que os extremos norte e sul do Brasil pudessem favorecer a invasão espanhola.

¹²⁶ Segundo Santos (2004, p. 39), “não se sabe com certeza sobre o ano em que Dias Velho iniciou o povoamento da Ilha de Santa Catarina. Autores apontam diversamente os anos de 1673 e 1675.” Furlan (1989) igualmente compartilha dessa dúvida ao indicar dois possíveis anos: 1662 ou 1675.

O povoamento do estado de Santa Catarina tem início com os paulistas de São Vicente (1640-1748), sendo complementado pelos açorianos. Entre 1748 e 1756, o estado recebe quase seis mil¹²⁷ açorianos, que se distribuem na faixa litorânea de Santa Catarina, desde São Francisco do Sul até Laguna. Somam-se a esse contingente de açorianos, a população litorânea, constituída por paulistas (essencialmente vicentistas) e por portugueses (4.197 pessoas), aumentando a população em aproximadamente 150%. Ao falar característico do contato entre essa população litorânea, Furlan denomina *coiné*, devido, primeiramente, ao encontro de paulistas e portugueses e, posteriormente, ao encontro desses com os açorianos, provenientes de diferentes ilhas e classes sociais heterogêneas (FURLAN, 1989).

Os açorianos que se instalam no litoral de Santa Catarina trazem consigo aspectos culturais típicos dos Açores, como a dedicação à agricultura e à pesca e o fervor religioso, especialmente marcado nas festas populares, caracterizadas por um misto de dança, teatro, música, culinária (PEREIRA, 2003). A gastronomia, o artesanato e o folclore complementam a manutenção da cultura açoriana em Florianópolis, provavelmente de forma diferente da existente no arquipélago dos Açores. Nos termos de Pereira (2003, p. 100), “cada realidade mesológica é única, peculiar, não podendo repetir-se nem no tempo e muito menos no espaço”.

À época da chegada dos açorianos ao litoral catarinense, já existia um mercado para a farinha de mandioca. Como eram agricultores, dedicaram-se ao plantio do produto e à produção da farinha. O amor ao mar e à pesca é diretamente transposto para o litoral, seja na pesca artesanal, tradição ainda mantida, seja na pesca de baleias, atividade que desapareceu no tempo. Por exemplo, o nome da praia do Matadeiro, no sul da ilha de Florianópolis, lembra a época em que era permitido caçar baleias. As embarcações eram armadas e equipadas na praia ao lado, denominada praia da Armação, antes de se lançarem ao mar.

Do amor ao mar e da cultura da pesca surgem pratos à base de peixe, moluscos e crustáceos, que até hoje caracterizam a gastronomia

¹²⁷ Sobre a chegada de imigrantes açorianos ao estado de Santa Catarina, Furlan apresenta um quadro com números, nem sempre coincidentes, da entrada dessa população no estado, conforme algumas fontes consultadas, dentre as quais mostra certa preferência pelos dados de Piazza: 759 imigrantes em 1748; 1.553 em 1749; 680 em 1750; 1.459 em 1751; 1.100 em 1752; e 520 no ano de 1756, totalizando exatamente 6.071 açorianos (1989).

local, na medida em que também consolidam a herança açoriana, e constituem, ainda, um atrativo para turistas e moradores oriundos de outras cidades. O artesanato está marcado nas rendas de bilro, e o folclore na dança do pau de fita e no folguedo do boi de mamão. Com relação à religiosidade, merecem destaque a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, a festa do Divino Espírito Santo e o Terno de Reis.

A religiosidade também está traduzida no primeiro nome da cidade de Florianópolis, na época Freguesia de Nossa Senhora do Desterro, elevada à categoria de Vila de Nossa Senhora do Desterro em 21 de janeiro de 1739 (PEREIRA, 2003). O nome de algumas localidades da ilha também faz referência à religião: Freguesia da Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, hoje apenas Lagoa da Conceição (ou Lagoa), e São João do Rio Vermelho, hoje, Rio Vermelho.

No século XIX, a então vila é elevada à categoria de cidade em 1823, passando a se chamar apenas Desterro, e, com o Brasil independente de Portugal, torna-se a capital da Província de Santa Catarina. Em 1894, o nome da cidade é modificado para Florianópolis, uma homenagem ao então Presidente da República, Floriano Peixoto¹²⁸.

Do século XX, destacamos, primeiramente, a construção da ponte Hercílio Luz, ligando a ilha ao continente, inaugurada em 1926 e considerada um dos dois marcos da modernidade em Santa Catarina¹²⁹ (SANTOS, 2004). A implantação da UFSC entre o final da década de 1950 e início da de 1960 promove o aumento do contingente populacional ao empregar professores e receber estudantes do interior de Santa Catarina e de outros estados. Entre as décadas de 1950 e 1970, instalam-se duas centrais elétricas em Florianópolis: a CELESC e a ELETROSUL. Esta foi transferida do Rio de Janeiro, juntamente com seus funcionários, que, devido ao alto poder aquisitivo, contribuíram com o aquecimento imobiliário da cidade.

A ligação de Florianópolis com outras cidades também é favorecida pela construção de duas rodovias. O contato com o planalto serrano e outros estados é facilitado com a abertura da BR-282 e da BR-

¹²⁸ Após a derrota das forças federalistas pelas tropas republicanas na Revolução de 1893, Hercílio Luz assume o governo de Santa Catarina, em 1894, substituindo o nome Desterro por Florianópolis, em uma clara homenagem ao presidente Floriano Peixoto, a despeito da violência sofrida pela população local, ciente do fuzilamento de quase duzentas pessoas em Anhatomirim (SANTOS, 2004).

¹²⁹ A ferrovia São Paulo-Rio Grande, construída entre 1908 e 1910, também simboliza a modernidade no estado de Santa Catarina (SANTOS, 2004).

101, respectivamente, entre as décadas de 1970 e 1980. Novas pontes são construídas, Colombo Salles e Pedro Ivo Campos, desativando a antiga ponte Hercílio Luz, hoje um dos símbolos da cidade. As duas pontes são construídas em momentos diferentes, indicando que o crescimento da cidade exigiu outra forma de ligação da cidade com o continente.

E, a partir de 1970, tem início o investimento no setor turístico da cidade, que tem mostrado um crescimento exponencial desde então, atraindo pessoas pela qualidade de vida e pelas belas paisagens naturais. A projeção de Florianópolis no cenário nacional e internacional também decorre da visibilidade do tenista Gustavo Kuerten, ex-número 1 do circuito mundial, recentemente homenageado com seu nome na Calçada da Fama do Maracanãzinho e que valoriza sua origem e sua cidade natal.

3.2.2 A cidade de Lages

À época da imigração açoriana no litoral de Santa Catarina (atuais cidades de São Francisco, Florianópolis e Laguna), o interior do estado permanece habitado por índios, não havendo “mais do que 1000 brancos em núcleos fundados por paulistas, ao longo do caminho das tropas, que correspondia aproximadamente à atual BR116” (FURLAN, 1989). Nas palavras de Santos (2004, p. 45), a razão de ser da atual cidade de Lages está intimamente relacionada à “estrada de tropas”, evidenciando, dessa forma, motivações econômicas para a formação de um povoamento.

A figura do tropeiro torna-se comum no decorrer do século XVIII, devido à importância das minas, especialmente as do estado de Minas Gerais. O tropeiro percorre trilhas, comercializando produtos, i.e., vendendo e comprando, tornando-se essencial para a economia do Brasil colonial. A importância das tropas também se estende ao abastecimento de gado nas feiras de São Paulo, que constituem, na época, um entreposto para a região das minas (SANTOS, 2004).

A ocupação e povoação da cidade de Lages são promovidas pela capitania de São Paulo, como resultado de motivações políticas, econômicas e territoriais. Primeiramente, o povoado que aí se elevasse constituiria um ponto de defesa perante a possibilidade de expansão territorial da Espanha. Em segundo, o crescimento do mercado consumidor, nas regiões Sudeste e Nordeste, torna importante uma povoação localizada entre o Rio Grande do Sul, centro exportador de gado de corte e de muare, e São Paulo, ponto de comércio e de consumo (PEIXER, 2002). Nesse sentido, uma localidade povoada

nessa região proporcionaria proteção aos tropeiros e viajantes que cruzassem o planalto serrano, saindo do Rio Grande do Sul (Viamão, Vacaria) e indo em direção a São Paulo (Sorocaba).

Lages e mais 18 municípios formam a Região Serrana. O início da ocupação dessa cidade remonta ao século XVIII, especificamente no ano de 1766. Na primeira tentativa de constituir um povoado se dá em uma região denominada Taipa, mas, somente depois da localização mudar três vezes, em agosto de 1766, o bandeirante Capitão-Mor Antonio Correa Pinto de Macedo dirige-se para os *Campos de Lagens*, tendo a incumbência de iniciar o povoamento da região. Essa incumbência é do governador da Capitania de São Paulo, até então proprietária da região onde hoje se situa Lages. O nome da futura vila é Nossa Senhora dos Prazeres do Sertão das Lagens, fundada em 22 de novembro de 1766. Em 22 de maio de 1771, o povoado de Lages é elevado à categoria de vila, e, em 09 de setembro de 1820, Lages separa-se de São Paulo e é anexada a Santa Catarina (PEIXER, 2002)¹³⁰.

Conforme Peixer (2002), ao longo do século XIX, Lages adquiriu uma imagem de vila, impressão manifestada por viajantes. Apesar da posição geográfica estratégica, e de importância regional, Lages mostra-se, ao olhar desses viajantes, como uma pequena cidade, com cercados irregulares na separação das casas e criação de animais próxima às residências, por exemplo. Por essa razão, durante a primeira metade do século XX, principalmente nas décadas de 40 e de 50, procura-se desfazer essa imagem de vila.

“Até 1940, a economia da região concentrava-se prioritariamente nas grandes fazendas, com a produção extensiva na pecuária. E em menor escala, a produção agrícola diversificada para o consumo interno.” (PEIXER, 2002, p. 52). A partir de 1940, então, o cenário da cidade reconfigura-se com o significativo crescimento da população urbana que, em 1960, ultrapassa a população rural. Conforme Peixer (2002, p. 16), “atualmente, 97% da população está na área urbana.”

O aumento da população a partir da década de 1940 coincide com o início da exploração comercial da araucária. O ciclo da madeira compreende o período de 1940 a 1970, intensificando a mão-de-obra. Como cidade-polo regional, concentrando diversas atividades no comércio e em serviços, Lages sempre atraiu a mão-de-obra. É interessante observar como se dá o movimento migratório em Lages: em um primeiro momento, o contingente humano move-se em direção às

¹³⁰ Lages dá início ao povoamento do planalto catarinense, permitindo, posteriormente, o desbravamento da região oeste (SANTOS, 2004).

serrarias, em grande parte, situadas no interior do município. Com a crise madeireira, também desencadeada pelo fim das reservas naturais, opera-se um novo deslocamento: os trabalhadores, agora desempregados, dirigem-se para a periferia da cidade de Lages.

Conforme Peixer (2002), a posição geográfica central de Lages em relação à malha viária é um dos pontos marcantes dessa cidade. Historicamente, essa centralidade configura-se a partir do caminho desbravado pelos tropeiros e da abertura das recentes rodovias. Esse caminho, construído para a passagem das tropas de comércio, atravessando a região de Lages, é prova concreta de que “Lages, apesar de sempre integrada em Santa Catarina, esteve, por motivo da estrada das tropas, muito ligada ao Rio Grande; até parecia uma sobrecarga arreatada ao cargueiro da história” (CAON, 1978, p. 10 apud MARCON, 2009, p. 39).

Entretanto, a relação de Lages com a cultura gaúcha é um ponto questionável na literatura. Marcon (2009) ilustra essa discussão, apresentando duas perspectivas diferentes: Caon (1978 apud MARCON, 2009, p. 10), por exemplo, defende que o caboclo do planalto serrano (uma mistura de português, índio e negro) se sente atraído pelo estilo e temperamento agauchados, pelo amor à terra e ao campo. Santos (1971 apud MARCON, 2009, p. 10), por outro lado, nega a origem gaúcha dos lageanos, apostando nas raízes paulistas. Segundo ele, a cultura pastoril é a responsável pela aproximação dos valores e tradições gaúchas no planalto serrano de Santa Catarina. Santos (2004) reitera a opinião de que as origens dos habitantes do planalto catarinense estão em São Paulo, e não no Rio Grande do Sul, ainda que os descendentes dos paulistas se aproximem dos gaúchos quanto aos costumes¹³¹. Fato é que o caminho dos tropeiros constitui um forte elo de ligação de Lages com o Rio Grande do Sul, seja essa relação decorrente da afeição ao estilo gaúcho (conforme Caon), seja decorrente da cultura pastoril (de acordo com Santos).

Dessa forma, é inegável que o tropeirismo “tornou-se um forte símbolo da formação da cidade, constituindo um conjunto de práticas celebradas em momentos festivos, como o aniversário de Lages, a Festa Nacional do Pinhão e a Sapecada da Canção Nativa” (MARCON, 2009, p. 44). Marcon (2009) empreende uma pesquisa etnográfica do festival Sapecada da Canção Nativa, evento que faz parte da tradicional Festa Nacional do Pinhão, realizada anualmente na cidade serrana de Lages,

¹³¹ Nesta tese, não me proponho a discutir os argumentos para ambos os pontos de vista.

no estado de Santa Catarina. Tendo como mote a análise da constituição do festival, a pesquisa tem o objetivo de investigar a produção musical na relação com o imaginário em torno da formação da cidade de Lages.

A Festa Nacional do Pinhão descende de uma outra festa, a Festa do Interior, realizada a partir do início da década de 1980¹³² nos distritos pertencentes a Lages, evento em que “eram comercializados pratos à base de pinhão e outros produtos agrícolas da região, além da realização de torneios de laço e apresentações artísticas de Centros de Tradição Gaúcha (CTGs).” (MARCON, 2009, p.19). Como o evento começa a atrair um público cada vez maior, em 1984 a festa é realizada no período de final de maio e início de junho, no parque de exposições Conta Dinheiro¹³³, onde até hoje ocorre anualmente, durante dez dias, acompanhando o feriado católico de Corpus Christi.

O festival Sapecada¹³⁴ da Canção Nativa tem início em 1993, fazendo parte da programação da Festa Nacional do Pinhão. O festival é resultado de um projeto de iniciativa da funcionária da Fundação Cultural de Lages, Carla Arruda, apresentado após um estágio de dois meses em Porto Alegre, no Instituto Gaúcho de Tradições Folclóricas (IGTF), no ano de 1987. O objetivo era, então, organizar um festival de música nativista. De acordo com Campos (1999, p. 62 apud Marcon, 2009, p. 41), a região da serra de Santa Catarina “é onde se encontra o maior número de Centros de Tradição Gaúcha (CTGs), e a área que teria recebido de modo mais direto a influência da chamada cultura gaúcha”.

A ligação de Lages com o Rio Grande do Sul também está presente em outro momento histórico. O dia 20 de setembro de 1835 marca um momento histórico para o Rio Grande do Sul: é o início da

¹³² Em 1989, a Festa do Interior passa a ser denominada Festa do Pinhão, considerando sua abrangência estadual. Entretanto, como o evento também passa a caracterizar-se por apresentações regionais e nacionais, atrai um público de fora do estado de Santa Catarina e de países vizinhos. Por isso, então, a atual denominação de Festa Nacional do Pinhão.

¹³³ O próprio nome do parque de exposições onde se realiza anualmente a Festa Nacional do Pinhão, o parque Conta Dinheiro, aponta para uma herança histórica: o parque recebe esse nome na década de 1940, pois, no local, aconteciam as negociações dos tropeiros da região.

¹³⁴ O nome do festival é uma homenagem a um traço cultural da cidade de Lages: o pinhão. Sapecada constitui uma forma de preparar o pinhão. “Com grimpas (galhos) do pinheiro araucária é feita uma pequena fogueira onde o pinhão é sapecado (ligeiramente assado). Quando as grimpas terminam de queimar, o pinhão é retirado e está pronto para ser saboreado.” (cf. MARCON, 2009, p. 23-24).

Revolução Farroupilha, caracterizada por um levante contra o governo imperial em defesa de um ideal republicano e separatista. Três anos depois, em março de 1838, a então vila de Lages é invadida pelos revolucionários farroupilhas, que encontram demonstrações de simpatia e acolhimento pelo povo lageano (GUEDES, 1979). Em 11 de março de 1838, os farroupilhas proclamam a República em Lages, sendo o território lageano parte integrante da República Riograndense, ainda que por apenas 10 dias¹³⁵.

Uma das figuras marcantes durante a Revolução Farroupilha é a de Anita Garibaldi, cuja naturalidade lageana é defendida por alguns (MARCON, 2009). Os valores e as tradições evocados no imaginário lageano e associados à cultura gaúcha fazem com que muitos identifiquem um perfil guerreiro e destemido da mulher lageana, diferente da mulher do litoral, de temperamento menos hostil (MARCON, 2009). Conforme Santos (2004), os pais de Anita moraram em Lages antes de se mudarem para Laguna, cidade em que a Anita viveu. O relevante da discussão acerca da naturalidade dessa revolucionária reside na identificação do povo lageano com o perfil de uma heroína, mais do que propriamente na precisão de sua cidade natal.

3.2.3 A demografia em Florianópolis e Lages

Florianópolis e Lages, duas cidades pertencentes ao mesmo estado e historicamente constituídas de forma tão particular. Uma pequena parte dessa história pode ser traduzida em números, índices que registram, de uma forma geral, o aumento da população e revelam o crescimento da cidade. No quadro a seguir, destacamos o contingente populacional a partir de 1940, pois, segundo Peluso Junior (1991), em Florianópolis, “o efetivo de sua população foi conhecido a partir de 1940, visto que desse ano em diante os censos demográficos passaram a ser feitos dentro dos perímetros urbanos e suburbanos das cidades”. A década de 2010 encerra o quadro. Conforme observamos no quadro 6, em Florianópolis, o número de habitantes cresce mais de 12 vezes no período de 1940 a 2010.

¹³⁵ Atualmente ainda se comemora a Semana Farroupilha em Lages (<http://mtclages.blogspot.com>).

Quadro 6
Densidade demográfica de Florianópolis e de Lages¹³⁶

| DÉCADAS | CIDADES | |
|---------|---------------|---------|
| | FLORIANÓPOLIS | LAGES |
| 1940 | 34.110 | – |
| 1950 | 48.264 | – |
| 1960 | 72.889 | – |
| 1970 | 115.547 | 99.910 |
| 1980 | 153.547 | 155.295 |
| 1991 | – | 151.235 |
| 2000 | 342.315 | 157.682 |
| 2010 | 421.240 | 156.727 |

Destacamos a década de 1960, com aumento da população em 24.625 pessoas, motivado provavelmente pela da implantação da UFSC e pela instalação da CELESC. É possível que a liberação da BR-101 e a transferência da ELETROSUL do Rio de Janeiro para Florianópolis na década de 1970 tenham contribuído com o incremento de mais 42.658 pessoas na cidade. E de 1980 até 2010, Florianópolis apresenta um crescimento constante, talvez reflexo da consolidação da UFSC, dos investimentos turísticos e da chegada de novos habitantes que procuram a cidade em busca de qualidade de vida. O índice demográfico de Lages, ao contrário, não aponta um crescimento populacional significativo de 1980 a 2010. A cidade, de uma forma geral, estabilizou em termos de migração. Provável consequência do término da tão desejada BR-282 em 1980, o índice demográfico de Lages mostra um aumento populacional de mais 55.385 pessoas em relação à década anterior. Nesse sentido, dentre os dados de que dispomos, Lages somente

¹³⁶ Os indicadores populacionais referentes aos censos de 1940 a 1980 de Florianópolis estão baseados em Peluso Junior (1991). O indicador populacional referente à cidade de Lages baseia-se em uma informação registrada no jornal Correio Lageano, de 13/10/1970, com relação ao censo de 03/10/1970. Os indicadores populacionais referentes ao censo de 1980 e 1991 de Lages foram retirados do seguinte site: www.sebrae-sc.com.br/scemnumero/arquivo/Lages.pdf. Acessado em 11 de junho de 2012. Para Florianópolis e Lages, consultamos o seguinte site: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/universo.php?tipo=31o/tabela13_1.shtm&paginaatual=1&uf=42&letra=L. Acessado em 11 de junho de 2012. Para Florianópolis e Lages, consultamos o seguinte site: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=sc> Acessado em 11 de junho de 2012.

aumenta o contingente populacional na passagem da década de 1970 para 1980.

3.3 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Para a investigação do uso variável entre o presente do subjuntivo e presente do indicativo, a seleção de variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas) baseia-se em três pontos: (i) consideração de algumas variáveis já testadas por Pimpão (1999c); (ii) revisão bibliográfica de pesquisas realizadas com dados do português do Brasil e de outras línguas românicas (cf. quadro 1, no capítulo 1); (iii) retomada das hipóteses apresentadas no capítulo 1. Acompanham as variáveis independentes as respectivas hipóteses que justificam seu controle. Reconhecemos, de antemão, a possibilidade de sobreposição de certos fatores, o que exigirá um cuidado especial na análise.

3.3.1 Variáveis linguísticas

A revisão bibliográfica das pesquisas sobre o uso do modo subjuntivo, apresentada no capítulo 1, constitui uma importante referência para a seleção das variáveis linguísticas, bem como para a elaboração de justificativas que amparam algumas das hipóteses apresentadas. A apresentação das variáveis obedece a dois momentos, o que requer diferentes rodadas estatísticas: inicialmente, são descritas as variáveis em comum aos cinco contextos de análise, e, em um segundo momento, são descritas as variáveis específicas a três desses contextos de análise, a saber: orações substantivas, adverbiais e adjetivas¹³⁷.

3.3.1.1 Variáveis linguísticas em comum aos cinco contextos

O procedimento metodológico adotado para o controle das variáveis linguísticas em comum aos cinco contextos de análise compreende duas etapas: primeiramente, essas variáveis linguísticas compõem as rodadas gerais em que todos os cinco contextos são considerados em conjunto. O objetivo é, portanto, identificar grupos de fatores estatisticamente relevantes no condicionamento e na restrição de uso do presente do subjuntivo no conjunto dos dados analisados. A segunda etapa corresponde ao controle dessas mesmas variáveis

¹³⁷ Com esse controle diferenciado, será possível realizar rodadas estatísticas que contemplem ora o conjunto todo dos dados, ora os subconjuntos pertinentes a cada tipo de contexto, o que requer um tratamento metodológico bastante cuidadoso.

linguísticas (acrescidas de outras específicas a cada contexto – apresentadas adiante) em rodadas isoladas, realizadas por contexto de análise. Esse procedimento permite averiguar (i) se os grupos de fatores que atuam sobre a variável em estudo, independentemente do contexto específico, se mantêm atuantes quando testados em cada contexto particular; (ii) se há grupos de fatores que só se mostram estatisticamente relevantes em certos contextos; e (iii) em que medida grupos de fatores específicos de cada contexto apresentam-se significativamente atuantes. As variáveis controladas nesta pesquisa para todos os contextos são assim identificadas: submodos, valores dos submodos, projeção temporal da situação codificada, estrutura da assertividade da oração, tipo de contexto sintático, pessoa, morfologia verbal, saliência fônica e item verbal da oração do dado. Cada uma dessas variáveis é detalhada a seguir.

3.3.1.1.1 Submodos

O controle desta variável tem como objetivo verificar a atuação dos dois submodos considerados por Givón (1995, 2001, 2005) – deontico e epistêmico – no uso variável do presente do subjuntivo (cf. capítulo 2). Nesta tese, a variável ‘submodo’ inclui dois fatores: submodo deontico e submodo epistêmico.

Conforme já mencionado, o submodo deontico envolve atitudes avaliativas de desejo, preferência, intenção, habilidade¹³⁸, obrigação, manipulação (GIVÓN 1995, 2001, 2005). Durante a codificação, boa parte das ocorrências permitiu a identificação desse submodo a partir do próprio verbo/nome presente na oração matriz no caso das orações substantivas (cf. dado 1); para os demais casos, foi necessário identificar algum constituinte no contexto discursivo que assinalasse o submodo envolvido (cf. sublinhado no dado 2). A extensão do contexto discursivo varia de acordo com o dado em análise, dependendo da quantidade de informação necessária para caracterizar a ocorrência como pertencente ao submodo deontico. Vejamos alguns exemplos.

- (1) E ela manda chamar os pais pra reunião, manda chamar pra entrega de boletim e os pais não comparecem na escola. Então, muitas vezes, os pais colocam o aluno lá, na escola, e **QUEREM QUE SAI** de lá formado, sem nem conhecer a professora, sem [nem]- nem ir lá saber

¹³⁸ Nos dados analisados, não há casos de enunciados em que a *habilidade*, uma das atitudes da modalidade deontica, faz-se presente, motivo pelo qual não a mencionamos no decorrer desta tese.

como é que o aluno está, né? Daí fica um trabalho difícil também, como a gente vê, que a gente fala com a professora, um trabalho difícil pra elas daí também, né? (LGS 17FAC, L395)¹³⁹

- (2) A FUCABEM [<s->]- só recolhe [o]- o menor quando ele já está perdido, quer dizer, então aí não adianta mais recolher. Então nós temos que ter, sim, uma casa de abrigados, mas **QUE PEGUE** a criança ou o garoto, [quando ele]- antes de ele cair no mal. (FLP 02MAP, L822)

Os julgamentos envolvidos no submodo epistêmico dizem respeito à verdade, crença, probabilidade, certeza, evidência¹⁴⁰ (GIVÓN, 1993, 1995, 2001). A maior parte dos dados possibilitou a identificação do submodo epistêmico com valores de probabilidade a partir do verbo/nome presente na oração matriz no caso das orações substantivas e das orações com o *talvez*, constituintes esses que, inerentemente, portam a noção de probabilidade¹⁴¹ (cf. dado 3). Dados como (4) somente permitiram a identificação dos valores de crença e de probabilidade do submodo epistêmico a partir do contexto discursivo, cuja extensão varia de acordo com a necessidade de interpretação do dado em análise (cf. sublinhado).

- (3) **TALVEZ ESTÁ** na hora de fechar a ponte ali, só sai, não entra. (FLP 40MBU)
- (4) Pois olha, eu não sei. É, isso eu acho que vai [até]- **ATÉ QUE ENTRE** algum outro **QUE VÊ** que esse plano não está correto. É um que pode às vezes dar uma diferença, né? (LGS 07MBP, L458-459)

¹³⁹ Como a análise auditiva da entrevista não nos permitiu identificar o uso do presente do subjuntivo ou do indicativo pelo informante, o dado foi investigado com mais cuidado no PRAAT (palavra que significa *fala* em holandês). Somente dessa forma foi possível afirmar com segurança o uso do indicativo nessa ocorrência.

¹⁴⁰ Considerando o fenômeno variável em estudo nesta tese, não trabalhamos com noções de *evidência* nem de *verdade*, principalmente porque o lugar mais provável de ocorrência do modo subjuntivo é em um contexto *irrealis*. Entretanto, na tentativa de explicar um pequeno grupo de ocorrências, conforme se verá adiante, trabalhamos com a noção de *certeza*, até mesmo porque contrasta com a noção de *probabilidade*.

¹⁴¹ Verbos como *acreditar*, *crer* e *pensar* também expressam um valor de crença. Como o ponto em comum está na noção de *probabilidade*, é essa noção que consideramos na codificação e análise dos dados.

Tendo como referência teórica o Funcionalismo de Givón (1995, 2001, 2005), esperamos que o presente do subjuntivo seja condicionado pelo submodo deôntico, localizado mais à esquerda no *continuum* de modalidade (cf. capítulo 1). Reforçam essa hipótese os resultados encontrados em outras pesquisas que mostram, em geral, a preferência pelo uso do subjuntivo em contextos deônticos (cf. capítulo 1).

3.3.1.1.2 Valores dos submodos

Com esta variável, buscamos um controle mais fino dos submodos, partindo dos valores sugeridos por Givón (1995, 2001, 2005) – conforme descritos na seção anterior – e adequando-os aos nossos dados. Dos valores associados ao submodo epistêmico, consideramos *probabilidade/crença* e *certeza*. Dos valores vinculados ao submodo deôntico (desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação) controlamos intenção e desejo – designados por nós como *volição*; preferência – designada por *avaliação*¹⁴²; e *manipulação*. Dada a especificidade das ocorrências com traço de manipulação, essa atitude foi subdividida em quatro fatores: *volição e manipulação*¹⁴³, *manipulação*, *manipulação e avaliação*¹⁴⁴, *situação desencadeadora* (para aquelas ocorrências em que uma força externa pode atuar sobre uma situação¹⁴⁵). A seguir, ilustramos, respectivamente, os seguintes fatores: *volição*, *manipulação*, *volição e manipulação*, *avaliação*, *manipulação e avaliação* e, por fim, *situação desencadeadora*.

- (5) Pelo transcurso deste feliz evento, parabenizamos a direção e os funcionários, aos nossos cumprimentos acrescentamos os **VOTOS DE QUE** a caminhada gloriosa **PROSSIGA** com toda a força e garra próprias de nossa gente. (LGS jornal Correio Lageano de 25/10/1977) [volição]

¹⁴² A *preferência* é designada por *avaliação*, mas a *avaliação* não é, necessariamente, uma *preferência* (cf. dado (8) adiante).

¹⁴³ O fator *volição e manipulação* conjuga duas atitudes, pois o indivíduo, ao atuar sobre o outro, frequentemente deseja, tenciona se impor ou impor algo.

¹⁴⁴ As ocorrências que conjugam os traços de *manipulação* e *avaliação* manifestam a atuação de um indivíduo sobre o outro e uma avaliação acerca dessa atuação.

¹⁴⁵ Dada a especificidade de algumas ocorrências, tornou-se necessário considerar um fator que abarcasse casos em que o traço de manipulação se manifesta por meio de uma força externa, de uma situação que pode desencadear uma outra situação (SWEETSER, 1990).

- (6) Agora, hoje em dia não, [eles]- mais eles cortam gila e depois cozinha assim, os pedaços grandes, daí tiram tudo da casca, daí espreme bem ela, aquela água que tem, né? coloca na panela, coloca açúcar, vai mexendo **ATÉ QUE FICA** no ponto, né? no ponto do doce. (LGS 08MBP, L152) [manipulação]
- (7) “(...) Eu vim saber pela boca dos outros, não que você tivesse me trazido o problema pra mim. Você (*o informante refere-se ao seu filho*) tem que trazer pra mim o problema, não **DEIXAR QUE** os outros **SAIBAM** primeiro.” Assim eu conversei. (FLP 04MAP, L1142) [volição e manipulação]
- (8) Não é de **ADMIRAR QUE** o Snr. Ver.se **OPPONHA** ao uso livre da razão, porque a igreja romana sempre se opoz a esta liberdade humana [...]. (FLP jornal Sul-Americano de 01 ou 02/1900) [avaliação]
- (9) Meu pai- meu pai **GOSTA QUE** eu **ESTUDE**, minha mãe **GOSTA QUE** eu **ESTUDE**, não **GOSTA QUE** eu **SAIA**, assim, sábado e domingo, de segunda a sexta. (FLP 10 MJP) [manipulação e avaliação]
- (10) [Eu tenho]- por exemplo, nós temos uma coisa que [é]- são normas. Existe um sinal vermelho **PARA QUE** você não **AVANCE**. Ele olha pro lado, não vê ninguém, [ele]- ele toca. (FLP 13MBG, L783) [situação desencadeadora]

Com relação ao submodo epistêmico, consideramos dois fatores: probabilidade/crença e certeza. Essa divisão interna ao submodo epistêmico constitui procedimento metodológico necessário a partir de uma análise preliminar dos dados que apontou contextos linguísticos epistêmicos de probabilidade/crença (11) e de certeza (12). A seguir, alguns dados ilustram esses dois fatores.

- (11) **CREIO** mesmo **QUE** os artefatos nucleares é que **SÃO** os responsáveis por esta grande confusão climática. (FLP Jornal da Semana de 05 a 12/04/1980)
- (12) **NÃO QUE** S. Exa. não **MEREÇA** a homenagem! (LGS jornal O Lageano de 23/03/1918)

Como os fatores considerados nesta variável estão atrelados a um dos submodos, há, evidentemente, uma sobreposição em relação à primeira variável. Nossa intenção é verificar (i) qual dos dois tipos de controle se mostra estatisticamente mais significativo – se o binário (deôntico e epistêmico) ou o enário; (ii) como se distribuem os dados no *continuum* de modalidade, em conformidade com a hipótese geral da tese. A sobreposição de fatores será devidamente tratada nos capítulos

de análise. Observe-se, ainda, que há fatores híbridos, i.e., que reúnem dois valores simultaneamente, o que é teoricamente previsto ao se trabalhar com a noção de *continuum* funcional.

Nesta tese, a expectativa é de que o presente do subjuntivo seja mais fortemente condicionado pelo valor de volição do submodo deôntico, localizado no extremo esquerdo do *continuum*, posição que agrupa as ocorrências cujas situações são menos prováveis de se realizar em virtude de estarem sob o escopo do desejo, da intenção. Em contrapartida, espera-se que o subjuntivo seja inibido em contextos que expressem valor de certeza do submodo epistêmico, localizado mais na extrema direita do *continuum* de modalidade.

3.3.1.1.3 Projeção temporal da situação codificada

Para Givón (1995, 2001, 2005), o subjuntivo é uma subcategoria do *irrealis*, modalidade caracterizada por proposições fracamente asseridas, seja por serem possíveis, incertas ou (in)desejadas. Para o autor, a possibilidade, a incerteza, o desejo, por sua vez, fazem parte do futuro, de um vir a ser. Decidimos, portanto, controlar ocorrências que apresentem uma situação projetada para o futuro e, em contrapartida, ocorrências em que a situação se espalha em um eixo temporal que contempla passado, presente e futuro. A projeção futura foi identificada no contexto discursivo mediante dois critérios: (i) presença de advérbios de tempo (cf. sublinhado em 13) ou (ii) indicação de um evento anterior à possível realização do evento apresentado na oração do dado em análise (cf. sublinhado em 14). Para identificar um evento caracterizado pela projeção espreada, dois critérios foram considerados: (i) indicação de um advérbio, em geral de tempo (cf. sublinhado em 15); e (ii) identificação de um evento ocorrido no passado ou que ocorre de forma repetida no qual o evento da oração do dado pode estar ancorado 16). Vejamos alguns exemplos.

- (13) É uma série de coisas que você tem no meio de um CTG, assim até era bom vocês participarem um dia, **PODE SER QUE** vocês **PARTICIPEM**, então você vê que vai ser ótimo pra vocês. (LGS 19MAC, L1373)
- (14) Então eu estou pegando duro assim, estou fazendo rápido. O meu irmão também está se esforçando bastante, né? Então [*pa->*]- parece até que tem trabalho pra mais um ano ali, ou até mais. Então depois de terminar essa fase, né? de eu ter que fazer a transcrição do texto, **TALVEZ** eu **VÁ** [*pra*]- pra ADN pra trabalhar com a criação de artes, né? alguma criação de alguma

empresa que queira criar um <logo-> é um logotipo, ou- (FLP 01MJC, L246)

- (15) Eu não sei, mudou muito, eu acho. Porque naquela época você ganhava, não chegava a ganhar assim, nem meio salário mínimo, né? **APESAR DE QUE** hoje, uma empregada doméstica aí, **GANHA** até dois salários, né? dependendo da empregada, né? (LGS 02FAP, L329)
- (16) Que não adianta às vezes a pessoa viver na igreja, mas sai dali não é uma pessoa **QUE DÊ** um pão pra um pobre, **QUE FAÇA**, né? uma caridade. Então eu acho que a pessoa [que]- [que cumpre] as suas obrigações fazendo o em, eu acho que já é uma boa religião. (FLP 15FBG, L161-161)

De acordo com Givón (1995, 2001, 2005), a projeção futura instaura-se no escopo *irrealis* e o subjuntivo constitui uma subcategoria *irrealis*. Nesse sentido, a hipótese é de que os resultados apontem a presença de projeção futura como estatisticamente significativa no condicionamento do presente do subjuntivo e a projeção espreada como fator desfavorecedor, apontando, ao contrário, para um maior uso do presente do indicativo. Conforme já mencionado, o traço de projeção futura foi o fator que se mostrou mais atuante para o uso do presente do subjuntivo na pesquisa de Pimpão (1999c).

3.3.1.1.4 Estrutura da assertividade da oração

A variável ‘estrutura da assertividade da oração’ tem apontado resultados significativos para o uso do subjuntivo em todas as pesquisas em que é controlada (WHERRITT, 1977; ROCHA, 1997; GUIRALDELLI, 2004; CARVALHO, 2007; OLIVEIRA, 2007; ALMEIDA, 2010; BARBOSA, 2011). Com base nessas pesquisas, e principalmente em Rocha (1997) por também considerar as orações com *não é que*, organizamos a distribuição interna dessa variável independente. Tendo em vista que investigamos cinco contextos de análise, ainda foi necessário incluir outros fatores (os quatro últimos), conforme descrito abaixo. Com o controle da variável ‘estrutura da assertividade da oração’, esperamos que os resultados para o uso variável do presente do subjuntivo destaquem a importância da presença da negação na oração matriz no condicionamento desse modo verbal, à semelhança do que evidenciam os estudos referidos.

Negação na matriz e afirmação na subordinada

- (17) Principalmente domingo, para mim acho que a televisão não tem nada, nada, nada que **AGRADE**. (FLP 42FBU)

Negação na matriz e na subordinada

(18) Ora veja: – **não** ha pedaço em que elle **não DIGA** – a administração passada era uma pinoria [...]. (LGS jornal A Época de 03/10/1926)

Afirmção na matriz e na subordinada

(19) Emquanto ás pessoas de São Miguel e Biguassú, que fizeram a petição que hoje público, devo dizer-lhe que minha gratidão não terá somente a duração de minha vida, ha de sobreviver-me, por que antes de morrer ensinarei a meus filhos os seus nomes, afim de que **CONTINUEM** agradecidos áquelles que n'um momento critico de minha vida arrostaram com tudo para aniquilar a obra da inveja, da calumnia e da ingratitude de meus gratuitos inimigos. (FLP jornal O Despertador de 12 de julho de 1882)

Afirmativa com negação na subordinada

(20) Penso que nos países de primeiro mundo, mesmo os capitalistas, **não EXISTEM** as barbaridades que se vê aqui. (FLP 41FAU)

Não (é) (por)que (não)

(21) Então eu acho que a minha de onze anos, como você vê que a criação [ela]- ela vai muito assim [da]- a pessoa, eu acho, assim, que a criança vai muito da criação. A minha de onze anos, eu tenho bem mais confiança de deixar a minha com ela, pra mim fazer as minhas vendas, do que com ela. **NÃO é porque** eu **NÃO CONHEÇO**, porque eu conheço, eu sei que ela é de família boa e tudo, é conhecida. Mas eu já acho a minha bem mais responsável do que ela, sabe? Então eu acho que isso vai muito da criação, né? (LGS 02FAP, L1272)

Oração independente/coordenada sem negação

(22) Mas tem uma equipe muito grande que nós fazemos a visita aos doentes e um dá uma palestra, outro dá outra. Talvez a do outro **É** mais eficiente do que a minha, né? (LGS 15MBG, L110)

Oração independente/coordenada com negação

(23) Talvez eu **não FAÇA** bem certo, mas eu tento, pelo menos, fazer. (LGS 18FAC, L1346)

Que eu conheça, que eu lembro(embre), que eu saiba¹⁴⁶

(24) O caminhão com dez mil quilos em cima. Então, uma dessas vezes, [que a]- que foi a única vez **QUE** eu me **LEMBRO**, assim, [de]- de perigo, que eu tive, foi o seguinte: que quando eu [<bu->]- entrei na balsa, [de caminhão-] Tudo ao fundo ali, né? Foi a única vez [que]- **QUE** eu me **LEMBRO**, assim. (FLP 23MBC, L434-449)

(Não) que (não)

¹⁴⁶ Certamente haverá sobreposição de fatores, pois o fator ‘Que eu conheça, que eu lembro(embre), que eu saiba’ constitui, também, um fator da variável ‘tipo de contexto sintático’, descrita na sequência. Sobreposições como essas serão retomadas nos capítulos referentes à análise e discussão dos dados.

(25) ENT.: Tens amigos ou amigas que já mexeram com drogas ou conhecidos?

Ah, **QUE** eu **SAIBA**, assim, não. (FLP 03FJP)

3.3.1.1.5 Tipo de contexto sintático

A variável ‘tipo de contexto sintático’ é recorrente em diversas pesquisas acerca da variação entre o modo subjuntivo e o modo indicativo, nem sempre denominada da mesma forma e dificilmente envolvendo fatores coincidentes: Wherritt (1977), Costa (1990), Pimpão (1999c)¹⁴⁷, Alves Neta (2000), Santos (2005), Fagundes (2007) e Vieira (2007). Especificamente nos estudos de Pimpão (1999c), Alves Neta (2000), Santos (2005) e Fagundes (2007), a variável em questão foi considerada estatisticamente significativa.

Nesta tese, consideramos os seguintes fatores para a variável ‘tipo de contexto sintático’: oração substantiva, oração adverbial, oração adjetiva, oração com o *talvez* e oração parentética, respectivamente ilustradas a seguir. Considerando que os fatores correspondem aos cinco contextos de análise, uma investigação mais detalhada será realizada nas rodadas estatísticas por contexto.

- (26) **ESPERO QUE** “IN” **FAÇA** isto toda vez que tiver oportunidade. (FLP jornal Imprensa Nova da 1ª quinzena/08)
- (27) A minha vida mando eu, agora eu faço o que eu quero. Nem meus filhos eu não deixo me mandar, **APESAR QUE** o mais velho **QUER** mandar em mim, mas eu [não]- não deixo. (FLP 03MAP, L438)
- (28) O pessoalzinho que atende o comércio e principalmente alguns proprietários de lojas devem vender só aquilo **QUE PODEM** entregar. (LGS jornal Correio Lageano de 26/11/1996)
- (29) **TALVEZ** daqui a dez anos eu já **VOU** ter uma outra mentalidade. (FLP 43FAU)
- (30) Então [a gente]- eu acho que não tem muito problema assim. Aqui o nosso, aqui em Lages, pelo menos eu [não]- não vejo coisa assim, sabe? Que eu acho que é bem bom, [nós]- o nosso aqui. O nosso aqui não tem problemas seríssimos assim, **QUE** eu **SAIBA** não, né? **QUE** eu **SAIBA** não sei. (LGS 01FAP, L993-993)

¹⁴⁷ Em Pimpão (1999c), a variável ‘tipo de contexto sintático’ foi controlada sob o rótulo de ‘tipo de contexto subjuntivo’. Na consideração de que a variável é de natureza sintática, optamos, nesta tese, por uma nomenclatura que faz referência mais evidente a esse aspecto.

Acreditamos principalmente na relevância de fatores associados ao tipo de oração, e não propriamente no tipo de oração. Por exemplo, nas orações substantivas, o controle do ‘tipo de verbo’ tem mostrado interessantes resultados, da mesma forma que o ‘tipo de conector’ nas orações adverbiais. Assim, nos limitaremos a controlar essa variável na expectativa de entender melhor o seu funcionamento na presente pesquisa, sem aventar, entretanto, nenhuma hipótese.

3.3.1.1.6 Pessoa

Para a variável ‘pessoa’, Rocha (1997), Pimpão (1999c) e Santos (2005) esperam que a 1ª pessoa constitua ambiente preferencial ao uso do indicativo, porém somente na pesquisa de Pimpão (1999c) a hipótese é atestada. Diferentemente dessas pesquisas, Oliveira (2007) e Almeida (2010) apostam no maior uso do subjuntivo na 1ª pessoa como forma de atenuar o comprometimento do falante e de expressar maior subjetividade, respectivamente, entretanto somente os resultados de Almeida (2010) corroboram a expectativa.

Nesta tese, consideramos os mesmos fatores para a variável ‘pessoa’ controlados nas pesquisas mencionadas – 1ª, 2ª e 3ª pessoas – com apenas um diferencial: dada a recorrência de referentes não animados, subdividimos a 3ª pessoa em [+ animada] e [- animada], conforme ilustrado a seguir. Casos de sujeito oracional, por exemplo, são codificados com o sinal de não-aplicação (cf. dado (35)).

- (31) E tinha [o]- o Morro Grande eram poucos bairros, assim que eu me **LEMBRO**, né? (LGS 16MBG, L290) [1ª pessoa]
- (32) O pai levou uma vara, disse: “[A senhora me]- eu quero que A SENHORA ENSINE ele.” (LGS 14FBG, L820) [2ª pessoa]
- (33) Então aí não quiseram operar, o pai dela não aceitou operar. Então, agora esse médico falou que talvez ela não **PODE** ter família. (FLP 13MJP) [3ª pessoa [+ animada]]
- (34) A infeliz população desta ilha dos Casos Raros implora para que uma vez por todas **CESSEM êsses abusos e imoralidades**. (FLP jornal Diário da Tarde de 05/05/1949) [3ª pessoa [- animada]]
- (35) Cremos que **SEJA** de bom proveito informarmos ao redactor desse conceituado jornal o que se passa neste districto, relativamente á instrucção publica. (LGS jornal A Época de 19/08/1928)

Como observado na referência às pesquisas que controlaram a variável ‘pessoa’, as autoras justificam de forma semelhante o uso de diferentes variantes. Diante dessa situação, optamos por considerar a variável ‘pessoa’ apenas como controle, e, dependendo de seu

comportamento estatístico e de possíveis cruzamentos, poderemos apresentar possíveis explicações. Não temos, portanto, hipótese para o controle dessa variável.

3.3.1.1.7 Morfologia verbal

O controle da variável ‘morfologia verbal’ justifica-se pela comparação de resultados com outras pesquisas, essencialmente a de Rocha (1997) e a de Santos (2005), que controlam os seguintes fatores: verbos regulares, irregulares e anômalos. Buscamos em Cunha e Cintra (2007) as definições para verbos anômalos e irregulares, tendo em vista que Rocha (1997) toma como referência tais autores, parâmetro também seguido por Santos (2005).

Para Cunha e Cintra (2007, p. 427-429, grifos dos autores), a irregularidade de um verbo “pode estar na flexão ou no radical”, incluindo verbos com “mutações vocálicas no radical”, como é o caso de “*subo*, em contraste com *sobes*, *sobe* e *sobem*; *firo*, em oposição a *feres*, *fere* e *ferem*”. Ainda segundo os autores, “não é lógico que se considerem regulares como beber e mover, que, nas formas rizotônicas, apresentam [...] *e* semifechado [e] no português do Brasil com *e* semi-aberto [ɛ]; [...] e *o* semifechado [o] no português do Brasil com *o* semi-aberto [ɔ]”. E os verbos anômalos são aqueles em que se observa um distanciamento mais acentuado em relação ao paradigma flexional: *estar*, *haver*, *ser*, *ter*, *ir*, *vir* e *pôr*. Esses verbos são considerados pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, porém, de acordo com Rocha (1997, p. 88), “nem sempre é adotada nas gramáticas e livros de língua portuguesa, mas optamos por fazer uso dessa classificação, na tentativa de uma delimitação mais minuciosa dos fatores desse grupo.” Alguns verbos regulares controlados na pesquisa: *encontrar*, *lembrar*, *vencer* etc.; e alguns verbos irregulares: *dar*, *dizer*, *fazer*, *poder*, *querer*, *saber*, *trazer* etc.

Esperamos identificar a atuação dos verbos anômalos no condicionamento do presente do subjuntivo, pois revela uma boa produtividade nos dados. Segundo Bybee (2001, 2003), a recorrência de uso pode promover a automatização de uma forma, ainda que a forma envolva um maior nível de complexidade. Bybee (2003) destaca os verbos irregulares como resistentes a mudanças, seguindo o padrão geral e sendo estocados na memória do falante. Não apostamos, entretanto, na irregularidade, pois há verbos irregulares, como *dizer*, *fazer* e *ir*, por exemplo, que, apresentam alteração apenas na vogal final como em

*digo/faço/vou*¹⁴⁸, para presente do indicativo; e *diga/faça/vá*, para presente do subjuntivo. Para casos como esse, é mais provável que o grau de saliência fônica seja mais significativo.

3.3.1.1.8 Saliência fônica

Para essa variável, mantém-se a hipótese de Pimpão (1999c), segundo a qual a maior saliência verbal favoreceria o uso do subjuntivo. Naquele estudo, a saliência não foi selecionada na rodada geral e também não o foi nas rodadas realizadas por contexto sintático de análise. Entretanto, acreditamos que uma diferente categorização dos dados pode mostrar um novo perfil do fenômeno variável em estudo. Para essa recategorização, temos como referência os estudos de Rocha (1997) e de Santos (2005), que controlam três níveis de saliência: máxima diferenciação fonológica (completa alteração das desinências e do radical: *seja/é*), média diferenciação fonológica (parcial alteração nas desinências e no radical: *esteja/está*) e menor diferenciação fonológica (alteração na desinência, porém não no radical: *deva/deve*). À semelhança da hipótese apresentada nas pesquisas de Rocha (1997), Pimpão (1999c) e Santos (2005), esperamos que a máxima diferenciação fonológica constitua um fator condicionante ao uso do presente do modo subjuntivo.

3.3.1.1.9 Item verbal do dado

Uma análise preliminar das ocorrências, especialmente daquelas em contexto sintático de oração parentética, alertou-nos para a existência de uma possível correlação entre a frequência do verbo na oração do dado e o uso do presente do modo subjuntivo. Nas orações parentéticas, são três os verbos que ocorrem: *conhecer*, *lembrar* e *saber*. Para testar a significância da recorrência do item verbal associado ao uso do presente do subjuntivo, decidimos, portanto, controlar este grupo de fatores.

Considerando que foi a partir do contexto sintático das orações parentéticas que optamos por controlar esta variável, tomamos como referência a frequência dos verbos *lembrar* e *sabe*¹⁴⁹ para organizarmos os fatores: o verbo *lembrar* ocorre cinco vezes na amostra e o verbo

¹⁴⁸ Na fala, a forma verbal de primeira pessoa do indicativo sofre alteração fonética: *vou*>*vo*.

¹⁴⁹ Em Lages, são dois os verbos que ocorrem em contexto sintático de oração parentética: *lembrar* e *saber*. O verbo *conhecer* somente ocorre em Florianópolis.

saber, quatro. Nesse sentido, o verbo da oração do dado devia ocorrer na amostra, no mínimo, quatro vezes. Dentre os verbos controlados, estão: *estar*, *ir*, *lembrar*, *poder*, *querer*, *saber*, *ser*, *ter* e *ir*. Os verbos com ocorrência inferior constituem um único fator à parte.

3.3.1.2 Variáveis linguísticas específicas

As variáveis descritas a seguir são específicas de determinados contextos, não sendo, portanto, controladas nas rodadas gerais: as três primeiras variáveis referem-se ao contexto linguístico das orações substantivas; a quarta e quinta, das adverbiais; e a última das adjetivas. Para as orações com *talvez* não foram controladas variáveis específicas, e, em decorrência do escasso número de ocorrências de orações parentéticas, apresentamos apenas uma análise frequencial, dada a impossibilidade de uma análise probabilística. As variáveis linguísticas específicas foram controladas nas amostras sincrônica e diacrônica.

3.3.1.2.1 Item verbal/nominal da oração substantiva

Alguns pesquisadores têm optado por uma análise mais microscópica dos dados investigados, no intuito de compreender melhor o fenômeno em estudo. Wherritt (1977) observa que verbos de opinião mostram um comportamento diferenciado com relação ao uso do subjuntivo dado o item verbal envolvido. Poplack (1992) alerta para a necessidade de separar determinados verbos dos demais, sob pena de comprometer a análise dos resultados, procedimento por nós adotado ao excluirmos da análise as ocorrências com o verbo *achar*.

Esses estudos evidenciam o cuidado no tratamento dos dados; afinal, uma investigação refinada dessa natureza pode fazer com que os dados se desvelem ao pesquisador. Dentre os verbos/nomes, controlamos: *acreditar*, *concordar*, *crer*, *desejar*, *desejo*, *esperança*, *esperar*, *imaginar*, *gostar*, *poder ser*, *preferir*, *pretender* e *querer*. O objetivo do controle desta variável está, portanto, nessa busca por um detalhamento maior do perfil variável do presente do subjuntivo. Nesse sentido, não há hipótese para a correlação entre a variável controlada e o fenômeno em estudo, apenas a intenção de um *olhar* mais atento aos dados, na tentativa de entender, inclusive, aqueles resultados díspares apontados na descrição da variável ‘tipo de contexto sintático’.

3.3.1.2.2 Traço semântico do item verbal/nominal da oração substantiva

Dentre as pesquisas resenhadas no capítulo 2, a desenvolvida por Botelho Pereira (1974) pode ser considerada pioneira na distribuição do uso do modo subjuntivo de acordo com o traço semântico do verbo da

oração matriz no caso das orações substantivas. Tendo como referência esse estudo, Rocha (1997), na tentativa de adaptar a distribuição de Botelho Pereira (1974) à divisão proposta no trabalho de Poplack (1992), subdivide duas das categorias de Botelho Pereira (1974). Rocha (1997) subdivide os verbos não-factivos em volitivos e não-volitivos, bem como os verbos factivos em emotivos e não-emotivos.

Tendo em vista que a nova redistribuição dos traços semânticos controlada por Rocha (1997) foi replicada nas pesquisas de Santos (2005) e Oliveira (2007) com resultados aproximados, julgamos pertinente manter a categorização. Soma-se a isso o fato de que essa redistribuição dos traços permite uma comparabilidade mais estreita entre os estudos: Rocha (1997), com dados do Rio de Janeiro e Brasília; Santos, com dados do Rio de Janeiro e noroeste de São Paulo; Oliveira (2007), com dados de João Pessoa; e Pimpão (1999c), com dados de Florianópolis e Lages. Essa comparação também será importante como meio de verificar a observação de Oliveira (2007) de que o subjuntivo é mais produtivo na Região Nordeste, conclusão a que chegou a partir do confronto de seus resultados com os de Rocha (1997).

Detalharemos os fatores desta variável no capítulo seguinte, referente à discussão e análise dos dados, tendo como referência a redistribuição de Rocha (1997) e a definição de cada traço semântico do verbo, com base em Botelho Pereira (1974). Nossa expectativa é de que os verbos não-factivos volitivos favoreçam o uso do presente do modo subjuntivo. A natureza de sua carga semântica de expressar um desejo, uma vontade, tende a projetar uma determinada situação em direção futuro, sem que o informante tenha, em geral, condições de realizá-la a curto prazo.

3.3.1.2.3 Tipo de oração substantiva

Algumas pesquisas realizadas com dados do português do Brasil (cf. capítulo 2) constataam a importância de determinadas orações substantivas associadas ao uso do subjuntivo (ALVES NETA, 2000; GONÇALVES, 2003; VIEIRA, 2007; ALVES, 2009). Nesta tese, são os seguintes os fatores que compõem a variável ‘tipo de oração substantiva’: afirmativa, completiva nominal, objetiva direta, objetiva indireta e subjetiva. Uma análise preliminar das ocorrências investigadas nesta tese mostrou uma baixa recorrência de oração subjetiva, que, de uma forma geral, tende ao uso do presente do subjuntivo. Acreditamos, portanto, que esse modo verbal resiste nesse tipo de contexto, dificultando a entrada do presente do indicativo.

3.3.1.2.4 Conector da oração adverbial

Conforme já mencionado no capítulo 1, muitos estudos sociolinguísticos têm procedido a uma análise mais refinada dos dados, especialmente com relação às orações adverbiais (WHERRITT, 1977; ALVES NETA, 2000; GONÇALVES, 2003; FAGUNDES, 2007; ALMEIDA, 2010). Espera-se, assim, que determinadas conjunções/locuções conjuntivas, favoreçam o presente do modo subjuntivo e outras condicionem o uso do presente do modo indicativo. Dessa forma, uma análise mais atenta ao conector pode indicar condicionamentos mais voltados ao item do que propriamente ao tipo de oração adverbial. Os itens considerados como fatores são descritos no capítulo de análise.

3.3.1.2.5 Tipo de oração adverbial

Estudos realizados a partir da análise de dados do português do Brasil têm evidenciado um comportamento de variação diferenciado nas orações adverbiais. Em Pimpão (1999c), as orações concessivas constituem um ambiente de maior variação se comparada às orações finais, de uso categórico em Florianópolis. Nossa hipótese com o controle desta variável é testar esse comportamento também com as ocorrências de Lages, dos informantes universitários naturais de Florianópolis e com as ocorrências referentes à amostra diacrônica. São os seguintes fatores que compõem esta variável: orações causais, concessivas, condicionais, consecutivas, modais, finais e temporais.

Há casos em que as orações finais se confundem com orações substantivas. Para Palmer (1986), a relação entre oração final e oração substantiva pode constituir um caso de ambiguidade, de indeterminação ou, ainda, a oração final pode ser usada como complementizador. Nesta tese, consideramos as orações subordinadas a verbos que regem a preposição *para* como orações substantivas, estando no grupo das orações finais somente as orações prototípicas.

3.3.1.2.6 Animacidade do referente do pronome relativo

Alves (2009, p. 125), ao investigar as orações adjetivas, controla a ‘animacidade do referente do pronome relativo’ cuja hipótese prevê que, nesse tipo de contexto, “a manifestação da modalidade pode ser mais atuante, configurando-se assim pelo uso da forma verbal no presente do subjuntivo”. Ainda que a hipótese não tenha sido atestada, decidimos controlar esse grupo de fatores. Uma análise preliminar de algumas ocorrências evidencia uma alta frequência de uso do presente do indicativo, especialmente se o sujeito da oração subordinada for [-

animado]. Dessa forma, nossa expectativa é de que, à semelhança da hipótese de Alves (2009), o presente do subjuntivo seja mais recorrente quando o antecedente do pronome relativo tiver o traço [+ animado].

3.3.2 Variáveis extralinguísticas

Esta seção apresenta as variáveis extralinguísticas controladas na análise, sejam as de natureza social, previstas na constituição do banco de dados VARSUL (sexo, idade e escolaridade), sejam as de natureza diversa, que podem contribuir com uma melhor compreensão do fenômeno em estudo: controle do informante (dados sincrônicos), do período histórico das cartas (dados diacrônicos) e da cidade (dados sincrônicos e diacrônicos).

3.3.2.1 Sexo

A literatura sociolinguística tem mostrado a relevância do sexo do falante em fenômenos de variação estável e de mudança linguística. Dando continuidade à constatação de Labov (1972b), as pesquisas revelam que, em geral, as mulheres tendem a usar as variantes mais prestigiadas socialmente, sejam essas variantes padrão ou não-padrão; em contrapartida, os homens tendem a escolher as variantes com menos prestígio social. Paiva (2003) salienta a importância de relacionar a variável ‘sexo’ com outras de natureza social, como, por exemplo, ‘idade’. Para a autora, as mulheres de mais idade tendem a ser mais conservadoras se comparadas com mulheres mais jovens, em que a diferença com os homens é menos saliente.

Acreditamos que, na rodada geral, que reúne os cinco contextos de análise, a variável ‘sexo’ não obterá significância estatística, pois o presente do subjuntivo não parece ser uma variante de prestígio a menos que sejam considerados os contextos específicos. Nesse caso, é possível que a variável social ganhe relevância estatística decorrente do efeito de determinados fatores. Por exemplo, no caso das orações adverbiais, sob o escopo da maioria das conjunções, não se admite o uso do presente do indicativo, conforme prescrevem as gramáticas tradicionais (cf. capítulo 1). Dessa forma, seguindo a tendência dos estudos sociolinguísticos, esperamos que as homens variem mais nesses tipos de contexto se comparado às mulheres.

3.3.2.2 Idade

Pesquisas sociolinguísticas indicam que os falantes mais velhos tendem a preservar as formas mais antigas, ao passo que os mais jovens tendem a inovar (NARO, 2003). A hipótese para o controle da variável

‘idade’ é de que os mais jovens empreguem mais presente do indicativo em comparação aos mais velhos, que usariam mais presente do subjuntivo, essencialmente naqueles contextos linguísticos de ocorrência tanto de subjuntivo quanto de indicativo apresentados pelas gramáticas tradicionais.

Nesta pesquisa, acreditamos que o uso do presente do modo subjuntivo acompanha a idade do informante, principalmente naqueles contextos previstos pela gramática tradicional como de emprego obrigatório do modo subjuntivo. Para aqueles contextos de subjuntivo em que as gramáticas já prevêem o emprego do modo indicativo, ainda que com valor modal diferente, esperamos haver pouca diferença de uso entre as faixas etárias.

3.3.2.3 Escolaridade

A variável ‘escolaridade’ pode ser mais bem compreendida se consideradas as seguintes distinções: 1) forma de prestígio e forma neutra; 2) forma estigmatizada e forma não-estigmatizada; 3) fenômenos diretamente e não diretamente trabalhados na escola; e 4) fenômeno com escopo discursivo e fenômeno com escopo sentencial (VOTRE, 2003). A forma de prestígio corresponde à forma não-estigmatizada, codificada nas gramáticas tradicionais e, em geral, diretamente trabalhada e exercitada na sala de aula em atividades deslocadas do contexto discursivo.

De imediato, essa perspectiva não se aplica ao uso variável de presente do subjuntivo e presente do indicativo, a menos que se considerem especificamente os contextos de orações subordinadas e os enunciados com o *talvez* listados pelas gramáticas tradicionais para o emprego obrigatório do subjuntivo. Ainda assim, algumas gramáticas ressaltam contextos, como o das orações adverbiais concessivas introduzidas por *embora*, ou os enunciados com *talvez*, em que o subjuntivo (mais incerteza) e o indicativo (mais certeza) podem ser empregados. Essas restrições não permitem assumir o subjuntivo como a forma de prestígio, não-estigmatizada. Parece mais prudente considerar o subjuntivo como forma de prestígio em determinados contextos e, em outros, como forma neutra¹⁵⁰. Dessa forma, nossa hipótese é de que o uso do presente do subjuntivo acompanhe o grau de escolaridade essencialmente naqueles contextos em que o emprego do modo indicativo não é previsto nas gramáticas tradicionais.

¹⁵⁰ Por falta de investigação direta nas salas de aula, não é possível tecer comentários acerca da sistemática de ensino do modo subjuntivo na escola.

3.3.2.4 Cidade

Diferentes pesquisas têm apresentado resultados que indicam peculiaridades no falar florianopolitano e lageano. Estudos acerca da formação lexical (VIEIRA, 2004; ROCHA, 2008), da variação no uso do imperativo (SCHERRE, 2007), da variação pronominal de 2ª pessoa do singular (COELHO; GÓRSKI, 2011) e da prosódia (NUNES, 2011) somam evidências para uma diferenciação linguística entre Florianópolis e Lages. Historicamente, conforme descrito neste capítulo, essas cidades ficaram isoladas durante décadas, separadas pela Serra Geral, isolamento minimizado na década de 1980 com o término do asfaltamento da BR-282, ligando o interior de Santa Catarina ao litoral. Na consideração desses fatores, esperamos encontrar diferenças na frequência de uso do presente do subjuntivo¹⁵¹. Como Florianópolis, em sua formação sócio-histórica, recebeu um contingente de açorianos sem instrução formal, nossa hipótese é de que o presente do subjuntivo seja mais recorrente em Lages.

3.3.2.5 Informante

Em alguns estudos sociolinguísticos mais recentes, o informante tem sido controlado como um grupo de fatores. A alta frequência da variável dependente, ou de uma das variantes, em uma dada entrevista sociolinguística pode distorcer os resultados, comprometendo a análise interpretativa geral dos dados. Nesse sentido, torna-se importante a consideração dos informantes como um grupo de fatores. Ademais, o uso das variantes pode indicar a variação no indivíduo e/ou na comunidade (LABOV, 1994). Para Labov (2010), o comportamento linguístico de um indivíduo pode divergir do padrão da comunidade como reflexo de sua história pessoal. A frequência de presente do subjuntivo para cada informante pode ser visualizada no anexo B.

3.3.2.6 Periodização histórica

A fonte de dados diacrônicos para a investigação do uso variável de presente do subjuntivo, conforme mencionado, são cartas ao redator publicadas em jornais catarinenses das cidades de Florianópolis e de Lages a partir das duas últimas décadas do século XIX e durante todo o século XX. Para o controle da variável ‘periodização histórica’, os dados foram agrupados em um período correspondente a 20 anos. A

¹⁵¹ A história social das cidades tem mostrado resultados importantes em pesquisas que tratam da variação no modo subjuntivo (OLIVEIRA, 2007; CALLOU; ALMEIDA, 2008).

expectativa é de que os resultados concernentes a essa variável apontem períodos em que o presente do subjuntivo passe a ser menos usado, assim como indicam alguns resultados encontrados por Almeida (2010).

3.4 TRATAMENTO DOS DADOS

Selecionadas e codificadas as ocorrências conforme as variáveis independentes, linguísticas e extralinguísticas, consideradas pertinentes para o estudo do uso variável entre presente do subjuntivo e presente do indicativo, os dados foram submetidos à análise com o auxílio do programa Goldvarb 2001, que apresenta as mesmas características do Varbrul (PINTZUK, 1988; SCHERRE, 1993). Ao contrário do Varbrul, desenvolvido para o ambiente DOS, o Goldvarb foi projetado para Macintosh e, posteriormente, ajustado para funcionar no ambiente Windows.

O objetivo central do Golvarb é, a partir de modelos matemáticos, permitir a quantificação de dados linguísticos variáveis e gerar resultados estatísticos. Para a análise da regra variável, o pacote disponibiliza programas para o cálculo de percentuais e de probabilidades. O pacote estatístico ainda seleciona as variáveis independentes consideradas estatisticamente significativas no condicionamento da variável em estudo, no caso, o presente do subjuntivo. O programa também permite o cruzamento de duas variáveis por vez, gerando resultados percentuais.

A ferramenta estatística exige do pesquisador um cuidado metodológico no tratamento dos dados, desde a seleção dos próprios dados, até a escolha das variáveis independentes, o processo de codificação, culminando com uma adequada interpretação dos resultados numéricos (NARO, 2003). A tarefa do pesquisador não é nada simples, e uma mínima leitura inapropriada dos resultados comprometerá, de algum modo, a avaliação qualitativa dos números. Sua função é, portanto, tentar extrair interpretações apropriadas dos resultados percentuais e probabilísticos.

3.4.1 Restrição de dados

Na pesquisa sociolinguística, nem todas as ocorrências constituem dado de análise, cabendo ao pesquisador delimitar o contexto de variação, o que pode implicar a exclusão de alguns dados. Casos duvidosos, portanto, aparecem e exigem critérios do pesquisador para serem incluídos ou desconsiderados da análise. Nesta tese, os dados de análise correspondem às ocorrências em que pode acontecer a

variação entre as formas verbais de presente do subjuntivo e de presente do indicativo nos cinco contextos linguísticos já mencionados: orações substantiva, adjetiva e adverbial, oração com *talvez* e oração parentética. Os dados que não fazem parte desta análise estão agrupados da seguinte forma:

(a) marcadores discursivos¹⁵²

- (36) Aí depois a gente voltava pra casa do meu avô que era ali perto. [O pessoal]- todo mundo, **IMAGINA**. (FLP 01, L47)
- (37) Através da oração eu, **OLHE**, como diz um cunhado meu: “Eu comi até arame farpado.” (LGS 01, L648)
- (38) Mas graças a Deus passamos, sabe? correu tudo bem. Você **VÊ** levamos bastante tempo porque saímos de Curitiba às seis horas chegamos aqui no outro dia sete horas da noite, no outro dia. (LGS 02, L463)

(b) Expressões cristalizadas

- (39) Correr, eu correr, **DEUS ME LIVRE!** (FLP 01, L333)
- (40) Eu, com setenta, setenta e quatro, já pensou eu comprar um carro? Eu não. Se ela quiser **QUE ELA COMPRE**. (FLP 06, L731)
- (41) **TOMARA QUE** o governo do Estado **SAIBA** valorizar este patrimônio humano de Santa Catarina. (LGS jornal Correio Lageano de 23/09/1997)

(c) Neutralização

- (42) **TALVEZ VAMOS** colocar este ano, quer dizer [eu]- [o]- o meu grupo aqui não vai colocar. (LGS 15, L154)
- (43) E quem vem aqui, o município aqui também não tem emprego, como eu já te falei, que agora é que está surgindo, e eles vêm aqui **PENSANDO QUE** eles **VÃO** melhorar de vida, onde vão piorar, não conseguem aqui, vão sair daqui, e vão pra fora aí viverem a situação. (LGS 24, L 965)

(d) Assimilação

- (44) Agora, briguinha de casal é obrigado a existir, porque em casamento **QUE** não **EXISTA(0)** + uma briguinha [vai ficar]- vai virar [uma]- [uma]- uma rotina. (FLP 02, L668)¹⁵³

¹⁵²Os marcadores discursivos *olha* e *vê* são objeto de estudo de Rost (2002) e Rost Snichelotto (2009).

¹⁵³ Durante o processo de transcrição da entrevista, faz-se necessário identificar alterações na pronúncia de palavras. Uma dessas alterações refere-se à *assimilação*, identificada pelo apagamento de fonemas. Na entrevista transcrita,

- (45) cinema era quando chegava um casal namorando mas de mãos pegadas, né? lá longe um do outro. Que na época valia e pena, né? Era [hoje vale a]- **NÃO QUE VAL(y')HA(0+)** a pena também, vale. Mas na época a gente tinha mais liberdade assim [de]- de inventar histórias, brincadeiras, era bem diferente, né? (LGS 04MAP, L16)¹⁵⁴

(e) Correção

- (46) Então uma criança daquela chegou a tal conclusão porque eu acho que ela **TALVEZ [ESTEJA]**- estivesse muito espremida no estudo. Ela, talvez estivesse até enlouquecido na hora, pra fazer aquilo ali. (FLP 04, L1191)

(f) Frases interrompidas

- (47) Ent.: A não ser que tiver recursos?
Né? [**A NÃO SER QUE VAI**<busc->]- se tu quiseres levar por ti, mas [não]- não da Legião, sabes?(FLP 11, L1225)
- (48) Ela quer fazer mesmo odontologia. E daí agora estava saindo a faculdade aqui pra nós, né? **PODE SER QUE SEJA**- (LGS 09, L804)

(g) Haplologia

- (49) Eu não gosto (aquele negócio assim de) ficar presa, sabe? ficar assim parada, assim, né? (Agora oh) **NÃO VOU DIZER QUE** eu não **GOSTO DE** televisão, porque a televisão também [ele tem um]- tem programa bom, né? (LGS 17FAC, L1514)¹⁵⁵

Casos como (49) são identificados ao ouvir a entrevista. Nessa ocorrência, não está claro se o informante falou “goste de” ou “gosto de” ou ainda algo como “gosde”. Por essa razão, decidimos excluir esse dado da análise. A importância de obter a entrevista no áudio também aparece na próxima ocorrência.

(h) Aparente conector

marca-se esse apagamento pela inserção do símbolo *0* logo abaixo do fonema omitido. Nesse sentido, haverá tantos *zeros* quantos forem apagados.

¹⁵⁴ O dado em destaque foi analisado no PRAAT para maior segurança na identificação da variante usada pelo informante. Percebeu-se uma fusão do verbo *valer* com a vogal *a* seguinte prolongada e com a omissão da vogal temática.

¹⁵⁵ Dada a dificuldade em perceber a variante usada pela informante, o dado foi analisado no PRAAT, sendo constatado o apagamento do *to* (em *gosto*) e do *de*.

- (50) Se a bíblia, ela é inspirada por Deus, é a palavra de Deus e isso tem sido provado através dos anos e séculos que [nem um livro]- nem um livro conseguiu superar e ultrapassar anos, séculos, e vidas [e]- [e]- e tempos, como a palavra de Deus, então ela se prova assim **MESMO QUE** ela **É** verdadeira, ou seja, que a gente pode confiar nela como palavra de Deus, não é como as pessoas dizem que ela foi escrita pela mão dos homens, né? (LGS 11, L1364)

Em (50), o *que* não faz parte do conector *mesmo que*, mas introduz uma oração substantiva objetiva direta, complementando o verbo *provar*.

(i) Ocorrências que não constituem contexto típico do presente do subjuntivo

- (51) Agora tem muitas outras histórias, né? no momento não, [né?]
Ent.: [Não] está lembrando?
É. Talvez **DEPOIS QUE** a senhora **SAIA(-)** a gente se recorda, né? (LGS 23, L139)
- (52) E um agora está em Porto Alegre, mas ele quer voltar a estudar. [**<Di->**]- diz ele: “Mãe, pode ser que **QUANDO** eu **VOLTE** de Porto Alegre, já tenha escola no Coral”. (LGS 09, L488)

As ocorrências (51) e (52) ilustram um dos contextos típicos de uso do futuro do subjuntivo: oração adverbial temporal introduzida pelas conjunções: *depois que* e *quando* (CUNHA; CINTRA, 2007).

(j) Não constitui contexto de variação

- (53) E também tenho debatido que se dê atenção ao turismo, que se faça tudo pelo turista, mas que não esqueça do florianopolitano. E ao longo dos anos nós temos assistido isso, **EMBORA** eu **TENHO** sido, embora uma voz quase isolada, mas, tenho me debatido sobre isso [...] (FLP 21, L712)
- (54) Não **CREIO**, porém, **QUE** estes fatos **TENHAM** ocorrido em Santa Catarina, de responsabilidade de pessedistas. (FLP Diário da Tarde – 07/01/1960)

As ocorrências (53) e (54) não constituem contexto de variação, pois, sendo usado o presente do subjuntivo, a situação apresentada estaria no passado: *embora eu tenha sido*

3.5 FECHANDO O CAPÍTULO

Neste capítulo, nos propusemos a (i) detalhar as amostras sincrônica (Projeto VARSUL) e diacrônica (Projeto PHPB/SC); (ii) delinear a constituição históricas das cidades de Florianópolis e Lages; (iii) apresentar e descrever as variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas) juntamente com as hipóteses que justificam seu controle; (iv) indicar o programa estatístico utilizado para o cálculo de percentuais e de probabilidade; e (v) discriminar as ocorrências que não constituem dados de análise.

Passamos, então, nos dois capítulos seguintes, à análise e discussão dos resultados: no capítulo 4, tratamos das amostras 1 (sincrônica – 24 entrevistas de Florianópolis e 24 entrevistas de Lages) e 2 (sincrônica – 44 entrevistas de Florianópolis), e, no capítulo 5, da amostra 3 (diacrônica – cartas ao redator).

CAPÍTULO 4

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: amostra sincrônica

Neste capítulo, objetivamos apresentar a análise interpretativa dos resultados decorrentes das rodadas estatísticas referentes à amostra de fala de Florianópolis e de Lages (amostra 1) – análise sincrônica. Na primeira seção, analisamos e discutimos os resultados gerais e, na segunda seção, os resultados para cada contexto investigado em ambas as cidades: orações substantivas, adverbiais e adjetivas, orações com o item *talvez* e orações parentéticas. Na terceira seção, ainda numa perspectiva sincrônica, damos destaque para os resultados dos dados de fala de Florianópolis, considerando também informantes jovens e informantes universitários (amostra 2). Destacamos que, em todas as tabelas, a aplicação da regra é para o presente do modo subjuntivo. E, encerrando o capítulo, discutimos, a partir da frequência de subjuntivo por informante, a variação na comunidade e a variação no indivíduo.

4.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS GERAIS: amostra de fala de Florianópolis e de Lages (amostra 1)

Nesta seção, apresentamos e discutimos os resultados frequenciais e probabilísticos referentes à amostra 1 (análise sincrônica), conforme descrita no capítulo anterior. Na consideração do fator geográfico, a amostra 1 é objeto de três momentos da análise quantitativa: 1º) rodadas estatísticas, em conjunto, com dados das 48 entrevistas de Florianópolis e de Lages; 2º) rodadas com dados das 24 entrevistas de Florianópolis; 3º) rodadas com dados das 24 entrevistas de Lages. O objetivo desse procedimento metodológico está na comparação dos resultados a partir da identificação das variáveis condicionadoras estatisticamente relevantes em cada um desses três momentos. Na busca por uma visualização mais abrangente do fenômeno em estudo, optamos por sempre apresentar os resultados em tabelas que reúnem as cidades, de modo a evidenciar, comparativamente, os três momentos de análise acima mencionados.

Dando início à discussão dos resultados, apresentamos a frequência geral de uso do presente do subjuntivo na fala de Florianópolis e de Lages, considerando, em conjunto, os cinco contextos de análise. A tabela 17 exhibe a distribuição de todas as ocorrências levantadas, considerando o verbo *achar* na oração matriz, cujos contextos foram controlados separadamente, devido à significativa

frequência desse verbo no *cópus*, conforme pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 17
Frequência geral de uso do *presente do subjuntivo* nas amostras de fala de Florianópolis e de Lages (amostra 1)

| DADOS ANALISADOS | LOCALIDADES | | | | | |
|-----------------------------------|-------------|-------|---------------|-------|------------|-----|
| | FLP/LGS | | Florianópolis | | Lages | |
| | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| | Apl./Total | | Apl./Total | | Apl./Total | |
| Cinco contextos (+ <i>achar</i>) | 284/926 | 30,7% | 136/476 | 28,6% | 148/450 | 33% |
| Cinco contextos (- <i>achar</i>) | 278/478 | 58% | 136/250 | 54% | 142/228 | 62% |

Em relação ao verbo *achar*, observando-se as colunas de aplicação e total, em Florianópolis, as 226 ocorrências desse item lexical são de uso categórico de presente do indicativo, diferentemente do que ocorre em Lages, onde, das 222 ocorrências desse verbo, 6 são de presente do subjuntivo, curiosamente concentradas na fala de um único informante. Portanto, considerando-se todos os dados incluindo aqueles com o verbo *achar*, o percentual de presente do subjuntivo não poderia ser elevado, ficando em torno de uma média de 30%, conforme observado na tabela 17. Em contrapartida, excluindo as ocorrências com o verbo *achar*, o percentual para o presente do subjuntivo praticamente dobra, com uma diferença de 8 pontos percentuais entre as cidades: Lages (62%) e Florianópolis (54%).

Esse primeiro resultado geral permite-nos concluir que: (i) as ocorrências com verbo *achar* devem ser desconsideradas das rodadas seguintes, sob pena de distorcer os resultados; e (ii) o percentual superior a 50% para o uso do presente do subjuntivo, em contextos sem o verbo *achar*, sinaliza um terreno de intensa variação com a entrada do presente do indicativo em ambientes em que, conforme a prescrição tradicional, o subjuntivo deveria ser empregado. A partir deste momento, portanto, as ocorrências com o verbo *achar* estão desconsideradas, estando o foco da análise nos cinco contextos investigados, a saber: orações substantivas, adverbiais e adjetivas; orações com o item *talvez* e orações parentéticas.

Passamos, agora, à apresentação e discussão dos resultados que reúnem os cinco contextos de análise. As cinco tabelas, distribuídas nas subseções seguintes, conjugam resultados para Florianópolis e Lages, obtidos de rodadas estatísticas em conjunto (Florianópolis + Lages) para testar, principalmente, a significância da variável ‘cidade’; e,

posteriormente, de rodadas isoladas para cada ‘cidade’. Depois de resolvidos os nocautes¹⁵⁶ e realizados alguns amálgamas, em boa parte das rodadas os grupos de fatores selecionados como estatisticamente relevantes se mantiveram e, em geral, na mesma ordem de significância. O quadro a seguir apresenta os grupos de fatores, ou variáveis independentes, por ordem de seleção estatística. O destaque colorido facilita a comparação entre as localidades.

Quadro 7
Variáveis independentes selecionadas na rodada geral de Florianópolis e Lages (amostra 1)

| Florianópolis/Lages | Florianópolis | Lages |
|---|---|--|
| Projeção temporal Morfologia verbal Escolaridade Valores dos submodos Assertividade da oração Tipo de contexto sintático Pessoa Cidade | Projeção temporal Pessoa Morfologia verbal Escolaridade Sexo | Projeção temporal Submodo Assertividade da oração Escolaridade Tipo de contexto sintático Item verbal do dado |

Como se observa no quadro 7, na rodada com as duas cidades reunidas, oito variáveis exibiram significância estatística, seis linguísticas e duas extralinguísticas. O fato de a variável ‘cidade’ ter se mostrado significativa é forte indício de que cada cidade deve ser vista separadamente para se verificar em que medida os dados se comportam diferentemente.

De fato, ao realizarmos rodadas separadas por cidade, a configuração das variáveis relevantes se altera sensivelmente. Em

¹⁵⁶ Nas rodadas estatísticas com o Goldvarb, os nocautes – resultados categóricos de 100% ou 0% associados a determinados fatores – impedem o cálculo de pesos relativos, apenas atribuídos a contextos variáveis. Daí o procedimento, comum nas pesquisas sociolinguísticas quantitativas, de, em determinados momentos da análise, se eliminarem os nocautes, seja amalgamando fatores, seja desconsiderando das rodadas os fatores que se mostram com atuação categórica (através do comando ‘não se aplica’), ou ainda excluindo do corpus certo conjunto de dados (através do comando ‘nil’). Para se proceder à amalgamação de fatores, é preciso considerar dois critérios, um de natureza teórica, outro quantitativa: fatores que sejam linguística ou socialmente semelhantes e que se aproximem em termos quantitativos (GUY; ZILLES, 2007).

Florianópolis, quatro das oito variáveis selecionadas na rodada geral se mantiveram, mostrando uma pequena alteração na ordem de seleção estatística: ‘projeção temporal’ mantém o papel mais relevante no condicionamento do fenômeno em estudo, seguida de ‘pessoa’, ‘morfologia verbal’, ‘escolaridade’ e ‘sexo’ (significativa apenas para Florianópolis). Em Lages, também se mantiveram quatro das oito variáveis relevantes na rodada geral, com destaque para ‘projeção temporal’ em primeira posição – acompanhando os resultados de Florianópolis e das duas cidades em conjunto –; permaneceram ainda, da rodada geral, as variáveis ‘assertividade da oração’, ‘tipo de contexto sintático’ – estas sem relevância estatística para Florianópolis –, tendo sido selecionadas ainda duas novas variáveis linguísticas, ‘submodo’ e ‘item verbal do dado’, significativas apenas para Lages. A variável social ‘escolaridade’ permaneceu relevante em todas as rodadas.

Depreende-se, do quadro 7, um certo gradiente de força considerando-se a natureza de algumas variáveis, com destaque para aquelas associadas à modalidade: ‘projeção temporal’, ‘valores dos submodos’ e ‘submodo’. A ‘morfologia verbal’, a ‘assertividade da oração’, o ‘tipo de contexto sintático’ e a ‘pessoa’ também se mostram bastante atuantes, além da ‘escolaridade’, significativa em todas as rodadas estatísticas. Singularmente, despontam como variáveis relevantes apenas nas rodadas isoladas, ‘sexo’ (Florianópolis) e ‘item verbal do dado’ (Lages).

É bastante perceptível a diferença entre os contextos condicionadores atuantes nas duas cidades: analisadas separadamente, Florianópolis e Lages compartilham apenas as variáveis ‘projeção temporal’ e ‘escolaridade’, distinguindo-se em relação às demais variáveis selecionadas. Esses resultados justificam o fato de a variável geográfica ‘cidade’ ter sido selecionada na rodada geral, e suportam a decisão metodológica de apresentarmos os resultados das três rodadas comparativamente.

Apresentaremos os resultados referentes às variáveis linguísticas e sociais. A comparação dos resultados obtidos a partir desses grupos de fatores com os alcançados em outras pesquisas realizadas com dados do português do Brasil pode contribuir com um maior conhecimento acerca da distribuição do uso variável do subjuntivo em diferentes cidades (cf. capítulo 1). Antes, porém, vejamos, na tabela 18, os resultados para a variável ‘cidade’, na rodada geral.

De acordo com a tabela 18, o primeiro resultado a ser comentado diz respeito à distribuição dos dados. Os 478 dados analisados

distribuem-se de forma bastante aproximada entre as cidades: 250 ocorrências em Florianópolis e 228 em Lages.

Tabela 18
Atuação da variável ‘cidade’ sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1)

| VARIÁVEL | FLP/LGS | | |
|----------------------|---------------------|--------------|--------------|
| | Freq. Apl./Total | % | PR |
| Cidade | | | |
| Lages | 142/228 | 62 | 0,560 |
| Florianópolis | 136/250 | 54 | 0,445 |
| TOTAL | 278/478 | 58 | 0,622 |
| | | | <i>input</i> |
| Significância | | 0,031 | |

O percentual geral de uso do presente do subjuntivo é de 58%, sendo 54% em Florianópolis e 62% em Lages. Antes de passarmos à análise dos resultados por grupo de fatores, é importante que façamos duas observações.

Primeiramente, os 54% de uso do presente do subjuntivo em Florianópolis está levemente inferior aos 59% encontrados por Pimpão (1999c), também em Florianópolis (cf. capítulo 1). Essa diferença provavelmente se deve ao fato de que o número de informantes, considerados por Pimpão (1999c) é superior ao que está sendo considerado nesta etapa, visto que inclui uma terceira faixa etária, de jovens entre 14 e 24 anos. A diferença no percentual, ainda que não muito significativa, parece indicar um uso produtivo de presente do subjuntivo na fala de informantes mais jovens. Adiante, na seção 4.3 deste capítulo, referente à análise das ocorrências somente de Florianópolis, em que essa terceira faixa etária e, ainda, um terceiro nível de escolaridade (dos universitários), serão incorporados aos dados, retomamos essa discussão.

A segunda observação diz respeito ao percentual geral de uso do presente do subjuntivo em pesquisas realizadas com dados do português do Brasil (cf. mapa no capítulo 2). Em algumas dessas pesquisas, o percentual para o uso do presente do subjuntivo é bastante elevado, oscilando entre 70% e 75,2% (COSTA, 1990; ALVES NETA, 2000; ALVES, 2009). Em outras, os percentuais são mais baixos. Esse é o caso do estudo desenvolvido por Guiraldelli (2004), em que o presente do subjuntivo ocorre em 24% da amostra, e do trabalho realizado por

Carvalho (2007), com 35%. Devemos fazer, entretanto, duas ressalvas com relação a esses percentuais mais baixos: é possível que, respectivamente, o uso mais frequente de verbos epistêmicos e a consideração do verbo *achar*, por constituírem, em geral, ambientes de uso do indicativo, expliquem a recorrência pouco expressiva do presente do subjuntivo naqueles estudos. Entre esses dois grupos de pesquisas – com percentuais mais altos e mais baixos –, estão os resultados de Pimpão (1999c) referentes às entrevistas com informantes de Florianópolis (incluindo a faixa etária dos jovens), com 59%, e os resultados apresentados na tabela anterior: 54% e 62% para, respectivamente, Florianópolis e Lages.

Esses percentuais de 54% e 62% para o uso do presente do subjuntivo correspondem a nossa expectativa de que Lages mostraria um uso de subjuntivo superior a Florianópolis. Nesse sentido, a seleção estatística do grupo de fatores ‘cidade’ é bastante relevante neste trabalho, atestando nossa hipótese ainda que a diferença entre os pesos não seja muito acentuada, 0,560 para Lages e 0,445 para Florianópolis. Esses resultados, como já salientamos, justificam uma análise mais detalhada de cada cidade.

Sobre a variável ‘cidade’, nossa hipótese era de que os padrões do uso variável do presente do subjuntivo pudessem estar correlacionados à sócio-história de cada localidade à semelhança do que outros estudos vêm observando (OLIVEIRA, 2007; CALLOU; ALMEIDA, 2008). É provável que a instalação da ELETROSUL e da UFSC em Florianópolis e o asfaltamento da BR-101 e da BR-282, na medida em que promovem um maior desenvolvimento do estado e um aumento no contingente populacional de Florianópolis, estejam favorecendo a diferença no uso do presente do subjuntivo entre essa cidade e Lages (cf. capítulos 1 e 2).

A seguir, passamos a discutir os demais resultados da rodada geral em quatro blocos, um por seção, considerando a natureza das variáveis envolvidas. Tendo em vista que os resultados concernentes aos grupos de fatores selecionados estão distribuídos por blocos, a disposição das variáveis nas tabelas não segue necessariamente a ordem de seleção estatística. Ao final desta tese, no anexo C, o leitor encontra uma tabela geral que agrupa os resultados dessas quatro tabelas, dessa vez com as variáveis dispostas de acordo com a ordem de seleção estatística obtida na rodada geral que reúne ambas as cidades (resultados da primeira coluna).

Comentaremos, primeiramente (subseção 4.1.1), as variáveis concernentes à modalidade (‘projeção temporal’, ‘submodo’ e ‘valores do submodo’). Na continuidade (subseção 4.1.2), focalizamos as

variáveis de natureza sintático-discursiva (‘assertividade da oração’, ‘tipo de contexto sintático’ e ‘pessoa’). Depois (subseção 4.1.3), tratamos de ‘morfologia verbal’ e ‘item verbal do dado’. Por fim (subseção 4.1.4), comentamos as variáveis sociais (‘escolaridade’ e ‘sexo’). Atente-se, ao ler os resultados das colunas, para o fato de que foram distribuídos de modo a manter a comparabilidade entre as variáveis, nas tabelas. Por isso, quando dada variável não se mostrou significativa em uma cidade e/ou outra, os pesos relativos, extraídos do nível um do *stepdown*, aparecem entre parênteses.

4.1.1 Resultados das variáveis relacionadas à modalidade

Como já adiantamos no capítulo referente aos Procedimentos Metodológicos, algumas variáveis, notadamente as reunidas nesta seção, se entrecruzam em alguma medida. Daí a decisão de apresentá-las agrupadas e discuti-las em conjunto, procurando perscrutar, com um olhar mais atento, as nuances de modalidade que cercam o fenômeno, em busca de evidências que atestem nossa primeira hipótese, descrita no capítulo 1, que responde afirmativamente à seguinte questão: É possível distribuir o uso variável do presente do subjuntivo em um *continuum* de modalidade?

Após a eliminação de nocautes e a realização de amálgamas para poder gerar indicadores de pesos relativos, obtivemos os resultados para as variáveis ‘projeção temporal’, ‘submodo’ e ‘valores do submodo’, conforme ilustra a tabela 19 na sequência.

Na tabela 19, importa destacar que o grupo de fatores ‘projeção temporal’ se mantém como primeiro na ordem da seleção estatística independentemente da cidade e é a única variável de natureza linguística a ser selecionada nas duas cidades, em rodadas isoladas e em conjunto (cf. quadro 7). A tentativa de controlar a ‘projeção temporal’ surgiu em pesquisa anterior (PIMPÃO 1999c)¹⁵⁷, fundamentalmente a partir da correlação observada entre presente do subjuntivo e *irrealis*. Para Givón (1995, 2001), o subjuntivo, como uma subcategoria do *irrealis*, é mais provável de ocorrer em proposições fracamente asseridas, seja por serem possíveis, incertas ou (in)desejadas. Daí a importância do controle dessa variável para testar se a projeção futura favoreceria o uso do presente do subjuntivo, enquanto a projeção espraída o inibiria.

¹⁵⁷Em Pimpão (1999c), a ‘modalidade’ e a ‘projeção temporal da situação’ constituíam, de uma maneira geral, uma única variável linguística, agora desdobrada, nesta tese, em três: ‘projeção temporal da situação codificada’, ‘submodo’ e ‘valores dos submodos’.

Tabela 19

Atuação das variáveis concernentes à modalidade sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1)

| VARIÁVEIS CONCERNENTES À MODALIDADE | LOCALIDADES | | | | | |
|---|----------------|-----------------|----------------|-----------------|----------------|-----------------|
| | FLP/LGS | | Florianópolis | | Lages | |
| | Freq. | % PR | Freq. | % PR | Freq. | % PR |
| | Apl./Total | | Apl./Total | Apl./Total | | |
| Projeção temporal da situação codificada¹⁵⁸ | | | | | | |
| Projeção futura | 97/121 | 80 0,654 | 49/67 | 73 0,690 | 48/54 | 88 0,815 |
| Projeção espreada | 181/357 | 50 0,446 | 87/183 | 47 0,427 | 94/174 | 54 0,387 |
| Submodo | | | | | | |
| Deôntico | 106/140 | 75(0,673) | 46/67 | 68(0,878) | 60/73 | 82 0,783 |
| Epistêmico | 172/338 | 50(0,426) | 90/183 | 49(0,327) | 82/155 | 52 0,354 |
| Valores do submodo | | | | | | |
| Volição | 23/24 | 95 0,896 | 13/13 | 100 – | 10/11 | 90(0,490) |
| Manipulação | 71/93 | 76 0,677 | 31/45 | 68(0,207) | 40/48 | 83(0,588) |
| Avaliação | 12/23 | 52 0,490 | 02/09 | 22 (0,042) | 10/14 | 71(0,465) |
| Probabilidade/crença | 114/203 | 56 0,455 | 61/117 | 52(0,633) | 53/86 | 61(0,551) |
| Certeza | 58/135 | 42 0,351 | 29/66 | 43(0,592) | 29/69 | 42(0,386) |
| TOTAL | 278/478 | 58 0,623 | 136/250 | 54 0,557 | 142/228 | 62 0,684 |
| | | <i>input</i> | | <i>input</i> | | <i>input</i> |
| Significância | | 0,032 | | 0,040 | | 0,047 |

Os resultados exibidos na tabela 19 indicam a ‘projeção futura’ como importante condicionador do presente do subjuntivo nas rodadas de Florianópolis/Lages, Florianópolis e Lages, com os respectivos pesos: 0,654; 0,690 e 0,815. Diferentemente, uma projeção temporal mais espreada, compreendendo passado, presente e futuro, desfavorece o uso do subjuntivo (0,446; 0,427 e 0,387, respectivamente). Resultados decorrentes de pesquisas realizadas com dados do português do Brasil têm mostrado a relevância de grupo de fatores dessa natureza em associação com o subjuntivo (PIMPÃO, 1999c; GUIRALDELLI, 2004; MEIRA, 2006; CARVALHO, 2007; ALMEIDA, 2010). De acordo com Pimpão (1999c), os resultados distinguem “a presença de futuridade em oposição à ausência desse traço”. Também na diacronia resultados semelhantes são encontrados. Para Almeida (2010, p. 104), “o modo subjuntivo se mantém quando ocorre sob o escopo do traço de

¹⁵⁸ Nas tabelas, optamos por apresentar o nome completo de determinadas variáveis que, no decorrer do texto, estão referidas de forma concisa. Esse é o caso, por exemplo, do grupo de fatores ‘projeção temporal da situação codificada’, retomado durante a análise apenas como ‘projeção temporal’.

futuridade” e “à medida que o enunciador admite a *incerteza/hipótese* de um determinado evento, perdendo o traço de futuridade, as proposições não requerem, necessariamente, o uso do subjuntivo”. A ‘projeção temporal’ mostra-se relevante tanto em estudos sincrônicos quanto diacrônicos.

Para o grupo de fatores ‘submodo’, somente houve seleção estatística em Lages, atestando nossa hipótese de que o submodo deontico favoreceria o uso do presente do subjuntivo (0,783) e o submodo epistêmico o inibiria (0,354). Mesmo sem seleção estatística, os resultados de Florianópolis também corroboram nossa expectativa: peso de 0,878 para o submodo deontico e de 0,327 para o submodo epistêmico. Em Florianópolis, para que o grupo de fatores ‘submodo’ seja selecionado, é preciso desconsiderar o grupo de fatores ‘projeção temporal’¹⁵⁹ (esses grupos, como já observado, apresentam certa sobreposição, já que o submodo deontico costuma ser associado à projeção futura).

Ainda que o ‘submodo’ não tenha sido selecionado na rodada geral com as duas cidades, mas apenas em Lages, os resultados exibidos na tabela 19 também apontam o submodo deontico como favorecedor do uso do presente do subjuntivo (0,673) e, por oposição, o submodo epistêmico como desfavorecedor (0,426). Se, na rodada em conjunto das duas cidades, o grupo de fatores ‘projeção temporal’ for desconsiderado, o grupo de fatores ‘valores do submodo’ assume a primeira posição e o ‘submodo’ não é selecionado, o que somente passa a ocorrer se ‘valores do submodo’ também for desconsiderado. Nesse caso, ‘submodo’ desponta como primeiro na ordem de seleção¹⁶⁰. Esse comportamento estatístico parece indicar uma disputa entre variáveis, provavelmente, aqui, devido à sobreposição de fatores entre ‘submodo’ e ‘valores do submodo’, já que esses últimos especificam o primeiro.

A correlação entre subjuntivo e o submodo deontico também é observada em outras pesquisas (ALVES NETA, 2000; GONÇALVES, 2003; FAGUNDES, 2007). Guiraldelli (2004), com um procedimento um pouco diferente, distribui a modalidade em três fatores: epistêmico, deontico e volitivo, identificando um uso categórico do subjuntivo nos

¹⁵⁹ Em Florianópolis, na rodada estatística em que o grupo de fatores ‘submodo’ é selecionado, o ‘submodo deontico’ atinge o peso de 0,866 e o ‘submodo epistêmico’ baixa para 0,336.

¹⁶⁰ Desconsiderando ‘projeção temporal’ e ‘valores do submodo’ na rodada de Florianópolis e Lages em conjunto, o peso para o ‘submodo deontico’ se eleva para 0,701 e o peso para o ‘submodo epistêmico’ diminui para 0,413.

dois últimos e uma baixa frequência desse modo associado à modalidade epistêmica. Nossos resultados somam-se a esses outros estudos, confirmando a importância da correlação entre submodo deontico e uso do subjuntivo (GIVÓN, 1995, 2001).

A variável ‘valores do submodo’, quarta a ser selecionada na rodada conjunta de Florianópolis e Lages, apresenta resultados que corroboram nossa primeira hipótese, descrita no capítulo 1. Conforme nossa expectativa, o traço de ‘volição’ favorece o presente do subjuntivo (0,896) provavelmente por envolver situações que, por serem alvo do desejo, da vontade do falante, são projetadas a um futuro não tão imediato quanto se espera de situações que apresentam um traço de ‘manipulação’¹⁶¹ (0,677). Um pouco abaixo do ponto neutro, portanto desfavorecendo levemente o presente do subjuntivo, está o traço de ‘avaliação’ (0,490), valor de submodo não previsto inicialmente na hipótese, porém observado em algumas ocorrências. Os traços de ‘probabilidade/crença’ e de ‘certeza’, já no âmbito do submodo epistêmico, desfavorecem o presente do subjuntivo, com os respectivos pesos relativos de 0,455 e 0,351.

Nas rodadas por cidade, entretanto, o grupo de fatores ‘valores do submodo’ não foi considerado estatisticamente significativo. Há que se considerar que, ao serem distribuídas as ocorrências por cidade, cada fator diminui consideravelmente o número de dados associados, o que pode ter interferido na não seleção estatística separadamente. Ainda assim, os resultados correspondem parcialmente a nossa expectativa: o presente do subjuntivo é categórico em contexto de ‘volição’ em Florianópolis e, em Lages, atinge o peso de 0,490, resultado inesperado¹⁶². O peso relativo para ‘manipulação’ já diminui para ambas as cidades: 0,207 e 0,588, respectivamente. Em Lages, os demais fatores se aproximam dos resultados para as duas cidades em conjunto: ‘probabilidade/crença’ (0,551), ‘avaliação’ (0,465) e ‘certeza’ (0,386). Em Florianópolis, entretanto, os pesos referentes a esses três últimos

¹⁶¹ O fator ‘manipulação’, na tabela 19, concentra quatro fatores amalgamados com os seguintes resultados para o presente do subjuntivo: ‘manipulação’ (9/18 – 50%), ‘volição/manipulação’ (30/39 – 76%), ‘força externa’ (28/32 – 87%) e avaliação (4/4 – 100%).

¹⁶² Uma consulta aos níveis da rodada da qual foram extraídos os resultados exibidos na tabela 19 indica que o valor ‘volição’ apresenta um peso elevado no nível 1 (0,847). No nível 2, ao interagir com ‘projeção temporal’, o peso baixa para 0,629, diminuindo mais ainda quando da interação com o grupo de fatores ‘submodo’: 0,469.

fatores seguem uma outra direção: ‘probabilidade/crença’ (0,633), ‘certeza’ (0,592) e ‘avaliação’ (0,042). Caso as ocorrências de ‘avaliação’ obtivessem um peso mais elevado, a ordem dos fatores acompanharia a sequência observada em Lages. Pode-se dizer que, no geral (à exceção do fator ‘avaliação’ em Florianópolis), percentuais e P.R. distribuem-se num gradiente entre volição (SUBJ) e certeza (IND).

Não obstante o escasso número de ocorrências de fator ‘avaliação’ em Florianópolis, realizamos um cruzamento entre ‘valores do submodo’ e ‘tipo de contexto sintático’. Das 9 ocorrências de ‘avaliação’ na amostra, 6 estão nas orações substantivas e, dentre essas, o presente do subjuntivo ocorre uma única vez e sob o escopo do verbo *gostar*, conforme ilustrado a seguir.

- (1) Não, aqui, [no]- nós visitamos geralmente o hospital Florianópolis, tem a Carmela Dutra, a Maternidade, né? Mas a gente entra facilmente, não tem problema nenhum. Inclusive eles **GOSTAM QUE** a gente **VÁ** fazer missa nos hospitais. (FLP 11FAG, L227)

Nas entrevistas de Lages, há 2 ocorrências desse verbo e acompanhadas do presente do subjuntivo. O verbo *preferir*, de natureza avaliativa como *gostar*, aparece somente em Lages e todas as 5 ocorrências estão no presente do subjuntivo. Isso indica que 50% dos casos de ‘avaliação’ em Lages (são 14 dados no total, conforme tabela 19) estão concentrados em dois itens verbais da oração matriz. Talvez o peso diferenciado entre Florianópolis e Lages possa ser explicado pela recorrência do item verbal no caso das orações substantivas.

Vamos continuar focando nossa atenção, um pouco mais, no grupo de fatores ‘valores do submodo’. Dada a importância dessa variável nesta tese, resolvemos realizar algumas rodadas alternativas em Florianópolis e em Lages, eliminando a ‘projeção temporal’, primeiro selecionado nas rodadas, para observar em que rodada o grupo ‘valores do submodo’ seria selecionado. Na rodada de Florianópolis, o grupo de fatores ‘valores do submodo’ é selecionado se desconsiderado o grupo de fatores ‘projeção temporal’¹⁶³. Na rodada de Lages, se excluídos,

¹⁶³ Em Florianópolis, se excluído o grupo de fatores ‘projeção temporal’, a variável ‘valores do submodo’ é selecionada com os seguintes pesos: ‘probabilidade/crença’ (0,655), ‘certeza’ (0,561), ‘manipulação’ (0,206) e ‘avaliação’ (0,033). O fator ‘volição’ é de uso categórico de presente do subjuntivo.

juntos, ‘projeção temporal’ e ‘submodo’, ‘valores do submodo’ ganha a primeira posição¹⁶⁴.

Em algumas pesquisas acerca do uso do modo subjuntivo, o que denominamos ‘valores dos submodos’ foi, de uma certa forma, controlado sob outro enfoque, como ‘traço semântico do verbo’, ou a partir de uma variável mais ampla denominada ‘modalidade’. Esse é o caso das pesquisas desenvolvidas por Guiraldelli (2004) e Alves (2009) a partir da análise das orações substantivas e completivas, respectivamente; e por Alves Neta (2000), expandindo a análise para orações adjetivas e adverbiais, por exemplo. Sucintamente: Guiraldelli (2004) distribui os fatores epistêmico, deôntico (= manipulação) e volitivo sob o escopo da variável ‘tipo de modalidade do predicado encaixador’, mostrando, como já reportado, uso categórico do subjuntivo com os dois últimos fatores. Alves Neta (2000) elenca sete fatores para a variável ‘modalidade’: volição, possibilidade, necessidade, causa, existência possível, ordem e dúvida, dentre os quais os dois primeiros constituem ambiente favorável ao subjuntivo. É preciso destacar que, à exceção da pesquisa desenvolvida por Guiraldelli (2004), que controla separadamente a modalidade deôntica (para a autora, sinônimo de manipulação) e a modalidade volitiva, os demais trabalhos consultados não subdividem a modalidade deôntica.

Acreditamos que a subdivisão proposta nesta tese em termos de valores dos submodos pode contribuir com a análise do uso variável do presente do subjuntivo por duas razões: primeiramente, importa considerar que os julgamentos deôntico e epistêmico, conforme descritos por Givón (1984, 1995, 2001, 2005), abrigam diferentes atitudes¹⁶⁵. Em segundo, a subdivisão proposta está intimamente correlacionada à primeira das duas grandes hipóteses desta tese (cf. capítulo 1), segundo a qual o uso variável do presente do subjuntivo se distribui ao longo de um *continuum* de modalidade, estruturado a partir das duas modalidades (deôntica e epistêmica).

¹⁶⁴ Em Lages, excluídos os grupos de fatores ‘projeção temporal’ e ‘submodo’, o grupo ‘valores do submodo’ é selecionado, despontando na primeira posição com os seguintes pesos: ‘volição’ (0,893), ‘manipulação’ (0,845), ‘avaliação’ (0,589), ‘probabilidade/crença’ (0,416) e ‘certeza’ (0,237).

¹⁶⁵ Um outro estudo, certamente, poderia obedecer a uma diferente proposta metodológica, considerando outros julgamentos não contemplados nesta tese ou ainda controlando todas as atitudes referentes à modalidade deôntica e à modalidade epistêmica, por exemplo.

Interessante na comparação desses três momentos de análise, a saber, Florianópolis/Lages, Florianópolis e Lages, é que há somente um grupo de fatores linguísticos em comum: ‘projeção temporal’, selecionado nas diferentes rodadas. Quanto aos demais referentes à modalidade, ‘valores do submodo’ obtém relevância estatística em Florianópolis/Lages e ‘submodo’ em Lages. Em Florianópolis/Lages, a seleção do ‘submodo’ está atrelada à desconsideração dos grupos ‘projeção temporal’ e ‘valores do submodo’. Em Lages, ocorre algo diferente: retirado o grupo ‘projeção temporal’, o primeiro selecionado é ‘submodo’ e o grupo ‘valores do submodo’ não recebe significância estatística. Retirado também o grupo ‘submodo’, ‘valores do submodo’ é selecionado e na primeira posição. Na rodada de Florianópolis, os grupos de fatores ‘valores do submodo’ e ‘submodo’ somente recebem significância estatística se desconsiderado o grupo ‘projeção temporal’. De forma geral, os grupos ‘submodo’ e ‘valores do submodo’ competem entre si e o grupo ‘projeção temporal’ compete com ambos. Assim, na rodada geral em conjunto com as duas cidades, a variável escalar ‘valores do submodo’ mostra-se mais significativa que a binária ‘submodo’.

Como já apontado, a sobreposição de fatores relacionados a essas três variáveis já estava prevista durante o processo de constituição do envelope de variação. Os ‘valores do submodo’ constituem uma variável eneária, que especifica os ‘submodos’, variáveis que se entrecruzam com a ‘projeção temporal’. Se sobreposições estavam previstas, por que manter essas três variáveis? Para Givón (1984) e Palmer (1986), o submodo deontico está relacionado ao futuro. Em contrapartida, no submodo epistêmico, o falante pode comprometer-se com proposições no passado, no presente ou no futuro (GIVÓN, 1984, 1995, 2001; PALMER, 1986). Seguindo a perspectiva dos autores, o submodo epistêmico pode correlacionar-se com a projeção futura e com a projeção espalhada, diferentemente do submodo deontico, correlacionado apenas com a projeção futura. Entretanto, nas entrevistas de Florianópolis, por exemplo, encontramos ocorrências como (2):

- (2) Deixava pronto o café, eu fazia um café, nem sei se você conhece, é um café que ele é batido [na]- [na]- na batedeira, então ele fica espumoso, fica uma espuma. [É]- é um Nescafé batido com açúcar e um pouquinho de água, então deixa bater na batedeira **ATÉ QUE** ele **FICA** uma espuma. Ele fica assim um Chantilly, sabe? (LGS 21FBC, L1011)

A ocorrência (2) ilustra um caso de ‘manipulação’ com projeção espreiada: a informante descreve o procedimento para se obter um café cremoso. Segundo o relato, a informante costumava repetir essa receita, portanto, se seguidas as etapas, o café fica cremoso como um chantilly. Considerando dados como esse, a relação entre submodo deontico e projeção futura parece não ser tão estreita e precisa ser revista. De fato, como afirmam Givón (1984, 1995, 2001) e Palmer (1986), a modalidade deontica está relacionada ao futuro, mas *não somente* ao futuro. Ocorrências como (2) constituem evidências de que a projeção espreiada pode figurar em contexto deontico. Evidências dessa natureza é que justificaram a formulação de nossa hipótese 1, detalhada no capítulo 1.

Observamos, portanto, que as três variáveis correlacionadas à modalidade se entrecruzam: os submodos e os valores do submodo cruzam com a projeção futura e a projeção espreiada; e todas elas se mostram, em alguma medida, relevantes. Considerando a importância desses grupos de fatores para atestar a primeira hipótese, decidimos, então, compor uma ‘variável complexa’, combinando dois grupos de fatores: ‘valores do submodo’ e ‘projeção temporal’¹⁶⁶. Dessa correlação, obtivemos diferentes associações de valores, conforme mostra a tabela na sequência.

Cada um dos valores dos submodos foi combinado com os fatores ‘projeção futura’ e ‘projeção espreiada’. Na rodada de Florianópolis/Lages e na rodada isolada com os dados de informantes de Lages, a ‘variável complexa’ foi a primeira selecionada. Diferentemente, em Florianópolis, a ‘variável complexa’ foi o primeiro grupo de fatores selecionado pelo programa estatístico somente na terceira rodada, depois que excluímos um a um os seguintes grupos de fatores em rodadas sucessivas: primeiramente ‘morfologia verbal’ e, na sequência, ‘pessoa’.

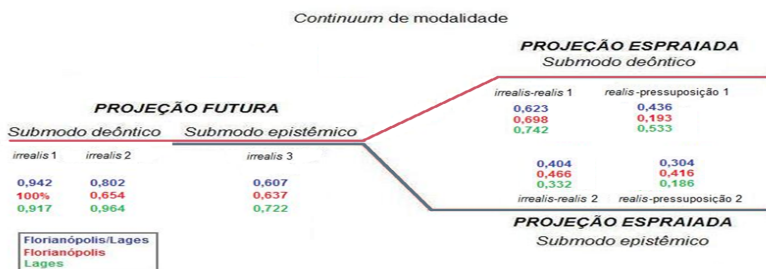
¹⁶⁶ Para extrair resultados da ‘variável complexa’, utilizamos o mesmo arquivo de condições, a partir do qual as variáveis estatisticamente significantes foram selecionadas. Foram excluídos, no entanto, os três grupos de fatores concernentes à modalidade, já que dois deles se combinaram na nova ‘variável complexa’ e o outro, o ‘submodo’, naturalmente é contemplado pelos valores que o especificam nessa variável.

Tabela 20

Atuação da ‘variável complexa’ (‘valores do submodo’ e ‘projeção temporal’) sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1)

| VARIÁVEL COMPLEXA | LOCALIDADES | | | | | | | | |
|-------------------------------|----------------|--------------|--------------|----------------|------------|--------------|----------------|-----------|--------------|
| | FLP/LGS | | FLP | | LGS | | | | |
| | Freq. | %PR | Freq. | %PR | Freq. | %PR | | | |
| | Apl./Total | | Apl./Total | | Apl./Total | | | | |
| <i>Irrealis1</i> | 23/24 | 95 | 0,942 | 13/13 | 100 | – | 10/11 | 90 | 0,917 |
| <i>Irrealis2</i> | 38/48 | 79 | 0,802 | 18/27 | 66 | 0,654 | 20/21 | 95 | 0,964 |
| <i>Irrealis/realis1</i> | 33/45 | 73 | 0,623 | 13/18 | 72 | 0,698 | 20/27 | 74 | 0,742 |
| <i>Irrealis3</i> | 36/49 | 73 | 0,607 | 18/27 | 66 | 0,637 | 18/22 | 81 | 0,722 |
| <i>Realis/pressuposição 1</i> | 12/23 | 52 | 0,436 | 02/09 | 22 | 0,193 | 10/14 | 71 | 0,533 |
| <i>Irrealis/realis2</i> | 78/154 | 50 | 0,404 | 43/90 | 47 | 0,466 | 35/64 | 54 | 0,332 |
| <i>Realis/pressuposição 2</i> | 58/135 | 42 | 0,304 | 29/66 | 43 | 0,416 | 29/69 | 42 | 0,186 |
| TOTAL | 278/478 | 58 | 0,623 | 136/250 | 54 | 0,533 | 142/228 | 62 | 0,694 |
| | | <i>input</i> | | <i>input</i> | | <i>input</i> | | | |
| Significância | | 0,031 | | 0,009 | | 0,030 | | | |

A seguir, a figura 4 apresenta os resultados da ‘variável complexa’ concernente à modalidade, referentes às três amostras: Florianópolis/Lages, Florianópolis e Lages.

Figura 4 *Continuum* de modalidade (amostra 1)

Os resultados apresentados no *continuum* de modalidade atestam, no geral, nossa primeira hipótese descrita no capítulo 1. Os pesos para *irrealis 1* encontram-se no extremo esquerdo, conforme previa nossa hipótese de que uma situação cuja realização depende de nosso desejo, e não da atuação de um indivíduo sobre o outro, obteria os pesos mais elevados. Não esperávamos, portanto, que houvesse a inversão de pesos observada em Lages, com o *irrealis 2* ocupando o extremo esquerdo do *continuum* por apresentar um peso relativo mais

elevado. Essa inversão, entretanto, decorre de apenas um dado com o presente do indicativo e com um verbo de saliência mínima:

- (3) Então, muitas vezes, os pais colocam o aluno lá, na escola, e **QUEREM QUE SAI** de lá formado, sem nem conhecer a professora, sem [nem]- nem ir lá saber como é que o aluno está. (LGS 17FAC, L395)

As diferenças entre os valores do *irrealis* 1 (volição com projeção futura) e do *irrealis* 2 (manipulação com projeção futura) em termos de peso relativo parecem indicar que a subdivisão interna do submodo deôntico é pertinente. Nossos resultados diferem dos encontrados por Guiraldelli (2004), segundo os quais o subjuntivo é de uso categórico em ocorrências deônticas (manipulativas) e também em ocorrências volitivas. Como Guiraldelli investigou dados de escrita, acreditamos que a variação, no submodo deôntico (valores de volição e manipulação), seja mais esperada na fala.

Observamos ainda no *continuum* a importância do *irrealis* no condicionamento do presente do subjuntivo. Os resultados vão, de uma certa forma, ao encontro das previsões de Givón (1995, 2001) acerca da associação entre modo subjuntivo e situações possíveis, potenciais. Os pesos mais elevados, porém, distribuem-se ao longo dos valores associados a esse submodo, independentemente da projeção temporal. Nesse sentido, e aqui algumas ocorrências vão de encontro a Givón, não podemos assegurar que o submodo deôntico carrega inerentemente um traço de projeção futura. Atentemos para a linha da figura 4 referente à interface *irrealis-real* 1: há ocorrências de ‘manipulação’ sem projeção futura.

- (4) [Eu tenho]- por exemplo, nós temos uma coisa que [é]- são normas. Existe um sinal vermelho **PRA QUE** você não **AVANCE**. Ele olha pro lado, não vê ninguém, [ele]- ele toca. (FLP 13MBG, L783)

Em (4), a situação descrita nos apresenta um agente externo como força manipulativa: a lei de trânsito, as penalidades previstas e a possibilidade de acidentes fazem com que o motorista procure obedecer às cores da sinaleira. E o *não avançar o sinal* não está somente projetado para o futuro, mas é uma situação que vem ocorrendo há muito tempo e avança em direção ao futuro.

Com relação ainda no submodo deôntico, a análise dos dados nos alertou para casos de *realis*-pressuposição 1, como o ilustrado a seguir.

Todas as ocorrências de ‘avaliação’, tanto em Florianópolis quanto em Lages, apresentam situações que não são projetadas para o futuro, i.e., o informante avalia uma determinada situação que por ele é experienciada ou é de seu conhecimento. No exemplo a seguir, a informante avalia positivamente o fato de seus filhos estarem envolvidos nas tradições ligadas ao campo.

- (5) Aí ficam assim narrando tudo o que aconteceu, né? até o próximo torneio que há. [Aí é <out->]- aí a outra semana é daquele [que]- que está acontecendo, né? Então é assim, tá? e é- Eles vivem então isso aí, então eu **PREFIRO** até **QUE ESTEJA** ali, fico brava que tem um monte de roupa a semana toda pra lavar, porque daí é bombacha, é passar, é bota, é dá um monte de coisa, né? Mas ao mesmo tempo eu ainda **PREFIRO QUE ESTEJA** ali na tradição do que se estiver numa boate ou envolvido com droga ou com outra coisa, né? que hoje a juventude aí está perdida, né? (LGS 18FAC, L1047-1051)

Na seqüência da figura 4, temos uma divisão de ocorrências em que se observa o submodo epistêmico dividido em *irrealis* 3 e *irrealis-real* 2, de acordo com a projeção temporal. Isso significa que valores de probabilidade/crença podem ser referentes a uma situação do conhecimento do informante ou por ele experienciada ou, ainda, a uma situação cuja realização pode se confirmar ou não. Vejamos, respectivamente, dois casos.

- (6) Ent.: E mulher não pode, né?
 Não, [até vinte e cinco]- até vinte e cinco anos.
 Ent.: Eu sei, mas no Bombeiro?
 Mulher, não, até agora, não. Não foi.
 Ent.: Agora não existe-
 Não existe. **QUE EU SAIBA**, não. (FLP 19MAC, L1243)
- (7) Pois olha, eu não sei. É, isso aí eu acho que vai [até]- até que entre algum outro **QUE VÊ** que esse plano não está correto. É um que pode às vezes dar uma diferença, né? (LGS07MBP, L459)

Em (6), primeiramente o informante afirma que não existem mulheres trabalhando no grupo de Bombeiros, informação relativizada em seguida, pois pode ser que haja mulheres e o informante não tenha conhecimento. Em (7), as prováveis mudanças no plano financeiro dependem de um político que ainda seja eleito pelo povo e que perceba que o plano não apresentando contribuições. Temos, dessa forma, respectivamente, uma probabilidade/crença referente a uma situação que

pode estar acontecendo ou não (presença de mulheres nos Bombeiros) ou a uma situação que está por vir (eleição de um político que possa mudar o plano financeiro).

No extremo inferior direito do *continuum*, estão os casos de situações apresentadas como certas e sem projeção futura, os casos de *realis*-pressuposição 2, como ilustrado a seguir.

- (8) Como também eu acho que o problema da segurança [deveria]- Eu acho que as Forças Armadas Federais, **EMBORA** o objetivo delas não **É** esse, mas eu acho que nós pagamos as Forças Armadas pra estar apenas [no]- nos quartéis e eventuais mobilizações, eu acho que [numa]- na crise de segurança que nós nos encontramos, acho que o Exército e a Aeronáutica, a Marinha, [e o]- [e o]- deveriam vir para as ruas dar segurança realmente ao brasileiro, porque nós pagamos pra isso. [...] **EMBORA ACHO** [e]- e **CONCORDO** que as funções das Forças Armadas não são essas, mas numa crise maior de segurança, como está acontecendo, por exemplo, no Rio de Janeiro, eu acho que deveria, sem dúvida nenhuma- (FLP 21MBC, L609-626-627)

Uma análise geral da figura 4 aponta o seguinte: os valores associados ao *irrealis* 1 e ao *irrealis* 2 favorecem o presente do subjuntivo em oposição aos associados ao *irrealis-real* 2, ao *realis*-pressuposição 1 e ao *realis*-pressuposição 2, que tendem ao uso do presente do indicativo. No meio do caminho estão os casos de *irrealis* 3 (no fim do *continuum* com projeção futura) e os de *irrealis-real* 1 (no início do *continuum* com projeção espreada) com alguns resultados próximos. Dessa forma, os extremos parecem estar mais delimitados, diferentemente da parte intermediária, que pode pender mais para um lado ou outro, devido a efeitos de outros grupos de fatores.

4.1.2 Resultados das variáveis sintático-discursivas

A seguir, a tabela 21 exhibe resultados para os grupos de fatores de natureza sintático-discursiva, a saber: ‘estrutura da assertividade da oração’, ‘tipo de contexto sintático’ e ‘pessoa’.

Tabela 21

Atuação de variáveis de natureza sintático-discursiva sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1)

| VARIÁVEIS | LOCALIDADES | | | | | |
|--|----------------|-----------------|------------------------------|-----------------|----------------------|-----------------|
| | FLP/LGS | | Florianópolis ¹⁶⁷ | | Lages ¹⁶⁸ | |
| | Freq. | % PR | Freq. | % PR | Freq. | % PR |
| | Apl./Total | | Apl./Total | | Apl./Total | |
| Estrutura da assertividade da oração | | | | | | |
| (<i>Não</i>) <i>que (não)</i> ¹⁶⁹ | 07/07 | 100 – | 03/03 | 100 – | 04/04 | 100 – |
| NEG+AF | 46/66 | 69 0,755 | 20/33 | 60 (0,621) | 26/33 | 78 0,885 |
| Ind./coord. sem e com NEG ¹⁷⁰ | 21/31 | 67 0,680 | 14/23 | 60 (0,585) | 07/08 | 87 0,801 |
| <i>Não (é) (por)que (não)</i> | 11/22 | 50 0,562 | 04/13 | 30 (0,360) | 07/09 | 77 0,791 |
| AF+NEG/NEG+NEG | 27/53 | 50 0,490 | 15/30 | 50 (0,411) | 12/23 | 52 0,632 |
| AF+AF | 162/291 | 55 0,439 | 79/144 | 54 (0,530) | 83/147 | 56 0,347 |
| <i>Que eu lembre</i> | 04/08 | 50 0,026 | 01/04 | 25 (0,003) | 03/04 | 75 0,076 |
| Tipo de contexto sintático | | | | | | |
| Parentéticas | 11/15 | 73 0,980 | 04/07 | 57 (0,992) | 07/08 | 87 0,989 |
| Adverbiais | 63/109 | 57 0,579 | 33/62 | 53 (0,582) | 30/47 | 63 0,603 |
| <i>Talvez</i> | 29/46 | 63 0,514 | 18/33 | 54 (0,598) | 11/13 | 84 0,625 |
| Substantivas | 108/158 | 68 0,500 | 50/80 | 62 (0,411) | 58/78 | 74 0,527 |
| Adjéticas | 67/150 | 44 0,345 | 31/68 | 45 (0,363) | 36/82 | 43 0,298 |
| Pessoa¹⁷¹ | | | | | | |
| 2ª e 3ª [+/-animada] | 212/348 | 60 0,547 | 108/177 | 61 0,568 | 104/171 | 60(0,509) |
| 1ª pessoa | 59/110 | 53 0,355 | 27/66 | 40 0,325 | 32/44 | 72(0,466) |
| TOTAL | 278/478 | 58 0,623 | 136/250 | 54 0,557 | 142/228 | 62 0,684 |
| | | <i>input</i> | | <i>input</i> | | <i>input</i> |
| Significância | | 0,032 | | 0,040 | | 0,047 |

¹⁶⁷ Em Florianópolis, dentre as orações com *talvez*, há 3 dados com negação (2 no subjuntivo). Devido ao número de dados, amalgamamos os fatores.

¹⁶⁸ Em Lages, há apenas um dado de oração com *talvez* negada (nosubjuntivo), razão pela qual o amalgamamos com as orações com *talvez* sem negação.

¹⁶⁹ Esse fator corresponde às orações parentéticas com negação. O último fator da variável ‘assertividade’ corresponde às orações parentéticas sem negação. Além de *que eu lembre*, existem: *que eu lembro*, *que eu conheça* e *que eu saiba*.

¹⁷⁰ Para Florianópolis, esse fator corresponde à maioria das ocorrências com *talvez*. As orações com esse item não se reduzem a orações independentes ou coordenadas, podendo aparecerem orações subordinadas. Em Lages, todas as ocorrências com *talvez* estão em orações independentes ou coordenadas.

¹⁷¹ O número total de ocorrências para a variável ‘pessoa’ não corresponde ao total de ocorrências em cada rodada, pois os casos de sujeito oracional ou de oração sem sujeito foram codificados com a barra de não-aplicação.

A variável ‘assertividade da oração’ tem sido controlada em algumas pesquisas, com importantes resultados especialmente no que se refere à atuação da negação sobre o uso do subjuntivo (WHERRITT, 1997; ROCHA, 1997; OLIVEIRA, 2007; GUIRALDELLI, 2004; CARVALHO, 2007; ALMEIDA, 2010; BARBOSA, 2011)¹⁷².

Em uma análise geral da tabela 21, observamos que as ocorrências com (*não*) *que* (*não*), que correspondem às orações parentéticas, despontam como único fator de uso categórico de presente do subjuntivo em ambas as cidades. Ainda que sejam pouco numerosas as ocorrências, os resultados são interessantes, na medida em que essas mesmas orações parentéticas, desacompanhadas da negação, desfavorecem o uso do presente do subjuntivo em Florianópolis (0,003) e em Lages (0,076). O contexto das orações parentéticas é caracterizado pela possibilidade, pela não asserção, pelo uso de determinados verbos e uso exclusivo da 1ª pessoa do singular¹⁷³, motivo pelo qual decidimos mantê-lo separadamente a despeito do número de dados.

Uma análise geral da tabela 21 para Lages indica que a ausência de negação em qualquer oração desfavorece o uso do presente do subjuntivo. Assim, para os casos de afirmação em ambas as orações (matriz e subordinada) e de orações parentéticas (sem negação), encontramos os pesos de 0,347 e 0,076, respectivamente. Em contrapartida, o presente do subjuntivo mostra-se sensível à presença da negação. Porém, como muito bem destaca Rocha (1997), não somente a negação como também seu escopo deve ser considerado na análise.

A consideração do escopo da negação mostra-se relevante em Lages na comparação entre os casos de negação somente na matriz, de um lado, e, de outro, os casos de negação somente na subordinada junto com as ocorrências de negação em ambas as orações, com os respectivos pesos: 0,885 e 0,632. Também com peso elevado para o presente do subjuntivo estão as orações causais (0,791), conforme descrevem as gramáticas tradicionais, aqui separadas das demais orações subordinadas

¹⁷² Essas pesquisas têm, de uma forma geral, as ‘orações substantivas’ como contexto de análise. Almeida (2010) investiga, ainda, ‘orações concessivas’ introduzidas pela locução conjuntiva *ainda que* e Barbosa (2011) inclui em sua análise ocorrência com o item *talvez*.

¹⁷³ Para Palmer (1986), os casos de *não é que* configuram expressões estereotipadas. Conforme veremos adiante, na seção seguinte, as ocorrências de orações parentéticas nas amostras de Florianópolis e de Lages apresentam características muito específicas. Nesse sentido, acreditamos que por *expressões estereotipadas* possamos entender *construções gramaticalizadas*.

devido à especificidade da oração, procedimento adotado por outros pesquisadores, como Rocha (1997). Voltaremos a tratar desse tipo de oração adiante, na comparação com os resultados encontrados em Florianópolis.

Inesperado é o resultado para as orações independentes/coordenadas em Lages (0,801). Das 8 ocorrências, a negação aparece em apenas 1 caso. Se desconsiderássemos, portanto, esse dado, teríamos 6 casos de presente do subjuntivo de um total de 7 e todos sem negação, com percentual de 87%. Esse resultado parece indicar a força do item na retenção do presente do subjuntivo e parece contrariar a concepção normativa do subjuntivo como o modo da subordinação (ressalva apenas para o número de dados). Em Florianópolis, as orações independentes e coordenadas exibem percentual (60%) e peso relativo (0,585), mais baixos para o uso do presente do subjuntivo se comparados aos resultados encontrados em Lages. Retomaremos essa discussão na subseção destinada ao contexto específico de *talvez*, principalmente para investigarmos a origem do percentual diferenciado nas duas cidades.

Na comparação de resultados entre as duas cidades, destacamos as orações causais, identificadas na tabela 21 pelo fator *não(é)(por)que(não)*. Em Florianópolis, o presente do subjuntivo ocorre em 30% das ocorrências, com peso de 0,360; diferentemente, Lages apresenta um percentual de 77%, atingindo o peso de 0,791. Acreditamos que, nesse caso, a atuação de outro fator possa estar desfavorecendo o uso do presente do subjuntivo em Florianópolis. Decidimos, portanto, pelo cruzamento entre ‘assertividade da oração’ e ‘tipo de conector’. Em ambas as cidades, ocorrem três tipos de conjunções: *não é que*, *não que* e *não é porque*— a primeira de uso categórico de presente do subjuntivo em Lages (6/6) e a última de uso categórico de presente do indicativo em Florianópolis (0/4) e em Lages (0/1). Em Lages, soma-se a recorrência do verbo *ser* no presente do subjuntivo, ocorrendo em 5 dos 6 casos. Em Florianópolis, há mais ocorrências do conector que condiciona ao uso do presente do indicativo —*não é porque*. Parece, de fato, que o ‘tipo de conector’ exerce influência sobre o modo verbal.

Palmer (1986) destaca que o latim já previa o subjuntivo para os casos de oração causal com negação, o que não impedia o uso do indicativo. O autor ilustra o comentário com o conector *não porque*, e conector semelhante, *não é porque*, é denominada quase-clivada por Moura Neves (2000). Para a autora, em geral, esse tipo de oração causal é caracterizada pela anteposição em relação à matriz como estratégia de

focalização. Historicamente, portanto, já está previsto o uso do indicativo nesse tipo de contexto.

De uma forma geral, os dados indicam que, se houver negação na matriz, a tendência aponta para o uso do subjuntivo, diminuindo a preferência por esse modo verbal se não houver negação na matriz (ROCHA, 1997; GUIRALDELLI, 2004; CARVALHO, 2007; ALMEIDA, 2010; BARBOSA, 2011). Segundo Barbosa (2011, p. 71), a presença da “negação na matriz opera como atenuador da factualidade expressa, possibilitando, assim, o uso do modo subjuntivo mesmo em contextos prototípicos de uso do indicativo, como, por exemplo, com o verbo *achar*”.

Um outro grupo de fatores de natureza sintático-discursiva, o ‘tipo de contexto sintático’, também é selecionado em Florianópolis/Lages e em Lages. Dos cinco contextos de análise, as orações parentéticas condicionam fortemente o uso do presente do subjuntivo (0,980; 0,992; 0,989). Para Florianópolis/Lages e Lages, na sequência, estão as orações adverbiais (0,579; 0,603) e as orações com o item *talvez* (0,514; 0,625), com ordem de fatores inversa em Lages. Já as orações substantivas se situam próximo ao ponto neutro: 0,500; 0,527. Em Florianópolis, a ordem dos fatores se aproxima à de Lages. Nas rodadas de ambas as cidades, em conjunto ou isoladas, as orações adjetivas desfavorecem o presente do subjuntivo: 0,345 (Florianópolis/Lages), 0,363 (Florianópolis) e 0,298 (Lages).

Não esperávamos um peso relativo baixo para as substantivas, não só porque o percentual de uso do presente do subjuntivo nesse tipo de oração é elevado nas amostras de Florianópolis/Lages (68%) e Lages (74%), mas também porque algumas pesquisas realizadas com dados do português do Brasil apresentam resultados que evidenciam a força das orações substantivas como contexto preferencial de uso do subjuntivo (COSTA, 1990; ALVES NETA, 2000; FAGUNDES, 2007). Investigando o comportamento das orações substantivas no nível 1 das rodadas, observamos que o peso relativo para esse tipo de oração era superior ao das adverbiais. Entretanto, havendo interação com outros grupos de fatores, como ‘projeção temporal’ e ‘submodo’, o peso invertia. É provável que esteja havendo, portanto, sobreposição de fatores. Na seção seguinte, destinada à análise das ocorrências por contexto, teremos mais indícios para justificar o comportamento diferenciado entre ambas as cidades.

Para o grupo de fatores ‘pessoa’, selecionado nas rodadas de Florianópolis/Lages e de Florianópolis, os resultados apontam um desfavorecimento do presente do subjuntivo na 1ª pessoa (0,355 e 0,325,

respectivamente) e uma leve tendência para o presente do subjuntivo nas demais pessoas (0,547 e 0,568, respectivamente). Conforme mencionado no capítulo anterior, alguns pesquisadores apostam no envolvimento do falante para justificar o menor uso do subjuntivo (ROCHA, 1997; PIMPÃO, 1999c; SANTOS, 2005). Ainda que não tivéssemos expectativa para o controle da variável ‘pessoa’, os resultados encontrados se aliam aos resultados já confirmados em outras pesquisas. Ainda que a variável não tenha sido selecionada em Lages, os resultados, ao redor do ponto neutro, se aproximam dos anteriores: a 1ª pessoa desfavorece o presente do subjuntivo (0,466), sendo condicionado pelas demais pessoas (0,509).

De forma geral, os resultados referentes às variáveis de natureza sintático-discursiva se aproximam de resultados encontrados em outras pesquisas no Brasil, especialmente no que diz respeito à importância da negação na oração matriz no condicionamento do presente do subjuntivo. De acordo com alguns estudos, a 1ª pessoa tem desfavorecido o uso desse tempo/modo verbal. Da variável ‘tipo de contexto sintático’, as ‘orações substantivas’ na rodada de Florianópolis apresentam o peso mais elevado para o presente do subjuntivo (resultado já observado em vários estudos), diferentemente das rodadas de Lages e das duas cidades em conjunto, que revelam a ‘oração parentética’ como forte condicionador, fator até o momento não controlado nas pesquisas resenhadas no capítulo 1.

4.1.3 Resultados das variáveis de natureza morfológica e lexical

A seguir, a tabela 22 exhibe resultados para os grupos de fatores ‘morfologia verbal’ e ‘item verbal do dado’.

Na rodada entre Florianópolis e Lages, ‘morfologia verbal’ foi o segundo grupo de fatores selecionado, e o terceiro na rodada isolada de Florianópolis. A variável em questão não foi selecionada na rodada com as entrevistas dos dados de Lages.

Conforme observamos na tabela 22, para a rodada entre Florianópolis e Lages e somente para Florianópolis, os resultados referentes à variável ‘morfologia verbal’ apontam para o condicionamento dos verbos regulares e irregulares no uso do presente do subjuntivo (0,571 e 0,583), diferentemente dos verbos anômalos (0,407 e 0,396), esses com tendência, portanto, para o uso do presente do indicativo. Ainda que a variável em questão não tenha sido selecionada na rodada com os dados de Lages, os resultados encontrados aproximam-se dos anteriores: 0,650 para os verbos regulares e

irregulares reunidos em um único fator, e 0,296 para os verbos anômalos.

Tabela 22

Atuação das variáveis ‘morfologia verbal’ e ‘item verbal do dado’ sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1)

| VARIÁVEIS | LOCALIDADES | | | | | |
|----------------------------|----------------|-----------------|----------------|-----------------|----------------|-----------------|
| | FLP/LGS | | FLP | | LGS | |
| | Freq. | %PR | Freq. | %PR | Freq. | %PR |
| | Apl./Total | Apl./Total | Apl./Total | Apl./Total | Apl./Total | Apl./Total |
| Morfologia verbal | | | | | | |
| Regular e irregular | 179/272 | 65 0,571 | 87/139 | 62 0,583 | 92/133 | 69(0,650) |
| Anômalo | 99/206 | 48 0,407 | 49/111 | 44 0,396 | 50/95 | 52(0,296) |
| Item verbal do dado | | | | | | |
| <i>Dar</i> | 14/16 | 87(0,813) | 08/09 | 88(0,894) | 06/07 | 85 0,905 |
| <i>Poder</i> | 16/18 | 88(0,749) | 02/04 | 50(0,144) | 14/14 | 100 – |
| <i>Vir</i> | 13/20 | 65(0,719) | 06/11 | 54(0,728) | 07/09 | 77 0,685 |
| <i>Fazer</i> | 12/15 | 80(0,656) | 07/08 | 87(0,796) | 05/07 | 71 0,669 |
| <i>Estar</i> | 13/28 | 46(0,588) | 07/13 | 53(0,774) | 06/15 | 40 0,358 |
| <i>Ir</i> | 16/27 | 59(0,519) | 09/17 | 52(0,661) | 07/10 | 70 0,362 |
| <i>Ser</i> | 44/85 | 51(0,486) | 22/50 | 44(0,253) | 22/35 | 62 0,614 |
| outros verbos | 128/205 | 62(0,460) | 64/106 | 60(0,537) | 64/99 | 64 0,487 |
| <i>Querer</i> | 03/11 | 27(0,379) | 03/07 | 42(0,562) | 0/04 | 0 – |
| <i>Ter</i> | 12/44 | 27(0,317) | 05/20 | 25(0,269) | 07/24 | 29 0,266 |
| <i>Saber</i> | 07/09 | 77(0,312) | 03/05 | 60(0,285) | 04/04 | 100 – |
| TOTAL | 278/478 | 58 0,623 | 136/250 | 54 0,557 | 142/228 | 62 0,684 |
| | | <i>input</i> | | <i>input</i> | | <i>input</i> |
| Significância | | 0,032 | | 0,040 | | 0,047 |

Os resultados para ‘morfologia verbal’, na medida em que contrariam nossa expectativa, também se aproximam dos encontrados por Rocha (1997) e Santos (2005), cuja hipótese também não foi confirmada: o condicionamento do subjuntivo pelos verbos anômalos. Diferentemente do que esperávamos, os verbos anômalos desfavorecem o uso do presente do subjuntivo. Nos termos de Bybee (2001, 2003), nossa expectativa era de que os verbos anômalos, por envolverem um maior nível de complexidade, se tornassem formas mais automatizadas.

Com relação à variável ‘item verbal do dado’, a tabela 22 apresenta resultados dispersos, muitos dos quais com percentuais aproximados e número pouco expressivo de ocorrências. Considerando que a variável objetiva verificar a atuação do item verbal no condicionamento do presente do subjuntivo, procuramos realizar poucos

amalgamas. Alguns verbos, como *lembrar* e *gostar*, foram amalgamados, seja pela baixa ocorrência ou nocaute. Tendo em vista que os resultados exibidos na tabela 22 são pouco esclarecedores, decidimos investigar com mais cautela os resultados de Lages, pois foi na rodada dessa cidade que a variável foi selecionada.

Em uma análise geral dos resultados de Lages, o verbo *ser* desponta como o mais frequente, com 35 ocorrências, 22 das quais com o presente do subjuntivo. Conforme veremos na seção seguinte, na rodada com as orações adverbiais, o ‘item verbal do dado’ recebeu significância estatística nessa cidade. Decidimos, portanto, realizar duas rodadas com todas as ocorrências de Lages com vistas a verificar se as ‘orações adverbiais’ e/ou o verbo *ser* teriam interferência na seleção do ‘item verbal do dado’ na rodada geral. Ao excluirmos as ‘orações adverbiais’ do conjunto de dados, através do comando *nil*, o ‘item verbal do dado’ não foi selecionado. Em uma segunda rodada, as ‘orações adverbiais’ são novamente consideradas, porém as ocorrências com o verbo *ser* são excluídas, também através do comando *nil*. E novamente o ‘item verbal do dado’ não foi selecionado. Dessa forma, retomaremos a discussão acerca dessa variável ao tratarmos das ‘orações adverbiais’ na seção seguinte.

Quanto ao ‘item verbal do dado’, os resultados da rodada geral, especificamente para Lages, devem ser interpretados como indícios de que maiores informações devem ser buscadas nas rodadas por contexto de análise.

4.1.4 Resultados das variáveis sociais

A tabela 23 apresenta resultados para as variáveis ‘escolaridade’ e ‘sexo’. Conforme veremos, o único grupo de fatores de natureza social a ser selecionado nas diversas rodadas que realizamos foi a ‘escolaridade’, na direção de nossa expectativa acerca da importância da instrução formal no uso do presente do subjuntivo.

Estudos têm revelado um comportamento diferenciado para a variável ‘escolaridade’, provavelmente porque outras variáveis podem estar atuando conjuntamente. Por exemplo, em algumas pesquisas, resultados indicam que o uso do subjuntivo acompanha o grau de escolaridade (WHERRITT, 1977; PIMPÃO, 1999c¹⁷⁴; ALVES NETA, 2000; ALVES, 2009¹⁷⁵). Em outras, os informantes sem escolaridade

¹⁷⁴ Resultado para as orações com *talvez*.

¹⁷⁵ Resultado para as orações completivas em Muriaé e para as orações adjetivas em Feira de Santana.

usam mais o subjuntivo (MEIRA, 2006; CARVALHO, 2007). Outros resultados ainda apontam os informantes com grau de escolaridade intermediário (ROCHA, 1997; SANTOS, 2005; BARBOSA, 2011) e os informantes com elevado grau de escolaridade como aqueles que menos usam o modo subjuntivo (ALVES, 2009)¹⁷⁶. E ainda há pesquisas cujos resultados mostram-se aproximados entre todos os graus de escolaridade (FAGUNDES, 2007). Alguns fatores podem interferir nessa diferença de resultados, como a constituição do banco de dados e o perfil dos informantes (PIMPÃO, 2011).

Vejamos os resultados para as variáveis ‘escolaridade’ e ‘sexo’.

Tabela 23

Atuação das variáveis sociais ‘escolaridade’ e ‘sexo’ sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1)

| VARIÁVEIS SOCIAIS | LOCALIDADES | | | | | |
|----------------------|---------------------|----------------|---------------------|----------------|---------------------|----------------|
| | FLP/LGS | | FLP | | LGS | |
| | Freq. Apl./Total | %PR | Freq. Apl./Total | %PR | Freq. Apl./Total | %PR |
| Escolaridade | | | | | | |
| Colegial | 112/169 | 66,611 | 57/91 | 62,594 | 55/78 | 70,386 |
| Primário/ginasial | 166/309 | 53,439 | 79/159 | 49,446 | 87/150 | 58,386 |
| Sexo | | | | | | |
| Masculino | 155/254 | 61(0,542) | 78/129 | 60,568 | 77/125 | 61(0,526) |
| Feminino | 123/224 | 54(0,453) | 58/121 | 47,0427 | 65/103 | 63(0,469) |
| TOTAL | 278/478 | 58,0623 | 136/250 | 54,0557 | 142/228 | 62,0684 |
| | | <i>input</i> | | <i>input</i> | | <i>input</i> |
| Significância | | 0,032 | | 0,040 | | 0,047 |

De acordo com a tabela, o maior grau de escolaridade, o colegial, favorece o uso do presente do subjuntivo, atuação que decresce de acordo com os demais níveis: ginasial e primário. Considerando os percentuais aproximados para esses dois últimos níveis¹⁷⁷, decidimos proceder a rodadas amalgamando-os, o que não afetou, entretanto, a seleção dos grupos de fatores. Esse procedimento reuniu primário e ginasial, que, juntos, obtiveram um peso de 0,439; 0,446 e 0,386 em

¹⁷⁶ Resultado para orações adjetivas em Muriaé.

¹⁷⁷ O percentual para primário e ginasial, na rodada entre Florianópolis e Lages, é o mesmo: 53%. Para Florianópolis, temos: 49% e 50%. Já em Lages, encontramos, respectivamente, 57% e 58%.

contraste com 0,611; 0,594 e 0,709 para colegial, respectivamente, em Florianópolis/Lages, Florianópolis e Lages.

Quanto ao grupo de fatores ‘sexo’, selecionado apenas em Florianópolis, os resultados indicam um leve favorecimento do presente do subjuntivo na fala dos homens (0,568). Conforme apresentado no capítulo anterior, não tínhamos hipótese para essa variável, principalmente por acreditarmos que o presente do subjuntivo não seja um fenômeno identificado na fala de homens ou de mulheres. Na rodada que reúne as duas cidades, observamos uma leve tendência também ao uso do presente do subjuntivo pelos homens (0,542) e uma diferença menos sutil Lages – (0,526).

À semelhança do que ocorre com a variável ‘escolaridade’, para o grupo de fatores ‘sexo’ também há resultados diversos a depender da pesquisa. Seguindo a hipótese clássica, as mulheres preservam o modo subjuntivo, conforme também apontam resultados dos estudos desenvolvidos por Costa (1990), Meira (2006) e Alves (2009)¹⁷⁸. Resultados contrários à hipótese clássica indicam que os homens usam mais o modo subjuntivo em contextos específicos (MEIRA, 2006; PIMPÃO, 1999c; ALVES, 2009¹⁷⁹). Em outras pesquisas, não há diferença significativa entre o comportamento linguístico de homens e mulheres (ROCHA, 1997; SANTOS, 2005; FAGUNDES, 2007; CARVALHO, 2007; ALMEIDA, 2010). Nesta tese, em termos percentuais, os resultados para Florianópolis contrariam a hipótese clássica, pois os homens usam mais o presente do subjuntivo (60%) do que as mulheres (47%). Em contrapartida, em Lages, os resultados são próximos: mulheres com 63% e homens com 61%.

Nossa hipótese era de que não haveria diferença significativa entre homens e mulheres e, nesse caso, os resultados de Lages corroboram nossa expectativa. Em contrapartida, o padrão diferenciado de Florianópolis aponta o presente do subjuntivo sendo mais usado pelos homens, resultado que contraria a hipótese clássica dos estudos sociolinguísticos, segundo a qual as mulheres tendem a preservar a variante padrão, e que não atesta nossa hipótese. Esperávamos que as mulheres usassem mais o presente do subjuntivo inclusive naqueles

¹⁷⁸ Na pesquisa de Meira (2006), as mulheres usam mais o modo subjuntivo em contexto de orações substantivas e, no estudo desenvolvido por Alves (2009), em contexto de orações relativas de Feira de Santana.

¹⁷⁹ A variável ‘sexo’ foi selecionada na rodada referente às orações adjetivas (MEIRA, 2006), às orações substantivas (PIMPÃO, 1999c) e às orações completivas e relativas de Muriaé (ALVES, 2009).

contextos em que as gramáticas prevêm o emprego do indicativo: orações com o item *talvez*, orações concessivas introduzidas pelo conector *embora* e verbos epistêmicos. Para testar essa correlação com os ambientes sintáticos, realizamos algumas rodadas alternativas. Primeiramente, cruzamos a variável ‘sexo’ com o ‘tipo de contexto sintático’ e observamos que, à exceção das ‘orações parentéticas’, os homens usam mais o presente do subjuntivo nos demais contextos. Também cruzamos a variável ‘sexo’ com ‘item verbal da matriz’ (para as orações substantivas) e, posteriormente, com ‘tipo de conector adverbial’. A despeito do escasso número de dados, os homens usam mais o presente do subjuntivo, mesmo quando as gramáticas admitem o indicativo, porém com alteração de valor de certeza.

Na tentativa de compreender os resultados inesperados para Florianópolis, realizamos outro cruzamento, agora entre as variáveis ‘sexo’ e ‘projeção temporal’. Os resultados indicam que, na fala dos homens, há mais contextos de projeção futura com presente do subjuntivo (84%) se comparado às mulheres (60%), bem como mais contextos de projeção espaiada (51%) contra 44%. Na sequência, procedemos a uma rodada estatística desconsiderando o grupo de fatores ‘projeção temporal’, entretanto, a variável ‘sexo’ foi selecionada, indicando que não há efeito entre ambas. Por fim, analisando o uso de presente do subjuntivo por informante (cf. anexo B), observamos que a frequência mais significativa de uso desse tempo/modo verbal está na fala de um informante do sexo masculino (n° 21 no anexo B) e que a correlação entre frequência elevada e percentual mais alto também está na fala de um homem (n° 19 no anexo B¹⁸⁰).

Nesse sentido, mais duas rodadas foram realizadas, excluindo um informante por vez. Na primeira, excluímos o informante 21, diminuindo o total de dados de 250 para 221. Na segunda rodada, excluímos o informante 19, que não altera tanto o número de dados: 238. Em ambas as rodadas, a variável ‘sexo’ não obteve relevância estatística, da mesma forma que ‘escolaridade’, anteriormente discutida. As demais variáveis, de natureza linguística, se mantiveram: ‘projeção temporal’, ‘pessoa’ e ‘morfologia verbal’. O controle do informante como uma variável independente parece sugerir algum esclarecimento dos resultados. Entretanto, não excluímos a possibilidade das variáveis ‘sexo’ e ‘escolaridade’ não terem sido selecionadas devido à própria diminuição do número de dados.

¹⁸⁰ Os dois informantes de Florianópolis frequentaram o colegial.

Como o grupo de fatores ‘escolaridade’ não é selecionado na rodada com as ocorrências de Florianópolis se excluídos dois informantes homens e com colegial, julgamos pertinente analisar com mais cautela os resultados de Lages. Conforme pode ser observado no anexo B, o informante 18 atinge o percentual mais elevado para o uso do presente do subjuntivo (91%) e o informante 21 também apresenta um alto percentual dessa variante associado a uma das frequências mais elevadas¹⁸¹. Considerando que os dados desses informantes poderiam enviesar os resultados, procedemos a mais três rodadas: a primeira excluindo o informante 18; a segunda, o 21; a terceira, ambos. Nessas três rodadas, a variável ‘escolaridade’ foi selecionada, indicando que esses informantes não comprometem a seleção estatística¹⁸².

Em um primeiro momento, os resultados gerais indicam a relevância estatística de duas variáveis de natureza social: ‘escolaridade’ e ‘sexo’. Uma investigação mais cuidadosa para esclarecer um resultado inesperado – os homens usam mais presente do subjuntivo em Florianópolis – nos revelou que, nessa cidade, as variáveis sociais não obtêm significância estatística se excluídos dois informantes. Relendo, portanto, a tabela 23, talvez se possa afirmar que a variável ‘escolaridade’ somente tem relevância estatística em Lages.

4.1.5 Variáveis sem relevância estatística

Nesta última subseção da seção 4.1, comentamos os resultados para as duas variáveis não selecionadas nas rodadas: ‘saliência fônica’ e ‘idade’. Fazendo coro às hipóteses de Rocha (1997), Pimpão (1999c) e Santos (2005), esperávamos que a máxima diferenciação fonética constituísse fator condicionante ao uso do presente do modo subjuntivo. Entretanto, os resultados indicam o contrário: a máxima diferenciação desfavorece o uso dessa variante, conforme apontam os P.R. extraídos do nível 1 do *stepdown* associados aos respectivos percentuais: 0,527/52% (Florianópolis/Lages), 0,668/45% (Florianópolis) e 0,303/60% (Lages). A maior complexidade que envolve a máxima diferenciação parece constituir ambiente de entrada do presente do

¹⁸¹ O informante 18 é uma mulher, com idade entre 24 e 49 anos e tem o colegial, e o informante 21 é uma mulher, com mais de 50 anos e tem o colegial.

¹⁸² Excluídos os informantes 18 e 21 de duas rodadas, obtivemos os seguintes percentuais para homens e mulheres: 58% e 47%, e os percentuais de 59% para primário/ginásio e 49% para colegial.

indicativo. Em Florianópolis, entretanto, a máxima diferenciação favorece o presente do subjuntivo: 0,668, com o percentual de 45%.

A segunda variável não selecionada pelo programa Goldvarb é de natureza social: ‘idade’. Os resultados estão próximos ao ponto neutro: os informantes mais velhos usam mais o presente do subjuntivo, conforme mostram os P.R. retirados do nível 1 do *stepdown* associados aos respectivos percentuais: 0,542/61% (Florianópolis/Lages), 0,532/58% (Florianópolis) e 0,524/65% (Lages). O controle de uma terceira faixa etária nas rodadas com as ocorrências da cidade de Florianópolis pode contribuir para a seleção estatística do grupo de fatores ‘idade’ (cf. seção 4.3 deste capítulo).

4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS POR CONTEXTO DE ANÁLISE: amostras de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1)

Nesta seção, ainda como um desdobramento da análise referente à amostra 1, discutimos resultados decorrentes das rodadas estatísticas por contexto de análise para Florianópolis e Lages, consideradas em conjunto e isoladas. Optamos por iniciar a análise e discussão dos resultados com as orações subordinadas – substantivas, adverbiais e adjetivas – por serem mais numerosas na amostra. Na sequência, tratamos das ‘orações com *talvez* e, por fim, das ‘orações parentéticas’.

4.2.1 Orações substantivas

Após eliminação de nocautes e realização de amálgamas, chegamos à rodada de que resultaram os pesos apresentados na tabela 24 a seguir. As seguintes variáveis foram selecionadas na rodada conjunta das duas cidades: traço semântico do item verbal/nominal da oração substantiva, pessoa, item verbal/nominal da oração substantiva e estrutura da assertividade da oração. Em Florianópolis foram três grupos de fatores: pessoa, item verbal/nominal da oração substantiva e projeção temporal da situação codificada. Também três grupos receberam significância estatística em Lages: estrutura da assertividade da oração, traço semântico do item verbal/nominal da oração substantiva e saliência fônica. No intuito de contribuir com a visualização dos resultados, optamos por distribuí-los em duas tabelas: a primeira apresenta os resultados para as variáveis específicas do contexto de oração substantiva e, na sequência, a tabela para os resultados referentes às demais variáveis selecionadas.

Tabela 24

Atuação das variáveis específicas sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* no contexto de orações substantivas nas ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1)

| VARIÁVEIS ESPECÍFICAS | LOCALIDADES | | | | | |
|--|-------------|----------|------------|-----------|------------|-----------|
| | FLP/LGS | | FLP | | LGS | |
| | Freq. | %PR | Freq. | %PR | Freq. | %PR |
| | Apl./Total | | Apl./Total | | Apl./Total | |
| Traço semântico do item verbal/nominal da oração substantiva ¹⁸³ | | | | | | |
| Bicondicional | 14/14 | 100 – | 06/06 | 100 – | 08/08 | 100 – |
| Implicativo | 10/10 | 100 – | 03/03 | 100 – | 07/07 | 100 – |
| Bicondicional negativo | 02/02 | 100 – | 02/02 | 100 – | – | – |
| Não-factivo volitivo | 45/48 | 93 0,940 | 21/23 | 91(0,864) | 24/25 | 96 0,915 |
| Factivo emotivo-avaliat. | 07/13 | 53 0,449 | 01/06 | 16(0,109) | 06/07 | 85 0,787 |
| Não-factivo não-volitivo | 19/27 | 70 0,436 | 07/13 | 53(0,415) | 12/14 | 85 0,787 |
| Performativo | 05/10 | 50 0,380 | 05/10 | 50(0,378) | – | – |
| Pred. indif. de opinião | 06/33 | 18 0,028 | 05/16 | 31(0,217) | 01/17 | 05 0,006 |
| Item verbal/nominal da oração substantiva ¹⁸⁴ | | | | | | |
| V-categórico ¹⁸⁵ | 71/71 | 100 – | 28/28 | 100 – | 43/43 | 100 – |
| <i>Imaginar</i> | 01/03 | 33 0,932 | 01/03 | 33 0,945 | – | – |
| <i>Acreditar</i> | 03/16 | 18 0,769 | 02/04 | 50 0,182 | 01/12 | 08(0,083) |
| <i>Pensar</i> | 02/13 | 15 0,744 | 02/09 | 22 0,165 | 0/04 | 0 – |
| <i>Precisar</i> | 01/02 | 50 0,665 | 01/02 | 50 0,433 | – | – |
| <i>Querer</i> | 23/28 | 92 0,628 | 12/16 | 92 0,927 | 11/12 | 91(0,917) |
| <i>Deixar</i> | 01/07 | 14 0,140 | 01/06 | 160,145 | 0/01 | 0 – |
| <i>Esperança</i> | 03/04 | 75 0,031 | 01/02 | 50 0,061 | 02/02 | 100 – |
| <i>Dizer</i> ¹⁸⁶ | 02/07 | 28 0,016 | 02/07 | 28 0,353 | – | – |

¹⁸³ Da variável ‘traço semântico do verbo/nome’, este dado não foi codificado: “Sou genioso, como eu falei pra você agora. Pode até o cara me provocar ali, na hora eu, sei lá, me vier na cabeça que eu **TENHO** que dar um soco na cara, nunca andei armado, (quer dizer), eu não posso dizer: “Ó, vou te dar uma facada ou um tiro”, não. Porque eu nunca andei armado.” (FLP 02MAP, L648)

¹⁸⁴ Em Florianópolis, o mesmo dado apresentado na nota de rodapé anterior não foi codificado. Em Lages, foi o seguinte: A tropeada é um monte de cargueiro no caso, vou falar bem o linguajar, né? é que você **ENCILHE** umas três, quatro mulas e sai para os campos. (LGS 19MAC, L27)

¹⁸⁵ O código *V-categórico* indica que determinados verbos/nomes são de uso categórico de presente do subjuntivo, tais como: *desejar, esperar, fazer com que, gostar, merecer, pedir, permitir, poder ser que, preferir, pretender, obrigar, ser importante, ser melhor, ser possível e torcer*.

¹⁸⁶ Em Florianópolis/Lages, os fatores da variável ‘item verbal/nominal da matriz’ obtiveram os seguintes pesos no nível 1 da rodada: *querer* (0,921), *esperança* (0,732), *precisar* (0,504), *imaginar* (0,337), *dizer* (0,289), *acreditar*

| | | | | | | | | | |
|-----------------------------|----------------|-----------|--------------|--------------|-----------|--------------|--------------|-----------|--------------|
| V-categórico ¹⁸⁷ | 0/05 | 0 | – | 0/02 | 0 | – | 0/03 | 0 | – |
| TOTAL | 108/158 | 68 | 0,475 | 50/80 | 62 | 0,599 | 58/78 | 74 | 0,742 |
| | <i>input</i> | | | <i>input</i> | | | <i>input</i> | | |
| Significância | 0,021 | | | 0,012 | | | 0,002 | | |

Das pesquisas resenhadas no capítulo 2, a desenvolvida por Botelho Pereira (1974) tem sido referência para pesquisadores no que se refere à categorização do traço semântico do verbo da oração substantiva. Rocha (1997) parte da distribuição de Botelho Pereira (1974) e propõe uma subdivisão: os verbos não-factivos são subdivididos em volitivos e não-volitivos, bem como os verbos factivos em emotivos e não-emotivos. Essa caracterização é seguida por Santos (2005) e Oliveira (2007) e, de uma forma aproximada, por Carvalho (2007).

Com relação aos resultados apresentados na tabela 24, destacamos o uso categórico do presente do subjuntivo sob o escopo de:

- a) verbos bicondicionais (*poder ser que*) – “se negados, implicam que a oração subordinada expressa uma proposição falsa [...] as asserções afirmativas correspondentes não acarretam nenhuma implicação definida, nem positiva, nem negativa” (BOTELHO PEREIRA, 1974, p. 110);
- b) verbos implicativos (*fazer com que*) – “quando afirmados, implicam que a oração subordinada é verdadeira. Quando negados, implicam que a subordinada é falsa” (BOTELHO PEREIRA, 1974, p. 107). Lembramos aqui a predição givoniana de que o subjuntivo tende a aparecer na fraca manipulação (GIVÓN, 1995, 2001). Nesse sentido, o verbo *fazer com que* parece constituir um exemplo de verbo de forte manipulação e que mostra, pelo menos nas amostras de Florianópolis e Lages, uso categórico de presente do subjuntivo.
- c) verbos bicondicionais negativos (*haver dúvida*) – “acarretam implicação positiva de verdade na oração subordinada quando

(0,190), *pensar* (0,156) e *deixar* (0,145). No nível 2, ao interagirem com o grupo ‘traço semântico do item verbal/nominal da matriz’, os pesos se alteram, distorcendo os resultados, conforme se observa na tabela 24.

¹⁸⁷ O código *V-categórico* na última posição indica uso categórico de presente do indicativo sob o escopo de verbos/nome como: *concordar, crer e ser pena*.

negados; mas não acarretam nenhuma implicação **definida**, quando afirmados” (BOTELHO PEREIRA, 1974, p. 111).

Diferentemente de nossa expectativa, o presente do subjuntivo é categórico quando sob o escopo desses três traços. Entretanto, havendo variação, são os verbos não-factivos¹⁸⁸ volitivos que favorecem o uso dessa variante, conforme nossa hipótese, concentrando, inclusive, um número significativo de dados. Na rodada que reúne Florianópolis e Lages, este fator obteve o peso de 0,940, próximo ao peso de Florianópolis (0,864) e de Lages (0,915). Dentre os demais resultados, destacamos que o presente do subjuntivo é desfavorecido pelos verbos com o traço ‘indiferente de opinião’, tais como *acreditar* e *imaginar*. Para Moura Neves (2000), verbos de atitude mental, tais como *achar*, *acreditar*, *crer*, *imaginar*, *pensar* e *supor* conduzem ao indicativo.

Com relação ao segundo grupo de fatores, ‘item verbal/nominal da oração substantiva’, pesquisadores têm se voltado para uma análise mais atenta dos dados. Wherritt (1977), por exemplo, constata que o subjuntivo se mostra categórico sob o escopo de determinados verbos de opinião (*duvidar*), porém varia sob o escopo de outros (*acreditar*). Da mesma forma, Almeida (2010) observa índices de variação diferenciados a depender do verbo da matriz.

Situação semelhante à apresentada pelas autoras é observada na tabela 24. O presente do subjuntivo é categórico sob o escopo de verbos que, de uma forma geral, são implicativo e não-factivos (não)volitivos. Dentre os volitivos, o verbo *querer* é o mais recorrente e, em termos percentuais, constitui ambiente preferencial ao uso do presente do subjuntivo. Os verbos de opinião, por outro lado, apresentam um baixo percentual para essa variante, ainda que, em termos probabilísticos, mostrem-se fortes condicionadores do presente do subjuntivo, pelo menos na rodada com as duas cidades reunidas. Ressaltamos que muitos pesos não acompanham o percentual devido à sobreposição de fatores: uma consulta às rodadas mostrou que alguns resultados são influenciados quando da interação das variáveis ‘traço semântico’ e ‘item verbal/nominal da oração substantiva’.

¹⁸⁸ Segundo Botelho Pereira (1974, p. 101), os verbos não-factivos são definidos como aqueles que “não permitem atribuir-se um valor de verdade definido à oração subordinada”, tais como: esperar, pretender e querer (volitivos) e deixar, pedir e permitir (não-volitivos).

Passamos, agora, à análise e discussão das demais variáveis que obtiveram relevância estatística na rodada com as ocorrências de orações substantivas.

Tabela 25

Atuação das variáveis selecionadas sobre o uso de *presente do modo subjuntivo* no contexto de orações substantivas nas ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1)

| VARIÁVEIS | LOCALIDADES | | | | | |
|---|----------------|-----------------|--------------|-----------------|--------------|----------------------|
| | FLP/LGS | | FLP | | LGS | |
| | Freq. | %PR | Freq. | %PR | Freq. | %PR |
| | Apl./Total | | Apl./Total | Apl./Total | | |
| Pessoa ¹⁸⁹ | | | | | | |
| 2ª e 3ª pessoas | 89/116 | 76 0,556 | 43/56 | 76 0,752 | 46/60 | 76 (0,472) |
| 1ª pessoa | 19/37 | 51 0,330 | 07/23 | 30 0,063 | 12/14 | 85 (0,619) |
| Estrutura da assertividade da oração | | | | | | |
| NEG+AF | 14/19 | 73 0,970 | 06/11 | 54 (0,418) | 08/08 | 100 – |
| AF+NEG/NEG+NEG | 12/15 | 80 0,499 | 06/09 | 66 (0,545) | 06/06 | ¹⁹⁰ 100 – |
| AF+AF | 82/124 | 66 0,370 | 38/60 | 63 (0,508) | 44/64 | 68 – |
| Projeção temporal da situação codificada | | | | | | |
| Projeção futura | 64/78 | 82 (0,661) | 30/40 | 75 0,774 | 34/38 | 89 (0,709) |
| Projeção espraiada | 44/80 | 55 (0,343) | 20/40 | 50 0,226 | 24/40 | 60 (0,301) |
| Saliência fônica ¹⁹¹ | | | | | | |
| Mínima e média | 93/130 | 71(0,534) | 45/68 | 66 (0,538) | 48/62 | 77 0,364 |
| Máxima | 15/28 | 53(0,346) | 05/12 | 41 (0,298) | 10/16 | 62 0,897 |
| TOTAL | 108/158 | 68 0,475 | 50/80 | 62 0,599 | 58/78 | 74 0,742 |
| | | <i>input</i> | | <i>input</i> | | <i>input</i> |
| Significância | | 0,021 | | 0,012 | | 0,002 |

Conforme observado na tabela 25, resultados referentes ao grupo de fatores ‘pessoa’ para as rodadas de Florianópolis e Lages em conjunto e Florianópolis isolada apontam a 3ª pessoa como

¹⁸⁹ O número total de ocorrências para o grupo de fatores ‘pessoa’ não corresponde ao total da amostra, pois os casos de sujeito inexistente e de sujeito oracional foram codificados com o símbolo correspondente à não-aplicação.

¹⁹⁰ Ao contrário de Florianópolis, em Lages, somente há ocorrências de ‘afirmação na matriz e negação na subordinada’.

¹⁹¹ Os fatores ‘mínima saliência’ e ‘média saliência’ foram amalgamados devido à proximidade no percentual. Para Florianópolis/Lages são os seguintes percentuais: mínima (71%), média (73%) e máxima (53%); para Florianópolis, são estes: mínima (64%), média (75%) e máxima (41%); para Lages: mínima (79%), média (71%) e máxima (62%).

condicionadora do presente do subjuntivo: 0,556 e 0,752, respectivamente, resultados semelhantes aos encontrados na rodada geral (cf. seção 4.1 deste capítulo). A rodada com as ocorrências de Lages, repetindo resultados da rodada geral, indica que a 1ª pessoa favorece o uso da variante, com o peso de 0,619.

No que diz respeito à variável ‘assertividade’, a rodada em conjunto das duas cidades evidencia, de forma clara, a importância da presença da negação na oração matriz no condicionamento do presente do subjuntivo. Nas rodadas por cidade, destacamos os resultados para o fator ‘afirmação na matriz e na subordinada’, que, à semelhança do que ocorre na rodada que reúne Florianópolis e Lages, desfavorece o uso da variante em análise, confirmando resultados anteriores. Vejamos, então, os resultados.

Sobre a variável ‘projeção temporal’, novamente os resultados atestam nossa hipótese de que o presente do subjuntivo seria condicionado pela projeção futura: 0,661 (Florianópolis/Lages), 0,774 (Florianópolis) e 0,709 (Lages). Para a última variável selecionada, ‘saliência fônica’, os resultados relativos à rodada de Lages atestam nossa hipótese de que a máxima diferenciação fonológica favoreceria o uso do presente do subjuntivo (0,897).

Desta primeira rodada por contexto de análise, destacamos a importância de duas das três variáveis específicas controladas. O grupo de fatores ‘traço semântico’ é tão poderoso que impediu a seleção estatística das três variáveis associadas à modalidade. A título de ilustração, em uma rodada com as ocorrências de ambas as cidades em conjunto, a variável ‘valores do submodo’ é selecionada desde que o grupo de fatores ‘traço semântico’ seja desconsiderado, mas, ainda assim, somente na terceira posição. Desponta em primeiro lugar na seleção a variável ‘item verbal/nominal da oração substantiva’.

4.2.2 Orações adverbiais

Após eliminação de nocautes e realização de amálgamas, chegamos às rodadas de que resultaram os pesos apresentados na tabela a seguir. Em Florianópolis/Lages, somente uma variável foi selecionada: valores do submodo; em Lages, foram três: valores do submodo, idade e item verbal do dado. Em Florianópolis, o percurso metodológico foi um pouco diferente. Já no primeiro amálgama, o programa estatístico selecionou as variáveis ‘valores do submodo’, ‘sexo’ e ‘estrutura da assertividade da oração’, que se mantiveram em cinco das nove rodadas realizadas com outros amálgamas. Da variável ‘sexo’, é preciso destacar que os homens usam mais presente do subjuntivo (62%) em comparação

às mulheres (40%). Considerando que um informante produz 25% das ocorrências de variação, usando o presente do subjuntivo em 56%, decidimos excluir as ocorrências por ele produzidas na rodada seguinte. Foram, então, selecionadas as seguintes variáveis: valores do submodo e pessoa. Dada a diferença nas variáveis selecionadas, motivada pela eliminação das ocorrências produzidas por esse informante, realizamos todo o processo de rodadas novamente, desde o primeiro amálgama. Já a partir do primeiro amálgama, as variáveis ‘valores do submodo’ e ‘pessoa’ foram selecionadas, mantendo-se nas demais rodadas na mesma ordem de significância. Os resultados para Florianópolis, apresentados na tabela a seguir, decorrem da última dessas rodadas. Optamos, novamente, por apresentar os resultados em duas tabelas: primeiramente, exibimos os resultados para as variáveis concernentes à modalidade e, na sequência, para as demais variáveis.

Tabela 26

Atuação das variáveis concernentes à modalidade sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* no contexto de orações adverbiais nas ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1)

| VARIÁVEIS CONCERNENTES À MODALIDADE | LOCALIDADES | | | | | |
|---|---------------|-----------------|--------------------|-----------------|--------------|-----------------|
| | FLP/LGS | | FLP ¹⁹² | | LGS | |
| | Freq. | %PR | Freq. | %PR | Freq. | %PR |
| | Apl./Total | | Apl./Total | Apl./Total | | |
| Valores do submodo | | | | | | |
| Volição | 01/01 | 100 – | 01/01 | 100 – | | – |
| Manipulação | 12/14 | 85 0,803 | 03/03 | 100 – | 06/08 | 75 0,844 |
| Probabilidade/crença | 32/41 | 78 0,707 | 17/26 | 65 0,676 | 14/14 | 100 – |
| Certeza | 18/53 | 33 0,259 | 03/16 | 18 0,232 | 10/25 | 40 0,368 |
| Submodo | | | | | | |
| Deôntico | 13/15 | 86(0,618) | 04/04 | 100 – | 06/08 | 75(0,125) |
| Epistêmico | 50/94 | 53(0,481) | 20/42 | 48 – | 24/39 | 61(0,598) |
| Projeção temporal da situação codificada | | | | | | |
| Projeção futura | 15/18 | 83(0,691) | 07/10 | 70(0,259) | 06/06 | 100 – |
| Projeção espalhada | 48/91 | 52(0,460) | 17/36 | 47(0,572) | 24/41 | 58 – |
| TOTAL | 63/109 | 57 0,596 | 24/46 | 52 0,472 | 30/47 | 63 0,528 |
| | | <i>input</i> | | <i>input</i> | | <i>input</i> |
| Significância | | 0,000 | | 0,004 | | 0,011 |

¹⁹² O total de ocorrências em contexto de orações adverbiais para Florianópolis é de 62, diminuindo para 46 devido à eliminação das 16 ocorrências produzidas por um informante do sexo masculino. Dessa forma, Florianópolis conta com 46 dados. Como observado na tabela, a variável ‘pessoa’ tem um total de 45 ocorrências, pois o que seria o 46º dado é um caso de verboimpessoal.

A variável ‘valores do submodo’, primeira variável selecionada em Florianópolis e em Lages, e a única na rodada com essas cidades reunidas, apresenta resultados que atestam nossa hipótese. A ‘volição’ aparece em Florianópolis, e com apenas uma ocorrência. De fato, esse valor é esperado nas orações substantivas. No conjunto de orações adverbiais, a única ocorrência de volição é a seguinte:

(9) Ent.: E algum sonho, alguma coisa que tu, assim, tens?

De todos os sonhos, eu quero conhecer um lugar.

Ent.: Um lugar?

ANTES QUE eu **MORRA**, Bahia. (FLP 19MAC, L943)

Excetuando essa única ocorrência de ‘volição’, a ‘manipulação’ desponta como fator favorecedor ao uso do presente do subjuntivo, com ressalvas para o número pouco expressivo de dados, principalmente em Florianópolis, que conta apenas com 3 ocorrências. Em Lages, o peso relativo de 0,844 só não é superior aos 100% de presente do subjuntivo para o fator ‘possibilidade/crença’ nessa mesma cidade. É importante destacar que as duas ocorrências de ‘manipulação’ com presente do indicativo fazem parte de um gênero muito específico: o relato de procedimento, caracterizado pela descrição de etapas que devem ser seguidas para que uma receita obtenha êxito. Vejamos um exemplo a seguir.

(10) Agora, hoje em dia não, [eles]- mais eles cortam gila e depois cozinha assim, os pedaços grandes, daí tiram tudo da casa, daí espreme bem ela, aquela água que tem, né? coloca na panela, coloca açúcar, vai mexendo **ATÉ QUE FICA** no ponto, né? no ponto do doce. (LGS 8MBP, L152)

Considerando que a receita já foi testada, a situação descrita contempla um espaço temporal que se estende do passado ao presente, prolongando-se em direção ao futuro. E esse tipo de contexto, com projeção espalhada, tem configurado o ambiente propício ao uso do presente do indicativo. Acreditamos que o uso não categórico de presente do subjuntivo em situações manipulativas seja motivado por esses fatores. Em se tratando do submodo epistêmico, os resultados evidenciam a importância da distinção entre ‘probabilidade/crença’ e ‘certeza’, o primeiro condicionando o presente do subjuntivo e o segundo favorecendo, ao contrário, o presente do indicativo.

Não houve seleção estatística para o segundo grupo de fatores relacionado à modalidade, o ‘submodo’, em Florianópolis e em Lages. Na rodada isolada de Florianópolis, entretanto, a variável foi excluída dos cálculos probabilísticos em virtude do uso categórico de presente do subjuntivo no submodo deontico. Para Florianópolis/Lages, ao contrário do que ocorre em Lages, o peso relativo para o submodo deontico é mais elevado: 0,618. Com relação ao baixo peso para esse fator em Lages, 0,125, importa destacar que, no nível 1 da rodada, o submodo deontico obteve o peso de 0,627, entretanto, ao interagir com o grupo de fatores ‘valores do submodo’ no nível 2, o peso se altera para 0,132. É possível, como já comentado, que a sobreposição de fatores esteja contribuindo para tal resultado. A título de exemplo, nas diversas rodadas em conjunto com as duas cidades, sempre foi selecionado o grupo de fatores ‘valores do submodo’, que, se excluído, permite seleção do grupo ‘submodo’¹⁹³, devido, provavelmente, a essa sobreposição de fatores já apontada.

Observando os resultados frequenciais na tabela 26 para o grupo de fatores ‘submodo’, percebemos que, das 109 ocorrências de variação entre ambas as cidades, 94 referem-se ao submodo epistêmico (cf. primeira coluna). Isso significa que as orações adverbiais propiciam a manifestação desse submodo, especialmente se considerarmos o tipo de oração mais recorrente. Dentre essas 94 ocorrências epistêmicas, 56 são de orações concessivas. Talvez seja por essa razão que, na rodada em conjunto com as duas cidades, se o grupo de fatores ‘valores do submodo’ for excluído, o ‘tipo de oração’ recebe significância estatística, logo após o ‘submodo’ e antes do ‘tipo de conector’.

A ‘projeção temporal’, de forma semelhante ao que ocorre com o ‘submodo’, não foi selecionada pelo programa estatístico, porém, em Lages, devido ao uso categórico de presente do subjuntivo em contexto de projeção futura, o grupo de fatores foi excluído das rodadas probabilísticas. Os resultados exibidos na tabela atestam nossa expectativa, segundo a qual o presente do subjuntivo é mais provável de ser usado em contexto de projeção futura (0,691 para Florianópolis/Lages. Em Florianópolis/Lages, conforme mencionado, se excluídos ‘valores do submodo’, ‘submodo’ e ‘tipo de oração’ (junto com ‘tipo de conector’) recebem significância estatística.

¹⁹³ Excluída a variável ‘valores do submodo’ da rodada em conjunto de Florianópolis e Lages, são selecionados os seguintes grupos de fatores por ordem de significância: ‘submodo’, ‘tipo de oração’ e ‘tipo de conector’.

Na tabela seguinte, apresentamos os resultados para ‘pessoa’, ‘item verbal’ e, por fim, para a variável de natureza social ‘idade’. Conforme mencionado no capítulo anterior, optamos por considerar a variável ‘pessoa’ apenas como controle, considerando que diferentes pesquisas se valem praticamente do mesmo argumento, o envolvimento do falante, para justificar o uso do subjuntivo e do indicativo. Os resultados apresentados na tabela 27, na sequência, apontam a 1ª pessoa como o fator favorecedor à entrada do presente do indicativo, tendo em vista os pesos relativos baixos para o uso do presente do subjuntivo, tanto na rodada em conjunto das duas cidades (0,485), quanto nas rodadas isoladas para Florianópolis (0,209) e Lages (0,388). A reunião das 2ª e 3ª pessoas desponta como condicionadora do uso do presente do subjuntivo (0,507; 0,646; 0,543, respectivamente), aproximando-se dos resultados encontrados por Pimpão (1999c).

Tabela 27

Atuação das variáveis selecionadas sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* no contexto de orações adverbiais nas ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1)

| VARIÁVEIS | LOCALIDADES | | | | | |
|----------------------------------|---------------|-----------------|--------------|-----------------|--------------|-----------------|
| | FLP/LGS | | FLP | | LGS | |
| | Freq. | %PR | Freq. | %PR | Freq. | %PR |
| | Apl./Total | Apl./Total | Apl./Total | Apl./Total | Apl./Total | Apl./Total |
| Pessoa | | | | | | |
| 2ª e 3ª pessoas [+/- animada] | 46/70 | 65 (0,507) | 21/31 | 67 0,646 | 21/32 | 65 (0,543) |
| 1ª pessoa | 15/34 | 44 (0,485) | 03/14 | 21 0,209 | 07/12 | 58 (0,388) |
| Item verbal do dado | | | | | | |
| Outros verbos | 48/85 | 56 (0,544) | 18/34 | 52 (0,560) | 22/38 | 57 0,364 |
| <i>Ser</i> | 15/24 | 62 (0,347) | 06/12 | 50 (0,336) | 08/09 | 88 0,913 |
| Idade | | | | | | |
| 25-50 anos | 26/41 | 63 (0,622) | 08/16 | 50 (0,421) | 18/25 | 72 0,732 |
| Acima de 50 | 37/68 | 54 (0,425) | 16/30 | 53 (0,543) | 12/22 | 54 0,242 |
| TOTAL | 63/109 | 57 0,596 | 24/46 | 52 0,472 | 30/47 | 63 0,528 |
| | | <i>input</i> | | <i>input</i> | | <i>input</i> |
| Significância | | 0,000 | | 0,004 | | 0,011 |

Conforme descrito no capítulo anterior, o controle do ‘item verbal do dado’ mostrou-se importante nas orações parentéticas, contexto em que aparecem apenas três verbos (*conhecer*, *lembrar* e *saber*). Decidimos, portanto, controlar a frequência de itens verbais na medida em que podem ser mais relevantes que a ‘morfologia verbal’ e a

‘saliência’. Em Florianópolis e Lages, os seguintes itens verbais foram testados: *dar, estar, fazer, gostar, ir, lembrar, poder, querer, saber, ser, ter* e *vir*. Para a rodada de Florianópolis, foram ainda controlados os verbos *chegar, conhecer* e *precisar*; e, para Lages, *ficar, levar* e *ver*. Os demais verbos, com frequência inferior a quatro ocorrências, estão agrupados em um mesmo fator. Já na primeira rodada probabilística de Lages, os verbos *dar, fazer, ficar, levar* e *vir* foram incluídos no grupo com os demais verbos devido à frequência: cada um ocorreu 1 ou 2 vezes; e o verbo *poder* foi excluído por ser de uso categórico de presente do subjuntivo, com 3 ocorrências. Esse amálgama não se mostrou estatisticamente relevante para o ‘item verbal do dado’.

Em uma outra rodada, juntamos os verbos *estar* e *ter* devido ao percentual aproximado para o uso do presente do subjuntivo: 33% e 28%, respectivamente, em oposição ao verbo *ser*, com 88%, e os demais verbos, com 63%. Nessa rodada, o ‘item verbal do dado’ recebe relevância estatística. Posteriormente, em oposição ao verbo *ser*, juntamos todos os demais verbos, incluindo o verbo *poder*, até então desconsiderado da amostra. Os resultados dessa última rodada, apresentados na tabela 27, indicam que o verbo *ser*, em Lages, tende a ser usado com o presente do subjuntivo (0,913). Em Florianópolis, ao contrário, esse verbo está abaixo do ponto neutro, com o peso de 0,336.

Considerando a diferença entre Lages e Florianópolis, realizamos cruzamentos entre os grupos de fatores ‘item verbal do dado’ e ‘tipo de oração’. Em Lages, o verbo aparece nas orações concessivas (3 das 4 ocorrências para o presente do subjuntivo) e nas orações causais, com uso categórico desse tempo/modo verbal (5/5). Os trechos a seguir ilustram, respectivamente, o uso do verbo *ser* na oração concessiva e na oração causal.

- (11) Dizendo só antes que aos sete, oito anos, nós <fi-><fi-> ficamos morando definitivamente aqui em Lages, né? **EMBORA** eu **SEJA** daqui. Mas quando nós viemos pra Lages, ainda existia mesmo dentro da cidade uma relação [muito]- muito mais de aproximação na comunidade, me lembro na rua onde a gente morava, era muito comum as pessoas se visitarem nas casas, assim, um ir tomar café na casa do outro, ainda era muito comum. (LGS 03MAP, L94)
- (12) O gado que a gente tem é mesmo mais para a fazenda, sabe? [pra]- [pra]- pra carne, [pra]- o leite- E às vezes também a gente quando- As vezes a gente vende também o gado, mas [pra]- pra abatedouros e tudo, né? Mas **NÃO É QUE SEJA** assim, que a finalidade [da]- [da]- [da]- da fazenda seja a criação de gado. Não é criação de gado. (LGS 21MBC, L814-816)

Em Florianópolis, os dados com o verbo *ser* se distribuem em três tipos de oração: nas concessivas, o subjuntivo ocorre em 2 das 4 ocorrências, nas condicionais é de uso categórico (3/3) e, nas causais, com apenas uma ocorrência (1/5).

Desses tipos de orações, damos destaque às orações causais por serem, em geral, diferentes das de Lages. Em Lages, de acordo com o exemplo anterior, as orações causais são introduzidas por *não é que*; em Florianópolis, o único caso de presente do subjuntivo está acompanhado de *não que*; nas demais ocorrências, com presente do indicativo, a locução conjuntiva é *não é porque*, conforme ilustram os dados a seguir.

- (13) Mas eu acho, assim, **NÃO É PORQUE** o homem **É** o tal, **É** o machão, né? que desde que eu e criei, começando por aqui pela minha casa, o homem sempre é o que grita mais, né? É. O homem sempre é o que é [o]- o dono da casa, a voz é do homem, eu acho que é assim. **NÃO QUE** aqui **SEJA** assim, que a gente grita um com outro, não, porque [a]- o ambiente é outro. Mas antigamente era assim, né? (FLP 12MBG, L631-631)

Tendo em vista essas ocorrências, e a despeito do número de dados, acreditamos que a locução *não é porque* apresenta uso categórico de presente do indicativo por ainda preservar a conector causal *porque*, que ocorre com esse tempo/modo verbal. As locuções *não que* e *não é que*, por sua vez, constituem uma unidade, um bloco semântico, e que, pela recorrência, estariam formando uma construção juntamente com o verbo *ser* no presente do subjuntivo. Uma amostra mais representativa poderia oferecer evidências mais consistentes para atestar essa hipótese.

A única variável de natureza social selecionada foi 'idade', e apenas na rodada de Lages, cujos resultados indicam que os informantes mais jovens usam mais o presente do subjuntivo (0,732). A variável 'idade' revela uma atuação diferenciada em estudos acerca do uso do modo subjuntivo. Resultados de Carvalho (2007) e de Alves (2009)¹⁹⁴ indicam que os informantes acima de 50 anos preservam o subjuntivo; em contrapartida, segundo as pesquisas de Wheritt (1977) e Alves (2009)¹⁹⁵ são os mais jovens que usam essa variante. Em outros estudos, o uso de subjuntivo está mais concentrado na faixa intermediária (ALVES NETA, 2000) e, em alguns casos, os resultados percentuais

¹⁹⁴ O resultado de Alves (2009) é para as orações adjetivas em Muriaé/MG e Feira de Santana/BA.

¹⁹⁵ O resultado de Alves (2009) é para as orações completivas em Muriaé/MG.

não mostram diferença significativa entre as faixas etárias (PIMPÃO, 1999c; FAGUNDES, 2007).

Esperávamos que os resultados indicassem que o uso do presente do modo subjuntivo acompanha a idade do informante, principalmente nos contextos previstos pela gramática tradicional como de emprego obrigatório do modo subjuntivo. Para os contextos de subjuntivo em que as gramáticas já prevêm o emprego do modo indicativo, como o caso de algumas orações concessivas, nossa hipótese era de que haveria pouca diferença de uso entre as faixas etárias. Infelizmente, talvez em decorrência do número de dados em Lages, não nos foi possível atestar essa hipótese. O número pouco expressivo de dados, 47, torna-se um impedimento para a testagem dessa hipótese.

O cruzamento dos grupos de fatores ‘idade’ e ‘tipo de oração’ nos indica, apenas, que as orações concessivas concentram o maior número de ocorrências, 27, e constituem o único tipo de oração em que há variação na fala de informantes mais jovens (62%) e mais velhos (43%). Em Florianópolis, são os informantes acima dos 50 anos que tendem a usar o presente do subjuntivo (0,543), porém com peso muito próximo ao dos informantes mais jovens (0,421). Um cruzamento entre ‘idade’ e ‘tipo de oração’ em Florianópolis revela um percentual mais elevado de uso do presente do subjuntivo na fala de informantes mais velhos (54%) em relação aos informantes mais novos (50%). Entretanto, somente os informantes acima de 50 anos usam orações finais, de uso categórico do presente do subjuntivo. Em um novo cruzamento, excluindo esse tipo de oração, o percentual para ambas as faixas etárias fica muito mais próximo: 49% para os mais velhos e 50% para os mais novos.

Diferentemente do esperado, o grupo de fatores ‘tipo de conector’ não foi selecionado, provavelmente pela interação com a variável ‘valores do submodo’ anteriormente comentada. Dentre as conjunções, a mais recorrente é o *embora*, com 21% dos casos, dos quais 43% de uso para o presente do subjuntivo. Para Poggio (1996), no latim, o conector *embora* era seguido pelo indicativo. Talvez o conector *embora* esteja manifestando um comportamento já previsto no latim. Tampouco o ‘tipo de oração’ foi selecionado pelo programa Goldvarb, provavelmente pelo número de ocorrências e nocautes. Dentre as orações adverbiais, as concessivas e as causais são mais recorrentes: 51% e 22%, respectivamente.

Diversos estudos têm apontado o comportamento diferenciado das orações concessivas (WHERRITT, 1977; PIMPÃO, 1999c; ALVES NETA, 2000; FAGUNDES, 2007; ALMEIDA, 2010). No que diz respeito às orações concessivas introduzidas pelo conector *embora*,

Palmer (1986) apresenta exemplos do espanhol, em que subjuntivo e indicativo são usados como contraste temporal: o primeiro em relação ao presente e o segundo, ao passado. Nas amostras de Florianópolis e de Lages, encontramos variação entre o presente do subjuntivo e o presente do indicativo ainda que as ocorrências se refiram ao presente. Uma investigação com dados diacrônicos em um período de tempo mais longo que o considerado nesta tese poderia contribuir com indícios do possível momento em que o indicativo, além de ser usado em orações que codificam situações no passado, passa a ser usado naquelas que codificam situações no presente.

Para Moura Neves (2000), as orações concessivas estão encaixadas na interação linguística. A ideia de contra-expectativa, que caracteriza esse tipo de oração, “se origina não apenas do conteúdo do que está sendo dito, mas, ainda, do processo comunicativo e da relação falante-ouvinte” (MOURA NEVES, 2000, p. 864). A autora prevê o uso do subjuntivo em um contexto que é dado como certo, verdadeiro, pelo falante. Moura Neves (2000) ainda destaca a característica das locuções conjuntivas *apesar (de) que e se bem que* de funcionarem como um adendo, usadas especialmente após uma quebra no encadeamento da fala. Para Moura Neves (2000, p. 879), “é muito frequente que a oração concessiva ocorra depois de pontuação de final de enunciado”. Interessa-nos essa observação, pois, nas amostras de Florianópolis e Lages, as orações concessivas introduzidas por esses conectores são de uso categórico do presente do indicativo.

As orações finais, por outro lado, são de uso (praticamente) categórico de subjuntivo: Wherritt (1977), Alves Neta (2000), Fagundes (2007). Nas amostras investigadas nesta tese, as orações finais, por exemplo, são de uso categórico de presente do subjuntivo e, em geral, ocorrem em contexto de manipulação desencadeada por uma situação externa (SWEETSER, 1990). Dentre as orações adverbiais, foram as finais que nos alertaram para esse tipo de estratégia manipulativa. É provável que, em decorrência de razões como essa, as orações finais, na concepção de Palmer (1986), não sejam fáceis de determinar. Para Bybee; Perkins e Pagliuca (1994), a modalidade orientada para o agente associada à projeção futura constitui um contexto harmônico para o uso do subjuntivo sob o escopo de conjunções finais.

Com relação às orações temporais, afirma Palmer (1986) que há um uso generalizado do subjuntivo em orações temporais que codificam situações hipotéticas futuras e do indicativo para aquelas referidas no passado. Especificamente sobre as orações temporais introduzidas por *até que*, afirma o autor que o subjuntivo pode ser usado apenas como

índice de subordinação. Nas amostras de Lages, encontramos variação sobre o escopo de *até que* e acreditamos que a variação no modo verbal indique diferenças entre situações projetadas para o futuro e situações com projeção temporal espraiada, conforme ilustram, respectivamente, as ocorrências a seguir.

Das orações adverbiais controladas nesta tese, destacamos duas: o presente do subjuntivo ocorre em 44% das concessivas e em 50% das causais. Interessante desse resultado é que há maior variação justamente nos tipos de orações adverbiais que permitem uma maior interação entre falante e ouvinte em termos de cancelamento de inferências (cf. seção 5.3 do capítulo 5). Essas orações (concessivas e causais), de um modo geral, assumem um estatuto discursivo-pragmático, revelando a retomada da fala do ouvinte ou ainda o cancelamento de um conhecimento compartilhado, ou assumido como compartilhado, por falante-ouvinte.

Falamos no parágrafo anterior que as concessivas *de um modo geral* assumem um estatuto discursivo-pragmático, pois tal caracterização não parece atingir da mesma forma todos os tipos de conjunções. Esse componente está mais claro no contexto em que as conjunções *apesar de que*, *embora* e *se bem que* aparecem; já as conjunções *mesmo que* e *nem que* tendem a ocorrer em contextos de possibilidade e a conector *por mais que* parece constituir um caso de construção mais gramaticalizada.

Pesquisadores têm mostrado que a concessão não ocorre somente na interlocução, assumindo funções discursivo-pragmáticas, podendo se manifestar quando o falante consulta a si mesmo, refletindo sobre seu próprio discurso. E nesses diálogos, seja do falante com outro, seja do falante consigo mesmo, outras vozes emergem, outros pontos de vista são apresentados; a voz do outro, assim, está presente na voz do falante (GOUVÊA, 2001; GARCIA, 2004). A interação comunicativa parece constituir o lugar em que as concessivas, de um modo geral, devem ser encaixadas para um maior conhecimento de sua funcionalidade, a despeito do que fazem as gramáticas tradicionais ao limitar seu estudo ao nível sentencial. A inserção das orações concessivas no eixo comunicativo realça a importância desse tipo de oração na orientação discursiva, na medida em que o falante pode reformular uma informação, inferida pelo ouvinte ou a ele atribuída. E nessa interação entre os interlocutores, momento em que o falante, parafraseando Gouvêa (2001), avalia seus próprios enunciados e a interpretação do ouvinte, processos cognitivos também estão envolvidos e “que corrige

ou expande o argumento introduzido pelo enunciado sem conector.” (SALGADO, 2006, p. 13).

A propriedade de cancelar inferências, observada a partir do emprego do conector *embora*, *apesar de que* e *se bem que*, também aparece com determinadas orações negativas (PIMPÃO, 1999b) e com as orações parentéticas, contexto de análise desta tese. Em estudo realizado com construções negativas, especialmente as orações causais, Pimpão (1999b) constata que, nos casos com variação mais equilibrada entre subjuntivo e indicativo, a negação metalinguística cancela a implicatura, encaixada no contexto conversacional. Nesse sentido, o conector *embora* aproxima-se muito do operador de negação, favorecendo o uso do presente do indicativo por estar situado em um contexto discursivo-pragmático, na interatividade entre os interlocutores.

4.2.3 Orações adjetivas

Após eliminação de nocautes e realização de amálgamas, chegamos à rodada de que resultaram os pesos apresentados na tabela 28, na sequência.

Conforme observamos na tabela, o percentual de uso do presente do subjuntivo no contexto de orações adjetivas é bastante próximo para Florianópolis e Lages: 45% e 43%, respectivamente. Em termos de seleção estatística, entretanto, encontramos alguma diferença entre as cidades. Na primeira coluna, com os resultados para a rodada conjunta de Florianópolis e Lages, dispomos os grupos de fatores selecionados de acordo com a ordem de significância, mesmo procedimento adotado na apresentação dos resultados gerais. Para as outras duas colunas, portanto, as variáveis não necessariamente seguem a ordem de seleção estatística. Na rodada que reúne as duas cidades, os seguintes grupos de fatores foram selecionados: escolaridade, assertividade e projeção temporal. Em Florianópolis, somente duas dessas: assertividade e projeção temporal; e, em Lages, três: escolaridade, assertividade e projeção temporal. A variável ‘submodo’ somente foi selecionada em Lages.

Tabela 28

Atuação das variáveis selecionadas sobre o uso de *presente do modo subjuntivo* no contexto de orações adjetivas nas ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1)

| VARIÁVEIS | LOCALIDADES | | | | | |
|---|---------------------|----------------|----------------------|----------------|---------------------|----------------|
| | FLP/LGS | | FLP | | LGS | |
| | Freq. Apl./Total | %PR | Freq. Apl./Total | %PR | Freq. Apl./Total | %PR |
| Escolaridade | | | | | | |
| Colegial e ginásial ¹⁹⁶ | 53/98 | 54,0653 | 25/48 | 52(0,568) | 28/50 | 56,0784 |
| Primário | 14/52 | 26,0232 | 06/20 | 30(0,342) | 08/32 | 25,0118 |
| Estrutura da assertividade da oração | | | | | | |
| NEG+NEG/NEG+AF | 24/35 | 68,0820 | 11/15 ¹⁹⁷ | 73,0802 | 13/20 | 65,0930 |
| AF+AF | 39/98 | 39,0398 | 19/48 | 39,0428 | 20/50 | 40,0285 |
| AF+NEG | 04/17 | 23,0325 | 01/05 ¹⁹⁸ | 20,0197 | 03/12 | 25,0378 |
| Projeção temporal da situação codificada | | | | | | |
| Projeção futura | 10/14 | 71,0902 | 06/09 | 66,0787 | 04/05 | 80,0980 |
| Projeção espalhada | 57/136 | 41,0443 | 25/59 | 42,0450 | 32/77 | 41,0437 |
| Submodo | | | | | | |
| Deontico | 20/35 | 57(0,623) | 07/15 | 46(0,511) | 13/20 | 65,0749 |
| Epistêmico | 47/115 | 40(0,462) | 24/53 | 45(0,497) | 23/62 | 37,0413 |
| TOTAL | 67/150 | 44,0433 | 31/68 | 45,0453 | 36/82 | 43,0385 |
| | <i>input</i> | | <i>input</i> | | <i>input</i> | |
| Significância | 0,000 | | 0,048 | | 0,020 | |

Neste contexto de orações adjetivas, o grupo de fatores ‘escolaridade’ mostrou resultados diferentes comparados aos

¹⁹⁶ Em Florianópolis/Lages e Florianópolis, os fatores ‘ginásial’ e ‘colegial’ foram amalgamados pela proximidade no percentual: ginásial (50%) e colegial (59%) e ginásial (52%) e colegial (50%), respectivamente. Em Lages, os percentuais não se mostram tão próximos, entretanto decidimos pelo amálgama para efeitos de comparabilidade. Para essa cidade, sem amálgama, os percentuais são os seguintes: primário (25%), ginásial (45%) e colegial (64%). Mesmo sem o amálgama, em Lages os grupos de fatores relevantes são os mesmos da tabela 28, inclusive na ordem de seleção.

¹⁹⁷ Em Florianópolis, não há ocorrências com ‘negação na oração matriz e na subordinada’. Dessa forma, as 15 ocorrências referem-se ao fator ‘negação na matriz e afirmação na subordinada’.

¹⁹⁸ Devido ao número de dados, fizemos um teste na tentativa de amalgamar o fator ‘negação na matriz e afirmação na subordinada’ com ‘afirmação na matriz e negação na subordinada’ em oposição à ‘afirmação em ambas as orações’. No entanto, não houve seleção estatística de nenhum grupo de fatores. Por essa razão, mantivemos os fatores separados.

encontrados na rodada geral. Devido à proximidade nos resultados de Florianópolis/Lages e Florianópolis, os níveis ‘ginasial’ e ‘colegial’ foram amalgamados, indicando a importância dos graus de escolaridade mais elevados para o uso do presente do subjuntivo. A significância estatística dessa variável somente é obtida na rodada de Lages. Conforme destacado, na rodada referente a essa cidade, o amálgama entre os resultados para os fatores ‘ginasial’ e ‘colegial’ foi realizado apenas para efeitos de comparabilidade com as demais rodadas. Os resultados percentuais de Lages indicam que o uso do presente do subjuntivo acompanha o nível de escolaridade: primário (25%), ginásial (45%) e colegial (64%). A ‘escolaridade’ também foi relevante na rodada geral para Lages, revelando uma estreita correlação entre essa variável e a cidade.

Os grupos de fatores ‘estrutura da assertividade da oração’ e ‘projeção temporal da situação codificada’ obtiveram significância estatística nas rodadas das duas cidades em conjunto e separadas. Os resultados para a variável ‘assertividade’ na medida em que confirmam resultados apresentados na seção anterior também atestam nossa hipótese. A presença da negação na oração matriz mostra-se extremamente importante no condicionamento do presente do subjuntivo, independentemente da cidade controlada: 0,820 para Florianópolis/Lages; 0,802 para Florianópolis e 0,930 para Lages. A presença da negação na oração subordinada não tem efeito algum para essa variante, obtendo pesos relativos baixos, inferiores, inclusive, aos pesos para afirmação em ambas as orações na rodada em conjunto e na rodada de Florianópolis.

A variável ‘projeção temporal’ corresponde à nossa expectativa de que o presente do subjuntivo seria favorecido pela projeção futura: 0,902 (Florianópolis/Lages), 0,787 (Florianópolis) e 0,980 (Lages). A projeção futura de uma situação instaura um ambiente *irrealis*, contexto em que o subjuntivo é esperado (GIVÓN, 1984, 1995, 2001). Meira (2006) controla uma variável semelhante, nomeada ‘localização temporal’, que identifica a situação expressa na oração adjetiva como anterior, simultânea ou posterior à elocução. Resultados apontam para as situações posteriores à elocução como contexto preferencial de uso do subjuntivo. Sobre a variável ‘submodo’, os pesos para as cidades, em conjunto e isoladas, conforme mostra a tabela 28, corroboram nossa hipótese acerca do condicionamento do uso do presente do subjuntivo em contexto de submodo deontico, especialmente em Lages, rodada em que a variável obteve relevância estatística 0,749.

4.2.4 Orações com o item *talvez*

A correlação entre o uso do *talvez* e o modo verbal envolve divergências: Camara Jr. (1979) considera o *talvez* como um mecanismo sintático: emprega-se o subjuntivo posposto ao item e o indicativo anteposto. Para Bechara (2006), ambos os modos verbais podem ser empregados após o item, porém, na visão do autor, o indicativo torna mais certa a realização duvidosa. E Perini (1996) também admite o uso do indicativo após o *talvez*, não mencionando diferenças no valor modal. Pesquisas desenvolvidas por Pimpão (1999a, 1999c), com base em ocorrências da fala de Florianópolis, e também outros trabalhos (cf. resenha no capítulo 2), apontam para o uso variável do presente do subjuntivo mesmo em contextos em que o *talvez* antecede o verbo. Em vista disso, não podemos considerar esse item como um mecanismo sintático nos termos de Camara Jr. (1979). Por outro lado, também não consideramos que a variação verbal, nesse contexto, seja responsável por diferentes valores modais de certeza, como sugere Bechara (2006). Nesta tese, à semelhança de pesquisas anteriores, acreditamos que o próprio item já carrega um valor modal, estando o uso variável dos modos verbais dependente de outros fatores a serem controlados (PIMPÃO, 1999a, 1999c).

A tabela a seguir apresenta resultados para as cidades de Florianópolis e Lages.

Tabela 29

Correlação da variável ‘cidade’ com o uso do *presente do modo subjuntivo* em contexto de orações com *talvez* na fala de Florianópolis e Lages (amostra 1)

| VARIÁVEL | FLP/LGS | | |
|----------------------|---------------------|--------------|------------------------------|
| | Freq. Apl./Total | % | PR |
| Cidade | | | |
| Lages | 11/13 | 84 | 0,749 |
| Florianópolis | 18/33 | 54 | 0,394 |
| TOTAL | 29/46 | 63 | 0,648 <i>input</i> |
| Significância | | 0,048 | |

Em decorrência do reduzido número de dados, não procedemos a rodadas para cálculo de probabilidades em Lages, e, talvez por essa mesma razão, em Florianópolis não tenha sido selecionado nenhum grupo de fatores, motivo pelo qual fazemos uma análise, para as cidades isoladamente, com base em percentuais.

O número pouco expressivo de ocorrências reunindo Florianópolis e Lages (46) não impediu a seleção estatística, ainda que de uma única variável: ‘cidade’. Os resultados apresentados na tabela 29 atestam nossa hipótese de que haveria um uso mais produtivo de presente do subjuntivo em Lages (84% com P.R. de 0,749) em comparação a Florianópolis (54% com P.R. de 0,394). Com vistas a verificar se a ‘cidade’ havia sido selecionada em virtude da interferência de algum outro fator, realizamos três cruzamentos com essa variável, tomando como parâmetro os resultados probabilísticos da rodada que reúne os cinco contextos examinados: com ‘projeção temporal’, fator que condiciona o uso do presente do subjuntivo, para observar se haveria mais casos de projeção futura em Lages; com ‘assertividade da oração’, pois a presença da negação tende a favorecer esse tempo/mo- do verbal; e com ‘item verbal do dado’, pois a eventual recorrência de um item poderia estar distorcendo os resultados (BYBEE, 2001, 2003). Em nenhum desses cruzamentos, entretanto, se verificou a existência de um fator atravessando a variável ‘cidade’. Parece tratar-se, pois, de um uso que diferencia as cidades (com a ressalva do número baixo de ocorrências).

4.2.5 Orações parentéticas

Pouco destaque recebem as orações parentéticas na tradição normativa, parecendo configurar casos marginais de uso do subjuntivo, não somente pela rápida abordagem dispensada, como também pela falta de uniformidade do seu tratamento. Consideradas por Mendes de Almeida (2005) como ‘orações intercaladas’ e por Bechara (2006) como ‘casos particulares’, essas orações caracterizam-se por restringir, limitar a generalidade de uma afirmação (cf. capítulo 1).

Devido ao número reduzido de ocorrências, o contexto de ‘orações parentéticas’ não foi submetido ao tratamento probabilístico do programa Goldvarb. Em Florianópolis, são 7 ocorrências e, em Lages, encontramos 8, conforme tabela 30 a seguir. Considerando o número de dados e os três itens verbais que ocorrem, decidimos apresentar a frequência do presente do subjuntivo de acordo com o verbo.

Tabela 30

Correlação do ‘item verbal do dado’ com o uso do *presente do modo subjuntivo* em contexto de orações parentéticas na fala de Florianópolis e Lages (amostra 1)

| VARIÁVEL | LOCALIDADES | | | | | |
|----------------------------|---------------------|-----------|---------------------|-----------|---------------------|-----------|
| | FLP/LGS | | FLP | | LGS | |
| | Freq. Apl./Total | % | Freq. Apl./Total | % | Freq. Apl./Total | % |
| Item verbal do dado | | | | | | |
| <i>Conhecer</i> | 01/01 | 100 | 01/01 | 100 | — | |
| <i>Lembrar</i> | 06/10 | 60 | 02/05 | 40 | 04/05 | 80 |
| <i>Saber</i> | 04/04 | 100 | 01/01 | 100 | 03/03 | 100 |
| TOTAL | 11/15 | 73 | 04/07 | 57 | 07/08 | 87 |

A despeito do número de dados, bastante próximo nas duas cidades, em Lages a frequência de presente do subjuntivo é superior a Florianópolis: 87% contra 57%, respectivamente. Na comparação das duas cidades, o presente do subjuntivo é de uso categórico na oração parentética com o verbo *saber* e a variação ocorre com o verbo *lembrar*, mais recorrente na amostra. De acordo com a tabela 30, a variação com esse verbo não é uniforme: em Florianópolis, há uma preferência pelo presente do indicativo e, em Lages, pelo presente do subjuntivo. Se houvesse um maior número de dados, poderíamos considerar que a variação estaria mais adiantada em Florianópolis. Em termos de resultados percentuais, poderíamos afirmar que atestamos nossa hipótese, segundo a qual haveria mais presente do subjuntivo em Lages. Os resultados frequenciais, entretanto, não nos permitem tal afirmação. Dessa forma, vamos priorizar na análise outros aspectos interessantes desse tipo de oração parentética.

Chama a atenção os três únicos verbos que aparecem nesse tipo de oração parentética: *conhecer*, *lembrar* e *saber* (o primeiro apenas em Florianópolis). Esses verbos são caracterizados pela factividade, i.e., a propriedade que tem um verbo de implicar o fato expresso pela oração subordinada. No entanto, esses mesmos verbos, reorganizados na construção nomeada nesta tese de ‘oração parentética’, assumem um valor oposto àquele inerente ao item lexical. A ressignificação resulta, portanto, do uso de tais verbos na construção parentética ainda que não percam totalmente a característica da factividade, uma vez que o ambiente discursivo em que ocorrem remete a situações conhecidas e/ou experienciadas pelo informante. No fluxo discursivo, o uso desse tipo de recurso objetiva relativizar uma informação apresentada como

categórica. Vejamos um exemplo: perguntada sobre as brincadeiras de infância, responde a informante:

- (14) Era aquele de esconder de bicho, brincar de bicho. **QUE EU** me **LEMBRE** agora era de se esconder, né? Se esconder e brincar de bicho. (LGS 10FAG, L62)

Em (14), inicialmente, a informante responde de forma categórica que eram duas as suas brincadeiras de infância: *se esconder* e *brincar de bicho*. Na sequência, por provavelmente considerar que possa haver outras brincadeiras, das quais não lembra no momento da entrevista, utiliza a oração parentética como estratégia para cancelar essa inferência e para sinalizar ao ouvinte que não está tão segura de sua resposta. O uso desse tipo de oração, com vistas a atenuar o comprometimento do falante, também é mencionado por Nascimento, André (2006) como uma das estratégias de modalidade epistêmica usadas por falantes de uma comunidade no interior de Goiás¹⁹⁹.

Ainda que sejam poucas ocorrências, há um comportamento gramatical categórico: as orações parentéticas fixam-se na 1ª pessoa do singular, como uma marca de expressão subjetiva do falante, de modo semelhante ao que ocorre com os verbos *achar* e *crer* como satélites atitudinais (GONÇALVES, 2006). Assim, o contexto de oração parentética é caracterizado da seguinte forma: uso de determinados verbos (*conhecer*, *lembrar* e *saber*), preferência pelo uso do presente do subjuntivo e emprego da 1ª pessoa do singular.

Como análise geral dos resultados por contexto, é importante destacar (i) a força das variáveis relacionadas à modalidade, em especial a ‘projeção temporal’; (ii) a relevância da negação na oração matriz e das 2ª/3ª pessoas no condicionamento do presente do subjuntivo e (iii) a atuação de duas variáveis específicas do contexto de orações substantivas. Destacamos, ainda, a importância de investigar uma variável de forma mais detalhada, como fizemos com o ‘item verbal do dado’, com vistas (i) a buscar possíveis explicações para a sua seleção estatística na rodada geral, observando seu funcionamento nas orações

¹⁹⁹ A comunidade “Os Almeidas”, investigada por Nascimento (2006), foi constituída, ao que tudo indica, a partir de um antigo agrupamento quilombola. Como estratégia para não se comprometer com informações relacionadas a um passado de escravidão, os informantes se valem da modalidade epistêmica, sendo a oração parentética um dos recursos linguísticos usado.

adverbiais, e com vistas (ii) a examinar os poucos e ricos casos de orações parentéticas.

4.3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS PARA FLORIANÓPOLIS: amostra de fala (amostra 2)

Nesta seção, damos destaque aos resultados referentes aos dados de fala de Florianópolis, considerando também informantes jovens e informantes universitários (amostra 2). O objetivo desta seção é, prioritariamente, analisar e discutir a atuação de duas variáveis de natureza social no condicionamento do presente do subjuntivo: a ‘idade’ e a ‘escolaridade’. O procedimento metodológico em termos de amálgamas de fatores segue os moldes do adotado nas rodadas gerais por cidade (cf. seção 4.1 deste capítulo) com vistas a observar se os resultados já encontrados se alteram nesta amostra, que tem uma configuração diferenciada²⁰⁰.

Após a eliminação de fatores e a realização de amálgamas, foram selecionadas as seguintes variáveis por ordem de seleção estatística: ‘valores do submodo’, ‘morfologia verbal’, ‘sexo’ e ‘escolaridade’. À semelhança do que ocorreu nas rodadas gerais por cidade e como era esperado devido à sobreposição de alguns fatores –, observamos uma disputa entre as variáveis ligadas à modalidade, a saber: ‘submodo’, ‘valores do submodo’ e ‘projeção temporal da situação codificada’, uma vez que a seleção do grupo de fatores ‘valores do submodo’ implicou a não seleção dos outros dois. Dada a importância da modalidade para o fenômeno investigado nesta tese, apresentamos resultados das três variáveis a ela relacionadas.

Para a análise e discussão dos resultados, seguimos a orientação adotada na primeira seção deste capítulo de apresentar as variáveis em blocos. A primeira tabela concentra resultados das três variáveis ligadas à modalidade. Salientamos que, para os grupos de fatores que não obtiveram significância estatística, os pesos relativos foram extraídos do

²⁰⁰ Com relação aos amálgamas, apenas um não se aproxima do que foi feito, de modo geral, nas rodadas por cidade (amostra 1) e diz respeito à variável ‘estrutura da assertividade da oração’. Na amostra 1, amalgamamos os fatores ‘afirmação na oração matriz e negação na oração subordinada’ com ‘negação em ambas as orações’. Na amostra 2, devido aos resultados percentuais, amalgamamos ‘negação na oração matriz e afirmação na oração subordinada’ com ‘negação em ambas as orações’.

nível 1 do *stepdown*, conforme pode ser observado nos resultados destacados entre parênteses nas tabelas.

O primeiro resultado que destacamos diz respeito ao percentual geral de uso do presente do subjuntivo – 58% –, que não altera significativamente o percentual da amostra 1 de Florianópolis – 54%. Esse é um indicador de que o controle da nova faixa etária (jovens) e do quarto nível de escolaridade (universitários) exerce bem pouca influência no fenômeno variável investigado nesta tese, no que diz respeito à frequência das ocorrências. O percentual de 58% ainda reforça nossa hipótese de que em Florianópolis o presente do subjuntivo seria menos usado em comparação a Lages, que alcançou o resultado de 62%, sem contar com jovens e universitários.

Tabela 31

Atuação das variáveis concernentes à modalidade sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis (amostra 2)

| VARIÁVEIS CONCERNENTES À MODALIDADE | FLP | | |
|---|---------------------|--------------|------------------------------|
| | Freq. Apl./Total | % | PR |
| Valores do submodo | | | |
| Volição | 20/22 | 90 | 0,870 |
| Manipulação | 69/87 | 79 | 0,690 |
| Probabilidade/crença | 109/198 | 55 | 0,456 |
| Certeza | 56/122 | 45 | 0,371 |
| Avaliação | 06/16 | 37 | 0,320 |
| Submodo | | | |
| Deôntico | 95/125 | 76 | (0,651) |
| Epistêmico | 165/320 | 51 | (0,439) |
| Projeção temporal da situação codificada | | | |
| Projeção futura | 83/109 | 76 | (0,564) |
| Projeção espriada | 177/336 | 52 | (0,479) |
| TOTAL | 260/445 | 58 | 0,607 <i>input</i> |
| Significância | | 0,008 | |

Os resultados para a variável ‘valores do submodo’, exibidos na tabela 31, como esperado, ratificam resultados anteriores: o fator ‘volição’ favorece o uso do presente do subjuntivo (0,870), seguido pela ‘manipulação’ (0,690). Os demais fatores localizam-se abaixo do ponto neutro, indicando, ao contrário, uma tendência ao uso do presente do indicativo, mais acentuada com os fatores ‘avaliação’ e ‘certeza’.

Como a variável ‘valores do submodo’ concorre diretamente com as outras duas variáveis concernentes à modalidade, procedemos a uma rodada alternativa na tentativa de observar se receberiam significância estatística. Desconsideramos, portanto, o grupo de fatores ‘valores do submodo’, e isso permitiu a seleção tanto do grupo ‘submodo’, inclusive na primeira posição, como do grupo ‘projeção temporal’, na quinta posição²⁰¹. Na rodada seguinte, desconsiderando os dois grupos – ‘valores do submodo’ e ‘submodo’ –, a ‘projeção temporal’ ganha mais expressão e alcança a primeira posição na seleção estatística²⁰².

Da variável binária ‘submodo’, importa destacar o peso para o fator ‘deontico’, que corresponde a nossa expectativa – 0,651. O fator ‘projeção futura’ favorece o uso do presente do subjuntivo (0,564) em oposição à ‘projeção espaiada’ (0,479), atestando nossa hipótese. Mesmo prevendo sobreposições de fatores, observamos que, para esta amostra 2, a variável eneária mostra-se mais importante que a binária.

Ainda seguindo o procedimento adotado na rodada por cidade na seção 4.1, constituímos uma variável complexa, composta pela reunião dos grupos de fatores ‘valores do submodo’ e ‘projeção temporal da situação codificada’, com vistas a atestar a primeira hipótese geral, descrita no capítulo 1, e a verificar se os resultados para o *continuum* de modalidade da amostra 2 seguem a tendência dos resultados encontrados na amostra 1 (cf. seção 4.1 deste capítulo).

A ‘variável complexa’ foi o primeiro grupo de fatores a obter relevância estatística. Isso indica que, nessa amostra, o fenômeno variável parece ser mais bem captado quando esquadrinhado nas nuances semântico-pragmáticas refletidas no gradiente de modalidade. Vejamos os resultados apresentados na tabela 32.

²⁰¹ Na rodada em que desconsideramos a variável ‘valores do submodo’, a variável ‘submodo’ desponta na primeira posição com os seguintes pesos: ‘deontico’ (0,648) e ‘epistêmico’ (0,441). A variável ‘projeção temporal’ também passa a ser selecionada, com os seguintes pesos: ‘projeção futura’ (0,628) e ‘projeção espaiada’ (0,458).

²⁰² Na rodada em que desconsideramos as variáveis ‘valores do submodo’ e ‘submodo’, o grupo de fatores ‘projeção temporal’ assume a primeira posição na seleção estatística, apresentando os pesos de 0,679 para ‘projeção futura’ e de 0,440 para ‘projeção espaiada’.

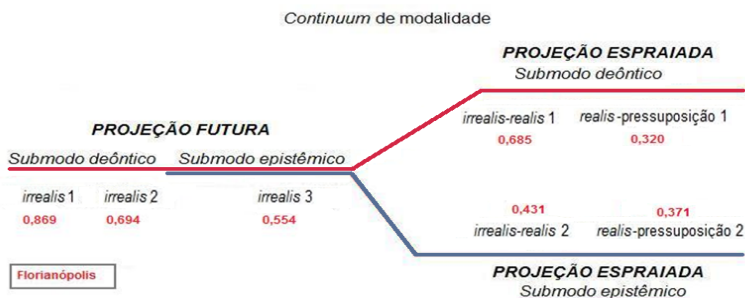
Tabela 32

Atuação da ‘variável complexa’ sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis (amostra 2)

| VARIÁVEL COMPLEXA | FLP | | |
|--------------------------------|---------------------|-----------|--------------|
| | Freq. Apl./Total | % | PR |
| Valores do submodo | | | |
| <i>Irrealis 1</i> | 20/22 | 90 | 0,869 |
| <i>Irrealis 2</i> | 36/46 | 78 | 0,694 |
| <i>Irrealis-realís 1</i> | 33/41 | 80 | 0,685 |
| <i>Irrealis 3</i> | 27/41 | 65 | 0,554 |
| <i>Irrealis-realís 2</i> | 82/157 | 52 | 0,431 |
| <i>Realis</i> -pressuposição 2 | 56/122 | 45 | 0,371 |
| <i>Realis</i> -pressuposição 1 | 06/16 | 37 | 0,320 |
| TOTAL | 260/445 | 58 | 0,607 |
| | | | <i>input</i> |
| Significância | 0,008 | | |

Esse gradiente pode ser visualizado na configuração abaixo:

Figura 5 *Continuum* de modalidade (amostra 2)



Do *continuum* de modalidade, destacamos a tendência ao uso do presente do subjuntivo sob o escopo do *irrealis 1*, corroborando nossa expectativa e, em seguida, sob o escopo do *irrealis 2* e do *irrealis-realís 1*, seguindo, de uma forma geral, os resultados encontrados na rodada geral para Florianópolis e Lages (amostra 1). A projeção temporal também se mostra importante para o submodo epistêmico. Distancia-se, apenas, o valor associado ao *irrealis 3*, que obteve peso pouco acima do ponto neutro (0,554). Por outro lado, os valores associados ao *irrealis-*

realis 2, ao *realis*-pressuposição 1 e ao *realis*-pressuposição 2 indicam um desfavorecimento do uso do presente do subjuntivo.

A exemplo do que ocorreu com os resultados para a amostra 1 de Florianópolis, também nesta amostra 2 o *realis*-pressuposição 1, ainda que associado ao submodo deôntico, apresenta o peso mais baixo para o uso do presente do subjuntivo – 0,320 –, resultado não esperado inicialmente. Como apostávamos na importância do submodo deôntico no condicionamento do presente do subjuntivo, esperávamos que os valores a ele associados obtivessem pesos mais elevados em comparação aos valores associados ao submodo epistêmico. Acreditamos que a justificativa apresentada na seção 4.1 deste capítulo para o resultado da ‘avaliação’ pode ser estendida para o resultado desta amostra 2: não encontramos um uso produtivo de verbos avaliativos, como *gostar* e *preferir*, que ocorrem com mais frequência em Lages (amostra 1), fazendo com que o peso relativo para o fator ‘avaliação’ se eleve.

Como análise geral, esses resultados indicam que a (i) a modalidade deôntica não necessariamente carrega um valor de projeção futura inerente como propõe Givón (1984, 1995, 2001); (ii) como bem ilustra Palmer (1986), a modalidade epistêmica pode se deslocar em uma faixa temporal mais alargada, seja no passado, no presente ou no futuro; e (iii) a modalidade se mostra, de fato, um domínio funcional complexo, em que noções temporais e modais interagem (GIVÓN, 1984, 1995, 2001).

Na sequência, analisamos e discutimos os resultados referentes aos demais grupos de fatores selecionados nesta rodada referente à amostra 2. Apresentaremos, na tabela seguinte, os resultados para ‘morfologia verbal’ e, na sequência, para as variáveis de natureza social ‘sexo’ e ‘escolaridade’.

Conforme veremos, os resultados para a variável ‘morfologia verbal’ aproximam-se dos resultados encontrados para Florianópolis e Lages na amostra 1 (cf. seção 4.1 deste capítulo). Os verbos regulares/irregulares favorecem o uso do presente do subjuntivo (0,578), resultado, conforme já comentado, que não corrobora nossa expectativa.

Tabela 33

Atuação da variável ‘morfologia verbal’ sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis (amostra 2)

| VARIÁVEL | FLP | | |
|---|---------------------|--------------|--------------|
| | Freq. Apl./Total | % | PR |
| Morfologia verbal ²⁰³ | | | |
| Regular/irregular | 175/262 | 66 | 0,578 |
| Anômalo | 85/183 | 45 | 0,389 |
| TOTAL | 260/445 | 58 | 0,607 |
| | | | <i>input</i> |
| Significância | | 0,008 | |

A seguir, apresentamos os resultados para as variáveis sociais selecionadas pelo programa Goldvarb: ‘sexo’ e ‘escolaridade’.

Tabela 34

Atuação das variáveis sociais ‘sexo’ e ‘escolaridade’ sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis (amostra 2)

| VARIÁVEIS SOCIAIS | FLP | | |
|----------------------------------|---------------------|--------------|--------------|
| | Freq. Apl./Total | % | PR |
| Sexo | | | |
| Masculino | 145/219 | 66 | 0,576 |
| Feminino | 115/226 | 50 | 0,426 |
| Escolaridade | | | |
| Universitário | 69/96 | 71 | 0,625 |
| Colegial | 85/138 | 61 | 0,536 |
| Primário/ginasial ²⁰⁴ | 106/211 | 50 | 0,419 |
| TOTAL | 260/445 | 58 | 0,607 |
| | | | <i>input</i> |
| Significância | | 0,008 | |

²⁰³ Seguindo procedimento adotado nas rodadas por cidade (amostra 1), os resultados para os fatores referentes aos verbos ‘regulares’ e ‘irregulares’ nos permitiram amalgamar ambos os fatores: os verbos regulares atingem um percentual de 64% e o peso de 0,555, muito próximo dos resultados para os verbos irregulares: 69% e peso de 0,613. Para os verbos anômalos, o peso é mais baixo (0,379) e o percentual é de 46%.

²⁰⁴ Os níveis de escolaridade ‘primário’ e ‘ginasial’ foram amalgamados devido à proximidade no resultado percentual: 50% e 49%, respectivamente.

Como a variável ‘sexo’ foi selecionada com um resultado não esperado – os homens favorecendo o uso do presente do subjuntivo (0,576) –, procedemos a uma rodada retirando o informante 21 (cf. anexo D). Esse informante usa um número maior de contextos em que se esperaria o uso do presente do subjuntivo e, dentre os demais informantes, também é o que mais usa esse tempo/modo verbal, embora o percentual não seja o mais elevado. Como resultado dessa rodada, e ao contrário do que ocorreu na rodada geral entre Florianópolis e Lages (cf. seção 4.1 deste capítulo), a variável ‘sexo’ ainda é selecionada, indicando que esse informante não altera a seleção estatística.

Na tentativa de compreender o resultado inesperado para o grupo de fatores ‘sexo’, realizamos dois cruzamentos: o primeiro entre ‘sexo’ e ‘projeção temporal’ e o segundo entre ‘sexo’ e ‘submodo’. Como resultado, observamos que os homens atingem um percentual elevado para o uso do presente do subjuntivo principalmente em contexto de projeção futura e do submodo deôntico. Assim, parece que os homens apenas acentuam a tendência geral verificada em relação à modalidade.

Como esperávamos, a variável ‘escolaridade’ foi selecionada – embora com resultados pouco polarizados –, corroborando nossa hipótese de que a escola exerce influência sobre o uso do presente do subjuntivo: o primário e o ginásial amalgamados alcançam o peso de 0,419; o colegial com 0,536 e o universitário com 0,625. Entretanto, no que se refere ao contexto das orações substantivas, é importante destacar que os informantes universitários empregam mais verbos deônticos em comparação aos verbos epistêmicos, o que pode contribuir para elevar o percentual e o peso para o uso do presente do subjuntivo, já que aquele é o contexto modal preferencial para o subjuntivo. Voltaremos a essa questão ao apresentarmos e discutirmos os resultados por contexto de análise. Dentre as variáveis sociais, somente a ‘idade’ não obteve relevância estatística. De acordo com os resultados, há 55% de uso de presente do subjuntivo na fala dos jovens, 58% na fala de informantes com idade entre 25 e 50 anos, e os informantes com idade acima de 50 anos apresentam 60% de uso da referida variante. A diferença entre as faixas etárias não é, portanto, significativa.

4.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS POR CONTEXTO DE ANÁLISE: amostras de fala de Florianópolis (amostra 2)

Nesta seção, ainda como um desdobramento da análise referente à amostra 2, iniciada na seção anterior, discutimos resultados

decorrentes das rodadas estatísticas por contexto de análise para Florianópolis. Optamos por iniciar a análise e a discussão dos resultados com as orações subordinadas – substantivas, adverbiais e adjetivas – por serem mais numerosas na amostra. Na sequência, tratamos das orações com *talvez* e, encerrando a seção, das orações parentéticas. Sempre que possível, procuramos seguir o procedimento adotado em rodadas anteriores quanto à realização de amálgamas. O leitor será avisado se tivermos que optar por uma orientação metodológica diferenciada.

Antes de iniciarmos a análise por contexto, convém apresentar os resultados frequenciais de uso do subjuntivo em cada contexto investigado, para poder compará-los com a média geral da amostra 2, que é de 58%: orações substantivas (88/136 = 64%); orações adverbiais (66/111 = 59%); orações adjetivas (64/130 = 49%); orações com *talvez* (27/47 = 57%); orações parentéticas (15/21 = 71%). Embora a variável ‘tipo de contexto sintático’ não tenha sido selecionada pelo GOLDVARB na amostra 2, como podemos perceber nos resultados percentuais, são as orações parentéticas e as substantivas que se constituem nos ambientes sintáticos mais propícios ao subjuntivo, distanciando-se da média da amostra 2 em 14 e 2 pontos percentuais para cima, respectivamente; em contraponto, as orações adjetivas favorecem o indicativo, afastando da média em 4 pontos percentuais para cima; as orações adverbiais e as orações com *talvez*, por sua vez, mostram-se praticamente na média.

4.4.1 Orações substantivas

A rodada com as ocorrências correspondentes às orações substantivas, após eliminação de nocautes e realização de amálgamas, permitiu a seleção de quatro grupos de fatores. Inicialmente, apresentamos resultados referentes a duas variáveis gerais e, na sequência, os resultados concernentes a duas variáveis específicas.

Os resultados exibidos na tabela 35, a seguir, estão em consonância com os já apresentados em outras rodadas. A 1ª pessoa inibe o uso do presente do subjuntivo (0,261), que é favorecido pelas demais pessoas (0,594). Da mesma forma, os verbos regulares e irregulares favorecem o uso do presente do subjuntivo (0,613), diferentemente do que ocorre com os verbos anômalos (0,341).

Tabela 35

Atuação das variáveis ‘pessoa’ e ‘morfologia verbal’ sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* no contexto de oração substantiva na fala de Florianópolis (amostra 2)

| VARIÁVEIS | FLP | | |
|--|---------------------|--------------|--------------|
| | Freq. Apl./Total | % | PR |
| Pessoa | | | |
| 2ª e 3ª pessoas [+/- animada] ²⁰⁵ | 74/99 | 74 | 0,594 |
| 1ª pessoa | 14/36 | 38 | 0,261 |
| Morfologia verbal | | | |
| Regular/irregular | 62/80 | 77 | 0,613 |
| Anômalo | 26/56 | 46 | 0,341 |
| TOTAL | 88/136 | 64 | 0,674 |
| | | | <i>input</i> |
| Significância | | 0,030 | |

Passamos, agora, aos resultados referentes às variáveis específicas.

Tabela 36

Atuação das variáveis ‘traço semântico do item verbal/nominal da oração substantiva’ e ‘tipo de oração substantiva’ sobre o uso do presente do modo subjuntivo no contexto de oração substantiva na fala de Florianópolis (amostra 2)

| VARIÁVEIS ESPECÍFICAS | FLP | | |
|---|---------------------|-----|----------------------|
| | Freq. Apl./Total | % | PR |
| Traço semântico do item verbal/nominal da oração substantiva | | | |
| Implicativo (<i>fazer com que</i>) | 12/12 | 100 | – |
| Implicativo negativo (<i>evitar</i>) | 02/02 | 100 | – |
| Bicondicional negativo (<i>não interessar</i>) | 02/02 | 100 | – |
| Bicondicional (<i>poder ser que</i>) | 07/08 | 87 | 0,946 |
| Não-factivo volitivo (<i>querer</i>) | 31/35 | 88 | 0,748 |
| Factivo emotivo-avaliativo (<i>concordar</i>) | 07/13 | 53 | 0,637 |
| Não-factivo não volitivo (<i>pedir</i>) | 09/16 | 56 | 0,360 ²⁰⁶ |

²⁰⁵ Os seguintes fatores relativos à variável ‘pessoa’ foram amalgamados considerando a proximidade nos resultados: 2ª pessoa (83%), 3ª pessoa [+ animada] (78%) e 3ª pessoa [- animada] (68%).

²⁰⁶ O peso relativo para o fator ‘não-factivo não volitivo’ diminui ao interagir com a variável ‘tipo de oração substantiva’. Nos níveis anteriores ao nível em que essa variável é selecionada, o peso para o fator oscila entre 0,415 e 0,441.

| | | | |
|---|---------------|--------------|--------------|
| Performativo (<i>dizer</i>) | 07/17 | 41 | 0,259 |
| Predicado indiferente de opinião (<i>acreditar</i>) | 11/30 | 36 | 0,202 |
| Tipo de oração substantiva ²⁰⁷ | | | |
| Objetiva indireta | 10/10 | 100 | – |
| Completiva nominal | 04/05 | 80 | 0,579 |
| Objetiva direta | 64/105 | 60 | 0,570 |
| Subjetiva | 10/16 | 62 | 0,126 |
| TOTAL | 88/136 | 64 | 0,674 |
| | | | <i>input</i> |
| Significância | | 0,030 | |

Dos resultados referentes à primeira variável exibida na tabela 36, destaque para os verbos implicativos, de uso categórico de presente do subjuntivo. Nossa expectativa, ao contrário, não foi corroborada, inclusive o percentual para os verbos não-factivos volitivos diminui em relação ao observado na rodada geral. Mantém-se o baixo peso relativo para os verbos indiferentes de opinião, com 0,202, contexto que inibe o uso do presente do subjuntivo.

Em relação ao ‘tipo de oração substantiva’, destaca-se, como esperado, a alta recorrência de orações objetivas diretas (105/136 = 77%), mostrando, junto das completivas, um contexto levemente favorecedor para o subjuntivo. Quanto às objetivas indiretas, dos 10 dados, 09 ocorrem com o verbo implicativo *fazer com que*, que é de uso categórico do presente do subjuntivo. Portanto, mesmo que o item verbal/nominal da oração matriz não tenha sido obtido relevância estatística, nesse caso, por exemplo, devemos considerar sua importância no condicionamento do presente do subjuntivo superior ao fato de se tratar de oração substantiva objetiva indireta.

A oração subjetiva, ao contrário do esperado, não constitui o fator que mais favorece o presente do subjuntivo. Como há alguma recorrência da construção *poder ser que* acompanhado do presente do subjuntivo, acreditávamos que a oração subjetiva fosse atingir um peso elevado, porém há outras orações subjetivas que tendem a ser usadas com o presente do indicativo. De qualquer forma, *poder ser que* é recorrente dentre as orações subjetivas, estando acompanhada de presente do subjuntivo em seis das sete ocorrências.

²⁰⁷ Os pesos relativos para os fatores da variável ‘tipo de oração substantiva’ se alteram significativamente no nível 2, ao interagirem com ‘traço semântico do item verbal/nominal da oração substantiva’. No nível 1, os valores são: ‘completiva nominal’ (0,710), ‘subjetiva’ (0,505) e ‘objetiva direta’ (0,489).

4.4.2 Orações adverbiais

Provavelmente em decorrência do número mais significativo de dados que caracteriza a amostra 2, também variáveis específicas do contexto das orações adverbiais foram selecionadas, diferentemente do ocorreu na rodada por contexto na amostra 1. As seguintes variáveis obtiveram relevância estatística: valores do submodo, escolaridade, tipo de oração adverbial, conector da oração adverbial e pessoa. Para a análise e discussão dos resultados, distribuimos as variáveis em duas tabelas: variáveis gerais e, após, as específicas do contexto adverbial.

Tabela 37

Atuação das variáveis ‘valores do submodo’, ‘escolaridade’ e ‘pessoa’ sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* no contexto de oração adverbial na fala de Florianópolis (amostra 2)

| VARIÁVEIS | FLP | | |
|--|---------------------|--------------|------------------------------|
| | Freq. Apl./Total | % | PR |
| Valores do submodo | | | |
| Volição | 01/01 | 100 | – |
| Manipulação | 18/19 | 94 | 0,982 |
| Probabilidade/crença | 32/45 | 71 | 0,355 |
| Certeza | 15/46 | 32 | 0,256 |
| Escolaridade | | | |
| Universitário | 25/29 | 86 | 0,827 |
| Colegial | 26/44 | 59 | 0,652 |
| Primário/ginasial ²⁰⁸ | 15/38 | 39 | 0,127 |
| Pessoa²⁰⁹ | | | |
| 3ª pessoa [+/- animada] ²¹⁰ | 46/66 | 69 | 0,614 |
| 1ª pessoa | 16/35 | 45 | 0,451 |
| 2ª pessoa ²¹¹ | 02/05 | 40 | 0,008 |
| TOTAL | 66/111 | 59 | 0,907 <i>input</i> |
| Significância | | 0,005 | |

²⁰⁸ Os fatores ‘primário’ e ‘ginasial’ foram amalgamados devido ao percentual aproximado para o uso do presente do subjuntivo: 33% e 42%, respectivamente.

²⁰⁹ O número de ocorrências para a variável ‘pessoa’ não corresponde ao total de ocorrências das orações adverbiais devido aos casos de oração sem sujeito e/ou sujeito oracional, que foram codificados com o sinal de não-aplicação.

²¹⁰ A 3ª pessoa [+/- animada] foi amalgamada: 78% e 58%, respectivamente. Independentemente do amálgama, foi selecionada nas diversas rodadas.

²¹¹ As ocorrências referentes à 2ª pessoa não foram amalgamadas com as de 3ª devido ao percentual bastante diferenciado.

Nas orações adverbiais não são esperadas ocorrências em que o valor volitivo esteja presente, motivo pelo qual encontramos apenas um caso, a seguir reproduzido, com uso de subjuntivo. Observe-se que o valor de volição é depreendido do contexto mais amplo que ancora a ocorrência da oração adverbial temporal.

(15) Ent.: E algum sonho, alguma coisa que tu, assim, tens?

De todos os sonhos, eu quero conhecer um lugar.

Ent.: Um lugar?

ANTES QUE eu **MORRA**, Bahia. (FLP 19MAC, L943)

Na sequência, conforme resultados apresentados na tabela 37, o valor ‘manipulação’ condiciona o uso do presente do subjuntivo (0,982). Também atestando nossa hipótese, o fator ‘certeza’ inibe o uso dessa variante. Dos resultados apresentados na referida tabela, era esperado que o traço de probabilidade/crença favorecesse o uso do presente do subjuntivo devido ao percentual elevado (71%), o que não se evidencia no peso relativo de 0,355. Observando a interação com a variável ‘conector da oração adverbial’, notamos que há alteração nos valores iniciais para ‘probabilidade/crença’ e ‘certeza’. Realizamos, então, uma rodada sem essa variável específica, verificando que os pesos para ambos os fatores se mantêm equilibrados ao longo dos níveis de seleção: para ‘probabilidade/crença’, os valores oscilam entre 0,504 e 0,615 e, para ‘certeza’, entre 0,133 e 0,279 – em conformidade com nossa hipótese. Então, mesmo que a variável ‘conector da oração adverbial’ não tenha obtido significância estatística, atesta-se a forte atuação de alguns itens, tais como que parecem se sobrepor à força da modalidade, num caso típico de motivações em competição.

Os resultados para os outros dois grupos de fatores também corroboram nossa expectativa. O uso do presente do subjuntivo acompanha os níveis de escolaridade: 0,827 para os universitários; 0,652 para o colegial e 0,127 para primário e ginásial amalgamados, pesos cuja distribuição acompanha a dos percentuais. Os resultados indicam que a instrução formal se mostra um importante instrumento na preservação do presente do subjuntivo em contextos adverbiais. Os resultados para a variável ‘pessoa’ estão na direção de outros mostrados anteriormente: a 1ª pessoa inibe essa variante (0,451) e a 3ª pessoa a condiciona (0,614). Entretanto, a 2ª pessoa desfavorece ainda mais o presente do subjuntivo, com o peso de 0,008 – ressalva apenas para o escasso número de ocorrências de P2.

A seguir, apresentamos e discutimos os resultados referentes às duas variáveis específicas selecionadas: ‘tipo de oração adverbial’ e ‘conector da oração adverbial’.

Tabela 38

Atuação das variáveis específicas sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* no contexto de oração adverbial na fala de Florianópolis (amostra 2)

| VARIÁVEIS ESPECÍFICAS | FLP | | |
|-------------------------------------|---------------------|--------------|------------------------------|
| | Freq. Apl./Total | % | PR |
| Tipo de oração adverbial | | | |
| Final | 16/16 | 100 | – |
| Modal | 02/02 | 100 | – |
| Condicional | 15/16 | 93 | 0,999 |
| Temporal | 03/05 | 60 | 0,969 |
| Causal | 13/25 | 52 | 0,192 |
| Concessiva | 17/47 | 36 | 0,108 |
| Conector da oração adverbial | | | |
| C-categórico ²¹² | 28/28 | 100 | – |
| <i>Mesmo que</i> | 05/07 | 71 | 0,975 |
| <i>Não é que</i> | 06/08 | 75 | 0,826 |
| <i>Não que</i> | 06/09 | 66 | 0,822 |
| <i>Nem que</i> | 04/05 | 80 | 0,628 |
| <i>Embora</i> | 10/18 | 55 | 0,544 |
| <i>Não porque</i> | 01/02 | 50 | 0,354 |
| <i>A não ser que</i> | 04/05 | 80 | 0,002 |
| <i>Até que</i> | 02/04 | 50 | 0,001 |
| C-categórico ²¹³ | 0/25 | 0 | – |
| TOTAL | 66/111 | 59 | 0,907 <i>input</i> |
| Significância | | 0,005 | |

Dos resultados exibidos na tabela 38 para o grupo de fatores ‘tipo de oração adverbial’, podemos fazer a seguinte síntese: (i) o presente do

²¹² O código *c-categórico* no topo da tabela indica as conjunções sob o escopo das quais o presente do subjuntivo é de uso categórico: *a menos que* (01), *antes que* (01), *de maneira que* (02), *desde que* (06), *logo que* (02) e *para que* (16). O total de ocorrências apresentado na tabela refere-se ao somatório do resultado para cada conector.

²¹³ O código *c-categórico* na base da tabela indica as conjunções sob o escopo das quais o presente do indicativo é de uso categórico: *apesar de que* (10), *não é porque* (06) e *se bem que* (09). O total de ocorrências apresentado na tabela refere-se ao somatório do resultado para cada conector.

subjuntivo é de uso categórico nas orações finais e modais; (ii) as orações condicionais e temporais são de uso quase categórico dessa variante (com a ressalva de poucos dados de temporais), aproximando-se do valor de *input* 0,907; (iii) já as orações causais e concessivas, especialmente esta última, mostram-se ambientes preferenciais para o indicativo, inibindo de forma acentuada a variante subjuntiva. Note-se que, do ponto de vista percentual, as causais, junto das temporais, são as que mais propiciam a variação, aproximando-se da média geral de 59%; em contrapartida, são as que significativamente se distanciam do valor de *input*, de modo bastante polarizado. Vale enfatizar que são justamente as orações causais e concessivas as mais recorrentes na amostra e aquelas que, de uma forma geral, se caracterizam pelo cancelamento de inferência atribuída ao ouvinte. É provável que, no contexto das orações adverbiais, o uso do presente do indicativo esteja sendo facilitado pela interação falante-ouvinte que envolve as orações causais e concessivas (GOUVÊA, 2001; GARCIA, 2004; SALGADO, 2006). Soma-se a propriedade de pelo menos algumas orações concessivas ocorrerem em uma oração independente, como se fosse um adendo, uma informação adicional (MOURA NEVES, 2000).

São essas particularidades que merecem uma investigação mais refinada, justificando, o controle do tipo de conector, procedimento metodológico já adotado por diversos pesquisadores e com resultados interessantes (WHERRITT, 1977; ALVES NETA, 2000; GONÇALVES, 2003; FAGUNDES, 2007; ALMEIDA, 2010). A correlação entre o tipo de oração adverbial e o conector é a seguinte: final (*para que*), modal (*de maneira que*), condicional (*desde que, a menos que*), temporal (*antes que, até que*), causal (*não é que, não é porque*), concessiva (*apesar de que, embora, se bem que*). Vamos nos deter a comentar os resultados que julgamos mais significativos, correlacionando o tipo de oração com as conjunções.

Primeiramente, destacamos o conector *para que* (embutida no fator ‘c-categórico’ do topo da tabela), a única que ocorre no contexto de orações finais (16 dados). Vejamos um exemplo.

- (16) Então, não sei se uma orientação maior pros jovens ou uma ocupação maior pros jovens pra evitar- **PARA QUE** ele FUJA disso, né. (FLP 40MBU)

As orações finais são de uso categórico de presente do subjuntivo e, de uma forma geral, se caracterizam por um componente manipulativo de natureza bastante peculiar: uma força externa tende a

desencadear outra (SWEETSER, 1990). Essa situação é clara no exemplo anterior: a orientação ou a ocupação pode fazer com que os jovens fujam/evitem um determinado tipo de comportamento.

No que diz respeito às orações concessivas, os resultados para as conjunções, conforme tabela 38, é bastante diversificado: (i) sob o escopo das conjunções *mesmo que* e *nem que*, o presente do subjuntivo é de uso bastante alto, quase categórico para *mesmo que*; (ii) sob o escopo do conector *embora* (maior número de ocorrências), a variação é bastante equilibrada em termos percentuais, mas vemos que, embora o P.R. esteja próximo do neutro, já há um relativo distanciamento do valor de *input*; (iii) sob o escopo de *apesar de que* e *se bem que* (itens inseridos no fator ‘c-categórico’ da base da tabela), somente o presente do indicativo é usado. Vejamos alguns exemplos, seguidos de comentários.

- (17) Porque no meu feijão tem que ter uma linguicinha, um pedacinho, [sempre um]- **NEM QUE SEJA** pequenininho, mas sempre vai [um]- um salgadinho pra dar o gostinho, né? (FLP 17FAC, L419)
- (18) Olha, os idosos que residem aqui, [eles]- eu tenho impressão assim que eles têm assim [uma]- uma classe social pouquinho elevada, porque eles estão aqui, eles estão com uma mordomia muito grande, eles estão pagando essa mordomia, então eles têm um pouquinho [de]- de independência, não é? E eles estão aqui por opção deles, **EMBORA ESTEJAM** assim separados da família, mas foi uma opção deles. E tu sabes que o idoso, ele se discrimina, né? (FLP 22FBC, L147)
- (19) Eu acho que os cofres enchem mais, né? **SE BEM QUE** agora o real **ESTÁ** [bem mais]- bem mais alto do que o dólar e a tendência, eu acho que vai diminuir o número [de]- de turistas em Florianópolis [mas]- mas quando o dólar era mais alto que o cruzeiro? O real? [Sei lá, o cruzeiro, a tendência]- era [de]- [de]- de grandes números de turistas. (FLP 16FJC)

A primeira ocorrência ilustra os casos em que o presente do subjuntivo é de uso praticamente categórico, caracterizados, em geral, pela apresentação de uma situação hipotética, suposta. Nesse dado, o informante menciona que sempre põe algo salgado no feijão pra dar mais gosto, mesmo que, porventura, seja um pedaço pequeno. As orações condicionais também se caracterizam por apresentar uma situação hipotética e, nesse contexto, o presente do subjuntivo tende a ser usado (0,999).

Em contrapartida, o conector *embora* sempre ocorre em contextos de projeção espraiada, considerados como certos, factuais. Ainda assim, a variação entre presente do subjuntivo e presente do indicativo se mostra bastante equilibrada (55% e peso de 0,544). Esse conector, nos termos de Bybee (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994), o modo subordinante, caracterizado como aquele em que o subjuntivo ocorre em determinados tipos de orações subordinadas. Na ocorrência (18), o informante afirma que os idosos estão separados da família, o que marca a situação como real, factual, com projeção espraiada, e, ainda assim, o presente do subjuntivo aparece.

Diferentemente, dados como (19) também envolvem situações factuais, porém somente ocorrem com o presente do indicativo. As orações introduzidas pelas conjunções *apesar de que* e *se bem que* constituem, segundo Moura Neves (2000), um adendo, e tendem a aparecer como oração independente. Essa nova configuração oracional também pode contribuir para a presença efetiva do presente do indicativo nesses tipos de orações adverbiais.

Com relação às orações causais, as ocorrências na amostra não são numerosas (25) e ainda estão distribuídas em quatro tipos de conjunções: *não é que* (0,826), *não que* (0,822), *não porque* (0,354) e *não é porque* (100% para presente do indicativo).

- (20) Eu gosto de mim como gosto [do]- do Alex, meu primo, e eu gosto dele [de]- sei lá não posso dizer que eu amo ele, sou apaixonada por ele, porque- É por ele [que eu]- [que a minha]- que eu faço o que eu faço no dia-a-dia. É tudo por ele. A gente é primo, então [eu]- eles não dão muito apoio. E eu não sei se ele gosta de mim, se ele não gosta, mas o namoro pra mim, eu gosto dele, ele gostando de mim, dava de a gente namorar. **NÃO É PORQUE** a gente **É** primo que não pode. Primo segundo grau não tem nada a ver. Eu acho assim. Namoro tem que, como é que eu posso te dizer, não sei o que dizer, é sei lá, um tem que gostar do outro, tem que saber o que estão fazendo, não só fazer besteira. (FLP 05FJP)

Em dados como (20), o informante tende a cancelar uma inferência atribuída ao ouvinte. Nesse exemplo, a informante menciona que gosta do primo. De acordo com nosso conhecimento de mundo, não é costume, nem muito aconselhável, que primos se casem entre si. É provável que a informante tenha atribuído essa inferência ao ouvinte e, antes que fosse inquirida, já desfaz essa possível inferência ao dizer *não é porque a gente é primo que não pode*.

As orações adverbiais constituem um contexto de análise rico e ainda pouco explorado. Pesquisas futuras, com uma amostra mais representativa, podem oferecer evidências mais seguras acerca das questões discutidas.

4.4.3 Orações adjetivas

Após a eliminação de nocautes e a realização de alguns amálgamas, o programa estatístico selecionou dois grupos de fatores: ‘projeção temporal da situação codificada’ e ‘morfologia verbal’. A tabela 39 apresenta os resultados para essas variáveis.

Tabela 39

Atuação das variáveis ‘projeção temporal da situação codificada’ e ‘morfologia verbal’ sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* no contexto de oração adjetiva na fala de Florianópolis (amostra 2)

| VARIÁVEIS | FLP | | |
|---|---------------------|--------------|--------------|
| | Freq. Apl./Total | % | PR |
| Projeção temporal da situação codificada | | | |
| Projeção futura | 12/15 | 80 | 0,822 |
| Projeção espaiada | 52/115 | 45 | 0,450 |
| Morfologia verbal | | | |
| Irregular | 28/45 | 62 | 0,652 |
| Regular | 20/41 | 48 | 0,465 |
| Anômalo | 16/44 | 36 | 0,375 |
| TOTAL | 64/130 | 49 | 0,497 |
| | | | <i>input</i> |
| Significância | | 0,034 | |

O primeiro resultado a ser comentado refere-se ao percentual geral de uso do presente do subjuntivo em orações adjetivas – 49% –, provavelmente motivado pelo número expressivo de ocorrências em ambiente de ‘projeção espaiada’, fator que desfavorece o uso dessa variante – 0,450. Corroborando nossa expectativa, a ‘projeção futura’ condiciona o uso do presente do subjuntivo – 0,822 –, fator que tem se mostrado relevante independentemente do contexto de análise. Vejamos alguns exemplos.

- (21) Então eu acho, assim, por exemplo, [da <tan->]- como a Prefeitura, dá tanto pra uma- Abre uma creche, né? Paga tanto. E então eu acho que ele devia [botar uma]- fazer uma coisa mas certa. O Governo mesmo implantar. E botar gente competente, gente

responsável, gente **QUE** [crie]- **CRIE** com carinho, [dá]- **CUIDE**- (FLP 16FBG, L666, 667)

- (22) Elas são solteiras, aí, quer dizer, meu trabalho [me dá o]- traz o dinheiro pra casa, né? E tem muitos maridos- Já não se sabe se vai acontecer elas arrumarem marido, a mesma coisa, ser um marido **QUE AJUDA** em casa. Porque são bem diferentes os homens, né? mudam de um pra outro, né? (FLP 17FAC, L444)
- (23) Geralmente quando eu vou num restaurante é num lugar **QUE** eu **CONHEÇO**, então [vai ser alguma coisa]- eu vou comer alguma coisa **QUE** eu **CONHEÇA**, não vou pedir alguma assim, que não **CONHEÇO**, né? (FLP 02MJC, L1141, 1143, 1144)

Os dois primeiros exemplos ilustram casos de projeção futura. Na primeira ocorrência, é preciso que o governo ofereça condições para que pessoas responsáveis criem com carinho e cuidem de crianças. Na segunda ocorrência, a informante não sabe se, no futuro, o marido de suas filhas vai ajudá-las em casa. O terceiro dado trata de uma situação rotineira, caracterizada, portanto, como projeção espraiada. O interessante é que o informante usa o presente do subjuntivo e o presente do indicativo com o mesmo verbo – *conhecer*.

Diferentemente do que ocorreu em outras rodadas, os resultados para os fatores que compõem a variável ‘morfologia verbal’ não permitiram amálgamas devido aos resultados. Conforme os resultados exibidos na tabela 39, os verbos regulares atingem um percentual de 48% e os irregulares de 62%. Ainda assim, a título de teste, realizamos uma rodada, amalgamando esses dois fatores. Como resultado, os dois fatores amalgamados atingiram o percentual de 55% e alcançaram o peso de 0,565, constituindo ambiente favorável ao uso do presente do subjuntivo, em consonância com resultados de outras rodadas. Na tabela 39, entretanto, são os verbos irregulares que condicionam o uso do presente do subjuntivo (0,652) em oposição aos verbos regulares (0,465) e anômalos (0,375).

Para as orações adjetivas especificamente, ainda controlamos a ‘animacidade do referente do pronome relativo’, grupo de fatores que não obteve relevância estatística. Como alguma sobreposição com a variável ‘pessoa’ é prevista, procedemos a uma rodada estatística excluindo esta última. A desconsideração desse grupo de fatores não afeta a seleção estatística nem mesmo o peso relativo para a ‘animacidade’: 0,458 para referentes com o traço [+ animado] e 0,519 para referentes com o traço [- animado]. À semelhança da pesquisa de Alves (2009), os resultados não atestam a hipótese de que referentes [+ animados] favoreceriam o uso do presente do subjuntivo.

4.4.4 Orações com o item *talvez*

O contexto de orações com o item *talvez* foi o único a não selecionar nenhum grupo de fatores, mesmo após terem sido realizados os amálgamas com base nos resultados percentuais e probabilísticos. É possível que a ausência de variáveis estatisticamente significativas possa ser explicada pelo número de dados: 47, dentre os quais 27 ocorrem com o presente do subjuntivo, variante que atinge um percentual de 57%.

Importa ainda ressaltar que duas variáveis foram desconsideradas das rodadas: ‘submodo’ e ‘valores do submodo’. O próprio item *talvez* projeta sobre toda a oração o ‘submodo epistêmico’ no valor de ‘probabilidade/crença’ (GIVÓN, 1984, 1995, 2001). Com base nessa particularidade, e considerando que as variáveis associadas à modalidade obtiveram relevância estatística nas rodadas com ocorrências das amostras 1 e 2, podemos supor que a força da atuação dos grupos de fatores concernentes à modalidade enfraquece, inibindo a seleção estatística de outras variáveis.

Com relação à terceira variável associada à modalidade, ‘projeção temporal da situação codificada’, os resultados percentuais são bastante próximos: 58% para ‘projeção futura’ e 57% para ‘projeção espreada’. Em termos probabilísticos, os resultados se distanciam, apontando a ‘projeção futura’ como o fator favorecedor ao uso do presente do subjuntivo, com 0,849. Vejamos duas ocorrências: a primeira ilustra um caso de ‘projeção futura’ e, a segunda, de ‘projeção espreada’.

- (24) [Eu]- se eu chegar a me aposentar, **TALVEZ SEJA** idade, né?
(FLP 07FBP, L559)
- (25) [Eu]- [eu <sin->]- [é a mesma]- eu sinto, assim, como se- A gente é espírita, quem não é espírita, **TALVEZ** não **SENTE**, não **SABE** dizer o que que sente. Sente, mas não sabe como identificar, né? os sonhos, [os]- a amizade pela pessoa. (FLP 17FAC, L648, 649)

Como observação final, acreditamos que o contexto das orações com *talvez* merece ser mais bem averiguado em análises que ampliem a amostra a fim de que interpretações mais seguras possam ser apresentadas.

4.4.5 Orações parentéticas

A amostra 2, caracterizada pela inclusão de informantes da faixa etária mais jovem e de informantes universitários, nos permite uma análise um pouco mais segura dos resultados concernentes a esse

contexto sintático devido ao número mais expressivo de dados em relação à amostra 1, que contava com 7 ocorrências. O contexto das orações parentéticas é, de fato, caracterizado pelo uso exclusivo da 1ª pessoa do singular com três tipos de verbos: *conhecer*, *lembrar* e *saber*, motivo pelo qual apresentamos, na tabela 40 a seguir, os resultados correlacionados com o grupo de fatores ‘item verbal do dado’.

Tabela 40
Correlação do ‘item verbal do dado’ com o uso do *presente do modo subjuntivo* em contexto de orações parentéticas na fala de Florianópolis (amostra 2)

| VARIÁVEL | FLP | |
|----------------------------|---------------------|-----------|
| | Freq. Apl./Total | % |
| Item verbal do dado | | |
| <i>Conhecer</i> | 01/01 | 100 |
| <i>Lembrar</i> | 09/15 | 60 |
| <i>Saber</i> | 05/05 | 100 |
| TOTAL | 15/21 | 71 |

Conforme resultados apresentados na tabela 40, a variação entre presente do subjuntivo e do indicativo ocorre justamente com verbo regular e mais produtivo na amostra: *lembrar*. Vejamos um exemplo para cada verbo.

- (26) Ent.: E nunca houve casos assim [de]- de mulheres que morreram?
Não, **QUE EU CONHEÇA**, não, mas todas as pacientes dela nenhuma delas morreu, nem elas, nem as crianças. (FLP 08FBP, L732)
- (27) Ent.: A senhora começou a trabalhar com quantos anos?
QUE EU me LEMBRO, eu estava ainda no curso magistério quando eu comecei a substituir, a dar aula para o primário, substituindo um outro professor que estava de licença. Que eu lembro, eu acho que eu comecei a trabalhar com dezesseis, dezessete anos. (FLP 42FBU)
- (28) Esse ano ninguém, **QUE EU SAIBA**, ninguém colocou. (FLP 21MJG)

É provável que, nos termos de Bybee (2001, 2003), a recorrência do verbo regular *lembrar* esteja permitindo a entrada do presente do indicativo nesse tipo específico de contexto. No cruzamento entre ‘item verbal do dado’ e ‘escolaridade’, observamos que há apenas 1 caso de *lembrar* no primário e com o verbo no presente no indicativo e, nos

demais níveis de escolaridade, observamos um uso variável desse tempo/modo verbal.

Um outro ponto interessante é que a oração parentética não está restrita a alguns poucos informantes: dos 44 informantes da amostra 2, os 21 dados de oração parentética se distribuem entre 17 informantes. Essa informação exclui a possibilidade de pensarmos que esse tipo de oração seja característica de determinados indivíduos. Uma amostra mais significativa, em pesquisas futuras, poderá confirmar ou esclarecer essa questão.

Em um outro cruzamento, agora entre ‘item verbal do dado’ e ‘estrutura da assertividade da oração’, observamos que a presença da negação não exerce influência sobre o uso do verbo *saber*, de uso categórico de presente do subjuntivo na amostra. O verbo *conhecer* ocorre apenas uma única vez na amostra, no presente do subjuntivo e na presença da negação. Em contrapartida, o verbo *lembrar* é sensível à presença da negação: se a oração parentética apresentar o *não*, antes e/ou depois do verbo, o presente do subjuntivo é de uso categórico; se não apresentar, há uma preferência pelo presente do indicativo. Esses resultados, porém, devem ser relativizados em função do número de ocorrências encontradas nesse tipo de contexto.

4.5 VARIAÇÃO NA COMUNIDADE E VARIAÇÃO NO INDIVÍDUO

Desde a definição para *comunidade de fala* apresentada por Labov (1972b), como um grupo que compartilha as mesmas atitudes/valores em relação à língua e padrões normativos, pesquisadores vêm debatendo o assunto e propondo novas definições assentadas em outros critérios. Conforme destacado no capítulo 2, não é nosso propósito aprofundar essa questão, entretanto assumimos uma posição que conjuga Labov (1972b), Guy (2000, 2001) e Patrick (2004).

Guy (2001), na consideração de que a rede de relações entre os indivíduos é bastante complexa, alarga essa noção de *comunidade de fala*, incluindo dois outros pontos além das normas e atitudes compartilhadas: os traços linguísticos compartilhados e que diferenciam um grupo de outro e a maior comunicação entre determinados grupos em relação a outros. E Patrick (2004) ainda ressalta a importância de aspectos econômicos, históricos, sociais na constituição das comunidades.

Na primeira seção deste capítulo, retomamos, ainda que de forma breve, a discussão acerca da constituição sócio-histórica de

Florianópolis e de Lages, explorada nos dois primeiros capítulos desta tese. Trataremos agora, nos termos de Guy (2000, 2001), de um traço compartilhado em cada comunidade, o uso variável do presente do subjuntivo, e que se mostra diferenciado, principalmente na correlação entre variação na comunidade e variação no indivíduo (LABOV, 1994). O quadro a seguir, que contempla número de informantes, apresenta resultados para o presente do subjuntivo que nos permitem fazer uma análise nessa direção.

Quadro 8
Uso variável do presente do subjuntivo na comunidade e no indivíduo

| VARIÇÃO NA COMUNIDADE E/OU NO INDIVÍDUO | Nº DE INFORMANTES | | |
|---|------------------------------|------------------------------|----------------------|
| | Florianópolis (amostra 1) | Florianópolis (amostra 2) | Lages (amostra 1) |
| uso categórico de presente do subjuntivo | 01 | 05 | – |
| variação superior a 50% | 10 | 20 | 16 |
| variação equilibrada | – | 03 | 03 |
| variação abaixo de 50% | 09 | 12 | 04 |
| uso categórico de presente do indicativo | 04 | 04 | – |
| TOTAL | 24 | 44 | 23 ²¹⁴ |

Em termos gerais, o quadro 8 aponta para variação na comunidade e no indivíduo, independentemente da cidade. Entretanto, diferentemente do que ocorre em Lages, cidade em que todos os informantes investigados variam, informantes de Florianópolis ainda apresentam usos categóricos de presente do subjuntivo e de presente do indicativo. Na comparação dos 24 indivíduos de cada uma das cidades, destacamos um dado interessante: a intensidade da variação. Em Lages, boa parte dos informantes está concentrada na faixa correspondente à variação superior a 50%, o que significa dizer que, nessa cidade, ainda prevalece o uso do presente do subjuntivo. Em Florianópolis, a variação está mais bem distribuída, com praticamente o mesmo número de informantes que apresentam percentual superior e inferior a 50% para o uso do presente do subjuntivo. Os percentuais para os informantes de Lages estão em consonância com a frequência geral de presente do subjuntivo nos dados de fala – 62% (cf. primeira seção deste capítulo) na indicação de que, nessa cidade, esse tempo/modo verbal mostra-se

²¹⁴ Conforme pode ser observado no anexo B, um informante da cidade de Lages não produziu nenhum contexto de uso do presente do subjuntivo.

mais atuante. O comportamento de cada um dos informantes pode ser conferido no anexo D.

Sobre a variável ‘cidade’, nossa hipótese era de que os padrões do uso variável do presente do subjuntivo pudessem estar correlacionados à sócio-história de cada localidade à semelhança do que outros estudos vêm observando. Na tentativa de explicar o percentual mais elevado de subjuntivo em João Pessoa comparado aos resultados obtidos por Rocha (1997) para o Rio de Janeiro, Oliveira (2007) busca possíveis motivações na sócio-história. Ainda que os estados do Rio de Janeiro e da Paraíba tenham uma formação sócio-histórica semelhante, a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro no início do século XIX promoveu um maior desenvolvimento do estado, favorecendo a diferença entre ambos os estados. O contato com contingentes de imigrantes, portanto, pode ter permitido um processo de variação mais acelerado. Callou e Almeida (2008) atribuem à sócio-história a diminuição de uso do subjuntivo em Salvador e o aumento de 5% desse modo verbal no Rio de Janeiro, tendo como referência o fluxo de migrantes mais intenso naquela cidade e menos intenso nesta. A contextualização histórico-social de cidades e localidades também tem contribuído com pesquisas sociolinguísticas, seja para esclarecer resultados inesperados, seja para reforçar uma hipótese (OLIVEIRA, 2006; OLIVEIRA, 2007; MONGUILHOTT, 2009).

Comentamos, no capítulo 3, que diferentes pesquisas têm contribuído com resultados que apontam peculiaridades no falar florianopolitano e lageano: Vieira (2004) e Rocha (2008), com estudos acerca da formação lexical; Scherre (2007), com resultados de pesquisas sobre a variação no uso do imperativo; Coelho e Görski (2001), sobre a variação pronominal de 2ª pessoa do singular; e Nunes (2011) sobre a prosódia. Tendo em vista que a variável ‘cidade’ foi considerada estatisticamente relevante na rodada geral relativa à amostra 1, também a variação no uso do presente do subjuntivo passa a somar evidências para essa diferenciação entre Florianópolis e Lages.

Em Lages, o percentual de uso de presente do subjuntivo é de 62%, com peso relativo de 0,560, resultados superiores aos de Florianópolis: 54%/0,445. Ainda que haja uma frequência diferenciada no uso da variante em análise, os resultados exibidos nas tabelas deste capítulo indicam o mesmo efeito de contexto, nos termos de Guy (2000, 2001), seguindo em uma mesma direção. A título de exemplo, consideremos as variáveis relacionadas à modalidade: de forma geral, os resultados para ambas as cidades apontam para o submodo de volição

com projeção futura como forte condicionador do uso do presente do subjuntivo.

Esses resultados atestam nossa hipótese de que o presente do subjuntivo apareceria menos em Florianópolis devido (i) à chegada de um contingente de açorianos sem instrução formal e (ii) ao isolamento, por décadas, de Florianópolis e Lages devido à topografia. Segundo Vandresen (1980, p. 371), os imigrantes europeus ficam “*ensanduichados* entre os falantes do português do planalto e do litoral.” (VANDRESEN, 1980, p. 371). Os açorianos do litoral catarinense, nas palavras de Oliveira (2004, p. 73), “não se expandiram para o interior: ficaram circunscritos à estreita faixa de terra entre o mar e a serra, deixando o planalto para a ocupação *paulista* e os vales para os camponeses”.

Essa distância poderia favorecer características particulares do falar florianopolitano e lageano. Não podemos afirmar com segurança que a diferença no uso do presente do subjuntivo se deva a esses fatores. Ainda assim, os resultados apresentados na seção 4.1 deste capítulo contribuem com a discussão, somam-se a outros resultados relativos a diferentes fenômenos e, com pesquisas futuras, podem compor uma caracterização mais definida do falar de Florianópolis e Lages.

4.6 FECHANDO O CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos e discutimos resultados relativos às rodadas gerais e por contexto de análise de duas amostras: (i) 24 entrevistas de Florianópolis e 24 de Lages (amostra 1) e (ii) 24 entrevistas de Florianópolis complementadas com 12 de informantes jovens e 8 de informantes universitários (amostra 2). Como análise geral dos resultados, destacamos que:

(i) o uso do presente do subjuntivo é mais produtivo em Lages, corroborando nossa expectativa;

(ii) a importância das variáveis concernentes à modalidade no condicionamento do presente do subjuntivo se manifesta nas rodadas gerais e em boa parte das rodadas por contexto de análise;

(iii) a distribuição do uso variável do presente do subjuntivo no *continuum* de modalidade relativo a ambas as amostras atesta, em boa parte, nossa hipótese;

(iv) variáveis de outra natureza obtêm relevância estatística, principalmente: ‘estrutura da assertividade da oração’, ‘morfologia verbal’ e ‘pessoa’;

(v) variáveis específicas se mostraram mais significativas na rodada relativa à amostra 2, evidenciando a importância de uma análise direcionada ao contexto de análise;

(vi) variáveis específicas do contexto de oração substantiva obtêm significância estatística nas rodadas por contexto referente às amostras 1 e 2, relevando a força de propriedades que caracterizam esse tipo de contexto;

(vii) na amostra 2, conforme esperávamos, o uso do presente do subjuntivo acompanha os níveis de escolaridade;

(viii) diferentemente do que esperávamos, a ‘idade’ não foi selecionada na rodada relativa à amostra 2, provavelmente devido ao percentual de presente do subjuntivo muito próximo entre as faixas etárias.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: amostra diacrônica

Neste capítulo, objetivamos apresentar a análise interpretativa dos resultados decorrentes das rodadas estatísticas referentes à amostra de escrita de Florianópolis e de Lages (amostra 3) – análise diacrônica. Na primeira seção, analisamos e discutimos os resultados gerais e, na segunda seção, os resultados para cada contexto investigado em ambas as cidades: orações substantivas, adverbiais e adjetivas, orações com o item *talvez* e orações parentéticas. Destacamos que, em todas as tabelas, a aplicação da regra é para o presente do modo subjuntivo. Na terceira e última seção, dedicamos especial atenção a três tipos de orações que, na interação face a face, revestem-se de um componente pragmático.

5.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS GERAIS: amostras de escrita de Florianópolis e de Lages (amostra 3)

Nesta seção, apresentamos e discutimos os resultados frequenciais e probabilísticos referentes à amostra 3 (análise diacrônica), conforme descrita no capítulo 3. Na consideração do fator geográfico, a amostra 3, à semelhança da amostra 1, é objeto de três momentos da análise quantitativa: 1º) rodadas estatísticas, em conjunto, com dados das cartas de Florianópolis e de Lages; 2º) rodadas com dados das cartas de Florianópolis; 3º) rodadas com dados das cartas de Lages. O objetivo desse procedimento metodológico está na comparação dos resultados a partir da identificação das variáveis condicionadoras estatisticamente relevantes em cada um desses três momentos. Seguindo o procedimento adotado para a apresentação dos resultados referentes à amostra 1, em uma mesma tabela serão exibidos os resultados, de modo a evidenciar, comparativamente, os três momentos de análise acima mencionados.

Dando início à discussão dos resultados, apresentamos a frequência geral de uso do presente do subjuntivo na escrita de Florianópolis e de Lages, considerando quatro dos cinco contextos de análise – não há casos de ‘orações parentéticas’²¹⁵ –, conforme a tabela 41.

²¹⁵ Trataremos das ‘orações parentéticas’, dentre outras orações, na seção 5.3 deste capítulo.

Tabela 41

Frequência geral de uso do *presente do subjuntivo* nas amostras de escrita de Florianópolis e de Lages (amostra 3)

| CONTEXTOS DE ANÁLISE | FLP/LGS | | FLP | | LGS | |
|-------------------------|------------|-----|------------|-----|------------|-----|
| | Freq.% | | Freq. | % | Freq.% | |
| | Apl./Total | | Apl./Total | | Apl./Total | |
| Quatro contextos | 427/499 | 85% | 195/230 | 84% | 232/269 | 86% |

Os resultados percentuais exibidos na tabela 41 são muito próximos para ambas as cidades, seja na rodada conjunta (85% para o uso do presente do subjuntivo), seja na rodada isolada: Florianópolis com 84% e Lages com 86%. Diferentemente do que ocorre na amostra de fala, os resultados para a escrita não distinguem as cidades.

Passamos, agora, à apresentação e discussão dos resultados que reúnem os quatro contextos de análise. Para uma visualização mais clara dos resultados, optamos por apresentá-los em duas tabelas, que conjugam resultados para Florianópolis e Lages, obtidos de rodadas estatísticas em conjunto (Florianópolis + Lages), e, posteriormente, de rodadas isoladas para cada ‘cidade’. Antes, porém, apresentamos um quadro com os grupos de fatores por ordem de seleção estatística. O destaque colorido facilita a comparação entre as localidades.

Quadro 9

Variáveis independentes selecionadas na rodada geral de Florianópolis e Lages (amostra 3)

| Florianópolis/Lages | Florianópolis | Lages |
|------------------------|-------------------|------------------------|
| Valores dos submodos | Submodo | Projeção temporal |
| Projeção temporal | Tipo de contexto | Valores dos submodos |
| Tipo de contexto | sintático | Periodização histórica |
| Periodização histórica | Projeção temporal | Tipo de contexto |
| Submodo | | sintático |

Como se observa no quadro 9, na rodada com as duas cidades reunidas, cinco variáveis exibiram significância estatística, sendo apenas uma extralinguística: ‘periodização’. Considerando os resultados percentuais apresentados na tabela 41, não poderíamos esperar que a ‘cidade’ obtivesse relevância estatística. Ainda assim, julgamos importante proceder a rodadas por cidade com vistas a investigar com mais detalhe o comportamento de cada uma.

Com relação à rodada em conjunto entre Florianópolis e Lages, destacamos a seleção dos três grupos de fatores concernentes à

modalidade: valores do submodo, projeção temporal e submodo. Dessas, a ‘projeção temporal’ é selecionada em ambas as cidades, nas rodadas isoladas, e o ‘submodo’ recebe significância em Florianópolis e, em Lages, o grupo de fatores ‘valores do submodo’. Esses resultados são importantes para esta pesquisa, considerando, principalmente, a primeira hipótese, que entrelaça essas variáveis (cf. capítulo 1). Das demais variáveis, o ‘tipo de contexto sintático’ é selecionado em ambas as cidades, consideradas em conjunto e isoladas. E a ‘periodização’, única variável extralinguística controlada na amostra, obtém significância na rodada que reúne Florianópolis e Lages e na rodada de Lages.

Depreende-se, do quadro anterior, forças muito semelhantes atuando no uso variável do presente do modo subjuntivo, essencialmente as referentes à modalidade, e, por conseguinte, pouca diferenciação entre Florianópolis e Lages no que diz respeito à atuação dos grupos de fatores.

Apresentamos, a seguir, os resultados para as três variáveis concernentes à modalidade. Seguiremos a ordem de seleção estatística obtida na rodada que reúne as duas cidades (cf. primeira coluna). Para as variáveis que não foram selecionadas, são apresentados os pesos relativos extraídos do nível 1 do *stepdown*. Tais resultados probabilísticos estão entre parênteses.

Conforme pode ser observado na tabela 42, apresentada na sequência, para o primeiro grupo de fatores selecionado na rodada que reúne as duas cidades, o presente do subjuntivo é de uso categórico sob o escopo da ‘volição’, atestando nossa hipótese. Em termos percentuais, a ‘manipulação’ também constitui um contexto importante para o uso do presente do subjuntivo, seguida pelos valores de ‘avaliação’ e de ‘certeza’. O valor de ‘probabilidade/crença’ apresenta os percentuais mais baixos nas rodadas em conjunto e por cidade.

Em termos de pesos relativos, apenas em Lages os resultados acompanham os percentuais. Na rodada em conjunto de Florianópolis e Lages, a alteração nos pesos decorre da interação dos grupos de fatores ‘valores do submodo’ e ‘submodo’. Até então, nos níveis de interação com as demais variáveis selecionadas nessa rodada²¹⁶, os pesos para ‘manipulação’ e ‘avaliação’ eram os mais elevados. Era esperado que a sobreposição de fatores pudesse interferir nos resultados obtidos.

²¹⁶ Para identificar as variáveis selecionadas na rodada de Florianópolis e Lages em conjunto, consultar quadro 9 deste capítulo.

Tabela 42

Atuação das três variáveis concernentes à modalidade sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* na rodada geral das ocorrências de escrita de Florianópolis e Lages (amostra 3)

| VARIÁVEIS CONCERNENTES À MODALIDADE | LOCALIDADES | | | | | |
|---|----------------|-------------------------|----------------|--------------------------|----------------|-----------------|
| | FLP/LGS | | FLP | | LGS | |
| | Freq. | %PR | Freq. | %PR | Freq. | %PR |
| | Apl./Total | | Apl./Total | | Apl./Total | |
| Valores do submodo ²¹⁷ | | | | | | |
| Volição | 31/31 | 100 – | 07/07 | 100 – | 24/24 | 100 – |
| Certeza | 59/73 | 80 0,723 | 30/38 | 78(0,571) ²¹⁸ | 29/35 | 82 0,479 |
| Prob./crença | 70/118 | 59 0,547 | 36/59 | 61(0,500) | 34/59 | 57 0,067 |
| Avaliação | 18/21 | 85 0,450 | 07/08 | 87(0,459) | 11/13 | 84 0,651 |
| Manipulação | 249/256 | 97 0,415 ²¹⁹ | 115/118 | 97(0,480) | 134/138 | 97 0,749 |
| Projeção temporal da situação codificada | | | | | | |
| Projeção futura | 286/295 | 96 0,715 | 125/131 | 95 0,653 | 161/164 | 98 0,788 |
| Projeção espalhada | 141/204 | 69 0,210 | 70/99 | 70 0,302 | 71/105 | 67 0,114 |
| Submodo ²²⁰ | | | | | | |
| Deontico | 298/308 | 96 0,772 | 129/133 | 96 0,753 | 169/175 | 96(0,788) |
| Epistêmico | 129/191 | 67 0,122 | 66/97 | 68 0,179 | 63/94 | 67(0,080) |
| TOTAL | 427/499 | 85 0,964 | 195/230 | 84 0,880 | 232/269 | 86 0,977 |
| | | <i>input</i> | | <i>input</i> | | <i>input</i> |
| Significância | | 0,025 | | 0,006 | | 0,009 |

²¹⁷ Se retirada a variável ‘submodo’, primeira selecionada na rodada de Florianópolis, ‘valores do submodo’ desponta na primeira posição: avaliação (0,754), manipulação (0,736), certeza (0,247) e probabilidade/crença (0,185).

²¹⁸ Os pesos para os fatores da variável ‘valores do submodo’ não encontram correspondência com os percentuais na rodada de Florianópolis. Na rodada da qual foram extraídos os resultados, observamos que, no nível 1, ‘manipulação’ apresenta o peso mais elevado (0,786) e, em segundo, ‘avaliação’ (0,402). No nível 2, entretanto, ao interagirem com a variável ‘submodo’, os valores se alteram: ‘manipulação’ passa para 0,510 e ‘avaliação’ para 0,159.

²¹⁹ Os pesos para os fatores da variável ‘valores do submodo’ não encontram correspondência com os percentuais na rodada que reúne as cidades. Na rodada da qual foram extraídos os resultados, observamos que, no nível 1, ‘manipulação’ apresenta o peso mais elevado (0,771) e, em segundo, ‘avaliação’ (0,364). No nível 5, entretanto, ao interagirem com a variável ‘submodo’, os valores se alteram: ‘manipulação’ passa para 0,415 e ‘avaliação’ para 0,450, os mesmo valores que estão na tabela 42.

²²⁰ Se retirada a variável ‘projeção temporal’, primeira selecionada em Lages, ‘submodo’ assume a primeira posição: deontico (0,832) e epistêmico (0,048).

Os resultados para a variável ‘projeção temporal’ estão em consonância com nossa expectativa de que a ‘projeção futura’ favoreceria o uso do presente do subjuntivo, com os respectivos pesos para Florianópolis/Lages, Florianópolis e Lages: 0,715; 0,653 e 0,788. Com relação à variável ‘submodo’, nossa hipótese também foi atestada, com os resultados indicando que o ‘submodo deôntico’ condiciona o uso dessa variante, conforme os seguintes pesos: 0,772; 0,753 e 0,788.

A estreita relação entre as variáveis referentes à modalidade está marcada por essa disputa pela relevância estatística no condicionamento do presente do subjuntivo. Na rodada em conjunto entre as cidades, ‘valores do submodo’ assume a primeira posição; em Florianópolis, o grupo de fatores ‘submodo’ e, em Lages, ‘projeção temporal’. Ainda que haja sobreposição de fatores, o controle dessas três variáveis mostra-se significativo e explicita a complexidade que envolve a modalidade: ora aspectos mais modais ganham expressão, ora aspectos mais ligados à projeção temporal de uma situação.

Passamos, agora, à discussão e análise dos resultados para as duas últimas variáveis selecionadas: tipo de contexto sintático e periodização.

Tabela 43

Atuação das variáveis ‘tipo de contexto sintático’ e ‘periodização’ sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* na rodada geral das ocorrências de escrita de Florianópolis e Lages (amostra 3)

| VARIÁVEIS | LOCALIDADES | | | | | |
|-----------------------------------|----------------|-----------------|----------------|-----------------|----------------|-----------------|
| | FLP/LGS | | FLP | | LGS | |
| | Freq. | %PR | Freq. | %PR | Freq. | %PR |
| | Apl./Total | | Apl./Total | | Apl./Total | |
| Tipo de contexto sintático | | | | | | |
| <i>Talvez</i> | 11/11 | 100 – | 05/05 | 100 – | 06/06 | 100 – |
| Adverbial | 118/120 | 98 0,922 | 64/64 | 100 – | 54/56 | 96 0,788 |
| Adjetiva | 65/80 | 81 0,376 | 31/38 | 81 0,738 | 34/42 | 80 0,220 |
| Substantiva | 233/288 | 80 0,292 | 95/123 | 77 0,421 | 138/165 | 83 0,469 |
| Periodização histórica | | | | | | |
| 1880-1899 | 57/63 | 90 0,675 | 26/30 | 86(0,563) | 31/33 | 93 0,817 |
| 1900-1919 | 61/71 | 85 0,632 | 38/46 | 82(0,513) | 23/25 | 92 0,851 |
| 1920-1939 | 89/101 | 88 0,631 | 34/39 | 87(0,509) | 55/62 | 88 0,634 |
| 1940-1959 | 55/60 | 91 0,662 | 28/30 | 93(0,743) | 27/30 | 90 0,755 |
| 1960-1979 | 71/85 | 83 0,371 | 21/26 | 80(0,497) | 50/59 | 84 0,192 |
| 1980-1999 | 94/119 | 78 0,245 | 48/59 | 81(0,328) | 46/60 | 76 0,220 |
| TOTAL | 427/499 | 85 0,964 | 195/230 | 84 0,880 | 232/269 | 86 0,977 |
| | <i>input</i> | | <i>input</i> | | <i>input</i> | |
| Significância | 0,025 | | 0,006 | | 0,009 | |

No que diz respeito ao primeiro grupo de fatores apresentado na tabela 43, ‘tipo de contexto sintático’, destacamos, primeiramente, o uso categórico do presente do subjuntivo nas orações com o item *talvez* – ressalva para o número pouco expressivo de dados. Embora as orações substantivas sejam mais recorrentes na amostra, são as orações adverbiais que concentram o peso mais elevado para o uso do presente do subjuntivo em Florianópolis/Lages (0,922) e em Lages (0,788), e, em Florianópolis, apresentam uso categórico dessa variante. Na sequência, estão as orações substantivas e adjetivas, que apresentam percentuais muito próximos, porém pesos diferenciados. A diferença nos resultados probabilísticos talvez possa ser explicada a partir dos resultados por contexto de análise, discutidos na seção seguinte.

Com relação à variável ‘periodização’, os resultados percentuais indicam uma ligeira queda no uso do presente do subjuntivo a partir da década de 1960. Em termos de peso relativo, os resultados são ainda mais significativos a partir desse mesmo período, indicando, por oposição, um uso mais produtivo do presente do indicativo. Podemos afirmar que nossa expectativa foi corroborada na medida em que podemos observar períodos em que o presente do subjuntivo passaria a ser menos usado. Considerando que pesquisadores admitem a perda das distinções de modo verbal e a expansão do indicativo nos domínios do subjuntivo, esperávamos que os resultados para a amostra diacrônica contribuíssem com evidências nessa direção (CAMARA JR, 1986; SILVA-CORVALÁN, 1994; PERINI, 1996, 2010; MATTOS E SILVA, 2006).

Seguindo o procedimento adotado na rodada com os dados de fala, constituímos uma variável complexa, composta pela combinação dos fatores referentes às variáveis ‘projeção temporal’ e ‘valores do submodo’, a fim de verificar a validade da nossa hipótese (cf. capítulo 1). Para tanto, desconsideramos os grupos de fatores ‘projeção temporal’ e ‘valores do submodo’ por estarem relacionados à variável complexa e ainda o grupo de fatores ‘submodo’. Nas três rodadas realizadas, reunindo as duas cidades separadas, a ‘variável complexa’ foi a primeira na ordem de seleção estatística.

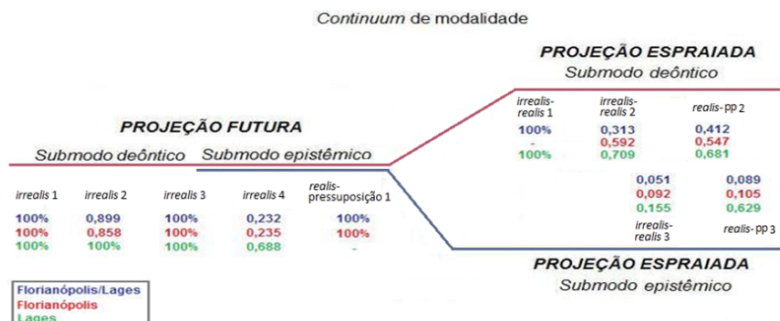
Na tabela 44, apresentada na sequência, exibimos os resultados referentes à ‘variável complexa’.

Tabela 44

Atuação da ‘variável complexa’ (‘valores do submodo’ e ‘projeção temporal’) sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* na rodada geral das ocorrências de escrita de Florianópolis e Lages (amostra 3)

| VARIÁVEL COMPLEXA | LOCALIDADES | | | | | | | | |
|-----------------------------------|----------------|--------------|--------------|----------------|--------------|--------------|----------------|--------------|--------------|
| | FLP/LGS | | FLP | | LGS | | | | |
| | Freq. | %PR | Freq. | %PR | Freq. | %PR | | | |
| | Apl./Total | | Apl./Total | Apl./Total | | | | | |
| <i>Irrealis 1</i> | 30/30 | 100 | – | 07/07 | 100 | – | 23/23 | 100 | – |
| <i>Irrealis 3</i> | 03/03 | 100 | – | 01/01 | 100 | – | 02/02 | 100 | – |
| <i>Realis</i> -pressuposição 1 | 03/03 | 100 | – | 03/03 | 100 | – | – | – | – |
| <i>Irrealis</i> - <i>realis 1</i> | 01/01 | 100 | – | – | – | – | 01/01 | 100 | – |
| <i>Irrealis 2</i> | 214/216 | 99 | 0,899 | 97/99 | 97 | 0,858 | 117/117 | 100 | – |
| <i>Realis</i> -pressuposição 2 | 15/18 | 83 | 0,412 | 06/07 | 85 | 0,547 | 09/11 | 81 | 0,681 |
| <i>Irrealis</i> - <i>realis 2</i> | 35/40 | 87 | 0,313 | 18/19 | 94 | 0,592 | 17/21 | 80 | 0,709 |
| <i>Irrealis 4</i> | 36/43 | 83 | 0,232 | 17/21 | 80 | 0,235 | 19/22 | 86 | 0,688 |
| <i>Realis</i> -pressuposição 3 | 56/70 | 80 | 0,089 | 27/35 | 77 | 0,105 | 29/35 | 82 | 0,629 |
| <i>Irrealis</i> - <i>realis 3</i> | 34/75 | 45 | 0,051 | 19/38 | 50 | 0,092 | 15/37 | 40 | 0,155 |
| TOTAL | 427/499 | 85 | 0,966 | 195/230 | 84 | 0,883 | 232/269 | 86 | 0,750 |
| | | <i>input</i> | | | <i>input</i> | | | <i>input</i> | |
| Significância | | 0,000 | | | 0,000 | | | 0,000 | |

Para uma visualização mais ilustrativa dos resultados, distribuiremos os pesos relativos no *continuum* de modalidade, mesmo procedimento adotado para os resultados relativos aos dados de fala (cf. capítulo 4). Os valores referentes à ‘variável complexa’ distribuem-se da seguinte maneira:

Figura 6 *Continuum* de modalidade (amostra 3)

Os resultados apresentados na figura 6 validam nossa hipótese na medida em que observamos, de uma forma geral, um uso categórico de presente do subjuntivo na faixa correspondente ao submodo deôntico associado à projeção futura. Contrariamente a nossa expectativa, o *realis*-pressuposição 3 (certeza) não figura na última posição. Esperávamos que esse fator condicionasse o uso do presente do indicativo. Em termos de peso relativo, isso se verifica, pelo menos na rodada que reúne as duas cidades e na rodada de Florianópolis. Entretanto, no que se refere aos percentuais, os resultados são bastante próximos de outros fatores.

A novidade desse *continuum* em relação aos dois anteriores está no *irrealis* 3, que envolve ocorrências de avaliação com projeção futura, no *realis*-pressuposição 1, que diz respeito aos casos de certeza com projeção futura e no *irrealis-real* 1, que caracteriza dados que expressam volição associada à projeção espriada.

5.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS POR CONTEXTO DE ANÁLISE: amostras de escrita de Florianópolis e Lages (amostra 3)

Dos cinco contextos de análise, não houve casos apenas de orações parentéticas. Acreditamos que a comunicação face a face favorece o uso desse tipo de oração, temática aprofundada na seção seguinte. Dos demais contextos, somente as orações com o item *talvez* não permitiram rodadas para o cálculo de probabilidade, por ocorrerem apenas 11 vezes na amostra (todas acompanhadas do presente do subjuntivo). Desse tipo de contexto sintático destacamos alguns pontos – as considerações devem ser, entretanto, relativizadas em função do número de dados:

- (i) das 11 ocorrências, 7 estão em contexto de projeção espriada. De acordo com resultados já discutidos, a projeção espriada favorece o uso do presente do indicativo. A oração com o item *talvez* parece, no entanto, não ser sensível a esse fator, sendo provável que o item propriamente dito esteja contribuindo com a retenção do uso do presente do subjuntivo;
- (ii) dentre as 11 ocorrências, em 5 é usado o verbo *ser* e, em 2, o verbo *estar*, considerados por muitos gramáticos os exemplos mais típicos de verbos anômalos. Nesse sentido, a recorrência desses verbos pode constituir um outro fator relevante para a retenção do presente do subjuntivo (BYBEE, 2001, 2003).

A seguir, a ocorrência ilustra um caso de projeção espreada com o uso do verbo *ser*.

- (1) Mas, sr. Dr. uma coisa esse conceituado jornal tem esquecido e **TALVEZ** essa **SEJA** de maior alcance político e social. (FLP jornal Diário da Tarde de 10/03/1950)

Nas subseções seguintes, analisamos e discutimos os resultados para, respectivamente, as orações substantivas, adverbiais e adjetivas.

5.2.1 Orações substantivas

As rodadas com as ocorrências de Florianópolis e de Lages reforçam a importância das variáveis concernentes à modalidade, já observada nas rodadas gerais (cf. seção 5.1 deste capítulo). Na rodada em conjunto entre Florianópolis e Lages, bem como na rodada com as ocorrências de Lages, os mesmos grupos de fatores obtiveram relevância estatística, sendo selecionados, inclusive, na mesma ordem: valores do submodo, traço semântico e projeção temporal. Em Florianópolis, além do ‘traço semântico’, também a variável ‘submodo’ foi selecionada. Na tabela 45, exibida adiante, apresentamos os resultados para esses grupos de fatores. Lembramos que, para as variáveis não selecionadas, extraímos o peso relativo do nível 1 do *stepdown*. Salientamos que a distribuição das variáveis na tabela obedece à ordem de seleção obtida na rodada que reúne as cidades de Florianópolis e de Lages (cf. primeira coluna).

Como observaremos na tabela 45, para o primeiro grupo de fatores selecionado, ‘valores do submodo’, os resultados confirmam nossa expectativa acerca da associação entre o presente do subjuntivo e a ‘volição’, que, nas orações substantivas, é de uso categórico. Seguem-se a ‘manipulação’ e a ‘avaliação’, conforme esperado, nas rodadas de Florianópolis/Lages e de Lages. Com relação aos demais fatores, surpreende-nos o percentual mais elevado para ‘certeza’ em relação à ‘possibilidade’, o que contraria nossas expectativas. Talvez esse resultado possa ser explicado pelo uso da negação na oração matriz em 07 das 16 ocorrências entre Florianópolis e Lages. Conforme já mencionado, pesquisas realizadas no Brasil têm evidenciado a importância da negação na oração matriz no condicionamento do modo subjuntivo.

Tabela 45

Atuação de variáveis sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* em contexto de orações substantivas na escrita de Florianópolis e Lages (amostra 3)

| VARIÁVEIS | LOCALIDADES | | | | | |
|--|----------------|-----------------|---------------|-----------------|----------------|-----------------|
| | FLP/LGS | | FLP | | LGS | |
| | Freq. | %PR | Freq. | %PR | Freq. | %PR |
| | Apl./Total | | Apl./Total | | Apl./Total | |
| Valores do submodo ²²¹ | | | | | | |
| Volição | 27/27 | 100 – | 06/06 | 100 – | 21/21 | 100 – |
| Avaliação | 17/19 | 89 0,817 | 07/08 | 87(0,948) | 10/11 | 90 0,306 |
| Manipulação | 152/155 | 98 0,607 | 66/68 | 97(0,312) | 86/87 | 98 0,683 |
| Probabilidade/crença | 24/71 | 33 0,293 | 10/33 | 30(0,517) | 14/38 | 36 0,246 |
| Certeza | 13/16 | 81 0,109 | 06/08 | 75(0,972) | 07/08 | 87 0,128 |
| Traço semântico do item verbal/nominal da oração matriz | | | | | | |
| Não-fac. não- volitivo | 93/93 | 100 – | 42/42 | 100 – | 51/51 | 100 – |
| Não-factivo volitivo | 66/66 | 100 – | 22/22 | 100 – | 44/44 | 100 – |
| Implicativo | 21/21 | 100 – | 08/08 | 100 – | 13/13 | 100 – |
| Condicional | 09/09 | 100 – | 03/03 | 100 – | 06/06 | 100 – |
| Implicativo negativo | 07/07 | 100 – | 03/03 | 100 – | 04/04 | 100 – |
| Performativo | 01/01 | 100 – | – | – | 01/01 | 100 – |
| Bicondicional | 03/04 | 75 0,826 | 02/03 | 66 0,772 | 01/01 | 100 – |
| Fac. emotivo/aval. | 15/17 | 88 0,729 | 07/08 | 87 0,693 | 08/09 | 88 0,933 |
| Pred. indif. de opinião | 18/67 | 26 0,415 | 08/32 | 25 0,421 | 10/35 | 28 0,337 |
| Bicondicional negativo | 0/03 | 0 – | 0/02 | 0 – | 0/01 | 0 – |
| Projeção temporal da situação codificada | | | | | | |
| Projeção futura | 177/185 | 95 0,638 | 75/80 | 93(0,743) | 102/105 | 97 0,671 |
| Projeção espaiada | 56/103 | 54 0,265 | 20/43 | 46(0,122) | 36/60 | 60 0,223 |
| Submodo ²²² | | | | | | |
| Deôntico | 196/201 | 97(0,709) | 79/82 | 96 0,673 | 117/119 | 98(0,739) |
| Epistêmico | 37/87 | 42(0,114) | 16/41 | 39 0,191 | 21/46 | 45(0,064) |
| TOTAL | 233/288 | 80 0,666 | 95/123 | 77 0,601 | 138/165 | 83 0,821 |
| | <i>input</i> | | <i>input</i> | | <i>input</i> | |
| Significância | 0,000 | | 0,000 | | 0,001 | |

²²¹ Na rodada de Florianópolis, as variáveis ‘valores do submodo’ e ‘projeção temporal’ são selecionadas, respectivamente, na primeira e terceira posições, se desconsiderada a variável ‘submodo’. São os seguintes os pesos para a variável ‘valores do submodo’: avaliação (0,966), probabilidade/crença (0,475), manipulação (0,472) e certeza (0,123). Para ‘projeção temporal’ os seguintes pesos foram gerados: projeção futura (0,720) e projeção espaiada (0,148).

²²² Na rodada que reúne as cidades, a variável ‘submodo’ desponta na primeira posição caso ‘valores do submodo’ seja desconsiderado: deôntico (0,645) e epistêmico (0,202). Também em Lages, ‘submodo’ ganha a primeira posição: deôntico (0,640) e epistêmico (0,184).

Com relação ao segundo grupo de fatores, ‘traço semântico do item verbal/nominal da oração substantiva’, nossa expectativa também foi confirmada, na medida em que os resultados indicam um uso categórico de presente do subjuntivo sob o escopo de verbos não-factivos volitivos. Entretanto, o presente do subjuntivo também é de uso categórico sob o escopo de outros traços, como, por exemplo, verbos não-factivos volitivos, verbos implicativos e verbos condicionais. A variação entre presente do subjuntivo e do indicativo aparece sob o escopo de verbos bicondicionais (à exceção de Lages), verbos factivos emotivos/avaliativos e, principalmente, sob o escopo de verbos denominados ‘indiferentes de opinião’. Neste último, concentram-se verbos epistêmicos, tais como *acreditar*, *crer*, *julgar*, *pensar* e *supor*. Como a variação está concentrada em verbos dessa natureza, podemos supor que a entrada do presente do indicativo pode ser favorecida pelo fator ‘predicado indiferente de opinião’, que, por sua vez, corresponde ao submodo epistêmico, que tem sido mencionado em pesquisas como contexto favorecedor ao indicativo.

Para o terceiro grupo de fatores, ‘projeção temporal’, os resultados apontam na mesma direção de resultados anteriores, tanto para a amostra sincrônica quanto para a amostra diacrônica: o presente do subjuntivo é favorecido pela projeção futura nas rodadas de Florianópolis/Lages (0,638), de Florianópolis (0,743) e de Lages (0,671). Em contrapartida, a variante em análise é desfavorecida pela projeção espreada, respectivamente: 0,265; 0,122 e 0,223. Esses resultados são importantes na medida em que reforçam os resultados encontrados em Pimpão (1999c), bem como por outros pesquisadores, tais como Carvalho (2007). Mais importante ainda é a correspondência desses resultados com a previsão givoniana do subjuntivo ocorrer em contexto *irrealis*, em que as situações são apresentadas como possíveis, prováveis, i.e., um vir a ser (GIVÓN, 1984, 1995, 2001).

Os resultados para a variável ‘submodo’ também atestam nossa hipótese, segundo a qual o presente do subjuntivo seria favorecido pelo submodo deôntico. Obtivemos os seguintes resultados para as rodadas de Florianópolis/Lages (0,709), de Florianópolis (0,673) e de Lages (0,739). O submodo epistêmico, por sua vez, parece constituir, de fato, o ambiente mais propício à entrada do presente do indicativo: 0,114; 0,191 e 0,064, respectivamente para as rodadas.

Como análise geral das rodadas realizadas com as ocorrências em contexto de oração substantiva, observamos que (i) os grupos de fatores referentes à modalidade se mostram atuantes no estudo do uso variável do presente do subjuntivo; (ii) há competição entre esses grupos de

fatores, seja com relação à disputa entre a variável binária (submodo) e a variável eneária (valores do submodo), seja com relação à disputa entre aspectos mais modais (submodo e valores do submodo) e aspectos mais temporais (projeção temporal); e (iii) um grupo de fatores de natureza semântica obteve significância estatística (traço semântico), colocando em evidência a força do traço da oração matriz que se projeta para a oração subordinada.

5.2.2 Orações adverbiais

Devido ao uso praticamente categórico de presente do modo subjuntivo, não foi possível proceder a rodadas estatísticas. Na amostra de cartas de Florianópolis, o presente do subjuntivo é categórico, com 64 ocorrências, e, em Lages, dos 56 dados, essa variante ocorre em 54. Nesse sentido, vamos apresentar alguns resultados percentuais que podem contribuir com a discussão até o momento realizada. Como a variação ocorre em Lages, tomamos como referência os resultados para essa cidade.

Considerando que as variáveis relacionadas à modalidade têm se mostrado significativas, vamos apresentar os resultados para ‘submodo’, ‘valores do submodo’ e ‘projeção temporal’. Ademais, como apostávamos na seleção das variáveis específicas ao contexto das orações adverbiais, vamos tecer alguns comentários acerca dos resultados para ‘tipo de conector adverbial’ e ‘tipo de oração adverbial’.

O presente do subjuntivo é categórico no submodo deôntico e na projeção futura, destacando-se o submodo epistêmico (92%) e a projeção espaiada (90%) como possíveis ambientes de entrada do presente do indicativo. As únicas 2 ocorrências de presente do indicativo aparecem sob o escopo da ‘certeza’ (87%), valor do submodo caracterizado pela asserção; diferentemente dos demais valores, todos de uso categórico do presente do subjuntivo, a saber: ‘volição’, ‘manipulação’ e ‘probabilidade/crença’. Ainda, as 2 ocorrências de indicativo constituem exemplos de oração concessiva, um dos dois tipos de orações que acusa variação entre presente do subjuntivo e presente do indicativo na amostra sincrônica. Para os demais tipos de oração adverbial (‘causal’, ‘condicional’, ‘consecutiva’, ‘final’, ‘modal’ e ‘temporal’), o presente do subjuntivo é de uso categórico. A seguir, apresentamos as duas ocorrências com presente do indicativo.

- (2) **SI BEM QUE** os factos nos **LEVAM** infelizmente a firmar essa convicção contudo ainda não somos dos completamente descrentes. (LGS jornal Região Serrana de 23/04/1899)

- (3) Nada contra os operadores, funcionários, gerentes **MESMO QUE TEM** alguns operadores de caixa que sinceramente era melhor operarem um Facit. (LGS jornal Correio Lageano de 26/09/1997)

A despeito do número de dados, a análise das ocorrências na amostra nos permite apresentar a seguinte hipótese: o presente do indicativo entraria em variação com o presente do subjuntivo nas orações concessivas com valor de certeza ('submodo epistêmico') e com 'projeção espriada'. Estudos futuros com uma amostra mais representativa poderão atestar essa hipótese.

Com relação ao valor 'certeza', surpreende que, na rodada com as ocorrências de Florianópolis, como mencionado, o presente do subjuntivo seja de uso categórico, inclusive nos contextos de 'certeza'. Em Lages, excetuando os dois dados anteriores, que ocorrem no presente do indicativo, as demais ocorrências com o valor de 'certeza' são de uso categórico do presente do subjuntivo. Uma análise mais detalhada desse conjunto de dados indica que, das 64 ocorrências de Florianópolis, 22% são de oração concessiva e, das 54 de Lages (que ocorrem somente com presente do subjuntivo), 21% correspondem a esse tipo de oração. Esses resultados mostram que quase 1/4 das ocorrências de oração adverbial está concentrada na concessiva, tipo de oração que caracteriza, nos termos de Bybee; Perkins e Pagliuca (1994), o modo subordinante, i.e, o uso do subjuntivo condicionado pelo tipo de conector. É provável que dados dessa natureza contribuam na explicação do percentual elevado para presente do subjuntivo, conforme ilustra a tabela 42 apresentada na seção 5.1 deste capítulo.

5.2.3 Orações adjetivas

Nas rodadas com as ocorrências em contexto de orações adjetivas, as variáveis referentes à modalidade obtiveram relevância estatística, especialmente a 'projeção temporal'. Essa variável, no entanto, devido ao uso categórico de presente do subjuntivo sob o fator 'projeção futura', teve que ser desconsiderada das rodadas. Dada a sua importância, apresentamos os resultados percentuais na tabela a seguir. Também outras quatro variáveis foram selecionadas: estrutura da assertividade da oração, periodização histórica, pessoa e saliência fônica. Antes de passarmos para a análise e discussão dos resultados, listamos as variáveis selecionadas na rodada em conjunto entre Florianópolis e Lages e na rodada por cidade: Florianópolis e Lages (projeção temporal, assertividade, valores do submodo, periodização histórica e pessoa), Florianópolis (valores do submodo, projeção

temporal e assertividade) e Lages: (periodização histórica, submodo, saliência fônica e pessoa).

Passamos, agora, aos resultados.

Tabela 46

Atuação de variáveis sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* em contexto de orações adjetivas na escrita de Florianópolis e Lages (amostra 3)

| VARIÁVEIS | LOCALIDADES | | | | | | | | |
|---------------------------|---------------------|--------------|---------------------|-----------------------|---------------------|--------------|------------------------|-----------|--------------|
| | FLP/LGS | | FLP | | LGS | | | | |
| | Freq. Apl./Total | %PR | Freq. Apl./Total | %PR | Freq. Apl./Total | %PR | | | |
| Projeção temporal | | | | | | | | | |
| Projeção futura | 33/34 | 97,734 | 13/14 | 92,274 ²²³ | 20/20 | 100 | – | | |
| Projeção espreada | 32/46 | 69,321 | 18/24 | 75,638 | 14/22 | 63 | – | | |
| Valores do submodo | | | | | | | | | |
| Volição | 03/03 | 100 | – | 01/01 | 100 | – | 02/02 | 100 | – |
| Prob./crença | 15/16 | 93,953 | 12/12 | 100 | – | 03/04 | 75 | (0,975) | |
| Manipulação | 35/39 | 89,808 | 15/16 | 93,858 | 20/23 | 86 | (0,592) ²²⁴ | | |
| Avaliação | 01/02 | 50 | 0,149 | – | 01/02 | 50 | (0,041) | | |
| Certeza | 11/20 | 55 | 0,007 | 03/09 | 33 | 0,039 | 08/11 | 72 | (0,176) |
| Submodo | | | | | | | | | |
| Deôntico | 39/44 | 88 | (0,857) | 16/17 | 94 | (0,562) | 23/27 | 85 | 0,814 |
| Epistêmico | 26/36 | 72 | (0,101) | 15/21 | 71 | (0,450) | 11/15 | 73 | 0,065 |
| TOTAL | 65/80 | 81 | 0,978 | 31/38 | 81 | 0,802 | 34/42 | 80 | 0,939 |
| | | <i>input</i> | | <i>input</i> | | <i>input</i> | | | |
| Significância | | 0,036 | | 0,036 | | 0,006 | | | |

Conforme podemos observar a partir dos resultados exibidos na tabela 46, à semelhança dos resultados já apresentados e discutidos com relação à variável ‘projeção temporal’, também na rodada com as ocorrências em contexto de oração adjetiva o fator ‘projeção futura’

²²³ Surpreendem os pesos para os fatores da variável ‘projeção temporal’. No nível 1 da rodada, o fator ‘projeção futura’ obteve o peso de 0,716 e o fator projeção espreada, 0,368. No nível 2, quando da interação com a variável ‘valores do submodo’, os pesos já se invertem: projeção futura baixa para 0,280 e projeção espreada se eleva para 0,634. No nível seguinte, do qual extraímos os resultados da tabela 46, os pesos se mantêm invertidos.

²²⁴ Surpreende, também, o baixo peso relativo para o fator ‘manipulação’. Analisando a rodada, observamos que, no nível 1, o fator ‘manipulação’ obteve o peso de 0,605 e ‘probabilidade/crença’, 0,408. No nível 3, entretanto, quando a variável ‘valores do submodo’ interage com ‘submodo’, o valor dos pesos se inverte: 0,591 para ‘manipulação’ e 0,899 para ‘probabilidade/crença’.

condiciona o uso do presente do subjuntivo: peso de 0,734 na rodada em conjunto das cidades e uso categórico da variante em Lages. O peso de 0,274 para Florianópolis contraria nossa hipótese. Entretanto, como registrado, o peso baixou quando da interação da variável ‘projeção temporal’ com ‘valores do submodo’. Em várias passagens observamos que a sobreposição de fatores pode impedir a seleção de uma variável de natureza semelhante, bem como alterar os resultados probabilísticos.

Com relação à variável ‘valores do submodo’, e conforme esperado, o fator ‘certeza’ desfavorece o uso do presente do subjuntivo, que é favorecido pela ‘probabilidade/crença’ e pela ‘manipulação’. Devido ao número pouco expressivo de ocorrências para ‘volição’ e ‘avaliação’, não podemos propor explicações. Também os resultados para ‘submodo’ confirmam nossa hipótese de haver uma tendência ao uso do presente do subjuntivo em contexto de ‘submodo deontico’: 0,857 para Florianópolis/Lages; 0,562 para Florianópolis e 0,814 para Lages. Em contrapartida, há um desfavorecimento dessa variante quando sob o escopo do ‘submodo epistêmico’: 0,101; 0,450 e 0,065, respectivamente. Esses resultados reforçam os encontrados nas rodadas anteriores para as amostras sincrônica e diacrônica. Novamente, as variáveis concernentes à modalidade mostram sua importância, na medida em que ganham relevância estatística e exibem resultados que permitem uma comparação mais estreita, independentemente da amostra ser sincrônica ou diacrônica.

Os demais grupos de fatores selecionados pelo programa estatístico são: estrutura da assertividade da oração, periodização histórica, pessoa e saliência fônica, cujos resultados são exibidos na sequência.

Conforme veremos na tabela 47, a variável ‘estrutura da assertividade’ apresenta resultados próximos aos encontrados em outras pesquisas realizadas com dados do português do Brasil. Apesar do número de ocorrências, observamos que a presença na negação na oração matriz e sua presença nas orações matriz e subordinada constituem contexto de uso exclusivo do presente do subjuntivo. Acreditamos, no entanto, que uma amostra mais representativa poderá atestar a validade dessa observação. Por outro lado, a negação na oração subordinada não exerce influência sobre o uso da variante: o peso mais elevado é de 0,260, obtido na rodada em conjunto das cidades. Já a afirmação fica em torno do ponto neutro. Desses resultados, merece destaque a importância da negação no condicionamento do presente do subjuntivo.

Tabela 47

Atuação de variáveis sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* em contexto de orações adjetivas na escrita de Florianópolis e Lages (amostra 3)

| VARIÁVEIS | LOCALIDADES | | | | | |
|---|--------------|-----------------|--------------|-----------------|--------------|-----------------|
| | FLP/LGS | | FLP | | LGS | |
| | Freq. | %PR | Freq. | %PR | Freq. | %PR |
| | Apl./Total | | Apl./Total | | Apl./Total | |
| Estrutura da assertividade da oração | | | | | | |
| NEG+AF | 09/09 | 100 – | 03/03 | 100 – | 06/06 | 100 – |
| NEG+NEG | 03/03 | 100 – | 01/01 | 100 – | 02/02 | 100 – |
| AF+AF | 49/62 | 79 0,525 | 26/32 | 81 0,519 | 23/30 | 76(0,542) |
| AF+NEG | 04/06 | 66 0,260 | 01/02 | 50 0,226 | 03/04 | 75(0,221) |
| Periodização histórica | | | | | | |
| 1880-1899 | 09/10 | 90 0,824 | 04/05 | 80 (0,806) | 05/05 | 100 – |
| 1900-1919 | 12/14 | 85 0,116 | 10/12 | 83 (0,151) | 02/02 | 100 – |
| 1920-1939 | 21/24 | 87 0,827 | 07/09 | 77 (0,629) | 14/15 | 93 0,936 |
| 1940-1959 | 07/08 | 87 0,943 | 02/02 | 100 – | 05/06 | 83 0,545 |
| 1960-1979 | 10/13 | 76 0,673 | 05/07 | 71 (0,779) | 05/06 | 83 0,482 |
| 1980-1999 | 06/11 | 54 0,006 | 03/03 | 100 – | 03/08 | 37 0,006 |
| Pessoa | | | | | | |
| 1ª pessoa | 01/01 | 100 – | 01/01 | 100 – | – | – |
| 2ª pessoa | 01/01 | 100 – | 01/01 | 100 – | – | – |
| 3ª pessoa [- animada] | 42/47 | 89 0,730 | 19/22 | 86(0,160) | 23/26 | 88 0,797 |
| 3ª pessoa [+ animada] | 21/31 | 67 0,181 | 10/14 | 71(0,931) | 11/16 | 68 0,098 |
| Saliência fônica | | | | | | |
| Mínima (e média) | 60/72 | 83(0,585) | 14/19 | 73 (0,386) | 32/38 | 84 0,622 |
| Média | – | – | 14/15 | 93 (0,446) | – | – |
| Máxima | 05/08 | 62(0,047) | 03/04 | 75 (0,953) | 02/04 | 50 0,009 |
| TOTAL | 65/80 | 81 0,978 | 31/38 | 81 0,802 | 34/42 | 80 0,939 |
| | | <i>input</i> | | <i>input</i> | | <i>input</i> |
| Significância | | 0,036 | | 0,036 | | 0,006 |

Com relação à ‘periodização histórica’, os dados são escassos para permitirem uma interpretação segura. Ainda assim, podemos observar que, em Florianópolis, há uma queda no percentual de presente do subjuntivo na década de 1960, o que ocorre em Lages a partir da década de 1980. Novamente registramos que a ampliação da amostra poderia fornecer indícios mais consistentes para tais afirmações.

Quanto ao grupo de fatores ‘pessoa’, observamos que, na amostra, há praticamente casos de 3ª pessoa. Resultados apresentados na tabela 47 apontam a referência à 3ª pessoa [- animada] como contexto favorecedor ao uso do presente do subjuntivo. Em contrapartida, casos de 3ª pessoa [+ animada] desfavorecem esse tempo/modo verbal. Neste

contexto específico de orações adjetivas, controlamos a ‘animacidade do referente do pronome relativo’. Como há sobreposições entre ambos os grupos de fatores, procedemos a uma rodada estatística sem a variável ‘pessoa’. Ao contrário das rodadas de Florianópolis e Lages em conjunto e de Florianópolis, Lages selecionou a variável ‘animacidade’. Do grupo de fatores ‘animacidade’, os resultados estão próximos aos encontrados para ‘pessoa’ (cf. tabela 9): 0,720 para [- animacidade] e 0,065 para [+ animacidade]. Diferentemente da nossa expectativa e dos resultados encontrados por Alves (2009), o presente do subjuntivo não é mais recorrente quando o antecedente do pronome tem o traço [+ animado].

Por fim, resultados para ‘saliência’ indicam que o grau máximo desfavorece o uso do presente do subjuntivo, sendo favorecido pela saliência mínima e média. A análise desse resultado deve ser, entretanto, cuidadosa, pois, para a saliência máxima, há apenas 4 ocorrências. Diferentemente do que esperávamos e dos resultados encontrados em outras pesquisas, a máxima diferenciação fonológica não constitui fator condicionante ao uso do presente do modo subjuntivo.

Uma análise geral das duas seções deste capítulo indica que:

(i) o presente do subjuntivo é muito sensível às variáveis associadas à modalidade. Como muito bem aponta Givón (1995, 2001), o subjuntivo deve ser compreendido em correlação com a modalidade *irrealis*, caracterizada pelas situações hipotéticas, possíveis e para as quais o falante tem menos condições de apresentar evidências que sustentem seu ponto de vista;

(ii) as cartas ao redator consultadas parecem não constituir ambiente que favorece o uso de ‘orações parentéticas’. Poderíamos sugerir que as cartas, se não passam pelo crivo do revisor do jornal, são redigidas com mais cuidado pelo remetente. Dado o contexto de mais formalidade, uma vez que a carta é endereçada ao redator, porém é lida por muitas pessoas, o remetente poderia dispensar o uso de orações parentéticas por considerá-las menos formais. Uma outra explicação pode estar na natureza interativa desse tipo de contexto, o que teria como prerrogativa a comunicação face a face. É sobre esse assunto que trataremos na seção seguinte.

5.3 O COMPONENTE PRAGMÁTICO

Na seção anterior, ao analisarmos os resultados obtidos nas rodadas de Florianópolis e de Lages, destacamos que somente as

‘orações parentéticas’ não apareceram na amostra diacrônica, diferentemente do que ocorre na sincronia atual. Exemplificamos esse tipo de contexto com duas ocorrências da amostra de fala da cidade de Lages.

(4) Ent.: Por que é que que é Conta Dinheiro?

Desde que eu vim pra cá [ê]- é o nome. É, Conta Dinheiro.

Ent.: E não tem nenhuma história sobre esse bairro?

Não **QUE** eu **SAIBA** não tem, né? porque certas coisinhas-Malandragem, mas [o]- [o]- [o]- outras histórias aí, que **QUE** eu me **LEMBRE** não.

Ent.: Ah, não tem outras. (LGS 05FBP, L611-613)

Em (4), segundo o informante, não há nenhuma história sobre o bairro Conta Dinheiro. Nesse caso, o ouvinte pode pensar que o bairro não tem memória. Receando que o ouvinte assuma como verdadeira essa informação, o informante cancela essa possível inferência que o ouvinte pode fazer no momento do diálogo. Dessa forma, o informante menciona *que eu saiba não tem*, relativizando todo o contexto anteriormente apresentado como verdadeiro.

A especificidade desse tipo de contexto linguístico pode ser assim descrita: a oração parentética funciona como atenuadora de uma informação previamente apresentada como um relato de fatos passados ou de situações presentes, portanto, *realis*. O mundo discursivo construído pelo informante também é reconstruído na mente do ouvinte e, receando que o ouvinte tome como verdadeira a informação mencionada, o informante decide atenuá-la. Instaura-se a pressuposição na medida em que o informante decide cancelar ou atenuar uma inferência decorrente de uma informação fortemente asseverada como verdadeira. Portanto, por duvidar da informação prévia, usa a oração parentética para sinalizar ao ouvinte, no caso, o entrevistador, que não tem tanta certeza sobre o que acabou de relatar, instaurando, portanto, um ambiente *irrealis*.

Outros tipos de orações parecem compartilhar desse jogo de atribuição de inferências: as orações adverbiais introduzidas pelos conectores: *apesar de que*, *embora*, *se bem que* e *conquanto que* (este último ocorre apenas na diacronia). Conforme mencionado no capítulo 4, pesquisas têm defendido a interação comunicativa como um ambiente adequado para o estudo de determinadas conjunções concessivas (PIMPÃO 1999c; GOUVÊA, 2001; GARCIA, 2004; SALGADO, 2006). É na comunicação que os interlocutores negociam a informação,

avaliam seu discurso e a interpretação que dele pode decorrer na mente do ouvinte. Processos cognitivos marcam esse dialogismo na medida em que o falante corrige ou desenvolve uma determinada informação por atribuir ao ouvinte inferências que, não necessariamente, este derivaria.

Vejamos um exemplo:

- (5) **COM QUANTO RECONHEÇA** minha falta de recursos intellectuaes e de instrucção adquerida no seio da sociedade, porque vivo afastado della, tenho com tudo o arrojo de lhe pedir a inserção destas linhas no seu lido jornal. (LGS jornal O Lageano de 10/06/1883)

A ocorrência (5) introduz a carta encaminhada ao redator do jornal. É interessante observar que o remetente antecipadamente se justifica a uma possível recusa na publicação de sua carta devido à *falta de recursos intellectuaes e de instrucção adquerida*. Uma inferência é projetada ao leitor, o chefe da redação, e, antes mesmo de que este tivesse oportunidade de manifestá-la (ainda que não se tenha certeza de que o leitor teria tal inferência), o remetente já a cancela, inclusive como uma estratégia de argumentação. Vejamos uma ocorrência com o conector *embora*.

- (6) **EMBORA** o Nordeste brasileiro **FIQUE** a muitos quilômetros de Santa Catarina, alguns fenômenos característicos daquela região podem ser vistos claramente em nosso estado. (FLP jornal O Estado de 11/10/1992)

Em (6), o remetente da carta compara o estado de Santa Catarina com a Região Nordeste, especificamente com relação ao coronelismo. Há um consenso de que o coronelismo, ainda nos dias atuais, marca o nordeste do Brasil, senão pelo menos algumas localidades. Diferentemente do que ocorre nessa região, o estado de Santa Catarina não é conhecido pelo poder que os senhores de terra detêm. Assim, caso o remetente da carta manifestasse uma comparação estreita entre o estado catarinense e o nordeste do Brasil, o leitor poderia inferir, por exemplo, que o remetente estaria equivocado, pois Santa Catarina, justamente por estar localizada no sul do país, está distante da Região Nordeste e de particularidades que a possam caracterizar. Provavelmente antecipando tal inferência, o remetente deixa explícito que tem conhecimento dessa distância geográfica, porém, mesmo assim,

acredita que Santa Catarina parece apresentar evidências de que alguns fenômenos característicos da estrutura agrária se manifestam no estado.

Dados como os dois anteriores analisados devem ser investigados a partir da situação de comunicação, considerando processos cognitivos que envolvem os interlocutores, especialmente o falante (no caso das entrevistas) e o remetente (no caso das cartas ao redator). Givón (2005) defende a existência da cognição compartilhada, condição para a comunicação e cooperação. Com relação a esses dados em análise, observamos uma estreita correlação entre cognição e comunicação: na situação comunicativa, o falante reflete sobre seu discurso, faz avaliações também sobre seu discurso e ainda avalia como as informações podem ser processadas na mente do ouvinte e inferências ele poderá vir a derivar.

Delahunty (2006), que desenvolve um estudo sobre o inglês, destaca que outro tipo de oração pode substituir a oração concessiva: a oração causal, conforme denominação adotada nesta tese e de acordo com as gramáticas consultadas (cf. capítulo 1). Segundo o autor, “você pode usar ‘não que’ no lugar de ‘embora’ e uma negativa. Por exemplo: em substituição a ‘Decidi sair, embora ninguém me esqueceria’, você pode dizer ‘Decidi sair – não que alguém me esqueceria’.”²²⁵ (DELAHUNTY, 2006, p. 217, grifos do autor). Também Pimpão (1999b) dedica atenção a ocorrências de oração causal, com a ilustrada por Delahunty (2006), defendendo a importância da negação metalinguística no cancelamento de inferências.

Vejamos um exemplo:

(7) **NÃO QUE** S. Exa. não **MEREÇA** a homenagem!

NÃO PORQUE não **QUEIRAMOS** ligado o nome de S. Exa. a uma obra construída pelo Estado na terra natal de S. Exa. durante o seu período governamental.

Nada disso. (LGS jornal O Lageano de 23/03/1918)

Na referida carta, o remetente trata de uma homenagem prestada a uma personalidade pública, defendendo que o homenageado mereceria destaque por outras obras, como a estrada de Curitiba, em fase

²²⁵ Delahunty (2006, p. 217): “You can use ‘not that’ instead of using ‘although’ and a negative. For example, instead of saying ‘I have decided to leave, although no one will miss me’, you can say ‘I have decided to leave - not that anyone will miss me’.”

adiantada à época da carta, e a estrada de Campos Novos, até então em vias de construção. Provavelmente por temer que pudesse ser mal interpretado, sendo acusado, por exemplo, de ser desfavorável à homenagem, o remetente afirma: *não que S. Exa. não mereça a homenagem [...] não porque não queiramos ligado o nome de S. Exa. a uma obra construída pelo Estado [...] Nada disso.*

Os dados apresentados e discutidos nesta seção parecem colocar em evidência a correlação entre processos mentais, discurso e comunicação (GIVÓN, 1995, 2001, 2005). Informações são negociadas na interação comunicativa e constantemente reorganizadas em função de como o falante/remetente avalia seu discurso e de como ele avalia/julga a interpretação que do seu discurso pode fazer o ouvinte/leitor. E esse tipo de negociação favorece o uso das orações investigadas, a saber: oração parentética, algumas orações adverbiais concessivas e oração causal.

5.4 FECHANDO CAPÍTULO

Nas palavras de Mattos e Silva (2006, p. 34), o pesquisador “não constituirá seu *corpus*, de acordo com os objetivos de sua pesquisa, mas terá de condicionar a seleção de seus dados à documentação remanescente.” Em parte foi o que realizamos nesta pesquisa. Como destacado no capítulo 3, nossa intenção era iniciar a análise dos dados diacrônicos em 1850, critério metodológico inviabilizado dada a indisponibilidade de jornais lageanos referentes às três primeiras décadas da segunda metade do século XIX. Nesse sentido, nos condicionamos à documentação existente e tentamos diversificar a amostra com vistas a não associar o uso variável do presente do subjuntivo a um determinado jornal.

A despeito das dificuldades encontradas, acreditamos que os resultados apontam algumas tendências observadas na sincronia, como a importância das variáveis concernentes à modalidade e a relevância de variáveis como a ‘estrutura da assertividade da oração’ e, para o contexto de orações substantivas, o ‘traço semântico do item verbal/nominal’. O diferencial da análise diacrônica está nas variáveis relacionadas à modalidade, selecionadas em todas as rodadas e na pouca atuação das demais variáveis no condicionamento do presente do subjuntivo. Na diacronia, a modalidade parece constituir uma motivação importante na retenção dessa variante.

Finalizamos o capítulo com a análise de três tipos de orações, cujo denominador comum está na propriedade de cancelar inferências

atribuídas ao leitor (chefe da redação) pelo remetente da carta. Essa propriedade coloca em destaque processos cognitivos envolvidos na interação comunicativa ainda que um dos interlocutores esteja ausente. De qualquer forma, é a este interlocutor (mesmo ausente) que o remetente da carta se dirige, já instaurando o dialogismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa de distribuir o uso variável do presente do subjuntivo em um *continuum* de modalidade constituiu a motivação central para o desenvolvimento desta pesquisa. Na busca desse objetivo, conjugamos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança e do Funcionalismo Linguístico de vertente norte-americana. Na perspectiva da TVM, foram importantes (i) a concepção da variação linguística como sistemática e regular, (ii) o rigor metodológico quanto ao controle de variáveis independentes (relacionado ao problema da restrição), (iii) a busca por padrões na comunidade e (iv) os estágios intermediários da variação (correlacionados ao problema da transição). No que se refere ao funcionalismo, priorizamos (i) a concepção de gramática voltada para a comunicação e diretamente relacionada a processos cognitivos, (ii) a relevância atribuída ao discurso multiproposicional como instância gramatical, (iii) a consideração da não discretude das categorias, permitindo distribuí-las em um *continuum*, e, fundamentalmente, (iv) a correlação prevista entre subjuntivo e modalidade *irrealis*. Na busca por uma conciliação teórica, seguimos a trilha de alguns pesquisadores que propõem um hibridismo – o Sociofuncionalismo (TAVARES, 2003; FREITAG, 2007; TAVARES; GÖRSKI, 2012). Dessa interface, e a despeito de possíveis perdas por parte de cada teoria, o ganho teórico-explicativo do fenômeno em análise não pode ser ignorado.

Considerando os cinco contextos sintáticos que investigamos, é natural que a pesquisa apresente algumas limitações, algumas das quais constituem sugestões de desdobramentos para pesquisas futuras:

(1) elaboração e aplicação de testes de atitude: Rocha (1997) considera que a variação entre subjuntivo e indicativo situa-se abaixo do nível de consciência do informante. Acreditamos, entretanto, que a variação no subjuntivo poderia estar abaixo do nível de consciência em determinados contextos, como, por exemplo, as orações com verbos de opinião na matriz (*acreditar*). A presença de um verbo de volição na matriz (*querer*) já poderia, ao contrário, indicar algum nível de consciência – os próprios resultados estatísticos apontam o favorecimento do subjuntivo sob o escopo de tais verbos. A aplicação de testes de atitude poderia oferecer contribuições para o ‘problema da avaliação’ (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) e enriquecer a discussão acerca do uso variável do (presente do) subjuntivo;

(2) a continuidade no mapeamento das pesquisas realizadas com dados do português do Brasil: nesta pesquisa, resenhamos 17 estudos que, com os resultados apresentados, contribuem sobremaneira para uma maior compreensão da complexidade que cerca o uso variável do (presente do) subjuntivo. Por limitações de tempo na leitura dos trabalhos e de espaço para referência na tese, necessariamente tivemos que contemplar somente alguns trabalhos. Em um momento oportuno, os demais estudos complementarão o quadro 2 apresentado no capítulo 2 desta tese.

(3) a busca por amostras que possam favorecer o uso de ‘orações parentéticas’ e permitir uma análise mais segura dos dados: de acordo com os resultados apresentados, observamos que as orações parentéticas parecem ser mais sensíveis à fala (uma vez que não encontramos dados na escrita). Devido à baixa recorrência desse contexto de análise, algumas perguntas estão em aberto: as orações parentéticas somente ocorrem com os verbos factivos *conhecer*, *lembrar* e *saber*? Que tipo de amostra proporciona seu uso? São típicas da interação face a face? Considerando que apenas dois gramáticos dentre os consultados nesta tese (ALMEIDA, 2005; BECHARA, 2006) mencionam esse tipo de oração, mais desafiadora e instigante torna-se a tarefa do pesquisador.

(4) uma análise mais detalhada sobre os tipos de manipulação: nesta pesquisa, identificamos quatro tipos de manipulação envolvidos na variação do uso do presente do subjuntivo, a saber: manipulação, manipulação com avaliação, manipulação com volição e manipulação no sentido de uma força desencadeadora de uma dada situação. Uma amostra mais representativa pode contribuir com a discussão acerca da correlação entre esses tipos manipulativos e o uso do (presente do) subjuntivo.

(5) uma discussão aprofundada sobre a relevância da negação no condicionamento do (presente do) subjuntivo: diversos estudos têm apresentado evidências de que a negação, principalmente se presente na oração matriz, favorece o uso do (presente do) subjuntivo (WHERRITT, 1977; ROCHA, 1997; GUIRALDELLI, 2004; CARVALHO, 2007; OLIVEIRA, 2007; ALMEIDA, 2010; BARBOSA, 2011). Algumas questões, portanto, precisam ser respondidas: que propriedades a negação envolve? Por que a atuação da negação quando na oração matriz é mais significativa se comparada aos casos em que a negação ocorre na oração subordinada? Hipóteses explicativas para esses

questionamentos podem vislumbrar novos fatores a serem considerados na investigação do uso variável do (presente do) subjuntivo.

(6) a ampliação da amostra de cartas ao redator: principalmente no que se refere ao contexto das orações adverbiais, uma coleta complementar de cartas ao redator poderia corroborar os resultados encontrados nesta tese, segundo os quais, em Florianópolis, o presente do subjuntivo se mostra de uso categórico, provavelmente em decorrência da força do tipo de conector, especialmente nos casos das orações concessivas.

Contribuiu sobremaneira para a realização desta pesquisa o mapeamento realizado de boa parte dos estudos desenvolvidos com dados do português do Brasil. São 17 trabalhos, distribuídos em quatro regiões do país – Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste –, que, somados, permitem um panorama muito interessante sobre o uso variável do modo subjuntivo e apresentam resultados aproximados, especialmente no que se refere ao condicionamento do subjuntivo pelo submodo deôntico, pela projeção futura, pelos verbos regulares e irregulares e pela negação. Esses trabalhos foram referência durante todo o desenvolvimento desta tese, principalmente na comparação de resultados relativos às mesmas variáveis na tentativa de uma maior compreensão do funcionamento do uso variável do presente do subjuntivo. Nesse sentido, destacamos duas contribuições desta tese: (i) boa parte dos resultados obtidos na análise de ocorrências de Florianópolis e Lages reforçam os resultados encontrados naquelas pesquisas; e (ii) as três variáveis relacionadas à modalidade, espinha dorsal da tese, mostraram-se importantes na medida em que ora fatores mais modais (variável binária – submodo – e variável eneária – valores do submodo), ora fatores mais associados à temporalidade (projeção temporal) obtiveram relevância estatística.

Com relação aos resultados, destacamos, inicialmente, aqueles obtidos nas rodadas estatísticas com as ocorrências da amostra 1 reunindo os cinco contextos de análise, pois a variável ‘cidade’ foi estatisticamente relevante, indicando o uso mais produtivo do presente do subjuntivo por informantes naturais da cidade de Lages, atestando, dessa forma, nossa hipótese: Florianópolis (54%) e Lages (62%). Mesmo com a inclusão de uma nova faixa etária (informantes de 14 a 24 anos) e de um outro nível de escolaridade (informantes universitários) para Florianópolis (amostra 2), o percentual de uso do presente do subjuntivo pouco se altera, subindo apenas 4 pontos percentuais (58%),

resultado próximo ao encontrado por Pimpão (1999c) para uma amostra constituída por três faixas etárias, porém sem os universitários (59%). A inclusão dos informantes universitários parece não exercer significativa influência sobre o uso do presente do subjuntivo. Seria porque, concomitantemente, também foi expandida a amostra de informantes jovens que, conforme os resultados, usam menos essa variante (cf. capítulo 4)? Essa é uma questão que merece ser aprofundada em outro momento.

No que diz respeito à amostra 2, nosso objetivo estava centrado no controle mais detalhado das variáveis sociais ‘idade’ e ‘escolaridade’, tendo em vista a análise das entrevistas realizadas com jovens (14 a 24 anos) e com informantes universitários, que complementam a amostra 1 da cidade de Florianópolis. Diferentemente da variável ‘idade’, que não obteve significância estatística, a ‘escolaridade’ corroborou nossa hipótese acerca da importância da instrução formal no condicionamento do presente do subjuntivo. Com relação à ‘idade’, portanto, não vislumbramos indícios de mudança em tempo aparente. No que se refere à amostra 3, destacamos a força das variáveis relacionadas à modalidade, selecionadas em boa parte das rodadas, e a atuação pouco expressiva das demais variáveis.

Para essas três amostras, foi possível distribuir o uso variável do presente do modo subjuntivo no *continuum*, atestando a primeira hipótese geral e evidenciando a importância da variável enéaria (valores do submodo) associada à variável ‘projeção temporal’. Conforme observado no percurso da análise dos dados, os extremos do *continuum* tendem a apresentar resultados que corroboram nossa expectativa, porém nem sempre as extremidades obtêm pesos opostos. Tendo como parâmetro os resultados exibidos no *continuum* referente à amostra 3 (diacrônica), observamos, conforme discussão encaminhada no capítulo 5, que o valor de ‘certeza’ apresenta um peso superior ao esperado. Uma análise mais atenta ao tipo de conector adverbial revelou uma boa produtividade da oração concessiva, caracterizada, de uma forma geral, pelo menos na diacronia, pela força do próprio conector (*conquanto que, embora*, por exemplo), o *modo subordinante*, nos termos de Bybee (apud BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994). O pequeno desvio na rota da modalidade pode ser explicado, por exemplo, por peculiaridades de cada contexto de análise.

Com relação às demais variáveis controladas na pesquisa para as três amostras, os resultados apontam a presença da negação na oração matriz como forte condicionador ao uso do presente do subjuntivo. Como bem salienta Rocha (1997), o escopo da negação é decisivo, e não

somente sua presença. Também as 2^a e 3^a pessoas (amalgamadas) favorecem o uso dessa variante com resultados semelhantes em muitas rodadas (geral e por contexto de análise). Dos ‘tipos de contexto’, destaque para as orações parentéticas, que, acompanhadas da negação, conduzem ao presente do subjuntivo, a despeito do número escasso de dados. Ainda, os verbos regulares e irregulares (amalgamados) tendem a reter o uso do presente do subjuntivo, em oposição aos anômalos, resultado que, no entanto, contraria nossa expectativa.

Sobre as demais variáveis sociais, os resultados para o sexo masculino surpreenderam na medida em que os homens usam mais presente do subjuntivo, considerada a variante padrão pelas gramáticas normativas. O cruzamento de fatores indicou que os homens usam mais contextos de submodo deôntico, o que pode sugerir que o sexo masculino apenas reforça a tendência já observada para os resultados referentes à modalidade. A variável extralinguística ‘periodização histórica’ apontou uma queda no uso dessa variante a partir da década de 1960, especialmente em Florianópolis. Estaria esse resultado correlacionado com o aumento da população? Nessa época, a ELETROSUL é transferida para a cidade, juntamente com alguns de seus funcionários, e a UFSC é implantada, favorecendo a vinda de professores e alunos de outras localidades. Os resultados não nos permitem afirmar com mais segurança a interferência dessa movimentação socioeconômica de Florianópolis na fala dos nativos. Estudos futuros, a partir da ampliação da amostra, podem atentar para essa questão.

Como análise geral dos resultados na sincronia e na diacronia, destacamos os seguintes aspectos: (i) as variáveis concernentes à modalidade obtiveram relevância estatística em diversas rodadas com diferentes amostras, indicando a força da tríade ‘submodo’, ‘valores do submodo’ e ‘projeção temporal’; (ii) a variável social de maior relevância estatística foi a ‘escolaridade’, indicando a importância da instrução formal na preservação da variante considerada padrão pelas gramáticas tradicionais; (iii) Florianópolis e Lages não parecem configurar comunidades de fala diferentes, principalmente pela seleção de muitos grupos de fatores em comum e com pesos bastante aproximados (GUY, 2000, 2001); (iv) a entrada do presente do indicativo em contexto de subjuntivo parecer se dar pelo submodo epistêmico de certeza com projeção espalhada; (v) a diacronia evidencia a seleção mais recorrente das variáveis associadas à modalidade se comparada à sincronia.

Este último aspecto suscita a seguinte reflexão: na sincronia, variáveis de outra natureza co-ocorrem com as variáveis concernentes à modalidade de forma mais acentuada se comparada à diacronia. Considerando esse cenário, estariam os resultados da diacronia indicando uma perda gradual nas distinções de modo, como defendem Camara Jr. (1974), Perini (1986, 1996, 2006), Silva-Corvalán (1994) e Mattos e Silva (2006)? A ampliação da amostra diacrônica, com análise comparativa aos resultados apresentados para Florianópolis e Lages, poderá lançar luzes a essa indagação.

Como análise geral dos resultados obtidos a partir das amostras investigadas e da discussão encaminhada, acreditamos que a tese contribui com os estudos já desenvolvidos acerca do uso variável do (presente do) subjuntivo, principalmente no que diz respeito à distribuição das formas variantes no *continuum* de modalidade. Esperamos que a análise interpretativa dos dados à luz dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança e do Funcionalismo Linguístico possa ainda contribuir com a identificação de padrões sócio(linguísticos) nas cidades de Florianópolis e de Lages, somando-se a trabalhos já existentes ou em andamento (ROST SNICHELOTTO, 2009; COELHO; GÓRSKI, 2011; NUNES, 2011; SOUZA, em fase de elaboração; CARDOSO, em fase de elaboração).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. S. de. **Variação de uso do subjuntivo em estruturas subordinadas**: do século XIII ao XX. 2010. 294f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- ALTENHOFEN, C. V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, P. (Org.). **Variação e mudança no português falado da região sul**. Pelotas: Educat, 2002. p. 115-145.
- ALVES NETA, A. **O uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo no português brasileiro**. 2000. 114f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- ALVES, R. F. **A expressão de modalidades típicas do subjuntivo em duas sincronias do português**: século XVI e contemporaneidade. 2009. 197f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BARBOSA, A. F. **Alternância de formas indicativas e subjuntivas na fala de Vitória (ES)**. 2011. 146f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.
- BARBOZA, J. S. **Grammatica philosophica da lingua portugueza**. Lisboa: Tipographia da Académia Real das Sciencias, 1830.
- BARRA ROCHA, M. M. **O modo subjuntivo em português**: um estudo contrastivo com o italiano. 1992. 189f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.
- BARROS, J. de. **Gramática da língua portuguesa**. Organizado por José Pedro Machado. 3. ed. 1957 [1540].

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. (revista e ampliada). Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BENTIVOGLIO, P. A variação nos estudos sintáticos. In: **Anais do Seminário do GEL**. Campinas: UNICAMP, 1987. p. 7-29.

BORGES NETO, J. A incomensurabilidade e a “compatibilização” de teorias. **Letras**, Curitiba, 38, p. 43-66. 1989.

BOTELHO PEREIRA, M. A. **Aspectos da oposição modal indicativo/subjuntivo no português contemporâneo**. 1974. 265f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1974.

BYBEE, J. Language use as part of linguistic theory. In: **Phonology and language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 1-18.

_____. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.) **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p.602-623.

BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world**. Chicago: The University of Chicago press, 1994.

CALLOU, D.; ALMEIDA, E. Mudanças em curso no português brasileiro: contrastando duas comunidades. In: **Anais XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa, 2008. p. 161-168.

CALLOU, D; OMENA, N; PAREDES DA SILVA, V. L. Teoria da variação e suas relações com a semântica, a pragmática e a análise do discurso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, 20, p. 17-21, jan./jun.1991.

CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA JR., J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

_____. **Princípios de linguística geral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.

CARVALHO, H. M. de. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri**. 2007. 158f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CASTILHO, A. T. de. **Corpus diacrônico do português brasileiro**. Disponível em: <<http://www.fl.ul.pt/pessoais/ailp/encontro/ataliba.htm>>. Acesso em: 03 ago. 2011.

_____. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

COAN, M. **Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais que) perfeito**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

_____. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente**. 2003. 233f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M. A variação no uso dos pronomes tu e você em Santa Catarina. In: LOPES, C.; REBOLLO, L. (Orgs.). **Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais**. Rio de Janeiro. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 263-287.

COSTA, G. V. M. da. **O uso do presente do modo subjuntivo em língua espanhola: contribuição para aprendizes brasileiros**. 2004. 122f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Escola de Educação, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2004.

COSTA, I. B. **O verbo na fala de camponeses: um estudo de variação**. 1990. 223f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

CUNHA, C. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FAE, 1992.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DELAHUNTY, G. P. A relevance theoretical analysis of *not that sentences*: “Not that there is anything wrong with that”. **Pragmatics**, 16, 2/3, p. 213-245. 2006.

DILLINGER, M. Forma e função na linguística. **D.E.L.T.A.**, v. 7, n. 1, p. 395-407. 1991.

DOMINGOS, R. de F. de A. **Variação no uso do pretérito imperfeito (indicativo e subjuntivo) na função de contemporaneidade a um ponto de referência passado**. 2004. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

FAGUNDES, E. D. **As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo**. 2007. 220f. Tese (Doutorado em Letras) – Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Elsevier Science, 1994.

FREITAG, R. M. K. **A expressão do tempo imperfeito no português**: variação/gramaticalização e mudança. 2007. 238f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

_____. **Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis**. 2003. 112f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

FURLAN, O. A. **Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina**. Santa Catarina: Editora da UFSC, 1989.

GARCIA, C. B. As construções com *mas* e com *embora* sob a perspectiva funcionalista. In: **Estudos Linguísticos XXXIII**. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 449-454.

GIBBON, A. de O. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis**: gramaticalização e variação. 2000. Florianópolis, UFSC, 2000, 126f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GIVÓN, T. **Bio-linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.

_____. **Context as other minds**: the pragmatics of sociality, cognition and communication. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

_____. **English grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, vols. I e II, 1993.

_____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

_____. **Syntax**: a functional-typological introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

_____. **Syntax: a functional-typological introduction.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

_____. **Syntax: an introduction.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, vols. I e II, 2001.

_____. **The Genesis of syntactic complexity.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009.

GONÇALVES, J. R. **Considerações sobre a flutuação no emprego do subjuntivo em contextos orais do Português do Brasil.** 2003. 100f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2003.

GONÇALVES, S. C. L. Gramaticalização de predicados matrizes. **Estudos Linguísticos XXXV.** Campinas: UNICAMP, 2006. p. 1808-1817.

_____. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil.** 2003. 250f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GOUVÊA, L. H. M. Conectores concessivos e adversativos: uma visão discursiva. **Scripta**, Belo Horizonte, v.5, n.9, p. 234-240, 2º sem. 2001.

GUEDES, A. **Lages: história, atualidade, símbolos.** Lages: Müller Editora, 1979.

GUIRALDELLI, L. A. **O modo subjuntivo e a expressão das modalidades epistêmica, deôntica e volitiva.** 2004. 104f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2004.

GUY, G. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística. **Organon**, Porto Alegre, v. 14, n. 28 e 29, p. 17-32. 2000.

_____. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: **II Congresso Internacional da Abralín**, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2001.

GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. O verbo. In: **Gramática do português falado culto no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. 163-365.

KNIES, C. B.; COSTA, I. B. **Manual do usuário**: Banco de Dados Linguísticos “VARISUL”. UFPR. UFSC. UFRGS. PUCRS, 1996 (mimeo).

LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

_____. **Principles of linguistic change**. Volume I: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change**. Volume II: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. **Principles of linguistic change**. Volume III: cognitive and cultural factors. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.

_____. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 5, n. 9, ago. 2007.

_____. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Working Papers in Sociolinguistics**, 44, p. 1-17. 1978.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? **Paper presented at Linguistic Society of América Meeting**, Chicago, p. 1-18. 1977.

LOREGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul**. 2004. 260f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LYONS, J. **Semantics**. Vol II. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MACAMBIRA, J. R. **Português instrumental**. 2. ed. (revista e ampliada). São Paulo: Pioneira, 1978.

MARCON, F. **Música de festival: uma etnografia da produção de música nativista no festival Sapecada da Canção Nativa em Lages-SC**. 2009. 174f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MARGOTTI, F. W.; VIEIRA, H. Características de uma área lexical heterogênea na região sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (Org.). **Variação, mudança e contato linguístico no Português da Região Sul**. Pelotas: Educat, 2006. p. 245-260.

MATTOS E SILVA, R. V. **Notas sobre avaliações lingüísticas nos gramáticos Fernão de Oliveira e João de Barros**. Disponível em: <<http://www.prohpor.ufba.br/notas.html>>. Acesso em: 22 ago. 2010.

_____. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

MAY, G. Discutindo o papel do funcional no sociofuncionalismo. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 69-79, jul. dez. 2009.

McAULIFFE, N. **Mood selection in Old Italian: the subjunctive and indicative in complement clauses in non-literary Tuscan of the Quattrocento**. 2006. 185f. Dissertação (Mestrado em Artes) – School of Humanities, Perth, University of Western Australia, 2006.

MEIRA, V. **O uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro**. 2006. 317f. Dissertação

(Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

MENDES DE ALMEIDA, N. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE**. 2009. 228f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MOURA NEVES, M. H. de. **A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem**. São Paulo: UNESP, 2005.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística variacionista: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 43-50.

NASCIMENTO, A. M. do. Uma interpretação sócio-histórica para a expressão da modalidade epistêmica na fala de uma comunidade afro-descendente de Goiás. **Signótica Especial**, n. 2, p. 221-234. 2006.

NASCIMENTO, M. do. Teoria gramatical e ‘Mecanismos funcionais do uso da língua’. **D.E.L.T.A.**, v. 6, n. 1, p. 83-98. 1990.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. **Annual Review of Anthropology**, 13, p. 97-117.1984.

NUNES, R. P. **Evolução cíclica do futuro do presente do latim ao português**. 2003. 100f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Escola de Educação, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2003.

NUNES, V. G. **Análises entonacionais de sentenças declarativas e interrogativas totais nos falares florianopolitano e lageano**. 2011. 178f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação

e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

O LAGEANO. Jornal da cidade de Lages. Disponível em: Museu Thiago de Castro. Edições: 28 mai. 1883, 16 jun. 1883, 23 jun. 1833.

OLIVEIRA, F. de. **A gramática da linguagem portuguesa.** Obra atualizada por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional, 1975 [1536].

OLIVEIRA, G. M. de. **Política linguística, política historiográfica:** epistemologia da história da(s) língua(s) a propósito da língua portuguesa no Brasil Meridional (1754-1830). 2004. 230f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

OLIVEIRA, J. M. de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje:** variação e mudança. 2006. 254f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, M. do C. de. **O uso do modo verbal em estruturas de complementação no português do Brasil.** 2007. 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística variacionista:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-42.

PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.) **Mudança linguística em tempo real.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

PALMER, F. **Mood and modality.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PAREDES DA SILVA, V. L. A abordagem laboviana. In: **Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL.** Goiânia, 1993. p. 882-886.

PATRICK, P. The speech community. In: CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). In: **The handbook of**

language variation and change. Oxford: Blackwell, 2004 [2002]. p. 573-597.

PEIXER, Z. I. **A cidade e seus tempos: o processo de constituição do espaço urbano em Lages.** Lages: Editora Uniplac, 2002.

PELUSO JUNIOR, V. A. **Estudos de geografia urbana de Santa Catarina.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.

PEREIRA, N. **Contributo açoriano para a construção do mosaico cultural catarinense.** Florianópolis: Papa-Livro, 2003.

PERINI, M. **Gramática descritiva do português.** São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2010.

_____. **Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical.** São Paulo: Parábola, 2006.

PIMPÃO, T. S. A ‘escolaridade’ e o emprego variável do modo subjuntivo no Português Brasileiro. In: **Anais da ALFAL**, Alcalá de Henares, 2011.

_____. O caráter epistêmico de ‘talvez’ e o uso variável do presente do subjuntivo. In: **Abralin** (CR-ROM), Florianópolis. 1999a. p. 1223-1234.

_____. O escopo da negação e o modo subjuntivo. In: **Estudos Linguísticos.** Bauru, 1999b. p. 719-724.

_____. Presente do subjuntivo e presente do indicativo: um encontro na história. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 10, n. 1., p. 1-16, jan. jun. 2009.

_____. **Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática.** 1999c. 129f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999c.

PIMPÃO, T. S.; GÖRSKI, E. M. Interpretação qualitativa de resultados quantitativos: uma análise do processo metodológico na comparação de diferentes pesquisas. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, n. 1, p. 71-81. 2010.

PINTZUK, S. **VARBRUL programs**. 1988.

POGGIO, R. M. G. **Iniciação ao estudo do Latim III**. Salvador: EDUFBA, 1996.

POPLACK, S. A dinâmica sociolinguística da aparente convergência. **DELTA**, v. 10, n. especial, p. 141-172. 1994.

_____. Prescription, intuition, et usage: lê subjonctif français el la variabilité inhérente. **Language et société**, n. 54, p. 5-33, dec. 1990.

_____. The inherent variability of the French subjunctive. **Current Issues in Linguistics Theory**, n. 74, p. 235-263. 1992.

_____. Variability, frequency, and productivity in the irrealis domain of French. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 405-428.

POPLACK, S.; POUSADA, A. No case for convergence: the Puerto Rican Spanish verb system in a language contact situation. **Bilingual Education for Hispanic Students in the United States**. Ed. KELLER, G.; FISHMAN, J. New York: Columbia University Teacher's College Press, 1981. p. 206-236.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

REINECKE, K. **Os róticos intervocálicos na gramática individual de falantes de Blumenau e Lages**. 2006. 225f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

REIS, D. L. **O uso do futuro do subjuntivo: um estudo funcionalista sobre verbo e modalidade**. 2010. 165f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

REIS, M. S. dos. **Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo**: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista. 2003. 212f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

ROCHA, P. G. da. A contribuição dos tropeiros para a formação do léxico na região sul do Brasil. **Revista Querubim**, n. 7, 137-142. 2008.

ROCHA, R. C. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português**. 1997. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

ROST SNICHELOTTO, C. A. **Olha e vê**: caminhos que se entrecruzam. 2009. 411f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ROST, C. A. **Olha e veja**: multifuncionalidade e variação. 2002. 158f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

SALGADO, E. Alguns aspectos da concessão com *se bem que*. **Revista Letra Magna**, n. 4, p. 449-454, set. 2006.

SANTOS, R. M. A. dos. **O uso variável do modo subjuntivo em estruturas complexas**. 2005. 170f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

SANTOS, S. C. dos. **Nova história de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 189-222. 2007.

_____. **Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores.** Brasília, 1993 (mimeo).

_____. Speech community. In: Keith Brown. **Encyclopedia of Language & Linguistics**, 2. ed., v. 11, p. 716-722. 2006.

SILVA, D. E. **Percursos filológicos: nas trilhas das línguas românicas.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2008.

SILVA, I. M. **As voltas que o modo dá: parâmetros funcionais da alternância indicativo/subjuntivo em espanhol.** 2009. 241f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SILVA, T. S. **A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito da fala de Florianópolis.** 1998. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.

SILVA-CORVALÁN, C. The gradual loss of mood distinctions in Los Angeles Spanish. **Language Variation and Change**, 6(3), p. 255-272. 1994.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TAFNER, E. P. **As formas verbais de futuridade em sessões plenárias: uma abordagem sociofuncionalista.** 2004. 186f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1994.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista.** 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

_____. **Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores sequenciadores retroativo-propulsores.** 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Bases teórico-metodológicas para uma interface sociofuncionalista. In: **XXVII Encontro da ANPONLL**, Rio de Janeiro 2012.

THOMPSON, S. O discurso e a gramática. **D.E.L.T.A.**, v. 9, n. 2, p. 217-236. 1993.

TOMANIN, C. R. **Fotografias da fala de Alto Araguaia – MT.** 2003. 197f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Língua, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

UCHÔA, C. E. F. **Dispersos de Joaquim Mattoso Câmara Jr.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975.

VANDRESEN, P. Contatos linguísticos em Santa Catarina. In: **Separata do III Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros.** Porto Alegre, 1980. p. 371-385.

VIEIRA, H. Traços do bilinguismo no léxico catarinense em estudo pluridimensional. In: **Anais do VI Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul.** 2004. p. 1-10.

VIEIRA, M. M. M. **Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas:** uma comparação entre o português do Brasil e o francês do Canadá. 2007. 106f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística variacionista:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 51-58.

WARDHAUGH, R. Speech communities. In: **An introduction to Sociolinguistics.** UK: Blackwell, 2002. p. 116-129.

WEINER, J.; LABOV, W. Constrains on the agentless passive. **Journal of Linguistics**, 19(1), p. 29-58. 1983[1977].

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, H. Empirical foundations for a theory of language change. In: Lehmann, W. P.; Malkiel, Y. (eds.) **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968.

WHERRITT, I. M. **The subjunctive in Brazilian Portuguese**. 1977. 191f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Modern and Classical Languages, University of New Mexico, Albuquerque, 1977.

**APÊNDICE A – Cartas coletadas nas cidades de Florianópolis e Lages
(amostra 3)**

| Períodos | LOCALIDADES | | | |
|------------------|---|---|---|--|
| | Florianópolis | | Lages | |
| 1880-1899 | O Despertador 1882 ²²⁶ | 12/07 | O Lageano 1883, 1884 | 1883 (10/06, 07/07), 1884 (10-17/08, 26/10) |
| | O Conservador 1884 | 25/10, 11- 15-24/12 | Gazeta de Lages 1892 ²²⁷ , 1895 | 1892 (03/08, 25/12), 1895 (03/11) |
| | Gazeta do Sul 1890 | 17-18-19/04, 22/05 | Região Serrana 1897, 1899 | 1897 (06- 13/06, 31/10), 1899 (23/04, 03/12) |
| | República 1892 | 11/08 | – | – |
| | O Estado 1894, 1896 | 1894 (24/01), 1896 (13/05) | – | – |
| | TOTAL | 12 cartas | TOTAL | 14 cartas |
| 1900-1919 | Sul- Americano 1900 | 1 ou 2, 15/04 | O Imparcial 1902, 1903 | 1902 (26/02, 16/04), 1903 (11/07, 10/10, 12/12) |
| | O Dia 1902, 1910 | 1902 (03/05, 08/07) 1910 (08/07) | Região Serrana 1906, 1912, | 1906 (22/07, 26/08), 1912 (12/03) |
| | Correio do Povo 1905 | 18/07, 14/08 | O Planalto 1917, 1918, 1919 | 1917 (14/06), 1918 (31/01), 1919 (01- 27/02, 03/04) |
| | O Ideal 1906 | 11/11 | O Lageano 1918 | 23/03/1918 |
| | Gazeta Catharinense 1908, 1909 | 1908 (21/01, 05/03), 1909 (24/07) | – | – |
| | O Clarão | 10/09 | – | – |

²²⁶ Os jornais e datas destacados pelo sombreado correspondem às sete cartas já disponíveis no PHPB/SC à época desta pesquisa. Todas as demais foram por nós coletadas e, desde então, integram o acervo do PBPH/SC.

²²⁷ Há duas cartas referentes à data de 25/12/1892.

| | | | | |
|-----------------------|---|--|---|--|
| | 1911 | | | |
| | O Petardo 1913 | 31/05 | – | – |
| | A Semana 1915 | 28/03 | – | – |
| | O Olho 1916 | 13/05 | – | – |
| | O Estado 1919 | 04/02 | – | – |
| | TOTAL | 16 cartas | TOTAL | 14 cartas |
| 1920- 1939 | A Verdade 1921 | 25/04, 23/05, 01/10 | O Planalto 1923 | 03/02 |
| | O Atalaia 1924 | Dezembro | A Época 1924, 1926, 1927, 1928, 1929 | 1924 (31/08), 1926 (03- 17/10, 07/11), 1927 (17/07, 02/10), 1928 (19/08), 1929 (09/06) |
| | O Estado 1927, 1929, 1937 | 1927 (29/04, 24/05), 1929 (09/05, 05/06), 1937 (22/10) | Correio de Lages 1929, 1930 | 1929 (07/07), 1930 (09/05, 26/07) |
| | República 1932 | 30/03, 02- 27/04 | Região Serrana 1937 | 19/09, 03/10 |
| | Correio do Povo 1934 | 12/12 | Guia Serrano 1939 ²²⁸ | 22/06, 31/08 |
| | Diário da Tarde 1935, 1939 | 1935 (02-09- 23/08), 1939 (26/08, 12/09) | Correio Lageano 1939 | 25/11 |
| | A Gazeta 1938 | 08/01, 20-26 e 27/07 | – | – |
| | TOTAL | 22 cartas | TOTAL | 18 cartas |
| 1940- 1959 | Diário da Tarde 1946, 1949, 1950, 1959 | 1946 (02- 17/01, 12/02), 1949 (05/05, 20/07), 1950 | Correio Lageano 1940, 1944 | 1940 (09- 30/03, 23/04), 1944 (16/12) |

²²⁸ Há duas cartas referentes à data de 22/06/1939.

| | | | | |
|-----------------------|---------------------------------------|---|---|--|
| | | (04/01, 04-10/03), 1959 (21/07, 21/08, 04/09, 14/11) | | |
| | O Idealista 1946 | Abril | Região Serrana 1946, 1947, 1949, 1950 | 1946 (25/08), 1947 (12/10), 1949 (09/01, 08-11/06, 20/07), 1950 (25-29/03) |
| | O Estado 1948, 1955 ²²⁹ | 1948 (04/09), 1955 (13- 19/01) | Jornal da Serra 1952 | 16/04, 21/08, 23/10 |
| | - | - | Jornal de Lajes 1956, 1957 | 1956 (24/03, 08/12), 1957 (30/03) |
| | TOTAL | 17 cartas | TOTAL | 18 cartas |
| 1960- 1979 | Diário da Tarde 1960 | 07-13/01 | Correio Lageano 1960, 1961, 1962, 1963, 1971, 1972, 1973, 1977 ²³⁰ | 1960 (24/09), 1961 (04/01, 01/04), 1962 (03/02), 1963 (05/01, 04/05), 1971 (03- 28/10), 1972 (04/01), 1973 (05/04), 1977 (23-25-26- 29/10) |
| | Imprensa Nova 1967, 1968 | 1967 (1 ^a quinzena/05, 1 ^a quinzena/08), 1968 (nº 20) | O Planalto 1978, 1979 | 1978 (21- 28/01, 18/02, 25/03, 18/11), 1979 (14- 28/04, 19/05, 02-09-30/06, 14/07) |
| | A Gazeta 1970 | 06/01 | - | - |

²²⁹ Há duas cartas referentes à data de 19/01/1955.

²³⁰ Há duas cartas referentes à data de 25/10/1977 e quatro referentes à data de 26/10/1977.

| | | | | |
|------------------|---|--|--|---|
| | O Estado 1975 ²³¹ | 14-18- 26-28/02 | – | – |
| | Diário Catarinense 1978 ²³² | 17-21/05 | – | – |
| | TOTAL | 17 cartas | TOTAL | 30 cartas |
| 1980-1999 | A Ponte 1980 | 1ª sem./06 | O Planalto 1980 | 05-12-26/01, 02-09-16-23/02, 01-15-29/03, 10-24 e 31/05 |
| | Jornal da Semana 1980 | 26/01 a 02/02 (três cartas), 29/03 a 05/04, 05-12/04 (duas cartas), 19-26/04 | Correio Lageano 1984, 1988, 1992, 1995, 1996, 1997, 1998 | 1984 (24/10), 1988 (19/02), 1992 (24/10), 1995 (09-16-17/03, 12-19-20/04), 1996 (01-13-26/11), 1997 (21/08, 19-26/09), 1998 (05/02) |
| | O Estado 1980 ²³³ , 1981, 1982, 1989 ²³⁴ , 1990, 1992, 1995 ²³⁵ , 1999 | 1980 (02-16/10), 1981 (1º/03), 1982 (05-07-09/01), 1989 (04-05/02, 07-08/02, 1990 (10-29/08), 1992 (11-16/10), 1995 (24-28/04) 1999 (16-30/08) | – | – |
| | Diário | 1893 (21 e | – | – |

²³¹ Há duas cartas referentes à data de 26/02/1975.

²³² Há duas cartas referentes à data de 17/05/1978 e quatro referentes à data de 21/05/1978.

²³³ Há duas cartas referentes à data de 02/10/1980.

²³⁴ Há duas cartas referentes à data de 08/02/1989.

²³⁵ Há duas cartas referentes à data de 24/04/1995.

| | | | | |
|--------------------|--|--|-------------------|------------------|
| | Catarinense 1993, 1997 ²³⁶ , 1998 ²³⁷ | 26/04), 1997 (16-18- 25/06), 1998 (05/05) | | |
| | TOTAL | 37 cartas | TOTAL | 29 cartas |
| TOTAL | 121 CARTAS | | 123 CARTAS | |
| TOTAL GERAL | | 244 CARTAS | | |

²³⁶ Há duas cartas referentes à data de 18/06/1997 e duas referentes à data de 25/06/1997.

²³⁷ Há duas cartas referentes à data de 05/05/1998.

**APÊNCIDE B – Frequência/percentual de uso do presente do subjuntivo
por informante – Florianópolis e Lages (amostra 1)**

| INFORMANTES | | | | | |
|----------------------|------------------|-----------|-------------------|------------------|-----------|
| Florianópolis | | | Lages | | |
| Entrevista | Nº./Total | % | Entrevista | Nº./Total | % |
| 01 | 0/02 | 0 | 01 | 07/12 | 58 |
| 02 | 07/15 | 46 | 02 | 03/07 | 42 |
| 03 | 02/08 | 25 | 03 | 13/24 | 54 |
| 04 | 13/19 | 68 | 04 | 02/06 | 33 |
| 05 | 0/01 | 0 | 05 | 04/08 | 50 |
| 06 | 05/07 | 71 | 06 | 01/02 | 50 |
| 07 | 03/11 | 27 | 07 | 08/10 | 80 |
| 08 | 02/02 | 100 | 08 | 05/06 | 83 |
| 09 | 0/03 | 0 | 09 | 01/05 | 20 |
| 10 | 02/05 | 40 | 10 | 03/05 | 60 |
| 11 | 11/24 | 45 | 11 | 18/30 | 60 |
| 12 | 08/18 | 44 | 12 | - | - |
| 13 | 06/08 | 75 | 13 | 08/14 | 57 |
| 14 | 04/07 | 57 | 14 | 04/05 | 80 |
| 15 | 10/16 | 64 | 15 | 04/08 | 50 |
| 16 | 06/13 | 46 | 16 | 06/08 | 75 |
| 17 | 04/11 | 36 | 17 | 06/10 | 60 |
| 18 | 0/01 | 0 | 18 | 11/12 | 91 |
| 19 | 10/12 | 83 | 19 | 10/15 | 66 |
| 20 | 06/11 | 54 | 20 | 05/06 | 83 |
| 21 | 20/29 | 70 | 21 | 13/18 | 72 |
| 22 | 11/16 | 68 | 22 | 04/05 | 80 |
| 23 | 03/07 | 42 | 23 | 03/04 | 75 |
| 24 | 03/04 | 75 | 24 | 03/08 | 37 |
| TOTAL | 136/250 | 54 | TOTAL | 142/228 | 62 |

APÊNCIDE C – Atuação de variáveis sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis e Lages (amostra 1)

| VARIÁVEIS | LOCALIDADES | | | | | |
|--|-------------|----------|------------|------------|------------|------------|
| | FLP/LGS | | FLP | | LGS | |
| | Freq. | %PR | Freq. | %PR | Freq. | %PR |
| | Apl./Total | | Apl./Total | | Apl./Total | |
| Projeção temporal da situação codificada | | | | | | |
| Projeção futura | 97/122 | 79 0,642 | 49/68 | 72 0,682 | 48/54 | 88 0,815 |
| Projeção espreada | 181/356 | 50 0,450 | 87/182 | 47 0,429 | 94/174 | 54 0,387 |
| Morfologia verbal | | | | | | |
| Regular/irregular | 179/272 | 65 0,572 | 87/139 | 62 0,584 | 92/133 | 69(0,572) |
| Anômalo | 99/206 | 48 0,406 | 49/111 | 44 0,395 | 50/95 | 52 (0,399) |
| Escolaridade | | | | | | |
| Colegial | 112/169 | 66 0,609 | 57/91 | 62 0,592 | 55/78 | 70 0,709 |
| Primário/ginásial | 166/309 | 53 0,440 | 79/159 | 49 0,447 | 87/150 | 58 0,386 |
| Valores do submodo | | | | | | |
| Volição | 23/24 | 95 0,899 | 13/13 | 100 – | 10/11 | 90 (0,847) |
| Manipulação | 71/93 | 76 0,679 | 31/45 | 68 (0,672) | 40/48 | 83 (0,735) |
| Avaliação | 12/23 | 52 0,484 | 02/09 | 22 (0,209) | 10/14 | 71 (0,581) |
| Prob./crença | 114/204 | 55 0,448 | 61/118 | 51 (0,497) | 53/86 | 61 (0,472) |
| Certeza | 58/134 | 43 0,358 | 29/65 | 44 (0,427) | 29/69 | 42 (0,287) |
| Estrutura da assertividade da oração | | | | | | |
| (<i>Não</i>) <i>que</i> (<i>não</i>) | 07/07 | 100 – | 03/03 | 100 – | 04/04 | 100 – |
| NEG+AF | 46/66 | 69 0,748 | 20/33 | 60 (0,569) | 26/33 | 78 0,885 |
| Idep./coord. sem e com NEG | 21/31 | 67 0,681 | 14/23 | 60 (0,572) | 07/08 | 87 0,801 |
| <i>Não</i> (<i>é</i>) (<i>por</i>) <i>que</i> (<i>não</i>) | 11/22 | 50 0,566 | 04/13 | 30 (0,276) | 07/09 | 77 0,791 |
| AF+NEG/NEG+NEG | 27/53 | 50 0,490 | 15/30 | 50 (0,462) | 12/23 | 52 0,632 |
| AF+AF | 162/291 | 55 0,440 | 79/144 | 54 (0,511) | 83/147 | 56 0,347 |
| <i>Que eu lembre</i> | 04/08 | 50 0,026 | 01/04 | 25 (0,223) | 03/04 | 75 0,076 |
| Tipo de contexto sintático | | | | | | |
| Parentéticas | 11/15 | 73 0,980 | 04/07 | 57 (0,527) | 07/08 | 87 0,989 |
| Adverbiais | 63/109 | 57 0,573 | 33/62 | 53 (0,487) | 30/47 | 63 0,603 |
| <i>Talvez</i> | 29/46 | 63 0,521 | 18/33 | 54 (0,501) | 11/13 | 84 0,625 |
| Substantivas | 108/158 | 68 0,505 | 50/80 | 62 (0,582) | 58/78 | 74 0,527 |
| Adjetivas | 67/150 | 44 0,342 | 31/68 | 45 (0,412) | 36/82 | 43 0,298 |
| Pessoa | | | | | | |
| 2ª e 3ª pessoas [+/-animada] | 212/348 | 60 0,548 | 108/177 | 61 0,568 | 104/171 | 60 (0,472) |
| 1ª pessoa | 59/110 | 53 0,352 | 27/66 | 40 0,323 | 32/44 | 72 (0,606) |
| Cidade | | | | | | |

| | | | |
|----------------------------|-------------------------|-------------------------|-------------------------|
| Lages | 142/228 62 0,560 | – | – |
| Florianópolis | 136/250 54 0,445 | – | – |
| Sexo | | | |
| Masculino | 155/254 61 (0,529) | 78/129 60 0,569 | 77/125 61 (0,493) |
| Feminino | 123/224 55 (0,467) | 58/121 47 0,426 | 65/103 63 (0,508) |
| Submodo | | | |
| Deôntico | 106/140 75 (0,685) | 46/67 68 (0,645) | 60/73 82 0,783 |
| Epistêmico | 172/338 50 (0,420) | 90/183 49 (0,446) | 82/155 52 0,354 |
| Item verbal do dado | | | |
| <i>Poder</i> | 16/18 88 (0,847) | 02/04 50 (0,449) | 14/14 100 – |
| <i>Dar</i> | 14/16 87 (0,829) | 08/09 88 (0,867) | 06/07 85 0,905 |
| <i>Fazer</i> | 12/15 80 (0,735) | 07/08 87 (0,851) | 05/07 71 0,669 |
| <i>Saber</i> | 07/09 77 (0,708) | 03/05 60 (0,550) | 04/04 100 – |
| <i>Vir</i> | 13/20 65 (0,563) | 06/11 54 (0,495) | 07/09 77 0,685 |
| Outros verbos | 128/205 62 (0,535) | 64/106 60 (0,554) | 64/99 64 0,487 |
| <i>Ir</i> | 16/27 59 (0,502) | 09/17 52 (0,479) | 07/10 70 0,362 |
| <i>Ser</i> | 44/85 51 (0,427) | 22/50 44 (0,391) | 22/35 62 0,614 |
| <i>Estar</i> | 13/28 46 (0,375) | 07/13 53 (0,488) | 06/15 40 0,358 |
| <i>Ter</i> | 12/44 27 (0,206) | 05/20 25 (0,214) | 07/24 29 0,266 |
| <i>Querer</i> | 03/11 27 (0,206) | 03/07 42 (0,380) | 00/04 100 – |
| TOTAL | 278/478 58 0,622 | 136/250 54 0,556 | 142/228 62 0,684 |
| | <i>input</i> | <i>input</i> | <i>input</i> |
| Significância | 0,031 | 0,040 | 0,047 |

**APÊNDICE D – Frequência/percentual de uso do presente do subjuntivo
por informante – Florianópolis (amostra 2)**

| FLORIANÓPOLIS | | | |
|---------------------------------|-------------------------|------------------|----------|
| INFORMANTES | Nº da entrevista | Nº./Total | % |
| Banco-base do Projeto VARSUL | 01 | 0/02 | 0 |
| | 02 | 07/15 | 46 |
| | 03 | 02/08 | 25 |
| | 04 | 13/19 | 68 |
| | 05 | 0/01 | 0 |
| | 06 | 05/07 | 71 |
| | 07 | 03/11 | 27 |
| | 08 | 02/02 | 100 |
| | 09 | 0/03 | 0 |
| | 10 | 02/05 | 40 |
| | 11 | 11/24 | 45 |
| | 12 | 08/18 | 44 |
| | 13 | 06/08 | 75 |
| | 14 | 04/07 | 57 |
| | 15 | 10/15 | 67 |
| | 16 | 06/13 | 46 |
| | 17 | 04/11 | 36 |
| | 18 | 0/01 | 0 |
| | 19 | 10/12 | 83 |
| | 20 | 06/11 | 54 |
| | 21 | 20/29 | 70 |
| | 22 | 11/16 | 68 |
| | 23 | 03/07 | 42 |
| | 24 | 03/04 | 75 |
| JOVENS | 25 | 06/11 | 54 |
| | 26 | 01/07 | 14 |
| | 27 | 03/06 | 50 |
| | 28 | 08/16 | 50 |
| | 29 | 07/12 | 58 |
| | 30 | 08/15 | 53 |
| | 31 | 04/05 | 80 |
| | 32 | 07/08 | 87 |
| | 33 | 02/04 | 50 |
| | 34 | 01/01 | 100 |
| | 35 | 03/09 | 33 |
| | 36 | 05/06 | 84 |
| UNIVERSITÁRIOS | 37 | 07/07 | 100 |
| | 38 | 07/10 | 70 |

| | | | |
|--------------|----|----------------|-----------|
| | 39 | 09/09 | 100 |
| | 40 | 17/23 | 74 |
| | 41 | 08/13 | 61 |
| | 42 | 10/21 | 48 |
| | 43 | 09/11 | 82 |
| | 44 | 02/02 | 100 |
| TOTAL | | 260/445 | 58 |